

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
WAGNER LOPES DA SILVA**

**POR QUE A LAÍS ESTÁ AQUI?
A INTELLECTUAL EM CENA PÚBLICA**

Juiz de Fora
2020

WAGNER LOPES DA SILVA

**POR QUE A LAÍS ESTÁ AQUI?
A INTELLECTUAL EM CENA PÚBLICA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientadora: Prof.^a Dra.
Moema Rodrigues Brandão Mendes

Juiz de Fora
2020

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UniAcademia

S586

Silva, Wagner Lopes da,
Por que a Laís está aqui? A intelectual em cena pública /
Wagner Lopes da Silva, orientadora Dr.^a Moema Rodrigues Brandão
Mendes.- Juiz de Fora: 2020.
212 p., il.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira)
– Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2020.

1. Laís Corrêa de Araújo. 2. Cosette de Alencar. 3. Arquivos
Pessoais. 4. Epistolografia. 5. Edição de fontes. I. Mendes, Moema
Rodrigues Brandão, orient. II. Título.

CDD: B869.1

SILVA, Wagner Lopes. **Por que a Laís está aqui?** A intelectual em cena pública. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 1º semestre de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes.
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (UniAcademia/JF).



Prof.^a Dra. Maria Andréia de Paula Silva.
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (UniAcademia/JF).



Prof. Dr. Marcelo dos Santos.
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Aprovada em: 23/06/2020.

Dedico este trabalho à minha mãe, pelo amor e compreensão, em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

À professora Doutora Moema Rodrigues Brandão Mendes, minha orientadora, pela compreensão dos meus limites, pelas sugestões sempre interessantes e pontuais, e pelo entusiasmo contagiante.

Aos professores doutores Marcelo dos Santos e Maria Andréia de Paula Silva, por participarem da banca de Qualificação, meu agradecimento especial.

À Lucilha Magalhães, funcionária da biblioteca do Museu de Arte Murilo Mendes, pelo atendimento sempre eficiente e prestativo.

À Bibliotecária Adrieli Sandra de Oliveira Jacinto, do Acervo de Escritores Mineiros/Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao corpo docente do CES/JF pelo apoio durante a jornada do Mestrado.

A carta é, surpreendentemente, um texto que, ao ser acionado, ilumina fatos e acontecimentos, desrecalca impressões, deixa entrever sentimentos, revela experiências e idiosincrasias com a acuidade de um aparelho de raio X (SANTOS, 1998, p. 15).

RESUMO

SILVA, Wagner Lopes da. **Por que a Laís está aqui?** A intelectual em cena pública. 212 f. Dissertação (Mestrado em Letras). UniAcademia. Juiz de Fora, 2020.

A presente pesquisa tem como objeto de investigação a troca de correspondência ocorrida entre a poeta e ensaísta, natural de Campo Belo, MG, Laís Corrêa de Araújo (1927-2006) e a escritora e jornalista, natural de Juiz de Fora, MG, Cosette de Alencar (1918-1973), no ano de 1969, objetivando a elaboração de uma edição anotada ou edição de fontes deste lote missivístico. Visando ao desenvolvimento desta dissertação, parte da pesquisa foi ampliada no Museu de Arte Murilo Mendes, (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), cujos documentos estão depositados no Acervo da Família Alencar no Fundo da titular. Outros dados foram localizados e coletados no Acervo de Escritores Mineiros (AEM), administrado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, cujos documentos constituem o Acervo da Família Ávila no Fundo da titular. O lote eleito como objeto de investigação é constituído por 23 cartas, sendo 12 enviadas por Laís Corrêa de Araújo, das quais 8 são datiloscritas e 4 manuscritas, totalizando 44 *fólios*; e 11 cartas assinadas por Cosette de Alencar, sendo 9 datiloscritas e 2 manuscritas, totalizando 32 *fólios*. O conjunto documental data de 07 de janeiro de 1969 a 17 de dezembro de 1969. Este trabalho constitui uma ação do Projeto de pesquisa Arquivos literários: memória, resgate e preservação, (CNPq) e é liderado pela Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes, orientadora desta dissertação. A metodologia aplicada, ao desenvolvimento desta pesquisa, é exploratória, bibliográfica, qualitativa e documental, com consultas em fontes primárias e secundárias que se fizerem necessárias para elaborar as notas sugeridas pelo conteúdo das missivas. O aporte teórico que fundamenta esta investigação envolve os estudos de Arquivos pessoais e Crítica genética, sob o olhar da Epistolografia como fonte de pesquisa, acostado nas teorias literárias.

Palavras-chave: Laís Corrêa de Araújo. Cosette de Alencar. Arquivos Pessoais. Epistolografia. Edição de fontes.

ABSTRACT

The current research objective of investigation the exchange of correspondence between the poet and essayist who was born in Campo Belo (MG), Laís Corrêa de Araújo and the writer at who was born in Juiz de For a (MG), Cosette de Alencar in 1969 which aiming the elaboration from an annotated edition or edition of sources of this missivistic lot. Achieving the development of this dissertation, part of the research was expanded at the Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) administered by the Universidade Federal de Juiz de For a (UFJF), whose documents are deposited at the Alencar Family's Collection in the Fund of the holder. Others datas were located and collected in the Acervo de Escritores Mineiros (AEM), administered by the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), where documents constitute the collection of the Ávila Family's are in the Fund of the holder. The lot which has been as the object of investigation consists in 23 letters, being 12 sent by Laís Corrêa de Araújo, which 8 are typewritten and 4 handwritten, totalizing 44 folios; and 11 letters signed by Cosette de Alencar, 9 letters were typed and 2 letters handwritten, totalizing 32 folios. This set of documents dates from January 7, 1969 to December 17, 1969. This research is an action of the Project Literary Archives: memory, rescue and preservation (CNPq) it is lidered by Moema Rodrigues Brandão Mendes, PhD. The methodology applied to the development of this research is exploratory, bibliographical, qualitative and documental with consultations in primary and secondary sources these are necessary to prepare the notes suggested by the contents of the letters. The theoretical contribution that underlies this investigation involves the study of personal archives and genetic criticism, from the perspective of epistolography as a research source, based on literary theories.

Keywords: Laís Corrêa de Araújo. Cosette de Alencar. Personal Archive. Epistolography. Annotated edition.

LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AEM	Acervo de Escritores Mineiros
AI-5	Ato Institucional Número 5
AML	Academia Mineira de Letras
CA	Cosette de Alencar
CESJF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CoV	Coronavírus
COVID	Corona Vírus Disease
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
JF	Juiz de Fora
LCA	Laís Corrêa de Araújo
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
MG	Minas Gerais
OMS	Organização Mundial de Saúde
PRM	Partido Republicano Mineiro
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SARS	Severe Acurate Respiratory Syndrome
SLMG	Suplemento Literário do Minas Gerais
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Número Especial sobre Diamantina

ANEXO B – Discurso de Posse de Oscar Negrão de Lima

ANEXO C – Crônica 80 mulheres na Academia

ANEXO D – Número Especial sobre Emílio Moura

ANEXO E – II Festival de Poesia de Pirapora

ANEXO F – Os Esquecidos de Minas

ANEXO G – Comissão de Julgamento das Publicações da Imprensa Oficial

ANEXO H – Prefácio de Moacyr Andrade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	LAÍS E COSETTE: FEIÇÃO (BIO)BIBLIOGRAFISTA	15
2.1	AMIZADE EPISTOLAR: ENCONTROS E INTERAÇÕES.....	22
2.2	O INTELLECTUAL E SUA FUNÇÃO MEDIADORA.....	26
2.3	ESTAMOS TODOS SOB CENSURA.....	30
3	CARTA: UM DISCURSO EM TRÂNSITO	36
3.1	EDIÇÃO DE FONTES E CRITÉRIOS	43
3.2	QUERO SABER DA VIDA ALHEIA.....	44
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
	REFERÊNCIAS	184
	ANEXOS	197

1 INTRODUÇÃO

De certa forma, trazer o particular, que é essencialmente a carta, para a cena pública é transformá-la em literatura, atribuindo-lhe uma “atitude”, na medida em que a mensagem epistolográfica passa a ser um espelho de vivências para um leitor intangível (MORAES, 2007, p. 125, grifo do autor).

Esta dissertação, inserida na linha de pesquisa Literatura de Minas: o regional e o universal, do Programa de Mestrado em Letras, da UniAcademia em Juiz de Fora com a área de concentração em Literatura Brasileira, tem como objeto de investigação a troca de correspondência entre a poeta e ensaísta, natural de Campo Belo, MG, Laís Corrêa de Araújo (1927-2006) e a escritora e jornalista, natural de Juiz de Fora, MG, Cosette de Alencar (1918-1973), no ano de 1969, objetivando elaborar uma edição de fontes da correspondência trocada entre as escritoras mineiras, criando notas explicativas que possam deslindar lacunas de interesse para pesquisa literária e facilitar a compreensão de futuras averiguações de leitores e pesquisadores desta correspondência.

Entre os objetivos específicos, procuramos identificar, nas missivas trocadas entre as respectivas escritoras, fatos relevantes que pudessem reconhecer a importância da epistolografia como fonte de pesquisa; confirmar e defender a relevância de acervos pessoais que se encontram sob a guarda de instituição pública e verificar a real acessibilidade destes documentos para pesquisa literária. É importante refletir sobre as devidas responsabilidades de cada órgão envolvido na custódia e preservação destas fontes, além de conhecer a correspondência mantida entre as referidas escritoras, observando-a como espaço de compartilhamento de opiniões, principalmente literárias. Por meio dos conteúdos registrados nas missivas, procura-se identificar o processo de criação da produção de ambas as escritoras e de terceiros para, finalmente, acompanhar parte do caminho percorrido pelas intelectuais em sua trajetória crítico-jornalística em periódicos mineiros.

Nesse ponto, em relação ao título pensado para este trabalho, **Por que Laís está aqui?** acredita-se que vale acrescentar que essa consideração foi avalizada por Maciel (2002) quando identifica que Laís Corrêa de Araújo foi uma das principais figuras femininas da poesia brasileira contemporânea e foi a única representante feminina da **Semana Nacional de Poesia de Vanguarda**, realizada em agosto de 1963:

Fato curioso relacionado a essa semana foi a pergunta “Por que a Laís está aqui?”, dirigida por alguém da plateia à mesa de abertura do evento. Obviamente, em se tratando de um encontro cuja radicalidade de propostas em nada se compatibilizava com o que a tradicional sociedade mineira do tempo definia como universo feminino, a presença de Laís Corrêa de Araújo só podia causar estranhamento. Além disso, ela não estava ali para cumprir, na condição de esposa do idealizador do encontro, o simples papel de anfitriã. Poeta já com dois livros publicados e outros em vias de publicação, Laís participava da Semana de Poesia de Vanguarda, ao lado de Affonso Ávila, Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Benedito Nunes e Luiz Costa Lima, como legítima representante de uma vertente poética inovadora que, em Minas, manifestou-se a partir do final da década de 50, com o surgimento do grupo da [revista] **Tendência** (MACIEL, 2002, p. 14, grifo nosso).

Objetivando a elaboração de uma edição anotada ou edição de fontes deste lote missivístico, ressalta-se que, neste trabalho, utiliza-se a definição de edição de fontes preconizada por Marcos Antonio de Moraes (2009), em ensaio crítico no qual o estudioso traça o histórico da edição da correspondência reunida de Mário de Andrade. Para este pesquisador, uma edição de fontes é constituída por notas de pesquisa que fornecem subsídios para um bom aproveitamento dos textos missivísticos.

Em outra reflexão, prossegue Moraes (2001) afirmando que as notas de pesquisa enriquecem a leitura ao iluminar o fragmentário, possibilitando o entendimento de situações individuais e histórico-artísticas que as cartas apenas nuançam. E acrescenta os tipos de informações que nela são úteis: dados sobre pessoas citadas, obras discutidas, eventos culturais mencionados, expressões de época e quaisquer outras informações e questionamentos que possam interessar à pesquisa.

Por meio do diálogo missivístico estabelecido entre as escritoras mineiras foi permitido conhecer, sob o olhar feminino, como se comportava parte do mercado editorial da época; responder a provocadora interrogação, **Por que a Laís está aqui?** e verificar se este carteadado entre mulheres intelectuais apresentou informações relevantes para melhor apreensão do momento histórico, literário e político do período indicado.

A partir destas investigações, espera-se compreender os questionamentos concebidos e vividos por estas correspondentes, enquanto simbolizam mulheres intelectuais em seu tempo.

E para melhor compreensão do contexto, importa informar que esta investigação é extensão de um trabalho iniciado pela Mestra Maria Elizabete

Fernandes Affonso, desenvolvido como Dissertação de Mestrado Acadêmico, intitulada **Vida e literatura: Laís Corrêa de Araújo escreve a Cosette de Alencar**, cuja Defesa ocorreu no PPG/ Mestrado em Letras/CESJF em 2017, para a qual foi trabalhado o lote de correspondência constituído pelas cartas que Laís Corrêa de Araújo enviou a Cosette de Alencar, entre os anos de 1967 e 1968.

No momento desta recolha de dados por Affonso (2017) não foi localizado o dossiê epistolográfico cujas cartas foram escritas por Cosette de Alencar e remetidas a Laís Araújo, que estava depositado no Acervo de Escritores Mineiros, da Universidade Federal de Minas Gerais (AEM/UFMG). Segundo informações disponibilizadas na investigação de Affonso (2017), estabeleceu-se contato com a instituição que mantém a custódia do referido acervo, porém obteve-se como resposta que os documentos da Família Ávila se encontravam em fase de higienização e organização para futura catalogação, e, em seguida, proceder a disponibilização a acesso público.

Na oportunidade da atual pesquisa (2018-2020), entretanto, foi possível ter acesso ao referido acervo, e a consulta ao lote datado do ano de 1969, fato que exigiu estabelecer como critério adotar, como correspondência ativa, as missivas emitidas por Laís Corrêa de Araújo, enviadas de Belo Horizonte cujo lote documental está sob a guarda do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Outrossim, afirma-se que as missivas redigidas pela escritora Cosette de Alencar, portanto, determinadas como passivas, foram enviadas de Juiz de Fora. Estas cartas alencarianas, devidamente localizadas e transcritas, compõem a totalidade deste *dossiê* missivístico. Importa salientar que no mesmo foram identificadas 3 missivas não datadas.

Para este levantamento de dados foram empreendidas várias visitas ao MAMM – Museu de Arte Murilo Mendes (UFJF) e ao AEM – Acervo de Escritores Mineiros (UFMG) que resultaram na transcrição integral desta documentação.

A metodologia utilizada para a pesquisa é bibliográfica, exploratória e documental, por isso a mencionada investigação baseia-se nos estudos sobre Arquivos pessoais, apoiados nos fundamentos da Crítica genética, sob o olhar da Epistolografia como fonte de pesquisa, respaldados por aspectos da teoria da literatura que se fizerem necessários para elaborar as fontes sugeridas pelo conteúdo das missivas, como revisão de artigos, livros, dissertações e teses que tenham ligação com o tema proposto.

Para este estudo tornar-se efetivo, a Dissertação encontra-se assim estruturada: após a **INTRODUÇÃO**, segue-se a seção dois, intitulada **LAIS E COSETTE: FEIÇÃO (BIO)BIBLIOGRAFISTA**, onde estão registradas informações biográficas, produções literárias e a trajetória de vida das referidas signatárias, a fim de melhor contextualizar o conteúdo das missivas, e na sequência as subseções 2.1 **AMIZADE EPISTOLAR: ENCONTROS E INTERAÇÕES**, analisa-se como aconteceu a amizade entre as escritoras, na subseção 2.2 **O INTELLECTUAL E SUA FUNÇÃO MEDIADORA**, aborda-se a trajetória de Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar enquanto intelectuais, mulheres que atuavam em favor da cultura, e na subseção 2.3 **ESTAMOS TODOS SOB CENSURA**, discorre-se, a partir do carteadado entre as escritoras, sobre a atuação de ambas durante a ditadura militar, o regime de exceção que vigorou no Brasil de 1964 até 1985.

A terceira seção denominada, **CARTA: UM DISCURSO EM TRÂNSITO**, apresenta o referencial teórico que embasa o trabalho, a partir de uma revisão bibliográfica acerca da Crítica genética, dos Arquivos pessoais e da própria Epistolografia, e na sequência as subseções 3.1 **EDIÇÃO DE FONTES E CRITÉRIOS**, são registrados os critérios utilizados para o estabelecimento do texto epistolográfico e a subseção 3.2, **QUERO SABER DA VIDA ALHEIA**, constará a transcrição das correspondências, acrescida das fontes elaboradas no transcurso da pesquisa. Na sequência, seguem-se as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, as **REFERÊNCIAS** e os **ANEXOS**.

Utilizar a correspondência, como fonte de pesquisa, é de fundamental importância para os estudos literários, pois nas missivas são registrados elementos que auxiliam no processo de resgate e preservação da memória cultural de uma época, contribuindo também para a ampliação da fortuna crítica das autoras mineiras e de terceiros citados nas cartas.

2 LAIS E COSETTE: FEIÇÃO (BIO)BIBLIOGRAFISTA

A biobibliografia constitui a representação, muitas vezes em forma de relato, da vida de uma determinada personalidade, no desenrolar de sua existência, no seu crescimento e maturação, nos eventos que lhe deram peculiaridade e mesmo nos incidentes que conduziram ao desaparecimento dessa personalidade (REIS; LOPES, 2017, p. 48).

Nesta seção, com a finalidade de melhor contextualizar o conteúdo das missivas, é significativo tomar conhecimento de parte da biobibliografia das referidas signatárias. Segundo Flores (2011), Laís Corrêa de Araújo nasceu em Campo Belo, (MG). Era filha do advogado e filólogo pernambucano Lafayette de Campos Araújo e da professora mineira Josefina Rios Corrêa de Araújo. Foi casada com o poeta Affonso Ávila por quem tinha muita admiração acadêmica.

Fez parte de seu curso primário em São João Del-Rei e no Rio de Janeiro, transferindo-se depois para Belo Horizonte, onde completou seus estudos, bacharelando-se em Línguas Neolatinas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Vinculou-se, em 1950, ao grupo de escritores novos integrado por Affonso Ávila, Fábio Lucas e Rui Mourão, que lançou em 1951, a revista **Vocação**¹ (MACHADO FILHO, 1967, p, 4). Ainda em 1951, publica **Caderno de poesia**, sua primeira obra poética, que obtém grande repercussão na imprensa especializada, e é afirmado que Laís Corrêa de Araújo “surge estranhamente madura, e sua poesia [...] se caracteriza por viva depuração, de que não foi expulso sentimento romântico” (MILLIET *apud* MACIEL, 2002, p. 99).

Tornou-se bastante conhecida não só como poeta, mas também na qualidade de cronista, assinando na imprensa de Belo Horizonte a crônica semanal **Conversas na mesa**, e colaborando na revista **O Cruzeiro**², do Rio de Janeiro e no Suplemento feminino do jornal **Folha de São Paulo**³. Em 1959, começou a assinar a coluna de livros **Roda Gigante**, publicada inicialmente no Suplemento dominical do **Estado de**

¹ Revista editada entre janeiro e agosto de 1951. Seus fundadores foram Affonso Ávila, Rui Mourão e Fábio Lucas, à época ainda estudantes universitários. Além deles, nela colaboraram Alphonsus de Guimaraens Filho, Cyro Siqueira, Agenor Lopes Cançado e Laís Corrêa de Araújo (WERNECK, 2009).

² Foi uma revista semanal ilustrada brasileira, lançada no Rio de Janeiro, em 1928, e teve seu último número publicado em 1975. Como uma de suas marcas, tinha um número considerado de páginas voltadas para assuntos relacionados à mulher (CAMPOS, 2016).

³Fundada em 1921, a **Folha de São Paulo** é, desde a década de 1980, o jornal mais vendido do país entre os diários nacionais de interesse geral (HISTÓRIA DA FOLHA, 2019).

Minas⁴ e, logo depois no **Suplemento Literário do Minas Gerais**⁵, seção ainda hoje considerada das mais categorizadas do gênero no país pela seriedade, cultura e atualização com que a escritora comenta os principais lançamentos brasileiros e estrangeiros. Alguns de seus poemas foram incluídos no original ou em tradução, em antologias e revistas publicadas no país e no exterior.

Durante sua vida, Laís Corrêa de Araújo, exerceu inúmeras atividades. Além das já citadas, exerceu também as funções de tradutora, escritora e literatura infantil e ensaísta. Uma de suas obras mais significativas foi um ensaio e inventário biobibliográfico sobre Murilo Mendes, com quem manteve uma importante correspondência. A primeira edição deste ensaio foi publicada em 1972, pela Editora Vozes, como parte da **Coleção Poetas Modernos do Brasil**, intitulado **Murilo Mendes**; a segunda edição revista, ampliada e acrescentada de iconografia data de 2000, pela Editora Perspectiva, cujo título é **Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência**. Esse ensaio foi muito bem recebido pela crítica especializada, como podemos observar no depoimento de Benedito Nunes (*apud* ARAÚJO, 2000, quarta capa):

Este livro sobre Murilo Mendes [...] vem suprir uma lacuna de nossa bibliografia, retificar a imagem da poética muriliana tradicionalmente averbada por um certo descaso preguiçoso de nossa crítica, e esclarecer, graças a uma interpretação renovada e corajosa dessa poética, a marca da originalidade que distingue a obra do autor de **As Metamorfoses**.

Sobre esta pesquisa, Murilo Mendes também se manifesta por meio de uma carta enviada de Roma, em 28 de julho de 1972, a citar:

Querida Laís,
BRAVO!
Estamos contentíssimos, seu ensaio é magnífico, e durante muito tempo a ele deverão recorrer os que se interessarem pela minha poesia. Você agora passa a figurar na primeira linha dos críticos brasileiros. Saudade ontem me

⁴ O **Estado de Minas** é um jornal brasileiro pertencente aos Diários Associados. Fundado em 7 de março de 1928, é um dos mais importantes jornais impressos do estado de Minas Gerais, também conhecido como o grande jornal dos mineiros (ESTADO DE MINAS, 2018).

⁵ Lançado em 3 de setembro de 1966, o **Suplemento Literário de Minas Gerais** (SLMG) teve como meta ressuscitar a página literária que a publicação tivera em outros tempos, e na qual colaborara, entre outros, Carlos Drummond de Andrade, então funcionário da Imprensa Oficial. Focado na ficção, na poesia e no ensaio, o Suplemento Literário abriu-se também a outros campos da cultura, como o cinema, o teatro e as artes plásticas - sempre com a preocupação de mesclar vozes expressivas de distintas gerações. Murilo Rubião, Laís Corrêa de Araújo e Aires da Mata Machado Filho compunham a Comissão de Redação do SLMG (WERNECK, 2009).

disse: “Deste livro salta a imagem de um grandíssimo poeta”. Sinto-me até abafado...

Direi à minha maneira antiga: seu ensaio foi escrito com amor. Amor, inteligência, cultura “penetração”, vasto conhecimento da obra estudada, e íntima adesão à mesma. Que mais posso dizer, a não ser:

GRATÍSSIMO [...]

O volume está agradável de se folhear, com a rica documentação, as notas abundantes [...].

Sevíssimo,

Murilo (MENDES *apud* ARAÚJO, 2000, p. 225, grifo do autor).

O ensaio de Murilo Mendes escrito por Laís Corrêa de Araújo foi bem avaliado pelo mesmo e serviu “para coroar a marca de ascensão e completude de alguém que tinha exata consciência de sua condição de criador excepcional e pensador de grande e profunda originalidade reflexiva” (ARAÚJO, 2000, p. 19).

Prossegue Araújo:

A mais ampla e qualificada difusão de sua obra faria dele, em curto espaço de tempo, um dos poetas modernos do Brasil mais afortunados criticamente e mais estudados e valorizados nos currículos universitários, através de trabalhos individualizados, seminários, temas de especialização, de mestrado, de doutoramento. Sua consagradora vinda – a última, a de despedida – ao Brasil, no mesmo ano do lançamento de nosso ensaio, constituiu-se no fato talvez mais relevante daquele momento para a mídia cultural do País, notadamente a literária, com uma série de entrevistas acompanhadas de homenagens que o elevariam a um patamar pouco atingido por escritores ou poetas brasileiros (ARAÚJO, 2000, p. 19).

Laís de Araújo também colaborou nas revistas **Tendência**⁶, **Vozes**⁷, no jornal **Diário de Minas**⁸, e na imprensa de Lisboa. Completando as informações, a pesquisadora Maria Esther Maciel afirma que,

Laís nunca deixou também, desde o início de sua trajetória literária, iniciada em 1951 com a publicação do livro **Caderno de Poesia**, de se arriscar na criação de novos caminhos poéticos e na prática sempre ousada de atividades intelectuais nos campos da crítica, da ficção e da tradução. Como uma das raras vozes femininas da vanguarda poética brasileira dos anos 50 e 60, participou ativamente no contexto cultural mineiro desse

⁶ Revista fundada em 23 de agosto de 1957 com o objetivo de divulgar novos escritores. Teve como editores o poeta Affonso Ávila, o crítico literário Fábio Lucas e o romancista Rui Mourão (PAGANINI, 2013).

⁷ A Revista de Cultura **Vozes** surgiu em 1907, em Petrópolis, publicada pela Editora Vozes, com periodicidade de dez números por ano (SPRÍCIGO, 1998).

⁸ Órgão oficial do Partido Republicano Mineiro (PRM), o jornal foi também órgão oficioso do governo do Estado, uma vez que ao longo da República Velha o PRM imperou soberano em Minas. Com apenas quatro páginas e bem poucos leitores, sua importância se resumia ao fato de que era, para os políticos, um utilíssimo sensor dos humores palacianos, o que explica a relativa facilidade com que os modernistas mineiros, trafegando ao largo da política, vieram a ocupar espaços não só nas páginas como na redação do jornal, 1899-1931 (WERNECK, 2009).

período e dos anos subsequentes, sempre atenta aos principais acontecimentos estéticos do país e do mundo. Vale dizer, dentro disso, que foi a única representante feminina da **Semana Nacional de Poesia de Vanguarda**, realizada em agosto de 1963, quando integrantes do movimento da Poesia Concreta e da revista mineira *Tendência* reuniram-se em Belo Horizonte para articular uma frente ampla de poesia de vanguarda que pudesse conciliar as propostas de inovação e experimentação estéticas com um programa de intervenção crítica na realidade nacional (MACIEL, 2002, p.14, grifo da autora).

A par de todas estas atividades, Maciel (2004) ainda acrescenta que Laís Corrêa de Araújo é considerada pela crítica uma das principais figuras femininas da poesia brasileira contemporânea. Junto com Murilo Rubião e Ayres da Matta Machado Filho, foi um dos elementos fundadores do **Suplemento Literário do Minas Gerais**, no qual manteve a coluna de crítica **Roda Gigante**, publicada regularmente durante muitos anos no jornal **Estado de Minas**. Foi também, Superintendente das Bibliotecas Públicas do Estado de Minas Gerais, em 1983, chegando a ser convidada para ser Diretora da Biblioteca Nacional, convite que recusa para não se ausentar de Minas Gerais. Laís escreveu as seguintes obras: Poesia: **Caderno de poesia** (1951), **O signo e outros poemas** (1955), **Cantochão** (1967), **Decurso de prazo** (1988), **Pé de página** (1995), **Clips** (2000), **Geriátrico** (2002). Ensaio: **Murilo Mendes** (1972), **Sedução do horizonte** (1996). Literatura Infanto-juvenil: **O grande blá-blá-blá** (1974), **Maria e companhia** (1983), **Que quintal!** (1987), **O relógio mandão** (1989), **A loja do Zéconzé** (2000); e o **Caderno de traduções** (1991).

Considerando que em qualquer relato biográfico se fazem necessárias as datas de nascimento e morte dos biografados, podemos afirmar que Laís Corrêa de Araújo morreu em 19 de dezembro de 2006, informação registrada no *site* da Universidade Federal de Minas Gerais instituição que detém a guarda do Acervo da Família Ávila (MORRE, 2019). Em relação à data de nascimento, existe um desencontro de informações, fato este que já foi identificado pela Mestra Maria Elizabete Fernandes Afonso (2017) por ocasião da defesa de sua dissertação. Flores (2011) informa que a “escritora mineira nasceu em 1927, no dia 03 de março”; e Coelho (2002) “anuncia que este nascimento ocorreu em 1929, no mesmo dia”. Não suspeitamos do motivo e nem pudemos levantar hipóteses sobre a razão para essa controvérsia em relação ao registro do nascimento desta missivista.

Alfredo Bosi (2006, p. 485), em sua **História concisa da literatura brasileira**, na seção em que se refere à poesia produzida nas décadas de 1950 e 1960, afirma

sobre a existência de “alguns poetas diferentes entre si, mas aproximáveis pela sua concepção de lírica entre moderna e tradicional”, e continua, “a messe não é pequena; e as omissões involuntárias. Cito [entre vários nomes, o de] Laís Corrêa de Araújo” (BOSI, 2006, p. 485). Acerca de sua poesia, vale destacar, também, o depoimento de João Camilo de Oliveira Torres, quando afirma que a poesia de Laís Corrêa de Araújo é essencialmente feminina, uma escritura que traduz em símbolos delicados e suaves as grandes angústias do ser humano, e onde as circunstâncias e as situações cotidianas do existir adquirem uma transparência toda especial, refletindo a vontade de viver, de expressar o ser (TORRES *apud* ARAÚJO, 1955. Não paginado. Quarta capa).

Cosette de Alencar, por sua vez, foi romancista e cronista. Nasceu em Juiz de Fora (MG) em 18 de janeiro de 1918 e faleceu em 1973, nesta mesma cidade. Filha de Sofia Áurea do Espírito Santo e Gilberto de Alencar, membro da Academia Mineira de Letras, que atuou em vários jornais locais. Fernando de Alencar, avô paterno de Cosette de Alencar, além de médico, era também literato. Ele migrou do Ceará para Minas Gerais, por isso a cronista sempre salientou seu parentesco com o ramo dos literatos cearenses, nos quais incluiu o romancista José de Alencar e Rachel de Queiróz, carinhosamente chamada de “prima” pela escritora juiz-forana (ROSA, 2015, p. 193, grifo do autor).

Foi autodidata em relação à língua francesa, e dedicou-se a ela, a ponto de tornar-se uma excelente tradutora da Editora Itatiaia, em Belo Horizonte (MG). Entre as obras traduzidas pela escritora juiz-forana citamos as principais: **A última favorita: a maravilhosa aventura de Madame du Barry**, de André Lambert; **Ema Lady Hamilton**, de Frank Wilson Kenion; **Deus está atrasado**, de Christine Arnoty; **O adolescente**, de Dostoievsky; **As grandes esperanças**, de Charles Dickens; e **O último amor de Wagner**, de Gerty Colin.

Escreveu para jornais do Rio de Janeiro, São João Del-Rei, e principalmente nos jornais juiz-foranos, a saber, **Gazeta Comercial** e **Diário Mercantil**, nos quais manteve colunas diárias como **Canto de Página**, **Letras e livros** e **Rodapé Dominical**. Cosette de Alencar, com frequência, emitia parecer sobre obras inéditas, que lhe eram enviadas por autores de todo o país. Foi uma cronista por excelência, o que equivale a dizer que seu legado literário está concentrado nesse gênero.

A escritora publicou apenas um livro: **Giroflê, giroflá**⁹, em 1971. Outra obra de sua autoria, considerada autobiográfica, que foi intitulada **Diário de Ana** circulou como se fosse um folhetim em sua coluna **Rodapé Dominical** no **Diário Mercantil**, no período de 1966 a 1967. Paralelamente às atividades literárias – como cronista, tradutora e escritora – e o trabalho na redação do jornal, Cosette de Alencar também foi funcionária pública do estado de Minas Gerais, inicialmente exercendo o cargo de professora e, mais tarde, o de secretária escolar (ROSA, 2015, p. 189).

Segundo Coelho (2002),

Causa estranheza que só tenha esse livro divulgado, pois a segurança, leveza e densidade de sua escrita ficcional expressam uma inegável maturidade. De linhagem machadiana, a arte narrativa de Cosette é das que, aparentemente displicente e superficial, por se voltar para os fatos mais comuns do cotidiano, na verdade penetra fundo nos interstícios das realidades em foco e ali ilumina a tragicidade oculta da alma humana. Seu personagem-narrador, Sinval Vilaflor, é um burocrata desencantado que nos faz lembrar dos burocratas que perambulam, também desencantados, pelos contos ou romances russos (COELHO, 2002, p. 144).

O escritor e jornalista Odair de Oliveira, por ocasião da seleção do livro de Cosette de Alencar, para ser publicado pela Imprensa Oficial¹⁰, emitiu o seguinte parecer:

Sem nada pretender de ousadias vanguardistas, de modismos de estrutura e linguagem, **Giroflê, Giroflá**, romance de Cosette de Alencar é um livro excelente. Contém uma síntese do drama da classe média, das mazelas da sociedade, dos vícios da política partidária e dos desajustamentos da administração pública, mostrando também, subjacente a tudo isso, a tendência para a acomodação que, em Minas principalmente, limita as perspectivas e as aspirações do homem comum. A autora revela-se uma analista de primeira ordem dos mistérios da psicologia humana e dos problemas sociais que distinguem a realidade nacional hoje em dia, enquanto desenvolve a sua história, que tem como personagem principal um burocrata desencantado consigo mesmo, com a vida e com o meio em que se movimenta. Sinval Vilaflôr é uma dessas personalidades características e expressivas, que se tornará marcante na nossa literatura de ficção, consubstanciando o ceticismo daqueles que, por sua própria inteligência, sensibilidade e consciência da fragilidade humana, se

⁹ O título do livro, **Giroflê, giroflá**, remete a uma cantiga de roda infantil (ROSA, 2015, p. 208).

¹⁰ A criação da Imprensa Oficial de Minas Gerais ocorreu em 6 de novembro de 1891. Inicialmente instalada nas dependências do antigo Palácio dos Governadores, atual Escola de Minas, na Praça Tiradentes, no Centro Histórico de Ouro Preto. Com a mudança da capital para Belo Horizonte, inicialmente chamada Cidade de Minas, a Imprensa Oficial se instalou no prédio neoclássico da Avenida Augusto de Lima, 270, outrora conhecida como Avenida Paraopeba, no Centro. Entre seus objetivos, podemos destacar: democratizar o acesso às informações de interesse público, legitimadas por meio da publicação dos atos oficiais das esferas pública e privada no Diário Oficial MINAS GERAIS; garantir a perenidade de documentos em tecnologias apropriadas; e difundir a cultura mineira e oferecer soluções em serviços gráficos de qualidade (IMPrensa 120 ANOS, 2019).

marginalizam e se anulam afinal no cotidiano estéril. **Giroflê, Giroflá** é um livro afinado com o tempo e o ambiente mineiros e que se torna mais atraente ainda em virtude da pureza da linguagem, da coesão e equilíbrio existente entre os numerosos capítulos. Leitura agradável, temática interessante e matéria de meditação é o que encontrará o leitor neste texto que se afirma em maturidade e segurança, sem renegar as nossas tradições da ficção confessional e sem alienar-se na fantasia gratuita do romance convencional (OLIVEIRA *apud* ALENCAR, 1971. Não paginado. Quarta capa).

Acerca da recepção crítica de **Giroflê, giroflá**, trazemos a opinião de Lúcia Machado de Almeida (1971, p. 3), quando comenta que:

De Cosette de Alencar, a Imprensa Oficial de Minas Gerais acaba de publicar GIROFLÊ, GIROFLÁ, romance vivo e muito bem escrito, “acontecido” entre gente da classe média, no qual a autora revela tais dons de psicóloga e de observadora que nos faz pensar num autêntico “radar” a captar e a transmitir.

Ao que Zilah Corrêa de Araújo (1971, p. 3) acrescenta:

Você é machadiana, sem dúvida, como seu pai. Apenas, este mais sucinto e mais irônico. De qualquer forma, você herdou-lhe o talento, em novo estilo, um pouco mais elástico. Sim, VENCI o livro sem achar-lhe chaturas, senão belezas na sua simplicidade e simpleza de seus personagens. Bem escrito [...], tônica machadiana, como disse e digo, sem favor algum. Parabéns. Agora, repita a dose. Felicidades, Cosette, grande romancista, saúdo-a por nós, mineiros, por mim, amiga e admiradora.

Por sua vez, Carlos Drummond de Andrade (1971, p. 3) a felicita:

Agora lhe devo ainda mais: GIROFLÊ, GIROFLÁ. Sinval Villaflor e Marina: com que finura de traços e sutileza psicológica você o retrata e põe em movimento, e nos comunica, através dele, a figura dela! Uma arte de matizes requintados, em que a observação da vida se alia a disquisição dos sentimentos: desses livros que ficam.

Continua Rosa (2015), acrescentando que Cosette de Alencar, também exerceu a função de bibliotecária no **Centro Literário de Juiz de Fora**, instituição criada em 1938, e que tinha à frente nomes em evidência na sociedade e na imprensa locais, entre eles: Lindolfo Gomes, Gilberto de Alencar e Albino Esteves.

Estas considerações biobibliográficas, aqui registradas, permitem valorizar a cultura produzida por estas mulheres escritoras que integram a produção literária mineira e nacional de forma significativa. Como se deu a amizade epistolar entre as signatárias será tratada na próxima subseção.

2.1 AMIZADE EPISTOLAR: ENCONTROS E INTERAÇÕES

A amizade é a ocasião de fornecer uma representação lisonjeira de si mesmo: ela não pode se subtrair ao olhar de uma boa sociedade sempre em busca de indícios sobre os indivíduos que a compõem. É na relação complexa entre o público e o particular, entre o que se esconde e o que se mostra, entre o visível e o legível, que se formulam os problemas da amizade (Anne Vincent-Buffault, 1996, p.63).

A amizade é um relacionamento entre pessoas que não são familiares, parentes ou parceiras sexuais. Na amizade é fundamental a ausência de laços familiares, justificada pelas comparações e competições entre familiares e amigos e pela impossibilidade de escolha dos próprios familiares e parentes. A amizade é um relacionamento pessoal e privado, sem a imposição de valores ou normas culturais (SOUZA; HUTZ, 2008).

Anne Vincent-Buffault esclarece que a amizade “estabelece redes de influência, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e de interações” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 9). E prossegue, afirmando que o exercício da amizade forma e transforma, “praticando-o, elaboram-se tanto o si mesmo quanto o entre-si. Indo ao encontro dos outros, é ao encontro de si mesma que a pessoa se lança” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p.9).

Para estes encontros, a vida em sociedade implica que realizemos interações sociais com pessoas com as quais tenhamos afinidade. A partir das relações de amigos podemos solicitar conselhos, podemos nos disponibilizar para o outro, ou até mesmo diminuir o sentimento de solidão, o que se pode constatar na leitura das missivas destas mulheres. Além disso, Vincent-Buffault (1996, p. 10) defende que “os diários íntimos, as memórias, as correspondências [...] nos propõem textos de amizade que espantam e são capazes de comover”, e afirma que a carta é um “laboratório da circulação dos afetos” e enfatiza que corresponder-se “é um ato político e social que é posto à mostra: é mais testemunho que mensagem, e os sentimentos devem circular na rede de adeptos e de amigos” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 205).

Ratificando, pode-se observar, por meio do diálogo entre nossas missivistas, que a amizade entre elas começa e se fortalece através das cartas, pois as mesmas

se encontraram poucas vezes pessoalmente, visto que moravam em cidades distantes, e o ir e vir não era tão facilitado no que consistia aos meios de transporte e outras questões da vida como indisposições de saúde, por exemplo. Sobre isso, escreve Laís Correa, “Queria muito ir a Juiz de Fora [...], mas a gripe, hoje, não me permite nenhum plano” (ARAÚJO [**Correspondência**]. Belo Horizonte, 7 jul. 1969). Em outra carta Laís continua a dizer: “Você se enganou pensando que eu teria a coragem de enfrentar agora o frio de Juiz de Fora” (ARAÚJO [**Correspondência**]. Belo Horizonte, 27 jul. 1969).

Cosette de Alencar, em outubro questiona “E sua visita a Juiz de Fora? Ficou para as calendas?” (ALENCAR [**Correspondência**], Juiz de Fora, 12 out. 1969). Importa verificar, também, que partia de Laís Corrêa a iniciativa de ir ao encontro de Cosette de Alencar; pois, em relação ao movimento inverso não há indícios registrados nas epístolas, ou seja, elas sempre se mantiveram próximas através das cartas; “os laços de amizade” entre elas, usando uma expressão de Marcos Antonio de Moraes (2007, p. 18), se firmou a partir de suas missivas.

Moraes (2001, p. 18) acrescenta que “a carta socializa, aproxima os indivíduos e cultiva a amizade”, fato este comprovado por Santos (1998, p. 24), quando afirma que “a ausência [do outro] não só motiva como enriquece o que se tem a dizer”. Vincent-Buffault (1996) argumenta que a prática epistolar “é sentida como um sinal de amizade, como um simples prolongamento da convivência amistosa e da conversação que ela pretende imitar” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 21).

Constata Foucault (2004) que “as notícias sobre a saúde tradicionalmente fazem parte da correspondência” (FOUCAULT, 2004, p. 157). A epistológrafa Laís Corrêa de Araújo em seu carteadado reclama muito de doenças, de percalços da vida, chega a ser rabugenta mesmo, como podemos ver no trecho abaixo destacado:

Cosette,

A gripe está tão forte que até tenho medo de estar mandando alguns vírus para você neste papel. É um mal estar, uma dor de cabeça, zoeira nos ouvidos, corpo mole, tudo o que faça da gripe uma doença humilhante porque nem sequer é doença mesmo e nos abala tanto. Eu andava contando farol, dizendo que não tivera ainda a famosa Hong Kong, mas o castigo de meu orgulho veio logo. Portanto, escrevo com grande sacrifício, na cama, apenas para lhe dizer que estou viva e recebi sua carta. O que acho mais terrível nessa “doença” é que nem ler consigo, pois os olhos não aguentam o esforço. E é sufocante ficar deitada sem nada para fazer (ARAÚJO [**Correspondência**]. Belo Horizonte, 7 jul. 1969, grifo do autor).

Na carta-resposta de 24 de julho de 1969, Cosette de Alencar nada comenta a este respeito, e em missiva datada de 29 de setembro do mesmo ano, Laís continua as lamentações:

Cosette,
Há quatro dias estou com dor-de-cabeça, coisa que me atormenta e atrapalha as minhas atividades normais. Já me aconselharam a procurar o Arigó... já que os médicos não deram conta do recado. Mas acredito que seja um problema da idade ou de meu trabalho, que exige muito da vista e da própria cabeça. Enfim, vou tomando as minhas aspirinas e consolando-me com o pensamento de que Einstein, João Cabral e outros “cobras” também sofreram ou sofrem do mesmo mal. (ARAÚJO [Correspondência]. Belo Horizonte, 29 set. 1969, grifo do autor).

Nota-se um silenciamento de Cosette de Alencar a respeito das várias reclamações sobre doenças da amiga. Podemos também afirmar que a escritora juiz-forana em suas missivas não reclamava da vida, porém em carta datada de primeiro de maio de 1969, em um comentário sobre enfermidades, podemos acreditar que já estivesse sentindo os primeiros sintomas da doença que viria a causar sua morte, quatro anos depois:

Prezada Laís,
Menos, naturalmente a estafa. Desta, resultam doenças, crises hepáticas, enxaquecas, pouca disposição para a máquina de escrever. Até mesmo tive de levar um corte no pescoço, tendo me surgido um gânglio cervical, que logo alarmou todo mundo. Tirei o caroço, mandei examiná-lo e até hoje não fui saber o bicho que deu (ALENCAR [Correspondência]. Juiz de Fora, 1 maio 1969).

Pela carta, podemos saber que Cosette de Alencar fez uma biópsia de um gânglio linfático, o que quase sempre é sugestivo de um câncer. A literata morre em 1973, com o diagnóstico de leucemia.

Ao que a autora de **Decurso de Prazo** escreve: “Agora é que me levanto do estado letárgico em que me põe essa famosa dor de cabeça. Desde ontem deitada, finalmente vejo raiar uma claridade de paz, a mostrar que as inúmeras aspirinas, ormigrein, engov, etc. fizeram efeito” (ARAÚJO [Correspondência]. Juiz de Fora, 8 maio 1969).

Importa também lembrar que um dos “principais usos das correspondências de escritores é o de servir comumente para acompanhar os diversos estados de criação de uma obra particular” (DÍAZ, 2007, p. 123). No carteadado entre nossas

missivistas, podemos acompanhar a preocupação em ver o livro **Giroflê, giroflá** publicado. A escritora juiz-forana escreve:

Laís,
Sabe que, no Walmap, meu GIROFLÊ, GIROFLÁ foi recomendado aos editores? Premiozinho de consolação, que me deixou fria. [...] O homem da Edinova escreveu-me assegurando-me que irá editá-lo logo que o possa, mas eu, hem? Duvido! O negócio editorial anda feroz. (ALENCAR [Correspondência]. Juiz de Fora, 4 jun. 1969, grifo do autor).

E Laís Corrêa de Araújo responde:

Cosette,
Bom o caso do Walmap. Eu não a convidei a enviar o livro em vão. Não tive muita confiança nos julgadores, não pelos nomes propriamente, mas pelo que eu soube da forma de leitura, rápida e ineficiente a meu ver. Disse-me um deles que, devido ao número grande de concorrentes, iriam ler apenas 2 capítulos de cada livro; se gostassem dos 2 capítulos iniciais, continuariam; se não, poriam o livro de lado. Ora, dessa forma, Balzac poderia ser recusado, já que os capítulos iniciais de seus livros são maçantes! Para romance, o critério não me parece justo; felizmente alguma coisa escapou a essa leitura apressada. Acredito no editor da Edinova e espero que o livro, afinal! Apareça. (ARAÚJO [Correspondência]. Belo Horizonte, 10 jun. 1969).

Ao que Cosette de Alencar acrescenta: “tive a surpresa de ler no **Estado de Minas** de ontem, 23 na seção do Edson Moreira, que a Edinova irá editar meu romance” (ALENCAR [Correspondência]. Juiz de Fora, 24 jul. 1969).

Já, em carta datada de 27 de julho, Laís Corrêa lamenta e responde:

[...] estou mesmo numa situação financeira muito apertada. Já lhe contei como é o sistema aqui em casa, não havendo folga nos ordenados restritos, e sobretudo, sempre atrasados. [...] Quanto à pergunta que me faz sobre a publicação de seu livro, infelizmente nada lhe posso esclarecer (ARAÚJO [Correspondência]. Belo Horizonte, 27 jul. 1969).

Enfim, por meio da leitura dessas missivas, pode-se observar que Laís Corrêa de Araújo enxerga em Cosette de Alencar uma confidente, uma pessoa a quem possa pedir auxílio nos momentos difíceis, e que elas transformam a correspondência no “altar da amizade” (VINCENT-BUFFAULT, 1996).

Podemos, então, afirmar que a amizade entre Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar foi muito significativa para estas duas mulheres, intelectuais, fortes e decididas, o que pode atestar o conteúdo das missivas apuradas.

Na próxima subseção, será apresentado um panorama que envolve Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar enquanto intelectuais. A proposta da reflexão

é pensar sobre a função exercida por elas como escritoras lidando com a censura e com as contradições da sociedade.

2.2 O INTELLECTUAL E SUA FUNÇÃO MEDIADORA

Nesta parte será desenvolvida uma reflexão acerca da importância do intelectual na sociedade. O **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** (2009) afirma ser o intelectual aquela pessoa que demonstra interesse pronunciado pelas coisas da cultura, da literatura, das artes etc.

Ivete Lara Camargos Walty e Maria Zilda Ferreira Cury (2008), por seu turno, acrescentam que intelectual é o ser que além de observar a sociedade, expressa suas opiniões, fazendo uma leitura crítica do mundo em tudo que escreve, e as estudiosas trazem explicações à etimologia da palavra:

Do latim *intellectualis*, de que a palavra intelectual deriva, conservou-se o sentido de “relativo à inteligência”. Decompondo-se a palavra temos: *intus*, para dentro e *lectus*, participio passado de *legere* (ler). Ler (para) dentro das coisas, para seu interior. Mas, o sentido etimológico do verbo *legere* “postula certa intensificação do fato social”, na medida em que aponta para uma dimensão de exterioridade. Ler, pois, pressupõe um movimento para o exterior, para comunicar-se com os outros, fazendo uma leitura do mundo, o que dota a palavra intelectual dos dois movimentos: para dentro de si e para fora de si. Alargando o sentido ainda a partir da etimologia da palavra, salienta-se a condição intermediária do intelectual, sua função mediadora (WALTY; CURY, 2008, p. 12-13).

Destaca Fábio Pereira (2011) que a categoria do intelectual nasce no final do século XIX, na França, pois neste período um grupo de indivíduos se descola do restante das profissões liberais em busca de uma identidade própria fundada na criação de novos meios de intervenção pela busca de novos públicos e por sua contribuição à elaboração ou à difusão de novas ideologias que questionam as clivagens políticas em causa.

Ao mesmo tempo, Beatriz Sarlo (*apud* PEREIRA, 2011) argumenta que o intelectual deve ser obrigado a estabelecer uma relação próxima e amistosa com a sociedade, pois a legitimidade do intelectual se fundamenta na emissão de um discurso crítico, que seja compreensível ao grande público sem cair no senso comum.

Além disso, Maurice Blanchot (*apud* NOVAES, 2006) considera o intelectual um homem das letras, ou seja, um homem que participa da vida em sociedade por

meio da escrita, registrando sua posição frente ao mundo por meio de seus textos, seja como escritor, artista, político, historiador, filósofo ou sábio.

Já Wolf (2006) pondera que,

[...] intelectual é aquele que engaja sua competência particular para dar-lhe um sentido universal [...] é aquele que produz ideias com fatos. Nesse sentido, o intelectual é sempre crítico: ele denuncia as injustiças para as quais fecham-se os olhos, ele pretende dar uma voz (a dele) aos “sem voz”, ele afirma em alto e bom tom que o rei está nu (WOLF, 2006, p.28).

Em consonância com este autor, Cássia Aparecida Brás Araújo (2018, p. 23, grifo da autora) afirma que “a figura do intelectual abarca a ideia de uma mediação/intervenção crítica no espaço público perante a sociedade. Ele, o intelectual moderno, preocupava-se em ‘dar voz’ ao oprimido, colocava-se declaradamente como guia das massas”. Prossegue Araújo (2018, p. 23), acrescentando que o intelectual é aquele que possui “a consciência das [...] mazelas presentes na sociedade moderna e a expõe na esfera pública, tendo em vista a defesa dos interesses daqueles que não possuíam tal consciência”.

Segundo Renato Ribeiro,

[...] o que caracteriza o intelectual é fazer uso público do conhecimento. [...] ele deve também efetuar todas as mediações que tornam o que inicialmente seria trabalho arcano, acadêmico, fechado sobre si, voltado apenas para o avanço interno do conhecimento, em algo que passa a ser apropriado socialmente (RIBEIRO, 2006, p. 41-42).

Para Bobbio (1997) os intelectuais “[...] têm a missão de defender e promover os valores supremos da civilização, que são desinteressados e racionais; na medida em que subordinam sua atividade aos interesses contingentes, às paixões irracionais da política, traem sua missão” (BOBBIO, 1997, p. 32).

Explica Mannhein (*apud* Bobbio, 1997, p. 32) que

A vida política de uma nação está caracterizada pelo fato de que nela coexistem várias ideologias, cada uma das quais representativas de um ponto de vista parcial. Se não se deseja que estas ideologias contrastem entre si sem tréguas, deve-se tentar a síntese, isto é, deve-se tentar alcançar uma visão compreensiva [...] dos vários pontos em conflito. Essa síntese só pode ser obra de uma categoria que, diferentemente de todos os demais agrupamentos que produzem ideologias sociais, não tem uma composição de classe e está desancorada da sociedade, desvinculada de interesses e funções específicas, essa categoria [...] é a dos intelectuais.

Ou seja, em uma sociedade de classes, típica do capitalismo, onde a massa não tem poder de fala, é necessário a existência de um indivíduo que ofereça uma ponte entre os poderosos e os populares, esse elo é realizado pelo intelectual, pois, como considera Said (2005), o intelectual deve ser visto como “um ser colocado à parte, alguém capaz de falar a verdade ao poder, um indivíduo [...] corajoso [...] para quem nenhum poder do mundo é demasiado grande e imponente” (SAID, 2005, p. 30).

Sartre (1994) ratifica que as classes desfavorecidas precisam conhecer o mundo para mudá-lo, e o intelectual pode servir a esta transformação, levando os desfavorecidos a ter consciência de classe, revelando-a como classe explorada e lutando contra a universalização, ou seja, contra a opressão, contra a exploração e contra a alienação de seus sacrifícios em prol do lucro da classe dominante.

Vale acrescentar que, no Brasil, a imprensa acompanhou bem de perto todo o processo de constituição e de consolidação do campo intelectual ao longo do século XIX, desempenhando um importante papel no processo de profissionalização das atividades intelectuais, com o surgimento da chamada grande imprensa na virada para o novo século (ENGEL; SOUZA; GUERELLUS, 2015).

Pereira (2011), em obra no qual faz uma reflexão acerca da construção da identidade de jornalistas-intelectuais no Brasil afirma que até a primeira metade do século XX, o jornal era visto como um espaço de exercício político e literário, e determina a figura dos jornalistas como intelectuais e menciona que pode-se entender como jornalistas intelectuais “os indivíduos que dividem a vida entre a prática nas redações e outras atividades intelectuais, como a produção de obras artísticas e literárias, o pensar crítico sobre o mundo e o engajamento em questões políticas e sociais” (PEREIRA, 2011, p. 32). E sugestiona: é como se essas pessoas resolvessem ser algo mais (PEREIRA, 2011).

Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar, para além de suas produções literárias, utilizavam suas colunas nos jornais para esclarecer assuntos de interesse da sociedade e, também para realizar críticas sobre o social, empregando para isso a crônica, que é um gênero híbrido que transita entre o jornalismo e a literatura.

É nesse contexto que a militância dos intelectuais brasileiros se fortalece e se torna cada vez mais legítima, ao se manifestar e se posicionar em relação aos mais diversos assuntos, desde as questões do cotidiano da cidade até os grandes temas

que mobilizavam o dia a dia das pessoas, e passando até pelo cenário internacional, por meio de seus artigos e crônicas (ENGEL; SOUZA; GUERELLUS, 2015).

Essa afirmação é confirmada pelos registros nas crônicas de Cosette de Alencar, pois elas revelam uma preocupação com os acontecimentos da cidade de Juiz de Fora, com a situação política e econômica do país e do mundo, assim como sentimentos e reflexões sobre a vida e outras questões sociais. Como forma de exemplificar a comunicação de um intelectual com seus leitores, foi destacado um trecho de uma crônica em que a escritora juiz-forana comenta sobre a velhice:

Pior que a morte é a velhice [...]. Um crescente e sempre mais enraizado desprezo cerca os desgraçados homens e mulheres que ultrapassam a faixa dos cinqüenta anos de idade e, em muitos casos, já são considerados marginais os infelizes que vencem a barreira dos trinta. Quarenta anos, nos trópicos, significa começo de senilidade: é a idade limite para aspirações a atividades menos estéreis. Emprêsas particulares, tanto quanto organizações públicas, rejeitam candidatos maiores de quarenta anos, como se quarenta anos fossem fim de caminho e não o começo [...]. Ser velho, na sociedade humana atual, equivale à pecha constrangedora. Fartos estão os velhos de ouvir, em todos os tons, que o mundo é dos moços... E por quê tal afirmação? O mundo é de todos, o que pertence aos moços é o futuro, que nunca deixa de ser uma hipótese. Os moços não sabem se viverão até a idade madura, os velhos sabem que viveram e aprenderam com a vida um rol de coisas da maior importância (ALENCAR, 1970, p. 5).

Em outra crônica, podemos ler a opinião crítica de Cosette de Alencar, ao abordar a questão da democracia:

Que democracia? Com o quadro político paupérrimo de que dispomos? Com o eleitorado maciçamente analfabeto? Com a fome e a miséria que lavram no Brasil inteiro? Realmente, democracia nestas condições é anedota (ALENCAR, 1968, p.5).

Ou seja, o intelectual toma para si a responsabilidade de denunciar as injustiças sociais! Por seu turno, como afirma Maciel (2002, p. 17), traçar o percurso intelectual de Laís Corrêa de Araújo não é tarefa fácil, visto que a escritora mineira transitou por vários caminhos simultâneos, como escritora, ensaísta, cronista e tradutora. A coluna **Roda Gigante**, escrita por Laís Corrêa de Araújo, foi responsável por revelar e divulgar o movimento e o momento editorial brasileiro e estrangeiro de seu tempo.

Na **Roda Gigante** tem-se, por exemplo, notícia da publicação e crítica de livros, entre eles: **Tremor de terra**, de Luiz Vilela, **Tutaméia**, de Guimarães Rosa, **Paris é uma festa**, de Ernest Hemingway, além de notícias do lançamento de

antologia com vinte poemas de Maiakóvski, traduzidos pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos. **Roda Gigante** também informava sobre os concursos literários, conferências e a atuação de intelectuais mineiros, como os cursos que uma boa parte deles ministrava no exterior, naquela época.

A escritora mineira encarregava-se, também, de escrever resenhas, críticas literárias, selecionar textos, traduzir e promover os contatos nacionais e internacionais com escritores de outros estados e de outros países. Selecionava as matérias, viajava, fazia entrevistas e promovia encontros com escritores como Ana Hatherly, Roman Jakobson, Tzvetan Todorov, Murilo Mendes e Octavio Paz.

Além disso, Laís Corrêa traduziu muitas obras de intelectuais que representavam o pensamento crítico e literário contemporâneo como Michel Butor, Erza Pound, T.S. Eliot, Sartre, Roland Barthes, Gabriel Garcia Lorca, Mário Vargas Llosa e Jorge Luís Borges.

Vale acrescentar que Laís Corrêa de Araújo, em sua coluna **Roda Gigante**, através de seus trabalhos de tradução, foi a primeira a apresentar ao público um conto de Júlio Cortázar, e um texto de Roland Barthes sobre o estruturalismo.

Enfim, podemos afirmar que a poeta Laís Corrêa de Araújo e a cronista Cosette de Alencar eram mulheres intelectuais que atuavam com o propósito de disseminar a cultura nacional.

Na próxima seção, delinearemos a postura dessas missivistas diante do momento político complicado vivido no Brasil a partir de 1964.

2.3 ESTAMOS TODOS SOB CENSURA

A Ditadura Militar no Brasil foi instaurada por meio de um golpe militar que destituiu o governo, constitucionalmente eleito pelos brasileiros, num período de grande tensão política e mobilização social. Foram vinte e um anos (1964-1985) caracterizados pelas arbitrariedades, autoritarismo, falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que se posicionavam contra o regime militar (ANSARA, 2009).

Essa sequência de governos militares teve três fases: a primeira fase, entre 1964 a 1968, e compreende os governos de Castelo Branco e Costa e Silva; a segunda fase, acontece entre 1969 a 1974, abrangendo o governo do general Emílio Garrastazu Médici; e a terceira fase, entre 1974 a 1985, caracterizado por um

período de abertura política, que compreende os governos de Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo (ANSARA, 2009, p. 147).

Segundo Pereira (2015), durante todo o período da ditadura foram criados dispositivos legais para justificar os atos dos presidentes militares, sobretudo buscando legitimar o cerceamento das posturas democráticas. Os mais conhecidos foram os Atos Institucionais, destacando-se o mais rigoroso deles, o AI-5, decretado em dezembro de 1968, pelo presidente Ernesto Geisel, que legitimou entre outras ações, a cassação de mandatos e direitos políticos, decretou o recesso do Legislativo por tempo indeterminado e, a instauração da Censura aos meios de comunicação no país (PEREIRA, 2015, p. 20).

Ou seja, o arbítrio se instaurou no país. Em outras palavras, a censura esteve presente em todas as formas de expressão que pudessem de algum modo contestar o poder vigente, e os artistas e os intelectuais que foram censurados sentiam-se impactados. Foi o que se acredita ter acontecido com Laís Corrêa de Araújo no ano de 1969 como podemos ler em uma carta datada de 8 de maio, na qual Laís Araújo informa à Cosette de Alencar:

Cosette,

[...] Fazia a Roda Gigante como um trabalho qualquer. E, em qualquer trabalho, procuro ser honesta e dar o máximo de mim. Mas nenhum trabalho vale, a meu ver, o sacrifício de uma honestidade mais intrínseca, a honestidade do pensamento, a coerência entre este e um estilo de vida. Pois quiseram fazer-me sacrificar – a bem do ídolo revolucionário – esse único patrimônio que julgo possuir. Murilo Rubião achou que a última seção que eu escrevera ofendia a Santíssima pátria (embora eu estivesse falando de um escritor do Equador e sobre o contexto de miséria, analfabetismo e subdesenvolvimento daquele país) e agiu de modo incorreto, levando a minha seção para ser censurada pelo diretor da Imprensa Oficial, o Paulo C. Guimarães, que nada entende de nada, ainda mais de literatura! Naturalmente, senti-me ferida em meus brios, não só pela censura, injusta, mas ainda pelos caminhos de “denúncia” que tomou. Imediatamente redigi uma carta dizendo que não mais escreveria a seção e pedindo me fosse designado outro serviço. Até hoje não tive resposta da minha carta nem solução alguma, pois – segundo soube – Murilo acha justíssima a censura literária, justificando-se em nome do bem maior que é a continuidade de aparecimento do SL. Tem razão até certo ponto: acho que o SL deve, merece continuar. Mas não à custa de uma concessão ética e moral de minha parte, avessa que sempre fui a quaisquer restrições da liberdade de pensamento. E acho que ele continuará sem mim muito bem. Quem quiser que escreva, que se sujeite à censura, isto é questão de foro pessoal. Mas aquela pessoa que ele pensava muito humildezinha (sou humilde sim, mas não a esse ponto) simplesmente se recusa a colaborar com aqueles que se julgam donos da verdade, do direito de pensar pelos outros, de impedir a “subversão” alheia.

Estou lhe contando isto, porém, peço-lhe encarecidamente, é um segredo que deve conservar para você. Não quero que uma coisa destas transpire (vai transpirar um dia, eu sei) pondo-me eu na posição de mártir e Murilo na

de algoz. Nem ele nem eu temos culpa da situação do país. Ele se acha com a razão, pensando que entre os males se escolha o menor. E o menor é a continuidade do SL, que faz muito bem à cultura, apesar de tudo. Eu me acho com a razão porque não acredito que se possa fazer nada em matéria literária sob controle governamental (ARAÚJO [Correspondência]. Belo Horizonte, 8 maio 1969).

Pode-se perceber que Laís Corrêa de Araújo lança um sincero e intenso desabafo por meio do qual, pode-se ter noção da situação política, cultural e social deste período; e aproveita a oportunidade para solicitar a opinião da amiga. Ao que a autora de **Diário de Ana**, responde:

Prezada Laís,

Na velha casa, agora quase vazia, com milhares de livros espalhados pelo chão [...] acomodo-me muito mal junto à máquina que oscila num pouso de emergência para tentar ajuda-la na dúvida em que se encontra. Espero, e desejo, que a esta altura sua habitual vivacidade já lhe tenha acudido, mostrando-lhe o caminho acertado. Em todo caso, embora saiba muito bem que a experiência da vida só ajuda aos que a armazenaram à custa própria, e atendendo o seu apelo, gostaria de dizer-lhe uma palavra de boa fé. [...]. A gente, envelhecendo, passa a ver melhor. E a discernir com mais clareza. Os arroubos e rebeldias da mocidade dão lugar ao bom-senso e ao equilíbrio: não serão estas qualidades tão atraentes e sedutoras quanto aqueles defeitos. Mas são práticas. Compreendo muito bem o seu rompante ante a atitude dos chefes no episódio que me relatou. Nem mesmo o desaprovo. Contudo, a vida exige de nós uma série de concessões neste setor. O melhor, talvez, em incidentes semelhantes será a vista grossa que uma certa filosofia aconselha. Fazer das tripas, coração – como se dizia antigamente. [...]. Penso que será lamentável você interromper seu trabalho, com tanto carinho realizado, da Roda Gigante (ALENCAR [Correspondência]. Juiz de Fora, 13 maio 1969).

Como enfatiza Eni Puccinelli Orlandi (2007, p. 101):

Já é bem conhecido o fato de que o poder se exerce acompanhado de um certo silêncio. É o silêncio da opressão. [...] esse modo de produção de linguagem posta em prática durante a ditadura militar no Brasil se caracteriza pela censura, pela interdição da palavra ao conjunto da sociedade brasileira.

Em carta remetida de Belo Horizonte no dia 7 de janeiro de 1969, Araújo escreve,

Cosette,

Também no fim de ano e princípio de outro, quase não se publicam livros, é um programa das editoras. E a gente fica sem saber o que falar. Li o livro de Orígenes Lessa, por sua causa. Não gostei. Depois que o Henry Miller começou a circular no Brasil, todos os romancistas resolveram soltar as línguas e falar de temas escabrosos. Porém, sem o talento do americano, não convencem. Que é o livro do O. Lessa, afinal? Uma estória de greve,

mais nada. Nem mesmo a miséria, a pena, a tristeza estão ali, há uma gratuidade em tudo. Não, não gostei mesmo (ARAÚJO [Correspondência]. Belo Horizonte, 7 jan. 1969).

Ao que Cosette de Alencar responde:

Laís,

De resto, o momento não é muito brilhante neste setor das letras nacionais. Muitas são as vozes, mas quanto a nozes... Penso que nós não temos exatamente o mesmo gosto, embora tenhamos certamente uma filosofia literária parecida. Você não gostou do Orígenes Lessa: eu acho que sua novela é dos pontos altos da escassa safra da nossa ficção no ano passado. Li que você apreciou o romance da Dinah Silveira de Queiroz: achei-o ruinzinho (ALENCAR [Correspondência]. Juiz de Fora, 10 fev. 1969).

Acreditamos que as missivistas estejam falando do romance **A noite sem homem**, quarto livro escrito por Orígenes Lessa, publicado em 1968, e que se constitui uma das obras mais desafiadoras no campo da ficção a tematizar sobre a prostituição. A obra traz a surpreendente história de um grupo de mulheres que faz uma verdadeira revolução no bordel em que trabalham. Após a decisão do chefe do bordel de aumentar o preço do programa a fim de alterar o perfil dos seus frequentadores para um patamar mais refinado, elas decidem não mais trabalhar, realizando uma greve, até que o dono decida repensar sua decisão e resolva adotar preços mais modestos, na intenção de manter a vasta clientela que sempre povoou a casa. Como reflete um dos personagens, é a greve mais original que já se viu – não é a greve de consumidor, por preços mais baixos, nem a de trabalhador, por salário mais alto. É a greve da própria mercadoria, exigindo a baixa de preços para ficar ao alcance do povo. E, por sua vez, o livro de Dinah Silveira de Queiroz que foi publicado em 1968, o romance **Verão dos infieis**, também trata da censura, corroborando com a questão. Ainda em relação ao livro citado de Lessa, prossegue Laís Corrêa:

De resto, nem poderia falar a respeito no jornal (mesmo contra) porque estamos, como todos, sob censura. Política, moral, religiosa, uma estupidez para este já sufocante Brasil. Como escreverei? Não posso falar de livro que toque em fome, miséria, revolta. Nem de livro “imoral”, nem contra a fé sacrossanta e o amor à pátria idolatrada. Difícil encontrar um livro que não toque nisto tudo e seja bom. Fico pelas periferias, falando besteiras, de besteiras. Isso me irrita ainda mais. Enfim, são os tempos de mediocridade que temos de atravessar, enfiando os pés na lama (ARAÚJO [Correspondência]. Belo Horizonte, 7 jan. 1969).

Neste trecho, podemos inferir que Laís Correa se revolta contra a censura imposta pela Ditadura Militar. Ou seja, devemos concordar com Orlandi (2007, p. 79) quando diz que “a censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito”. É importante lembrar que **A noite sem homem**, de Orígenes Lessa chegou a ganhar uma adaptação para o cinema, porém o filme acabou sendo proibido. Ao que Cosette de Alencar responde:

Releio sua carta de janeiro último, e nela reencontro a Laís de sempre, inquieta, insatisfeita, risonha, atemorizada e sensível. Bem bom é ser môça como você. Até mesmo esta angústia, que não raro tolda o que você escreve, é sinal de juventude. Você amadurecerá, chegará à tranquilidade compulsória que o tempo traz: e, se irá ganhar de um lado, perderá de outro. O que você chama de nervoso não será senão prurido da mocidade. Lembro-me de ter passado por uma fase semelhante, e dela não pequena saudade sinto agora! Hoje com a idade, veio a aceitação, melhor, veio a compreensão (ALENCAR [Correspondência]. Juiz de Fora, 10 fev. 1969).

Evidente que não podemos esquecer que este é o ponto de vista da autora, pois como afirma Santos, (1998, p. 27), através da correspondência é possível “rastrear posicionamentos e surpreender momentos em que o remetente se desnuda para o outro, projetando o que estava escondido ou o que lhe preocupava no momento”, e, acrescenta Galvão (2008), “a carta apresenta a verdade do indivíduo em uma determinada situação, em face de um determinado interlocutor” (GALVÃO, 2008, p. 28).

Sobre estes posicionamentos, Orlandi (2007) afirma que a censura é “a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proíbem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições” (ORLANDI, 2007, p. 104)

E continua: “a censura sempre coloca ‘um outro’ no jogo. Ela sempre se dá na relação do dizer de ‘um’ e do dizer do ‘outro’. É sempre em relação a um discurso outro – que, na censura, terá a função do limite – que um sujeito será ou não autorizado a dizer” (ORLANDI, 2007, p. 104, grifo do autor). Ou seja, são dois discursos em questão: o da cronista, intelectual que tem a função de alertar a sociedade; e o dos detentores do poder, que querem a todo momento cercear, controlar a informação ao qual a população terá acesso.

Enfim, Eleonora Santa Rosa (2006, p. 2) afirma que crises e interrupções na vida do **Suplemento Literário do Minas Gerais** ocorreram, acompanhadas da

conjuntura política do país - a primeira delas foi em 1969, quando a Ditadura Militar, impediu a sua continuidade.

A autora de **Sedução do Horizonte**, Laís Corrêa de Araújo, de fato, foi afastada da redação do **Suplemento Literário do Minas Gerais**, confirmando o pensamento do personagem Sinval Villaflor, de Cosette de Alencar: “Cada qual sofre seu destino de modo imutável e é certo que as coisas más por que esperamos raramente desenganam nossa espera” (ALENCAR, 1971, p. 229), portanto, a carta é também testemunha da vida intelectual e dos seus limites e enfrentamentos.

Na seção seguinte, será elaborada uma revisão de literatura acerca das teorias que sustentam esta investigação: os Arquivos pessoais, enquanto guardiões dos documentos e a Crítica genética sob o olhar da Epistolografia como fonte de pesquisa literária.

3 CARTA: UM DISCURSO EM TRÂNSITO

Escrever cartas é assim um pequeno ofício “literário” no sentido mais restritivo e convencional desse termo, pois ao escrever uma carta não se pode fugir a um código que modela e altera o que tão simplesmente queremos e gostaríamos de dizer. Faz-se literatura sem o querer (CASTRO, 2000, p. 17, grifo do autor).

Para ser parte constituinte da sociedade, é basilar que cada indivíduo produza inúmeros documentos que traduzam sua identidade, seus laços familiares e profissionais. Cartas, fotografias, diários, telegramas e cartões postais são alguns dos itens que os indivíduos guardam e que refletem a sua essência.

Com a finalidade de preservar e conservar esses itens, seus autores costumam depositá-los em instituições cujo objetivo seja a salvaguarda da memória cultural de uma nação, tais como arquivos, bibliotecas e museus. Esta coleção de documentos, custodiados nestes centros de informação, são chamados de arquivos pessoais e, especificamente no caso de coleção pertencente a escritores, arquivos pessoais literários (OLIVEIRA, 2012).

Nessa perspectiva, Phillipe Artières (1998) complementa que devemos manter arquivos “para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo, para existir no cotidiano” (ARTIÈRES, 1998, p. 11), em resumo, o indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ter sua identidade reconhecida. A partir do momento em que o homem passa a se valer da escrita para o registro de informações, é possível depreender a existência do “arquivamento do eu”, ao que Artières (1998, p. 11) brada que: “o anormal é o sem papel”.

Os arquivos pessoais são instrumentos culturais que servem de referência para a memória coletiva e para a pesquisa histórica. E, como informa Louis Hay (2003), “os documentos literários passaram a ser colecionados a partir do momento em que o culto ao grande escritor surgiu no imaginário coletivo” (HAY, 2003, p.68).

Podemos, então, afirmar que os arquivos pessoais refletem o que as pessoas fazem ou pensam, alertando que “está presente no arquivamento do escritor uma clara intenção autobiográfica” (MARQUES, 2003, p. 149), e como atesta Cury (1993) “a pesquisa em arquivos, envolvendo o resgate das assim chamadas fontes primárias, revela-se importante para se repensar o lugar da crítica e para revisão da literatura” (CURY, 1993, p. 78).

Ao mesmo tempo, relata Guimarães (2002), que a constituição dos acervos literários públicos não serve apenas para a preservação da memória, mas também

para a implantação da possibilidade de um conjunto de atividades fundamentais para os avanços de toda uma área de conhecimento.

Grande parte dos documentos custodiados nos arquivos são cartas, ao que Eliane Vasconcellos (2008, p. 382) nos informa que “durante muito tempo, a correspondência permaneceu sepultada nos arquivos públicos ou privados e [só] recentemente passou a ter valor como fonte primária”. E, Cury (1983) acrescenta que, “a pesquisa nos muitos acervos e arquivos que ainda permanecem praticamente intocados no nosso país, também ela deve ser incorporada aos estudos genéticos como material importante para a literatura e sua história” (CURY, 1993, p. 84).

Além disso, Afrânio Coutinho (2015, p. 110) define carta como “uma composição em prosa [...] dirigida a pessoa ausente, mantendo uma conversa a distância, relatando fatos do interesse de ambos, fornecendo notícias, ou apresentando sentimentos de dor ou alegria”. E acrescenta que correspondência “é o conjunto de cartas de uma pessoa ou a troca destas entre várias pessoas. As cartas também se chamam **letras**” (COUTINHO, 2015, p. 110, grifo nosso). Epístola, para Afrânio Coutinho (2015) é a carta com qualidades literárias ou em verso.

A pesquisadora Moema Rodrigues Brandão Mendes (2015, p. 132), entretanto, afirma que “a epistolografia – arte de escrever cartas – [...] é parte essencial na formação e desenvolvimento da cultura literária brasileira”. E considera que a importância das cartas “não está apenas em explicar e orientar o leitor com revelações biográficas, mas também em apresentar o contexto sociocultural da época permeado por valores éticos, morais e amorosos que frequentaram a sociedade vigente” (MENDES, 2015a, p. 132).

A partir destas reflexões, é significativo reconhecer a importância de se trabalhar a epistolografia como fonte de pesquisa literária constituída pelo viés da edição anotada ou edição de fontes de um lote de correspondência. Sobre isso, observa o teórico Marcos Antonio de Moraes (2001, p.11) que as notas da pesquisa enriquecem a leitura ao “iluminar o fragmentário, possibilitando o entendimento de situações individuais e histórico-artísticas que as cartas apenas nuançam”. E acrescenta que as edições de correspondências “criam um procedimento de anotação para os documentos, almejando superar tanto quanto possível o sentido

elíptico, crivado de alusões, inerente ao universo do discurso epistolar” (MORAES, 2001, p. 11).

Corroborando com esta afirmação, Louis Hay (2003, p. 76) defende que “a edição genética não tem somente como função fazer ler ou fazer ver. Ela deve também, fazer compreender”. E acrescenta, “Qual foi o processo de trabalho do escritor? Como interpretar a função de um caderno, [de uma carta?] o lugar de um acréscimo, o destino de um rabisco? Daí a utilidade de um comentário de acompanhamento da gênese” (HAY, 2003, p. 76). Alain Pagès (2017), adverte que a edição de uma correspondência

É tensionada por dois objetivos contraditórios: por um lado, o dever intelectual, que consiste em oferecer ao público um texto legível, uniformizado, livre de eventuais imperfeições; por outro, a necessidade de conservar, tanto quanto possível a mensagem contida nos manuscritos autógrafos (PAGÈS, 2017, p. 122).

Em relação à importância da descrição física do suporte das correspondências, Alain Pagès (2017) argumenta que

Uma carta comunica sua mensagem não somente pelo texto que propõe, mas também pela multiplicidade dos signos que acompanham o texto: a forma da escrita, a ocupação do espaço da página, o número de folhas, os acréscimos colocados nas margens e a assinatura (PAGÈS, 2017, p. 107).

E prossegue, comentando sobre a importância do envelope que contém a carta, essa “fina barreira de papel que protege o segredo da comunicação. Abrimos para descobrir o texto ali contido” (PAGÈS, 2017, p. 108).

Para, em seguida, indagar: “Será que as linhas inscritas no retângulo do envelope (também chamado de ‘sobrescrito’ – etimologicamente ‘a escrita em cima’) não poderiam ser consideradas como introdução da carta?” (PAGÈS, 2017, p. 108). Confirmando a importância dos envelopes, em nosso trabalho encontramos três cartas sem data no AEM/UFMG, porém as mesmas puderam ser inferidas pelo carimbo postal presentes nos envelopes. Pode-se também comprovar que Cosette de Alencar escrevia e enviava as cartas sempre no mesmo dia, fato que nos autoriza a utilizar a data dos envelopes como data provável de escritura dessas cartas.

Quanto ao suporte papel, materialidade das cartas pesquisadas, o estudioso Aloisio Arnaldo Nunes de Castro (2010, p. 42) adverte que “o papel é o suporte de

grande parte da nossa informação histórica”, motivo pelo qual devemos estar atentos aos princípios de preservação e conservação de nossos acervos.

A partir destas elucubrações, é dialogal concordar com Matildes Demétrio dos Santos (1998) que afirma ser a carta,

Um texto que, ao ser acionado, ilumina fatos e acontecimentos, oxigena impressões, deixa entrever sentimentos, revela experiências e tendências, com a clareza que deveria ter uma confissão. Daí a carta constituir-se em uma fonte riquíssima de informações sobre a biografia, a poética, o processo de escrita e as concepções de vida de seu autor (SANTOS, 1998, p. 15).

Santos (1998) traça um perfil histórico de correspondências famosas, entre elas, as de Madame de Sévigné, Monteiro Lobato e Mário de Andrade para mostrar a importância da epistolografia para os estudos literários. Para essa autora,

No efeito da leitura das cartas, certas questões rompem, muitas vezes, o limite estreito do discurso epistolar e podem servir até como suporte teórico para a compreensão do que parece extremamente enigmático na obra literária de um autor (SANTOS, 1998, p.26).

Dialogando com esta premissa, Moraes (2009, p. 124) articula que “uma carta, para ser compreendida de maneira mais abrangente em uma pesquisa, deve ser tomada dentro de um contexto histórico e emocional”. Ao que José-Luiz Diaz (2007) acrescenta,

O receptor não deve tão somente decifrar a “mensagem”, mas se colocar toda espécie de questões auxiliares que põem em jogo a materialidade do documento: Qual o lugar de emissão? Qual data? Que selo? Que papel? Que escritura? Que tamanho? Antes de mais nada, por que esta carta? Qual a ligação entre esta carta e a última recebida? (DIAZ, 2007, p. 143, grifo do autor).

Ainda, segundo Moraes (2009, p. 115, grifo do autor), “a carta por definição é uma partilha. Tem diversas faces: é um objeto (que se troca), um ato (que coloca em cena, o ‘eu’, o ‘ele’ e os ‘outros’), e um texto (que se pode publicar)”, e explica

Vista como **objeto** [...], a carta nos remete ao suporte e a seus significados, assim como à história das condições materiais da troca epistolar, enseja a discussão acerca de sua guarda/conservação em arquivos públicos e particulares, bem como as condições de acesso. [...] enquanto **ato** [...] a carta coloca “personagens em cena”. O remetente assume “papéis”, ajusta “máscaras”, em seu rosto, reinventando-se. [...] a carta como **texto**

interessa à retórica, à filologia e aos estudos linguísticos (MORAES, 2009, p. 116, grifo nosso).

Podemos, também, a partir da correspondência, desenhar uma imagem dos correspondentes, porém é sempre útil lembrar que ler uma correspondência não significa conhecer um autor como ele de fato foi, mas formar uma imagem acrescida de outros tons e enriquecida por certos ângulos (SANTOS, 1998).

Para Michel Foucault (2004), a carta torna o escritor presente para aquele a quem ele a envia, e considera que escrever cartas é

[...] “se mostrar” se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isto significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face (FOUCAULT, 2004, p. 156, grifo do autor).

Ao que Dias (2015) lembra que virtualmente toda carta, como fragmento, teria um grau variável de literariedade e de literalidade, podendo tocar as fronteiras, também móveis, de formas literárias como o diário, a (auto)biografia, as memórias, o ensaio, a crônica e o romance (DIAS, 2015, p. 189).

Prossegue Moraes (2007) afirmando que a carta como “arquivo da criação” proporciona valiosos elementos de fonte primária para os estudiosos da literatura e de outras artes, da mesma forma que fornece subsídios para as percepções teóricas da crítica genética (MORAES, 2007, p. 32).

Consoante informação recolhida por Mendes (2015b, p. 131), a carta é um gênero de fronteira e como tal “apresenta características bastante específicas, possuindo regras e exigências que a diferenciam de outros gêneros como local e data, saudação, texto, cumprimento final e assinatura”, e continua afirmando que para sua escritura “existem manuais, contendo normas importantes e indispensáveis ao conhecimento da arte de escrevê-las” (MENDES, 2015b, p. 131). Ao que Silva (1997, p. 9) define gênero de fronteira como

Uma modalidade de texto considerada periférica em relação aos três gêneros clássicos e tradicionais da literatura: o épico, o lírico e o dramático. Entre esses gêneros se encontram a psicografia mediúnica, o cordel, o ensaio, o prefácio, a crônica, a biografia, a memória, o romance histórico, a tradução, a epistolografia, o relato de viagem e o diário.

Dessa forma, Santos (1998) afirma que

As cartas extrapolam limites quando passam de simples fonte de consulta biográfica a objeto literário autônomo. Há correspondências que, pela ampliação dos fatos retratados e pela aplicação com que certos temas são desenvolvidos, adquirem um valor de documento ou ensaio (SANTOS, 1998, p. 32).

Fato que é corroborado por Petit (2000, p.118) quando afirma que uma correspondência pode sempre ser “esclarecedora sobre os costumes de uma época, representando, assim, uma verdadeira documentação histórica”. Ao que Mendes (2016) acrescenta “a correspondência ativa e passiva de um escritor é de grande importância para o estudo de sua obra e da obra de terceiros citados pelos signatários.

Nesse sentido, Silviano Santiago (2002, p. 20) informa que “a carta tem algo do diário íntimo e tem algo da prosa de ficção” e avisa que “no mesmo movimento em que o sujeito se abre ao outro para que este o conheça, ele também se dá a conhecer a si por si mesmo” (SANTIAGO, 2002, p. 30). E, Vasconcelos (2008, p. 381) afirma que nas cartas, “há um status peculiar entre o autor (signatário) e o leitor (destinatário), tendo muitas vezes valor de crônica”.

Ainda mais, ao ser questionada sobre a existência de uma teoria sobre o conceito de carta, Walnice Galvão (2008), lembra que “a disseminação do computador acabou com a carta e, na hora em que a matou, descobriram que era um objeto precioso” (GALVÃO, 2008, p. 15). E continua afirmando que a epistolografia tem a mesma origem da crítica genética: “o estudo dos processos de criação nos manuscritos só apareceu quando o computador obsoletizou o rascunho, que então se tornou uma coisa preciosa também” (GALVÃO, 2008, p. 15). A partir dessa assertiva, pode-se afirmar que, para a crítica genética, não é o texto como produto final que interessa, mas a análise do processo de produção textual, onde seja possível perceber as suas mudanças e dinâmicas de movimentação até o trabalho final, e as etapas que o texto percorreu (SANTOS, 2015, p. 190), ou seja, pode-se afirmar que a crítica genética se interessa pela compreensão do processo de produção do texto. Não lhe interessa a obra acabada, mas a obra em processo, em todas as suas etapas, em todas as suas corporificações textuais, muitas vezes discutidas nas cartas (GUIMARÃES, 2002).

Portanto, o importante para o geneticista é o processo criativo artístico, as etapas que o artista percorreu até chegar ao produto acabado.

Segundo Salles (2008) a crítica genética tem a curiosidade de “conhecer e compreender a criação em processo” (SALLES, 2008, p. 18). Dialogando com esta autora, Cury (1993) afirma que “o estudo do prototexto e das fontes revela o não dito do texto” (CURY, 1993, p. 83). E prossegue: “os interditos do texto [...] nos apontam para novas articulações com a história, com as dominantes ideológicas da época, com a história das ideias, com as coerções dos estilos que constituem a literatura como instituição” (CURY, 1993, p. 83).

Um ponto importante a ser lembrado é que com o estudo das primeiras edições, dos rascunhos, dos manuscritos pode-se reconstituir e fertilizar a análise da obra de um escritor, apreender mais criticamente a atuação do grupo do qual fazia parte e figurar os aspectos que compõem a articulação de ambos (CURY, 1993). Como acrescenta Vasconcelos (2008), os atuais estudos de crítica genética se valem cada vez mais da epistolografia como forma de desvendar as particularidades da criação literária.

Retomando a abordagem, Cury (1993) informa que o trabalho com fontes envolve o estudioso que procura classificar poemas, crônicas, críticas publicadas na imprensa, manuscritos e cartas. Então, é factível afirmar que o trabalho com fontes primárias preza pelo resgate da memória social.

Devemos estar cientes que a Epistolografia é um dos vieses da Crítica Genética, pois, “muitas são as descobertas empreendidas por meio da leitura de correspondências de escritores, que constituem peça fundamental para a interpretação de um processo criativo” (SANTOS, 2015, p. 193). Ao que Moraes (2007) afirma que a correspondência de escritores se abre para pelo menos três fecundas perspectivas de estudo: “primeiro, a expressão testemunhal que define um perfil biográfico; segundo, para apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período; e terceiro, como ‘arquivo da criação’ (MORAES, 2007, p. 30). Porém, infelizmente, como anuncia Santiago (2003) “tudo indica que, com o computador, o texto final da grande obra literária perderá grande parte da sua memória” (SANTIAGO, 2003, p. 24).

A edição anotada das fontes, consequência desta dissertação, servirá à identificação de personagens e de situações citadas e circunstâncias registradas nas missivas, facilitando a recepção destes documentos para os leitores de hoje.

Portanto, a este trabalho importa resgatar e conservar a memória das escritoras Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar, redescobrir e revalorizar autores que foram esquecidos, dando-lhes oportunidade de serem lidos no futuro.

3.1 EDIÇÃO DE FONTES E CRITÉRIOS

A correspondência trocada entre as missivistas foi transcrita na íntegra, acompanhada de notas explicativas ou fontes.

A transcrição dessas missivas obedeceu aos seguintes critérios:

1. As cartas foram numeradas de 1 a 23 para efeito de índice;
2. foi informado, em fonte Arial 12 antes de cada correspondência, o número da missiva em relação ao lote completo (1/23, 2/23, em sequência, para efeito de índice) seguido das abreviaturas da remetente, Laís Corrêa de Araújo (LCA), e da destinatária, Cosette de Alencar (CA), ou vice-versa com a troca de papéis;
3. foi elaborada a descrição física do manuscrito após as informações contidas no critério 2 e registradas em Arial 12;
4. foi conservada a ortografia original das cartas, mesmo em desacordo com a ortografia vigente, visando preservar a escrita e a ortografia da época como modo de guardar a memória linguística;
5. foi respeitada a pontuação original;
6. foi preservada a linguagem coloquial;
7. foram preservados os trechos grifados;
8. foram mantidos os sublinhados em palavras ou expressões;
9. foram, os textos, transcritos na íntegra;
10. foram desdobradas em notas as abreviações;
11. foram registradas, em Arial 12, as notas ou fontes inseridas em cada missiva, já que constituem o fundamento do objeto de estudo;
12. foi informada em cada nota a referência de consulta a fim de respeitar a exigência de um texto acadêmico resultado de uma pesquisa *Stricto sensu*;
13. foram preservadas as rasuras e, quando silenciosas, foram registradas com a palavra ilegível, entre colchetes;
14. foram transcritas ao final de cada missiva, as anotações feitas nas marginais;
15. foi padronizada a indicação das datas na correspondência;

16. o [sic] foi utilizado para identificar possíveis desvios em relação ao uso adequado do padrão culto da língua/linguagem em suas raras ocorrências;
17. na elaboração das notas, às transcrições integrais, acompanham a referência acrescida da página, quando parafraseadas acompanha somente a data do ano da obra.

3.2 QUERO SABER DA VIDA ALHEIA

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia

(Mário de Andrade *apud* MORAES, 2007, p. 124)

A correspondência recíproca escrita entre Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar foi transcrita a partir de seus originais autógrafos depositados no Museu de Arte Murilo Mendes (UFJF) e no Acervo de Escritores Mineiros (UFMG). O lote epistolográfico é composto, como já informado e aqui, propositalmente retomado, por 23 cartas inéditas escritas durante o ano de 1969.

Porém, vale informar, acerca da edição das fontes, a ocorrência de um imprevisto, que foi a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), fato que dificultou o término do trabalho. Por este motivo, acredita-se que seja importante traçar um histórico dessa doença.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na República Popular da China. Tratava-se de um novo tipo de coronavírus que não havia sido identificado antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, o novo coronavírus foi nomeado como SARS-CoV-2¹¹. Já em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global

¹¹ O SARS-CoV-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome) é um tipo de coronavírus (CoV) que ficou conhecido por causar a doença classificada como COVID-19, uma sigla que vem do inglês **C**orona **V**irus **D**isease, do ano de 2019 (BRASIL, 2020).

para interromper a propagação do vírus. Em 26 de fevereiro de 2020 foi confirmado primeiro caso de coronavírus no Brasil.

Ainda não existem medicamentos específicos para o tratamento da infecção pelo COVID-19. Entretanto, algumas medidas de suporte devem ser sempre implementadas, entre elas o isolamento social e a quarentena. O Protocolo de manejo clínico do coronavírus, do Ministério da Saúde do Brasil (2020) define que a quarentena deve ser adotada pelo prazo de até 40 dias, podendo ser estendida por tempo necessário, determinada por ato administrativo formal estabelecido pelas secretarias de saúde dos estados, municípios, do Distrito Federal ou ministro de estado da saúde. Nesse quesito, vale acrescentar que os governos municipal e estadual do Rio de Janeiro anunciaram, a partir de 13 de março de 2020, algumas medidas para evitar a propagação da doença: eventos com aglomeração de pessoas estão proibidos; as aulas da rede pública foram canceladas; as instituições públicas e o comércio foram fechados, somente serviços essenciais (hospitais, bancos, supermercados) poderiam continuar funcionando.

Obviamente, a partir desta medida, bibliotecas, museus e arquivos, instituições importantes para a conclusão desta pesquisa foram fechadas, o que inviabilizou a continuidade de algumas – poucas – fontes importantes para esta dissertação, motivo pelo qual levou-nos a adotar a seguinte medida: **Informação não localizada devido à pandemia do COVID-19.**

Feito este breve comentário, a seguir, encontram-se as transcrições das cartas, acrescidas das fontes elaboradas.

Carta 1/23 de LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 07 de janeiro de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege com manchas amarelas, folhas com marcas de dobras. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 3 folhas.

BHte, 7.1.69

Cosette;

por intermédio de Valquíria, recebi notícias suas e também o generoso presente para os meninos... que, naturalmente, acabaram com êle imediatamente. Muito obrigada por mais essa prova de gentileza.

Sim, o Natal e o fim de ano são épocas que me deixam deprimida. É curioso: quando menina, não havia, por falta de condições materiais, natal, nem mesmo um presentinho. Quando moça “resolvi” ter natal e organizava tudo, com alegria exuberante, para que fosse uma festa linda. E era. Casada, continuei a reunir a família na minha casa, fazíamos enormes ceias, presentes mil. Depois... perdi meu irmão Leonardo. Apesar disto, insisti em que continuássemos a tradição. Logo em seguida, porém, perdi meu irmão Cícero, inesperadamente; como êle era o mais alegre de todos, o que fazia questão de movimento e barulho, o golpe foi grande demais. Daí em diante, Zilah recusou-se a participar do natal – e nós todos já o fazemos apenas como “obrigação”, e esta por causa das crianças que se acostumaram com a festa. Mas é uma coisa, no fim, melancólica e esvaziada de sentido, quase um fingimento, algo de forçado e que a gente fica aflita por acabar... As coisas, também, ficaram mais difíceis, materialmente, mas não sei se é isto, ou se vem de dentro, o certo é que tudo empobrece, em melancolia e desengano. Em todo o caso, como o que nos resta é o sentido de família¹ (único amor perdurável), é preciso continuar, aguentar, vencer-nos a nós mesmos. Faço o possível, faço o máximo, afivelo um sorriso no rosto, junto-me à expectativa dos meninos, que ainda não conhecem o peso da vida. Representando de ser feliz, consigo um bom resultado e vou tocando o resto...

A angústia diante do futuro permanece, recrudesce com o início de outro ano. Pergunto-me: quem? e fico apavorada, tudo para mim é medo e susto. Não há psicanálise que me convença a aceitar os dias com simplicidade e naturalidade. Sou um grande feixe de nervos, sempre apesar das tentativas de racionalizar e

raciocinar normalmente. Neste fim de ano, justamente, perdemos uma prima e na verdade, eu pouco a conhecia. Filha de minha prima, uma jovem de 22 anos, estava noiva e foi dançar no dia 31. Na volta, o noivo se arrisca no volante, há um desastre, e ele morre imediatamente. Assim, iniciei o ano, assistindo a um enterro dos mais terríveis que já vi (imagine o desespero dos pais!), vendo aquela moça lindíssima, ainda com a leve e delicada maquilagem da festa, se fazendo quieta e sossegada, quando era exuberante e feliz. Pareceu-me um mau presságio, e até hoje me ficam nos olhos o pai enlouquecido, a mãe estagnada na sua incompreensão, as amiguinhas em volta com jeito espantado e vago. “Viver é muito perigoso”, disse o Guimarães Rosa², e a canção popular repete: “tudo é perigoso”. E eu esqueço o resto: “tudo é divino, maravilhoso³!” Soubéssemos aproveitar ao menos os pedaços gostosos, mas nem os percebemos no momento. Enfim, isto não é carta para princípio de ano: devo repetir-lhes os votos de praxe, acrescentando-lhes o coração. De verdade, desejo aos amigos – hão em certos dias, mas sempre – paz, saúde e alegria, o que é possuir o mundo! O resto que se dane, são quinquilharias.

Estive também por deixar o jornal. Não é brincadeira, tive neste fim de ano uma estafa terrível, um nôjo por tudo, um tédio besta, e pensei que seria melhor eu voltar para a minha repartição, onde não há trabalho, verdade que teria de sair de casa diariamente, ir lá, “fazer hora”. Mas depois eu voltaria leve, sem nada em que pensar, sem ter de ler nada, a não ser aquilo que eu quisesse, quando quisesse. Iria à cidade, veria gente, vitrines, sairia um pouco de mim, de minhas preocupações tolas. Mas pelo Affonso⁴, que me prefere em casa, pelo Murilo⁵, que me acha “indispensável”, acabei concordando em continuar a escrever as minhas tolices. Muito de má vontade, juro. Também, no fim de ano e princípio de outro, quase não se publicam livros, é um programa das editoras. E a gente fica sem saber sobre que falar. Li o livro de Orígenes Lessa⁶, por sua causa. Não gostei. Depois que o Henry Miller⁷ começou a circular no Brasil, todos os romancistas resolveram soltar as línguas e falar de temas escabrosos. Porém sem o talento do Americano, não convencem. Que é o livro do O. Lessa, afinal? Uma estória de greve, mais nada. Nem mesmo a miséria, a pena, a tristeza estão ali, há uma gratuidade em tudo. Não, não gostei mesmo. De resto, nem poderia falar a respeito no jornal (mesmo contra) porque estamos, como todos, sob censura. Política, moral, religiosa, uma outra estupidez para este já sufocante Brasil. Como escreverei? Não posso falar de livro que toque em fome, miséria, revolta. Nem de livro “imoral”, nem contra a fé

sacrossanta e o amor à pátria idolatrada. Difícil encontrar um livro que não toque nisto tudo e seja bom. Fico pelas periferias, falando besteira de besteiras... Isso me irrita ainda mais. Enfim, são os tempos de mediocridade que temos de atravessar, enfiando os pés na lama da burrice. Com o risco de nos deixarmos contaminar.

Soube também pela Valquíria que a casa está quase pronta. Como está calor, combinei mais ou menos com ela ir até Juiz de Fora, na volta. Espero poder cumprir a promessa. Então nos veremos com calma. Antes, devemos ir a Diamantina⁸, para o lançamento do número especial sobre a cidade. Ficaram entusiasmados com o jornal e nos convidaram para uma comemoração coletiva. Já é uma forma de distração.

Cristina fez questão de lhe enviar um agradecimento particular. Segue separado, com ela quer, para ficar “importante”. Está apertada, agora, fazendo um curso de férias para o exame de admissão. Mas se eu for mesmo a Juiz de Fora, hei de levá-la, pois merece um passeio, pela bondade e correção nos estudos.

Que calor! Suo loucamente, enquanto escrevo. Mas mil vezes o sol que a chuva e o frio deprimentes! Ao menos me faz imaginar que vou melhorar, vou me sentir mais contente e tranquila, em breve.

Meu abraço,

¹ Laís Corrêa de Araújo tinha sete irmãos: Leonardo, Zilah, Plácido, Leda, Maria Lysia, Cícero e Djalma; e cinco filhos: Paulo, Myriam, Carlos, Cristina e Mônica. Suas irmãs Zilah e Maria Lysia também seguiram a carreira literária (MACIEL, 2002).

² “Viver é muito perigoso... Porque aprender a viver é que é o viver mesmo... Travessia perigosa, mas é a da vida. Sertão que se alteia e abaixa... O mais difícil não é um ser bom e proceder honesto, dificultoso mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até o rabo da palavra. Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiariar. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar consertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo”. (ROSA, 2001.p. 33).

Segundo o crítico Fábio Lucas, **Grande sertão: veredas** é o romance do lúdico exercício de viver, do combate inútil pelo poder hipotético, do vazio ardente, misto de rapsódia e saga sertaneja. O combate é a lei, a vida tem uma dinâmica gerada pelo heroísmo, a vitória tem um objeto em si, não se realiza no instinto possessivo dos homens e das coisas. O campo de ação, a vida, é uma travessia insaciável. Guimarães Rosa incorporou um tema, uma região e uma linguagem ao patrimônio da literatura universal (LUCAS, 1968).

³ **Divino Maravilhoso**

Composição: Caetano Veloso e Gilberto Gil

Atenção ao dobrar uma esquina
 Uma alegria, atenção menina
 Você vem, quantos anos você tem?
 Atenção, precisa ter olhos firmes
 Pra este sol, para esta escuridão
 Atenção
 Tudo é perigoso
 Tudo é divino maravilhoso

Atenção para o refrão
 É preciso estar atento e forte
 Não temos tempo de temer a morte
 Atenção para a estrofe e pro refrão
 Pro palavrão, para a palavra de ordem
 Atenção para o samba exaltação

Atenção
 Tudo é perigoso
 Tudo é divino maravilhoso
 Atenção para o refrão
 É preciso estar atento e forte
 Não temos tempo de temer a morte

Atenção para as janelas no alto
Atenção ao pisar o asfalto, o mangue
Atenção para o sangue sobre o chão

Atenção
Tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Atenção para o refrão
É preciso estar atento e forte.

Divino, Maravilhoso é uma das canções que mais representam o período da chamada primeira metade da Ditadura Militar. Composição de Caetano Veloso e Gilberto Gil, a música foi apresentada no IV Festival da Música Popular Brasileira da TV Record entre novembro e dezembro de 1968, com a final quatro dias antes da edição do Ato Institucional número 5 (AI 5), que instituiu a censura, proibiu o *Habeas Corpus*, intensificou a Lei de Segurança Nacional e com ele iniciou-se a segunda fase do Regime Militar, uma fase de terror e morte. **Divino, Maravilhoso** abordou o período de violência e confusão em que se encontrava a juventude brasileira, sobretudo aquela que buscava na mobilização de rua a sua forma de expressão e participação política. O sucesso da música foi tanto que ela foi usada para batizar o anárquico programa da TV Tupi, que foi ao ar em 28 de outubro de 1968 (DELGADO, 2011).

⁴ Afonso Ávila (1928-2012). Poeta, jornalista, crítico literário, ensaísta e um dos maiores pesquisadores do barroco no Brasil. Bacharel em Direito, pela UFMG, casado com a escritora Laís Corrêa de Araújo (em fevereiro de 1952). Esteve à frente da revista **Barroco**, entre os anos 1969 e 1996, das revistas **Vocação** (1951) e **Tendência** (1957), além de colaborar com a revista de arte de vanguarda **Invenção**, em 1962. Atuou como diretor do Suplemento Dominical do jornal **Estado de Minas**, responsável pelo lançamento de toda uma nova geração de escritores mineiros. Enquanto diretor da Superintendência de Pesquisa e Tombamento do Instituto Histórico e Artístico de Minas Gerais, contribuiu com diversos projetos de preservação das cidades históricas de Minas Gerais. Ganador de numerosos

prêmios, entre eles o Prêmio Jabuti de poesia pela obra **O visto e o imaginado**, em 1991. Títulos publicados: **O açude e sonetos de descoberta** (1953); **Código de Minas e poesia anterior** (1953); **Carta do solo** (1961); **Resíduos seiscentistas em Minas** (1967); **O poeta e a consciência crítica** (1969); **O lúdico e as projeções do mundo barroco** (1971); **Código nacional de trânsito** (1972); **Cantaria barroca** (1975); **Discurso da difamação do poeta** (1978); **Masturbações** (1980); **Barrocolagens** (1981); **Delírio dos cinquent'anos** (1984); **O visto e o imaginado** (1990); **Catas de Aluvião: do pensar e do ser em Minas** (2000); **A lógica do erro** (2002); **Cantigas do falso Alfonso el sábio** (2006); **Poeta poente** (2010); **Égloga da maçã** (2012), (JACINTO, 2019, p. 20).

⁵ Murilo Rubião (1916-1991). Advogado, funcionário público e jornalista, Murilo Eugênio Rubião se tornou conhecido como contista, sendo considerado pela crítica literária brasileira e internacional como o precursor do realismo fantástico latino-americano. A atividade na imprensa, como redator da **Folha de Minas**, inicia-se na época da faculdade, quando funda em 1939, com um grupo de estudantes, a revista **Tentativa**. Posteriormente, exerceu a função de redator da **Folha de Minas** e das revistas **Bello Horizonte** e **Mensagem**. Em 1943, assume a direção da Rádio Inconfidência de Minas Gerais e trabalha como professor nos colégios Sagrado Coração de Jesus e Arnaldo. Em 1950, é designado Diretor interino da **Imprensa Oficial** e do jornal **Folha de Minas**. Em 1966, Murilo Rubião é designado pelo governador Israel Pinheiro para organizar o **Suplemento Literário do Minas Gerais**, publicação que dirige até 1969 – quando assume a chefia do Departamento de Publicações da Imprensa Oficial. Desde a década de 1970, alguns de seus contos vêm sendo adaptados para o cinema e para o teatro. Sua obra é constituída pelos livros: **O ex-mágico** (1947); **A estrela vermelha** (1953); **Os dragões e outros contos** (1965); **O pirotécnico Zacarias** (1974); **O convidado** (1974); **A casa do girassol vermelho** (1978); **O homem do boné cinzento e outras histórias** (1990), (CABRAL, 2016, p. 177).

⁶ É possível afirmar que a escritora esteja falando do livro **A noite sem homem** (1968), de Orígenes Lessa (1903-1986). Na ficção brasileira, Orígenes Lessa reaparece com um livro bastante diferente de todos os outros que já publicara: **A**

noite sem homem, um romance forte em que enfrenta o assunto patético, perigoso e trágico de um grupo de mulheres que resolvem decidir o seu problema de classe, contra o seu patrão, o dono de um bordel. A linguagem, como não podia deixar de ser, é dura e chocante, sem subterfúgios e sem preconceitos (ARAÚJO, 1969c).

⁷ Henry Miller, escritor norte-americano. Nasceu nos Estados Unidos, onde passou a infância e a mocidade nos bairros mais sórdidos e miseráveis do Brooklin, mudou-se mais tarde para a Europa, vivendo em Paris em extrema pobreza e conhecendo todas as degradações. Nessa época escreveu os seus famosos **Trópicos** que foram consideradas obras licenciosas e por isso proibidas de circular em diversos países, inclusive nos Estados Unidos. Mais tarde, tendo voltado já a seu país, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, veio o sucesso literário e econômico. Quase toda sua obra é autobiográfica. Em Miller, não encontramos nenhuma organização estrutural ou uma técnica narrativa determinada, mas um jorro de palavras que flui turbulenta e violentamente, sem haver uma preocupação estritamente literária ou ficcional. Henry Miller compõe uma prosa desordenada e áspera. A propalada obscenidade de Miller, sua utilização das palavras nuas, em estado semântico, seu desprezo pela metáfora com que ainda se quer envolver o sexo, são os pontos de choque da sua obra, que assim tem sido subvertida por leitores de reações primitivas. Por tudo isso, o lado realmente grave e chocante de seus livros - a sua consciência da podridão e das ruínas que os homens sistematicamente produzem por desespero ou por falta de um sentido existencial - acaba passando despercebido ou é menosprezado no meio de sua linguagem desinibida (ARAÚJO, 1967a).

⁸ O número especial do **Suplemento Literário** dedicado à cidade de Diamantina foi organizado por Afonso Ávila, e foi publicado no dia 28 de dezembro de 1968 (ANEXO A).

Carta 2/23 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 10 de fevereiro de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege, folhas com marcas de dobras e sinais de ferrugem no verso. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 4 folhas.

BH, 15.2.69

Laís,

Entrei em 69 com o pé esquerdo, ao que parece. Logo nos primeiros dias de janeiro uma dor no braço que remédios caseiros não conseguiram debelar, levou-me ao vexame do exame médico e do raio x. Apurou-se que eu estava beneficiada com uma bursite, um dos negócios mais chatos que podem atropelar a vida da gente. De bursite a tiracolo venho eu andando desde então, o braço esquerdo mais esquerdo do que nunca, às vezes varada de dôres (que suporto muito mal) e tomada daquele desânimo que o sofrimento físico não deixa de gerar nos de têmpera fraca. Pus a Remington de lado, só para alinhavar, e mal, as coisas do jornal dela me aproximando, [ilegível] catando milho com um dedo incerto, o [ilegível] que explica meu silêncio. Desculpe-me por não lhe ter enviado uma linha, sobretudo de agradecimento [ilegível] ao bilhete da Cristina. Fiquei muito contente de saber que você a trará quando vier a J. de Fora. Será um prazer revê-la.

No mais, é a rotina. Acontece, porém, que a rotina nos parece bastante amável quando a olhamos de dentro de um aborrecimento imprevisto. Já dizia nosso mestre Machado que é preferível cair-se das nuvens a cair de um terceiro andar⁹. Sou da mesma opinião e pertenço igualmente ao número dos que só suportam bem as cólicas alheias. Não digo que a bursite dos outros me alegre, seria exagerar: mas, enfim, não me incomoda nem a metade do que vem me incomodando a que me coube. É engraçado como a gente se comove pouco com as dôres dos demais. Acho que foi Boileau quem definiu bem esta indiferença egoísta: *L'esprit n'est point ému de ce qu'il ne croit*¹⁰. E, em suma, para acreditar numa pedrinha de cálcio torturando uma articulação, precisamos de tê-la em nós mesmos...

Releio sua carta de janeiro último, e nela reencontro a Laís de sempre, inquieta, insatisfeita, risonha, atemorizada e sensível. Bem bom é ser môça como

você. Até mesmo esta angústia, que não raro tolda o que você escreve, é sinal de juventude. “INQUIETUDE, MELANCOLIA¹¹”, já leu? É um romance do Frieiro, muito bom, com estudo arguto desta condição do ser jovem. Se não me engano, a êste respeito, você lembra um pouco o Basileu, herói dêste livro. Estou citando de memória, não sei se cito com justeza. Você amadurecerá, chegará à tranquilidade compulsória que o tempo traz: e, se irá ganhar de um lado, perderá de outro. O que você chama de nervoso não será senão prurido da mocidade. Lembro-me de ter passado por uma fase semelhante, e dela não pequena saudade sinto agora! Hoje com a idade, veio a aceitação, melhor, veio a compreensão. Mais tranquilo, sim, muito [rasura] menos divertido também. Agora, o que você não deve fazer é deixar-se dominar por pensamentos negros, temores infundados, e tomar resoluções precipitadas. Por exemplo: [ilegível] abandonar o jornal. Sua estafa virá menos do trabalho que êle lhe dá do que do peso de muitas responsabilidades simultâneas. Creia-me: este trabalho constitui, justamente, o equilíbrio para o cotidiano de seus encargos de mãe de família, ponte e fuga, brecha para evasão. Não se prive dêle, de modo algum. Muito mais arejado do que a nauseante inutilidade do papelório da repartição, muito mais útil também. Mas sei que estou pregando o padre-nosso ao vigário: você não sairá do jornal, que a tem bem prêsa, e não é só porque o Murilo saiba retê-la. É que você mesma gosta desta tarefa, que ninguém realiza obstinadamente sem o apoio da vocação. É certo que a gente reconhece quando tem autocrítica, o nenhum valor dos próprios [ilegível] rabiscos: não é motivo para suspender a rabiscação. Não aconselha Sartre o célebre “nulla dies sine linea¹²”? Antes dêle, e já repisando o latino, Zola¹³ a mesma advertência fazia aos escribas. De meu pai¹⁴, muitas vezes ouvi o mesmo conselho que, para êle, era ponto de doutrina respeitável. Vamos continuar rabiscando, quem sabe atingiremos pelo menos o mérito do esforço sofridamente dispensado?

De resto, o momento não é muito brilhante neste setor das letras nacionais. Muitas são as vozes, mas quanto a nozes... Penso que nós não temos exatamente o mesmo gôsto, embora tenhamos certamente uma filosofia literária parecida. Você não gostou do Orígenes Lessa: eu acho que sua novela é dos pontos altos da escassa safra da nossa ficção no ano passado. Li que você apreciou o romance da Dinah Silveira de Queiroz¹⁵: achei-o ruinzinho. Aliás, esta Dinah... Parece-me exemplo excelente da pequena seriedade da nossa crítica. Quem lhe fêz o nome, assentando-lhe na cabeça de recursos tão limitados, a auréola de monstro sagrado

da nossa ficção? Eu acho que, no setor feminino, não temos ainda nomes bastante respaldados em obra válida para a competição neste setor: uma Lúcia Miguel Pereira¹⁶, uma Raquel¹⁷ (hoje decadente), uma Clarice¹⁸... Outros nomes existem, eu sei, com bagagem realizada. Não pesam muito na balança.

Como Juiz de Fora é passagem para o Rio, é frequente passarem pela redação escritores que voltam das férias, ou que partem para as férias: foi assim que eu conheci, em pessoa, o Orígenes Lessa. Muito acabado, muito envelhecido, mas simpático, discreto, de fala contada, lá me apareceu comboiando uma escritora argentina e uma moçoila, esta incógnita. Depois, ou melhor, antes, foi a vez do Antônio Olinto¹⁹, com um séquito enorme. E sempre me aparece o Ivan Vasconcelos²⁰, o Edmundo Lys²¹ também. Mas tive prazer de conhecer foi o João Felício dos Santos²². E até me surgir um editor, o Hugo Novais, da Edinova²³. Conhece?

Ah, mas o que me entristeceu foi a morte do Agripa²⁴. Que pena! Perda enorme para as letras mineiras, de que foi expoente o homem de Matozinhos. Não o conheci pessoalmente, mas admirava-o. Era uma fôrça da natureza êste Agripa, torrencial, ciclópico, extrovertido, sem ligação com a chamada “mineiridade”. Nada de disciplina de estilo, de contenção, de maneirismo: com êle, era o verbo. Sabe que, no dia mesmo em que foi acometido de um insulto cerebral, havia êle me mandado uma lembrança? Recebi-a com espanto enorme, sem saber como explicá-la. Depois, a Mara, filha dêle, escreveu-me, dando-me esclarecimentos. E foi ela que, agora tornou a escrever-me para falar-me da morte do pai. Ah, uma pena. Estêve também aqui em casa o filho do Oscar Negrão de Lima, que me trouxe uma cópia do discurso do pai na sessão de posse na Academia²⁵. É peça razoável, sem qualidades maiores, mas honesta. Vê-se que o Oscar não privava com o Nélon²⁶: quanto ao papai, tenho como certo de que o nôvo ocupante da cadeira n. 21 da casa da rua Carijós pouco o leu, e do pouco que leu menos ainda entendeu... Sans malice²⁷.

Livros que li, e de que gostei: as memórias de Murilo Mendes (A IDADE DO SERROTE²⁸), as memórias de Afonso Arinos de Melo Franco (PLANALTO²⁹), as memórias de Maria Helena Cardoso (POR ONDE ANDOU MEU CORAÇÃO³⁰). Já leu? Todos eles valem a pena. E apareceu uma contista que promete, Maria Cecília Caldeira (CORRENTE DE UM ELO SÓ³¹). Original, forte. Mas o que eu estou lendo mesmo é Flaubert³², que fô sempre motivo de enleio para mim. Estou a reler-lhe os

volumes da CORRESPONDANCE, e estou adorando. “La vie n’est supportable qu’avec une ivresse quelconque³³”, diz êle: e como cada qual se embriaga como pode, ou como sabe, ou como quer, vou eu embebedando-me com o pessimismo flaubertiano. É, pelo menos, pessimismo de boa água.

E você acreditará que ainda não terminei a casa? As verbas estouram e a danada não sai: só agora se começa o trabalho de pintura. Mas espero vê-la terminada até março, se antes, o desespero não me matar. Terei muita satisfação em recebe-los tão logo me mude: esta mudança será simbólica, pois a casa nova é contígua à velha. Nem mesmo o número mudará. Uma palavrinha de Flaubert para você: “Il ne faut pas se griser avec son chagrin malgré l’attrait qu’on y trouve³⁴”. E, no seu caso, que pesar você tem? A mim, você me parece de sorte invejável: môça, cheia de saúde, inteligente, com uma bela família... Sim, você é rica.

Um abraço e até breve, aqui

Laís

⁹ “Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens que de um terceiro andar” (ASSIS, 2008, p. 146). Ficar com a cabeça nas nuvens significa sonhar, fantasiar, estar fora da realidade; cair das nuvens, em contrapartida, significa pôr os pés de volta no chão, enfrentar a realidade, sofrer uma decepção. O provérbio, então, significa que é melhor descobrir que foi enganado, do que ser ferido fisicamente ou morrer.

¹⁰ Tradução nossa: A mente não é movida pelo que acredita.

¹¹ Eduardo Frieiro é mineiro nascido em 1892, filho de imigrantes espanhóis. Foi professor de Literatura hispano-americana na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais e membro da Academia Mineira de Letras. **Inquietude, melancolia** é a sua obra mais alta. Aquela que nos deixa também uma singular impressão de derrota e melancolia – a melancolia de nos debruçarmos sobre um destino como o de Basileu Prisco, herói do romance, mas sem nenhuma espécie de heroísmo, senão a de flagelar-se continuamente com a contemplação da insuficiência e do fracasso de sua própria vida. O caso de Basileu Prisco não é

muito difícil de resumir. Como toda obra de ficção em que a realidade interior supera a exterior, quando não a absorve e substitui, este é um livro mais de palavra que de ação. Os homens que aí circulam são quase todos disputadores mansos e é o autor que se vale deles para determinar, sobre este ou aquele problema, o seu ponto-de-vista. Operação em que Eduardo Frieiro é habilíssimo, não cansando, nem assustando nunca o leitor, que a cada página do livro vai descobrindo a fisionomia desse intelectual puro, amoroso da inteligência e ao mesmo tempo enfasiado dela, que é o romancista de **Inquietude, melancolia**. Tecnicamente, pode-se dizer que Eduardo Frieiro conseguiu fazer um romance moderno com material clássico. Ele moldou uma língua impecável e de boa família vernácula às exigências e necessidades do momento (ANDRADE, 1967).

¹² A sentença latina *Nulla dies sine linea*, remonta à mais alta Antiguidade. Plínio, o Velho a menciona em sua **História natural** e a atribui ao pintor grego do século IV a.C., Apeles. Se desenvolvemos, seu conteúdo significa: nenhum dia sem traçar uma linha com o pincel (PAGÈS, 2017). Ou seja, Laís Corrêa de Araújo tenta fazer do seu trabalho (escrever) uma rotina.

¹³ Émile Zola (1840-1902), romancista francês. Os indivíduos de Zola não são abstrações personificadas; são, ao contrário, “casos” atípicos, exemplificações de conceitos abstratos. Não são maníacos, obcecados por determinada paixão. Até pode acontecer que não tenham nenhum caráter definido, pois o mundo de Zola não é estático, encontra-se em movimento, em evolução, conforme as leis da biologia, do darwinismo, da hereditariedade. A mera observação dos fatos sociais já não basta para dominá-los. Precisa-se, para tanto, de uma teoria científica. É o determinismo de Claude Bernard: fornece as razões do comportamento dos indivíduos. Mas, paradoxalmente, essa teoria não determina o comportamento ideológico do romancista. Algumas obras: **Os Rougons-Macquarts: história natural e social de uma família no Segundo Império** (1871-1893); **Germinal** (1885); **Os Quatro evangelhos** (1899-1903), (CARPEAUX, 2008, v. 3, p. 1928).

¹⁴ Cosette de Alencar era filha do também escritor Gilberto de Alencar (1866-1961). Gilberto Napoleão Augusto de Alencar, filho do médico e escritor cearense Fernando

de Alencar, primo e afilhado de José de Alencar foi escritor, jornalista, professor, tradutor e funcionário público. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Ouro Preto e um dos fundadores da Academia Mineira de Letras. Recebeu o título de Cidadão Honorário de Juiz de Fora. Casado com Sofia Áurea do Espírito Santo de Alencar, também mineira, teve cinco filhos: Heitor de Alencar, Emília de Alencar, Cosette de Alencar, Maria da Conceição de Alencar e Fernando de Alencar. Gilberto de Alencar publicou várias obras, entre elas: **Prosa rude, Misael e Maria Rita, Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, Reconquista, Tal Dia é o batizado**. E ainda os manuscritos inéditos: **O retrato da sala de visitas e O crime da rua do sapo** (ARAÚJO, 2018).

¹⁵ É possível afirmar que se trata do livro **Verão dos infiéis**, de Dinah Silveira de Queiróz (1910-1982). Dentre os livros que Dinah Silveira de Queiróz escreveu, este sinaliza uma nova etapa na carreira da escritora, não somente pela temática, como sob o ponto de vista técnico, tomado ao *nouveau roman* francês, diferente, portanto, de seus livros anteriores. É um romance no qual um chefe de família, Domingos, ausente é chamado às pressas pela esposa, Valentina, para resolver um grave problema da família. E só conseguirá o seu intento com a paz, porque se a podridão e o vício já tomaram conta da vida irregular dos filhos, com a violência nada conseguirá, pois os filhos são jovens e estão revoltados como um mundo do qual discordam (DAMATA, 1969).

¹⁶ Lúcia Miguel Pereira (1903-1959). Romancista, biógrafa, historiadora de literatura, intelectual de destaque no cenário cultural brasileiro dos anos de 1930 e 1950, Lúcia Vera Miguel Pereira nasceu em Barbacena (MG). Iniciou sua carreira literária em 1937, colaborando no **Boletim de Ariel**, revista literária dirigida por Agripino Grieco e Gastão Cruls e na qual figuravam os melhores nomes da intelectualidade brasileira no momento. Entre os inúmeros órgãos de imprensa em que colaborou estão: **O Jornal, A Lanterna Verde, Revista do Brasil e Correio da Manhã**. Estreia como romancista em 1933, com o romance **Maria Luísa**, ao qual se seguem, **Em Surdina** (1933), **Amanhecer** (1938) e **Cabra-cega** (1954), que não chegaram a ser grande sucesso de crítica e de público. Em 1936, publicou o mais importante ensaio crítico e biográfico de Machado de Assis. Escreveu também para crianças: **A fada**

menina, **A floresta mágica**, **Maria e seus bonecos**, **A ilha do rio verde** (COELHO, 2002, p. 370).

¹⁷ Infere-se que seja Rachel de Queiroz, prima de Cosette de Alencar. Romancista de grande força, primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, presença emblemática em nossa literatura, jornalista, cronista, ensaísta, tradutora, teatróloga, Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza (CE). Sua obra espelha a sua formação: a da vivência física e emocional com a natureza do sertão (com sua gente simples, sofredora, e dotada de uma obscura grandeza humana), a da convivência apaixonada com a literatura e as ideias que movimentam o mundo; e também a da vivência humanista (o respeito pelo ser humano, independente do lugar que ocupe na hierarquia social ou econômica). Escritora de linhagem humanista, Rachel de Queiroz revela em seu universo literário a crença de que o humano se caracteriza pela vida do espírito, aquela que decide, no íntimo sentir de cada um, o verdadeiro valor das coisas, pois, reduzidas a si mesmas, elas não valem nada. Consciente de que toda mudança estrutural, em qualquer sistema social, depende visceralmente de mudanças profundas na consciência ou mentalidade de cada indivíduo, Rachel cria um universo dramático, mas fundamente permeado por uma imensa paixão pela vida e sede de comunhão humana. Algumas obras: **O quinze** (1930), **Caminho de pedras** (1937), **As três Marias** (1939), **Dôra**, **Doralinda** (1975), **Memorial de Maria Moura** (1992), (COELHO, 2002, p. 550).

¹⁸ Clarice Lispector (1920-1977). Consagrada como a grande presença feminina no romance brasileiro. Desde a infância mostrou grande interesse pela leitura literária e pela invenção de histórias. Em 1941, entra para a Faculdade Nacional de Direito. Em 1942, trabalha como jornalista em **A Noite**. Nesse mesmo ano, começa a escrita de seu primeiro romance, **Perto do coração selvagem**, obra que recebera o **Prêmio Graça Aranha** da Academia Brasileira de Letras. Primeira voz, na literatura brasileira, a expressar a agônica crise do conhecimento do ser e do dizer que (nos rastros do Existencialismo) se radicalizou como uma das grandes interrogações do século XX, Clarice Lispector é vista hoje como um dos vértices mais altos da nossa moderna ficção de cunho metafísico. Algumas obras: **O lustre** (1946), **A maçã no escuro** (1961), **A paixão segundo GH** (1964), **Água viva** (1973), **A hora da estrela**

(1977). O número de reedições e traduções dos livros de Clarice Lispector está em constante multiplicação, assim como sua fortuna crítica, hoje atingindo cerca de uma centena de estudos e teses universitárias (COELHO, 2002, p. 128).

¹⁹ Antônio Olinto (1919-2009). Antônio Olyntho Marques da Rocha nasceu em Ubá (MG), em 10 de maio de 1919. Estudou Filosofia e Teologia em seminários católicos de Campos, Belo Horizonte e São Paulo, mas desistiu de ser padre e tornou-se professor de Latim, Português, francês, História da Literatura, Inglês e História da Civilização, em colégios do Rio de Janeiro, e membro da Academia Brasileira de Letras. Publicou o primeiro livro de poesia, **Presença**, em 1949. Juntamente com o magistério, ingressou no setor publicitário e no jornalismo. Seu livro **Jornalismo e literatura**, de 1955, foi amplamente adotado em cursos de jornalismo de todo o País. E **Brasileiros na África**, que contém o resultado da pesquisa que realizou sobre o regresso de ex-escravos brasileiros ao continente africano, tornou-se, desde sua publicação em 1964, motivo de teses, seminários e debates. Em 1994, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra. O escritor faleceu em 12 de setembro de 2009. Sua produção intelectual, que abrange poesia, romance, ensaio, crítica literária e análise política, compõe-se, entre outros títulos, de: **O homem do Madrigal** (poesia, 1957); **Nagasaki** (poesia, 1957); **O dia da ira** (poesia, 1959); **O problema do índio brasileiro** (1973); **Para onde vai o Brasil?** (1977); **A invenção da verdade** (crítica literária, 1983); **A verdade da ficção** (1966); **A casa da água** (romance, 1969); **O cinema de Ubá** (romance, 1972); **Copacabana** (romance, 1975); **O rei de Keto** (romance, 1980); **Trono de vidro** (romance, 1987); **Tempo de palhaço** (romance, 1989); **Sangue na floresta** (romance, 1993), (DUARTE, 2010, p. 163).

²⁰ Ivan Vasconcelos. Escritor mineiro, radicado no Rio de Janeiro. Exerceu o cargo de Procurador, no antigo Estado da Guanabara. Manteve volumosa correspondência com Cosette de Alencar sobre assuntos literários (ROSA, 2013, p. 390).

²¹ Edmundo Lys (1899-1982), pseudônimo de Antônio Gabriel de Barros Valle, natural de Juiz de Fora, foi jornalista, professor e escritor. Atuou na imprensa juiz-forana e carioca. Foi titular da coluna Porta da Livraria, do Jornal **O Globo**.

Produziu programas radiofônicos em emissoras do Rio de Janeiro (ROSA, 2013, p. 387).

²² João Felício dos Santos (1911-1989), escritor brasileiro. Sobrinho neto do ilustre deputado, senador e escritor Joaquim Felício dos Santos (1828-1895), João Felício dos Santos nasceu em Diamantina, em 14 de março de 1911, e faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1989. Como topógrafo, teve oportunidade de viajar por todo o país, e conhecer e recolher, as personagens que se tornariam depois temas de seus romances. A preferência por obras de cunho histórico fez com que se debruçasse ora em episódios da história do Brasil, ora em figuras lendárias de diferentes regiões. Entre os muitos títulos que publicou, destacam-se: **João Abade** (1958); **Ganga Zumba** (1962); **Carlota Joaquina, a rainha devassa** (1968); **Ataíde, azul e vermelho** (1969); **Xica da Silva** (1976); **A guerrilheira: o romance da vida de Anita Garibaldi** (1979); **Quilombo** (1984), (DUARTE, 2010, p. 468).

²³ Hugo de Lyra Novaes foi um dos fundadores da Editora Edinova que lançou importantes obras da literatura latino-americana e do então muito influente *nouveau roman* (SCLIAR, 2008, p. 156).

²⁴ O pesquisador concluiu que se trata de Agripa de Vasconcelos (1900-1969). Agripa Ulisses de Vasconcelos nasceu em 11 de abril de 1900, em Matozinhos de Santa Rita do Rio das Velhas (MG) e faleceu em Belo Horizonte, em 22 de janeiro de 1969. Filho de Ulisses Gabriel de Castro Vasconcelos e de Orminda Guimarães Vasconcelos, foi poeta, historiador, escritor e cientista. Os primeiros estudos foram realizados em casa, com professores particulares; posteriormente, frequentou o famoso Colégio Azeredo Coutinho. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1922. Foi aluno de Afrânio Peixoto de quem se tornou amigo. Poeta de estilo parnasiano, era considerado homem de vasta cultura. Em 1923, publicou uma coletânea de versos intitulada **Silêncio**, que lhe valeu o convite para ingressar na Academia Mineira de Letras. Mas foi com a coleção de romances intitulada **Sagas do país das Gerais** que se tornou realmente conhecido. No livro **A vida em flor de Dona Beja**, Agripa de Vasconcelos conseguiu conciliar uma temática universal em seus poemas e ainda manter intacto o sentimento pátrio e a admiração

por sua terra. No final dos anos 1980, teve duas obras transformadas em novela pela extinta Rede Manchete de Televisão: **A vida em flor de Dona Beja** e **Chica-que-manda**. Publicações: **Sinhá Braba**, (sobre o ciclo dos diamantes, 1966); **A vida em flor de Dona Beja** (sobre o ciclo do povoamento, 1966); **Congo-Sôco**, (sobre o ciclo do ouro, 1966); **Chica-que-manda** (sobre o ciclo dos diamantes, 1966); **Chico Rei** (sobre o ciclo da escravidão, 1966); **Ouro verde e gado negro** (sobre o ciclo do café e da escravidão, 2003); **Fome em Canaã** (romance do ciclo dos latifúndios nas Minas Gerais, premiado pela revista **O Cruzeiro**, 1966); **São Chico** (uma saga sobre o Rio São Francisco); **Silêncio** (poesia, 1923); **Suor e sangue** (1948, Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras); **Nós e o caminho do destino** (1923); **A morte do escoteiro Caio** (poesias); **Sementeira nas pedras** (1959), (DUARTE, 2010, p. 59).

²⁵ Oscar Negrão de Lima nasceu em Lavras (MG) em 1885 e faleceu em 1971. Ele ocupou como segundo sucessor a cadeira 21, da Academia Mineira de Letras, que tem como patrono Fernando de Alencar (1857-1970), fundador Gilberto de Alencar (1887-1961) e primeiro sucessor Nelson de Faria (1902-1969). O romancista e professor de Medicina Oscar Negrão de Lima foi eleito para a Academia Mineira de Letras em 20 de junho de 1968, e a posse foi em 16 de janeiro de 1969 (LIMA, 1969). Em anexo, encontra-se o discurso de posse do acadêmico (MOL, 2015), (ANEXO B).

²⁶ Néelson de Faria (1902-1968). Nelson Soares de Faria nasceu em 29 de abril de 1902, no arraial de Fortaleza (hoje município de Pedra Azul), nordeste do sertão mineiro. Fez o curso de Farmácia, na Faculdade de Odontologia e Farmácia, diplomando-se em 1922. Entre os 20 e 22 anos, publicou os primeiros versos, contos e crônicas. Com Ageu Pio Sobrinho e Clemente Medrado, fundou o jornal **Footing**, que teve ainda a colaboração de Abgar Renault, e Carlos Drummond de Andrade. O primeiro prêmio literário veio através do conto, **Nas Capoeiras**, que ganhou o segundo lugar no Concurso Literário promovido pelo **O Jornal**, do Rio de Janeiro. Por três anos e meio, exerceu a profissão de farmacêutico em sua terra natal. Data daí sua convivência com o povo simples do sertão, a quem procurou compreender, estudando sua psicologia, o linguajar, as práticas, os costumes e o

folclore. Casado com Anália Ferreira de Faria, transferiu-se para Belo Horizonte, onde ajudou Clemente de Faria, seu irmão mais velho, a fundar o Banco da Lavoura. E sempre estava publicando em jornais e revistas, sob pseudônimo, contos sertanejos, poemas e artigos. Já bacharel em Direito, decidiu enviar, em 1959, em meses diferentes, três narrativas ao Concurso Permanente de Contos que o jornal **Estado de Minas** organizava, obtendo três vitórias. Animado, resolveu publicar **Tiziu**, composto de dez histórias sertanejas, em 1960. Em maio de 1961, foi eleito para a Academia Mineira de Letras, e, em junho do mesmo ano, recebeu na Academia Brasileira de Letras o Prêmio Afonso Arinos, concedido ao livro de estreia. **Tiziu** reapareceu em segunda edição com o título de **Tiziu e outras estórias**, pois foram acrescentados oito novos contos, também relativos ao meio rural e sertanejo. Em agosto de 1963, estreou no romance com **Cabeça torta**, obtendo, em 1964, o Prêmio João Alphonsus, da Secretaria da Educação de Minas Gerais. Em 1965, publicou **Bazé: estórias sertanejas**, que obteve igual êxito ao das obras anteriores. Nelson de Faria faleceu em Belo Horizonte, em 25 de março de 1968 (DUARTE, 2010, p. 702).

²⁷ Tradução nossa: Sem malícia.

²⁸ **A Idade do serrote** (1968) é o livro de memórias de Murilo Mendes. Nele, graças, a uma extraordinária prosa poética, revivemos as primeiras décadas do século XX passadas em Juiz de Fora, terra natal do escritor mineiro. Uma enorme galeria humana passeia diante de nossos olhos, ressuscitada como que por mágica nos retratos que compõem o volume: a ama de leite Etelvina, a extensa parentela, o padre Júlio Maria, o valentão Amanajós, o astrônomo e professor de francês Almeida Queirós e muitos outros. Difusa por todo o livro, a celebração da mulher, em múltiplas encarnações. Para o poeta, ela é a chave mestra da exploração do mundo (PASSOS, 2014).

²⁹ As memórias não têm despertado a preferência dos escritores brasileiros, porém Afonso Arinos de Melo Franco, em **Planalto** (1968) traz um testemunho de rica experiência política e do escritor de estilo refinado em que perpassam homens e acontecimentos da história contemporânea brasileira de maneira muito viva, ao lado

de recordações de fatos pessoais, numa conciliação muito feliz (COUTINHO, 2004, v. 6, p. 138).

³⁰ Livro de estreia de Maria Helena Cardoso, **Por Onde andou meu coração**, se recomenda pela sua qualidade e como um dos bons lançamentos da Livraria José Olympio. Somente quem possui e pode conservar uma vida interior, seria capaz de nos dar umas páginas tão autênticas nesse gênero, tão sofisticado e pessoal, que é o de memórias. Maria Helena Cardoso soube armar suas lembranças com a sábia interferência do coração, por isso o reino de sua infância foi redescoberto em Curvelo, e as pessoas, as coisas e as paisagens que se julgavam abandonadas ou perdidas foram recolhidas e vestidas com as cores de uma festa. As pessoas e os fatos estão no livro acontecendo ou servindo como importantes peças do existencial dividido em razão das épocas, da distância emocional dos nomes de gente e lugares por onde passou e ficou um coração. Além de Diamantina, Curvelo (a principal), Ipanema, Copacabana e tantos outros lugares e situações indicando as raízes da memorialista que é Maria Helena Cardoso. Lendo esse livro, pode-se saber onde ficou e por onde passou um coração (PIRES, 1969).

³¹ Maria Cecília Caldeira, em **Corrente de um elo só**, reúne alguns de seus contos. A autora mostra qualidades de boa contista, sobretudo poder de síntese e sugestão, em histórias densas e linguagem equilibrada, que lhe permite observações profundas acerca da psicologia de seus personagens, sem deixar o fluxo dramático (ARAÚJO, 1969a).

³² Gustave Flaubert (1821-1880), escritor francês. Todo mundo admite o papel importantíssimo de Flaubert na história do romance moderno, entre Honoré de Balzac e Emile Zola, lembrando-se também a influência que exerceu fora da França: sobre Henry James, Turgeniev e Fontaine, Eça de Queirós e tantos outros. A glória de Flaubert parece residir no seu estilo. Autor de **Madame Bovary** (1857), **Salammbô** (1862), **A educação sentimental** (1869), **A tentação de Santo Antônio** (1874), **Três contos** (1877), **Correspondência Geral** (1887/1893). (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 1781).

³³ Tradução nossa: A vida só é suportável com alguma embriaguez.

³⁴ Tradução nossa: Você não deve ficar bêbado com sua tristeza, apesar da atração que você encontra lá.

CARTA 3/21 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege, folhas com marcas de dobras e sinais de ferrugem no verso. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 4 folhas.

BH, 15.2.69

Cosette,

já estava preocupada com a falta de notícias suas, tendo mesmo pedido ao Wagner³⁵ que apurasse o motivo. Antes que êle respondesse, você me conta o aborrecimento da bursite. Conheço a doença, porque Affonso já a teve, lembro-me de que êle se contorcia em dôres, com o braço imobilizado, sem poder fazer nada. É uma coisa terrível e um pouco inexplicável: uma calcificação maior localizada num só ponto, não sei bem. Mas numa semana tudo tinha acabado, com as aplicações locais de um raio desses usados na medicina. Espero, portanto, que você já esteja em plena saúde agora, pronta para brincar no carnaval...

Também o ano aqui não anda muito azul. Estou bastante preocupada com a Zilah,³⁶ que está com a pressão bastante alta, tendo mesmo sido forçada a tirar uma licença de três meses. Como é impossível controlar a Zilah (ela sempre foi a chefe do clã, a mandona, a “senhora do engenho”), ficamos inútilmente nervosos. Ela não faz repouso, nem regime, não obedece às instruções médicas e hoje mesmo está seguindo para o Rio, para assistir ao carnaval, imagine! Tem pruridos de movimentação, não consegue ficar quieta, da língua à ponta dos pés... A casa dela é a meca de todo mundo: amigas em quantidade, sobrinhos, irmãos, sempre cheia, sempre barulhenta e confusa. E ela gosta disto. Por mais que eu – com jeitinho todo especial – procure fazer ver a ela que é tempo de ficar mais sossegada, não o admite e continua a andar, mexer com os negócios de todo mundo, preocupar-se com todos, dirigir, comandar. E talvez esteja certa, pois acostumou-se assim e se mudar o choque será muito grande. Enfim, não sei mesmo o que fazer, a não ser preocupar-me, preocupar-me, como é o meu hábito.

Como você disse bem, cá estou ainda a mexer com o Suplemento³⁷, apesar de todas as irritações e esgotamentos. Vício terrível! Como confessou certa vez o Drummond: “às vezes gosto de escrever. “Às vezes (quase sempre) não gosto³⁸.” Mas o caso é que a gente não consegue escapar a esta injunção do temperamento,

do sangue, do hábito, sei lá. O que acontece comigo é que eu não tolero me ler! Depois de escrita qualquer coisa, eu tomo verdadeiro nojo dela, não gosto de olhá-la mais, nunca mais, acho tudo de uma inutilidade e de uma mediocridade terrível, mas recaio no vício, o organismo sente falta do tóxico literário, e lá vai besteira! Espantame sinceramente, sinceramente, mesmo, quando alguém me elogia por qualquer dessas tolices. Nunca falo de mim mesma e digo sempre que tenho raiva de escritores: é uma gente muito complicada. Evito cuidadosamente parecer escritora, ainda mais sabendo – como sei – que na verdade não o sou. Sericamente: trabalhei três anos na Biblioteca Pública sem que minhas colegas tivessem sabido que eu escrevia. Quando, mais tarde, algumas descobriram, ficaram verdadeiramente surpresas, pois eu jamais tocara no assunto. Respeito muito o Affonso, admiro-o, sei que êle é mesmo um escritor, nasceu para isto, quer ser isto, dedica-se quanto pode a isto, mas eu gostaria de ser simplesmente a sua mulher, uma espôsa doméstica e estável; ao invés, não sou boa dona de casa, passo por fases eufóricas e depressivas alternadamente, gasto meu tempo em ler e pensar, quando deveria estar a costurar, a lustrar o chão, ou ao menos a embelezar-me para o seu uso... No entanto, somos felizes, se se pode, com tanta facilidade, falar de felicidade: coisa rara. Mais modestamente: que êle me tolera, isto sim, e com alguma satisfação, parece...

Não acredite no que digo nas “informais³⁹”. Aquilo, na maioria, é “trololó” (naturalmente você conhece o termo editorial), isto é, texto que já vem preparado pelas editoras. Só copio. Quando dou uma opinião, nas informais, que é minha, é só dos livros que vêm sem “trololó” ou que, por acaso, li, e aos quais, em geral, faço alguma restrição. A opinião válida é só a do comentário longo, porque esta sim é feita por mim, de livro realmente lido e estudado. Quando um livro vai para as “informais” é porque não é um livro realmente bom – ou – então trata de assunto sobre o qual não posso opinar (economia, filosofia, psicologia, política, etc). Todo mundo aqui sabe disto – exceto leitores desconhecidos. As “informais” são mera publicidade, que devo, por obrigação, às editôras, por me mandarem gratuitamente os livros – justamente para fazer propaganda. Portanto, muito raramente ali se nota uma opinião ruim (a não ser nos casos em que lí e não gostei). O da Dinah, é claro, nem folhee. Não é autora que mereça o interesse da gente. Quanto ao do Orígenes, lí por sugestão sua, mas também não gostei, senão muito parcialmente. A autores novos, ou autores de menor categoria, concedo, no máximo, uma

“informal”, apenas para contentá-los (ficam assim mesmo satisfeitos). Mas a maioria, como já disse, é “trololó” puro...

Aliás, o que me aborrece no meu tipo de trabalho é justamente que, por ter de ler os livros que me chegam das editoras, raramente me sobra tempo para eu ler aqueles autores que gostaria de ler, conhecer, redescobrir, estudar. Antigamente, quando não trabalhava como “escritora profissional”, eu lia tudo o que desejava, tinha o prazer de ir às livrarias e fazer minhas próprias descobertas. Agora, não me sobra hora para isto, fico prêsas às leituras obrigatórias, e nem sempre encontro um livro que me satisfaça inteiramente. Êste é o lado ruim de mexer com seção de livros, em vez da gente escrever quando tem vontade, quando quer, porque quer, no momento de um entusiasmo grande. Há semanas, por exemplo, em que pego três, quatro livros, sem encontrar um que me anime a “pegar da pena”... Passo apertados mesmo, pois tenho de entregar a seção direitinho, na sexta-feira. Affonso diz que êle percebe, pelo meu texto, quando escrevi de má vontade, apenas por dever de ofício. Mas, após algumas momentâneas revoltas, concluo que é mesmo o melhor tipo de serviço para mim, do que aquele absurdo, que já pratiquei tantos anos, de ir à repartição mexer com fichinhas, despachar papeis, e outras idiotices que qualquer imbecil mais ou menos alfabetizado faz. Mas, cá para nós, sonho terrível e romanticamente com o dia em que o Minas publicará, não mais a minha seção, mas o ato de minha aposentadoria... Infelizmente, apesar de eu ter começado a trabalhar bem novinha, ainda me faltam sete anos (justamente hoje faço 23 anos de serviço!). Estarei ainda viva? Terei ainda prazer em viver, em ler, em descansar? O melhor é não pensar no assunto, afastá-lo depressa da cabeça, antes que me volte a depressão...

Êste negócio de construção de casa é assim mesmo, tenho experiência: calcula-se um preço, calcula-se um tempo, e os dois se ampliam até o infinito possível. Quando a casa fica pronta, o cansaço é tanto que só se aprecia o resultado depois de um mês ou dois de “aclimatação”. Mas é bom que seja assim, porque só as coisas sofridas merecem o nosso interesse. O resto é supérfluo e, por supérfluo, tolo.

A morte do Agripa foi bem sentida aqui. Imagine que justamente na véspera, Affonso compra a obra dele (embora seja puro romance e pouca história exata), para a sua coleção mineiriana⁴⁰. É a mania do Affonso agora, possuir todos os livros que falam de Minas, da gente de Minas, da literatura de Minas. “Descasca” tudo, pois

está se dedicando seriamente a pesquisa sobre a “mineiridade”. Ainda não li os livros, mas os lerei na primeira oportunidade de um descanso. Zilah achou-os fantasiosos demais, mas de leitura agradável e empolgante.

Você viu outro dia uma crônica do Drummond, em que êle fala de 80 mulheres “dignas” da Academia Brasileira⁴¹? Seu nome está lá, como o meu. Mas, entre 80, não seria difícil incluir-me, nem tantas mulheres assim existem escrevendo no Brasil. Por aí você vê, porém, que êle não tem qualquer ressentimento contra você, como chegamos a supor.

Jurei, depois daqueles dias de Rio, em que estivemos juntas, em janeiro, não voltar a por os pés lá no verão... Mas agora quebro o juramento, pois seguirei quinta-feira, com a Maria Lysia⁴², para passar uma semana ou dez dias no máximo. A verdade é que todo mundo me acha nervosa, e Affonso acatou a sugestão da família de me mandar para fora um pouco. Arranjou uns cobres emprestado e lá vou eu, torrar-me de calor, para ver se o espírito fica mais amaciado... Para isto, tive de deixar preparado serviço das duas próximas semanas – e estou exausta. De mais a mais, não sei se aproveitarei, pois sou uma maníaca de família e ficar longe dela me apavora. Em todo o caso, estou tentando convencer-me de que devo distrair-me, de que tudo ficará bem, de que isto me é necessário.

Porque não me manda a sua seção de livros? Gostaria de vê-la e aqui não se encontra jornal de J. Fora. Apenas recebo a página do Wagner, nem sempre com regularidade. Se somos “colegas” também nisso, precisamos trocar idéias...

Puxa, que me esqueci da vida, do tempo, de tudo, escrevendo. E sempre desordenada e tortuosamente. Desculpe-me, menos falante pessoalmente, no papel sou uma tagarela incorrigível.

Abraços da

Laís

³⁵ O pesquisador concluiu que a escritora esteja falando de Wagner Corrêa de Araújo, sobrinho de Laís Corrêa de Araújo. Jornalista especializado em cultura, roteirista e diretor de programas de TV e crítico de artes cênicas, Wagner Corrêa de Araújo foi diretor dos programas **Manchete verdade**, **Caderno 2**, **Cadernos de cinema**, **Curta Brasil** (TVE/ TV Brasil) e dos documentários **Balé Teatro Guaíra 30 Anos** e **O grande Circo Místico**. Atuou como crítico convidado nos Festivais

Internacionais de Berlim, (Belgrado FestFilm), Brasília e Gramado. Criador do Centro de Cinema Humberto Mauro do Palácio das Artes BH. Atuações como jurado no DOC/TV e Festivais do Cinema Hispano Brasileiro. Curador de mostras de vídeo/cinema nos Festivais de Dança de Joinville e Santuário Ecológico de Dança do Pantanal/MS. Trabalha na produção de eventos culturais da Casa da Leitura/BN/MINC (ARAÚJO, 2020).

³⁶ Zilah Corrêa de Araújo foi romancista, contista, jornalista e advogada. Era bacharel e doutora em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduou-se também em Ciências Econômicas e fez pós-graduação em Direito Tributário, em Paris. Atuava com afinco no meio intelectual mineiro. Irmã da poetisa, crítica e ensaísta Laís Corrêa de Araújo, Zilah nasceu em Campo Belo (MG), em 1916, e fez seus primeiros estudos em São João Del Rei, mudando-se posteriormente para Belo Horizonte, onde residiu até seu falecimento, em 1975. Escrevia, também utilizando os pseudônimos Bárbara de Araújo e Alcione. Zilah iniciou sua carreira literária com publicações nos periódicos cariocas **A Cigarra** e **O Cruzeiro**. Neste último publicou, em folhetim, o romance **Uma flor sobre o muro**, editado posteriormente em livro, constituindo o volume 9 da Coleção Aurora, das Edições O Cruzeiro, em abril de 1955. O livro foi vencedor do **Prêmio Othon Linch Bezerra de Melo** da Academia Brasileira de Letras, no mesmo ano. Reeditado em 1963, recebeu o **Prêmio Cidade de Belo Horizonte**. Desde cedo inclinada à carreira das letras, publica, em seguida, os romances **Loja de ilusões** (Prêmio da ABL – 1955), de ambientação urbana, que aborda diversos problemas sociais de modo sutil; **A flor do tempo** (Prêmio Cidade de Belo Horizonte – 1963); e **E oferecerás a tua outra face** (Prêmio da Academia Paulista de Letras – 1969, ainda que publicado somente em 1972) e **O bezerro de ouro**, de 1970 (PEREIRA, 2010).

³⁷ O **Suplemento Literário do Minas Gerais** foi espaço para as literaturas e artes brasileiras e de outros países, principalmente nos anos de 1966 a 1976. Criado em 1966 como encarte das edições de sábado do **Minas Gerais**, o **Suplemento** perdurou até 1992. Nos anos 1970, a presença de contistas no **Suplemento** produziu um *boom* do conto no Brasil. Entre as várias peculiaridades do periódico como espaço de criação e divulgação da produção artística de Minas e do país, há

as seções que se voltaram para a produção ensaística e literária dos jovens escritores. Enumero algumas: **Roda Gigante, Informais, Letras Europeias, Lançamentos, Literatura mineira desde as origens, e O escritor mineiro quando jovem**. Essas seções foram o espaço de expressão dos jovens escritores do estado e do país daquela época (TOLENTINO, 2016).

³⁸ Em entrevista concedida a Homero Senna, Carlos Drummond de Andrade responde à seguinte pergunta: Como se fez escritor?

– Não sei, nunca poderei saber. Nem sei mesmo se sou escritor. Todo mundo que aprendeu a ler e a escrever é mais ou menos escritor. E é tanto mais quanto menos procure dar ao que escreve o tom de literatura. Porque observe que esta, se revela onde não é posta e recusa-se a aparecer onde querem pô-la. Ou por outra: julgo que a literatura tem muito menos de intencional do que se imagina. Grandes livros se fizeram com memórias e seleções de cartas particulares, absolutamente despidas de preocupação literária. Até livros de ficção ou poesia, escritos por desfastio, e secretamente, foram depois atingidos pelo favor da crítica ou do público. Não vejo, assim limite ou contorno estabelecido pela personalidade do escritor. A vocação literária, como lhe chamamos, pode ser considerada, apenas, numa inclinação maior para o exercício a que todos uma vez ou outra nos dedicamos, que é o de escrever com aparente desinteresse, isto é, sem fim prático. Mas até esta definição é precária, pois hoje o literato não só se faz e se quer muito interessado, do ponto de vista social e político, como ainda as condições do mercado o tornam “interessado” economicamente, isto é, o situam numa nova profissão, a de escritor, e lhe determinam uma produção ao gosto do público, mais ou menos como a da roupa, dos objetos elétricos, de tudo que se compra e vende por aí... Não sei se me fiz, nem se sou escritor. **Às vezes gosto de escrever. Às vezes (quase sempre) não gosto**. Escritor intermitente, no máximo (CARVALHO, 2013, grifo nosso).

³⁹ Na seção **Informais**, de Laís Corrêa de Araújo, são divulgados textos de natureza diversa (políticos, antropológicos, de Medicina, Eletrônica, Psicanálise e Economia); são apresentadas traduções de livros e há, ainda, a divulgação de revistas produzidas em Minas, no Brasil e no exterior (COELHO, 2002).

⁴⁰ A Coleção Mineiriana é uma fonte de pesquisas sobre a história e cultura de Minas Gerais. Seu acervo reúne livros, revistas, jornais, mapas, fotos, vídeos e recortes de jornais referentes ao Estado. Entre os 12.368 volumes, há raridades como obras autografadas por escritores mineiros, entre eles Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião e Pedro Nava. A origem da Coleção Mineiriana da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais Luiz de Bessa se encontra no interesse por temas mineiros de alguns intelectuais, tais como Eduardo Frieiro, João Camilo de Oliveira Torres, Affonso Ávila, Aires da Mata Machado Filho, Hélio Gravatá, entre outros, que foram encarregados pelo então governador Israel Pinheiro de projetar uma coleção dedicada a Minas Gerais. A Coleção Mineiriana, que foi criada através do Decreto n. 11.996, de 05 de agosto de 1969, é dotada de um acervo de inegável qualidade e de tradição humanista legada pela cultura mineira ao longo dos séculos. Considerando-se privilegiada diante das demais regiões, por ter protagonizado momentos significativos da história brasileira, como a Inconfidência, a opulência das minas de ouro, Minas se destaca pela vasta produção literária que se inicia com o barroco e se estende aos dias atuais (BRANDÃO, 2009).

⁴¹ Em crônica publicada no **Segundo Caderno** do jornal **Correio da Manhã**, de 9 de fevereiro de 1969, Carlos Drummond de Andrade faz uma lista com o nome de oitenta mulheres que deveriam constar na Academia Brasileira de Letras (ANDRADE, 1969), (ANEXO C).

⁴² Maria Lysia Corrêa de Araújo foi uma atriz e escritora mineira que produziu uma literatura diversificada, apresentando um conjunto de composição literária em variados gêneros como o drama, a crítica teatral, a crônica, o romance e o conto. Como atriz, esteve presente em montagens expressivas à época, sendo premiada pela Escola de Arte Dramática de São Paulo. Em sua vida artística, Lysia de Araújo (como era conhecida no meio teatral) itinerou por várias cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Belo Horizonte, participando de grupos teatrais importantes como o Arena, o Oficina, a Companhia Maria Della Costa, a Companhia Tônia-Autran, entre outros, além de trabalhar com diretores como José Celso Martinez e Augusto Boal. Maria Lysia era irmã de Laís Corrêa de Araújo (MOURA, 2018).

Carta 4/23 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 25 de março de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 31,5cm de largura x 21,5cm de comprimento; não possui pautas; papel fino na cor azul, folhas com marcas de dobras. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 3 folhas + envelope.

Laís,

 você foi ao Rio, voltou, veio o carnaval, acabou, minha bursite chegou e já regressou, tudo se vai, tudo acaba, menos minha casa. E você tem aí a razão única da demora com que, agora, acuso e respondo cartas, eu que sempre gostei do gênero epistolar e nunca deixei de cultivá-lo com delícias. É que estou amarrada à prisão que eu mesma me criei. Tem sido uma luta, a casa nova. Proeza verdadeira. E, acima de tudo, um inferno. Felizmente, hoje pus na rua os últimos pedreiros: melhorou um bocado. Restam-me em órbita pintores, raspadores, faxineiros; vou tendo esperança de que, mais dia, menos dia, poderei mudar. Até que enfim! E vou, novamente, poder respirar. Ler. Escrever. Vadiar. Ah, vadiar, que coisa boa! Das melhores do mundo. Estou de relações cortadas com o trabalho, sobretudo com o trabalho obrigado, regrado, de horário estipulado; depois de tôda uma vida dada à labuta, começo a perceber a insanidade do suar diário, a estupidez do corre-corre ambicioso, de olho posto no ganho mensal, olho grande, burro, cego. Acho que ainda estou crescendo mentalmente, visto como dei de enxergar o que dantes não enxergava. De muito pouco precisamos nós para viver, descobri. Faço planos: concluída a casa, dou por encerrada a tarefa. E vou-me ao lazer sonhado. Ler só o que me apetece, escrever apenas o que tiver vontade (desinteressada de encontrar editor, sem dar bola para a publicação) um pontapé no jornal, vagabundear mesmo, cultivar a eletrola (abandonada há mais de dez anos, voltar a Beethoven⁴³, a Wagner⁴⁴, a Mozart⁴⁵) que diabo! Aposentar-me no duro. Quanto a ler, talvez nem isto: reler só. Um desejo antigo é o de reler Balzac⁴⁶, todo êle, reler Flaubert, reler Eça⁴⁷ hei de fazer por onde atender a êste velho apetite.

 Agora, falando de você, assunto consideravelmente mais interessante: sua inquietação parece-me natural e boa água. Só os insatisfeitos progridem. Penso que não deva cingir-se aos deveres domésticos que o lar lhe exige: pode, perfeitamente, harmonizá-los com os labores do espírito. Como já está a fazer. Acredito mesmo que êste dualismo nada tem de prejudicial: será benéfico, pelo contrário. E que importa ser o seu Afonso um verdadeiro escritor? Você também

será uma verdadeira escritora, se já não o é. Pelo menos, a seriedade com que encara o ofício, o amor com que o exerce, o talento com que cultiva seus dons, tudo denuncia boa cepa. Tanto melhor se, no marido, tem um confrade: só poderá ajudá-la, e muito, êste amparo. Eu também tive, em tempos mais felizes, tal amparo: tive-o no pai. Admito que é um tipo de auxílio, êste, singularmente precioso. A admiração, o respeito que você parece sentir pelo seu marido, serão estimulantes insubstituíveis: imagino quanto, para agradar a êle, você há de se esforçar. A mim, falta êste tipo de incentivo. Tive-o em outras épocas: perdi-o. A morte levou, paulatinamente, todos os juízes, exigentes, amigos, dedicados, com que eu podia contar: também, a esta altura, não alimento mais qualquer ambição literária. Se é que a alimentei algum dia. Acho que não. Sempre fui pessimista quanto ao alcance do meu vôo. Mas sei reconhecer o valor de uma camaradagem espiritual. Você não se resignaria nunca mais a viver à margem deste labor que, hoje, lhe parece destituído de valor. O que importa é menos o valor do que se faz mais o que a gente lhe empresta. Não consigo vê-la limitada a lustrar o chão, remendar lençóis, pentear o cabelo; você consegue?

Sim, suspeitava mesmo do que se diz a respeito das “informais”. É, de fato, impossível o registro fidedigno da livralhada que as editoras encaminham aos colonistas literários. Eu, que escrevo em jornal da roça, tenho recebido uma livralhada desmedida: acabei por concluir pela necessidade de recorrer aos providenciais “trololós” que os livreiros remetem. Um livro legível é raro. Um livro bom, milagre. É um enxurro de falsa ciência, falsa literatura, tudo peso leve, tudo sem lastro, perfuctório, não raro feio, mal escrito, mal elaborado, traindo pressa, falta de infra-estrutura; falta mesmo de dons... Um horror. Quando, finalmente, você aqui vier, quero mostrar-lhe a biblioteca do papai; um pouco “fin de siècle”, é certo, mas que gabarito! Que categoria! Literatura para tornar exigente qualquer paladar. Papa fina. Muito pouco a conheço: só o suficiente para avaliar sua alta qualidade. Não acredito que o avanço tecnológico tenha beneficiado o labor do espírito. Parece ter sucedido o inverso. Ou não? Mestre Frieiro, que sabe do que fala, sempre me repete não achar gôsto nos novos processos literários. A êle, não lhe agrada nada o “roman nouveau”, menos ainda o “anti-roman”. Estou com êle. Sou muito conservadora.

Mas, às vezes, uma boa surpresa: como o João Felício dos Santos. Você deve conhecer-lhe a literatura. Eu nada lera dêle. Conheci-o aqui, conversamos, é

um tipo cordial, agradável, talvez um pouco vaidoso, legitimamente vaidoso. Visitou a Juiz de Fora, veio aqui em casa, trouxe-me os livros. Gostei dos livros. Muita influência de Eça, mas sem subserviência. Já os livros que o Antônio Olinto me trouxe, nem folheei. Acho o Olinto muito chato. E que pavão!

Você sabe alguma coisa sobre a edição do livro que o Néelson deixou pronto? Um ano já que ele morreu, parece mentira; como parece morto, e esquecido, e relegado! Quanto a mim, não o esqueci; nem à sua bondade, à sua ternura, o seu amor pela literatura. A mulher dêle, quando aí estive, falou-me que faria logo editar todos os trabalhos dêle. Penso que ainda não o fêz. E, morto, já não dispondo da vice-presidência do Banco, será que o Jota Ó⁴⁸ tratará o Néelson com a mesma atenção? Tenho minhas dúvidas. É certo que os sobrinhos ainda estão à frente da empresa. Mas os sobrinhos...

Recebi uma carta da filha do Agripa, a Mara⁴⁹. Disse-me que a obra inédita do pai será tôda editada. Será? O Agripa era enorme na ficção. Talvez pouco exato como historiador, mas que é a história? Uma colcha de retalhos. O homem tinha talento fora do comum, inextinguível.

E do Rio, que me conta? Aproveitou suas férias? Como vai a Maria Lysia? Quando eu retomar meu apartamento, irei procurá-la. Gosto do feitio dela, meio selvagem. E acho-a muito dotada intelectualmente, apesar da displicência. E da selvageria. Parece-me muito equilibrada também, sabendo o que quer, melhor ainda o que não quer. Môça muito estimável.

Não lhe mando a minha secção de livros, boa droga que ela é. É raro sair nela alguma coisa válida. Tudo comercial, uma porcarias, de acordo com as porcarias impressas que me mandam. O Martins de Oliveira mandou-me o seu A RETIRADA DA LAGUNA⁵⁰. O livro está feio graficamente, mas o Martins escreve muito bem, um pouco elaborado, um pouco "belle époque", mas fluente, elegante, escoreito. Ainda não lhe li êste volume. Falta de tempo. Por isto mesmo, ainda não li também o livro de Vivaldi⁵¹, hoje menos bom escritor que há dez anos atrás. Há dez anos atrás, ia êle no caminho de Eduardo: castiço, enxuto, cristalino. Ganhou pêso, perdeu clareza, ficou enxundioso, meio enjoado. Isto acontece.

Recomende-me à Zilah, que desejo tenha já recuperado pressão normal. Isto de pressão nem sempre significa, muita coisa; os próprios médicos o reconhecem.

Até breve, aqui se Deus quiser. O prazer de fazer uma casa (se prazer possa disso resultar) será mostrá-la aos amigos. Conto que você não se furtará a alegria de exhibir-lhe orgulhosamente os mofinos frutos dêstes doze meses de labuta.

Um abraço da

Cosette

J. de Fora, 25.3.69

⁴³ Ludwig van Beethoven (1770-1827), compositor alemão. Considerado o último dos compositores clássicos e o primeiro dos românticos, Beethoven é um ícone dentro da História da Música Ocidental. De talento precoce, aos 12 anos já tinha peças publicadas e depois de uma rápida estada em Viena (1787), decidiu se estabelecer definitivamente nessa cidade em 1792. Realizou diversas viagens como pianista e improvisador por toda a Europa e em 1802 começou a perceber os indícios de sua surdez. Depois de um breve período de depressão, Beethoven passou a compor com maior intensidade, dando início a uma de suas fases mais criativas. Apesar do sucesso de suas obras e de sua celebridade reconhecida universalmente, Beethoven se manteve indiferente. A partir de 1825 sua saúde fica cada vez mais debilitada, e em março de 1827, acometido de hidropisia e pneumonia, faleceu. Foi o primeiro de sua época a não fornecer música para a nobreza, conhecendo e criando a figura do artista como herói e patrimônio da humanidade. Legado: 9 sinfonias; outras 31 obras orquestrais (concertos para violino; concertos para piano); 92 obras de câmara, incluindo as sonatas para piano e violino, os quartetos de cordas; 32 sonatas para piano; outras 101 peças instrumentais; a ópera **Fidelio**; cerca de 77 obras corais e outras 87 canções (SADIE, 1994).

⁴⁴ Richard Wagner (1813-1883), compositor alemão. Aos 15 anos escreveu uma peça teatral e, aos 16, começou a compor. Em 1839 vai para Paris, e permanece nessa cidade como regente de ópera da corte e estudando a poesia épica alemã, tema de suas futuras óperas. Em 1862, já de volta ao país natal, sua vida mudou quando o rei Ludwig II patrocinou a montagem de **Tristan und Isolde**, sob regência de Hans Von Büllow. Mais tarde, em 1874, após várias tentativas de Wagner para levantar fundos para a construção de um teatro específico para a apresentação de

seus dramas musicais, Ludwig II forneceu o apoio necessário para que Wagner construísse em Bayreuth o teatro lírico de festival (*Festpielhaus*), para que o ciclo completo de *Der Ring des Nibelungen* fosse apresentado. Wagner foi quem reinventou a ópera como drama musical, escrevendo os textos e as músicas de seus dramas, supervisionando as montagens e trabalhando, ainda, como seu próprio diretor e regente. Algumas óperas: ***Tannhäuser, Lohengrin, Parsifal, Der Ring des Nibelungen, Die Meistersinger von Nürnberg; Idílio de Siegfried*** (SADIE, 1994).

⁴⁵ Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), compositor austríaco. Apesar de ter uma renda razoável enquanto compositor de música para bailes da corte de Viena, Mozart não administrou bem seus negócios, passando sempre por dificuldades financeiras, fazendo empréstimos que lhe davam muitas preocupações. Em 1784 fez sua iniciação à maçonaria e entre 1786 e 1787 fez duas temporadas em Praga para apresentação de suas óperas ***Nozze di Figaro*** e ***Don Giovanni***. Os anos de 1788 a 1791 foram anos de intensa atividade, compondo suas 3 últimas sinfonias, os 2 últimos concertos para piano, os quintetos e o Réquiem, que tendo deixado inacabado, foi terminado por seu único discípulo, Franz Xaver Süssmayr (1766-1803). Mozart não se preocupou em transformar a herança musical conquistada, contentou-se em dominar prodigiosamente as formas e as técnicas aprendidas, inclusive as técnicas do contraponto. Mozart não modificou o rumo da História da Música como Haydn ou Beethoven, mas sem dúvida, foi um dos maiores compositores de todos os tempos. Legado: missas; obras sacras; oratórios; óperas, entre elas ***Così fan tutte, Die Zauberflöte*** e *La clemenza di Tito*, além das já citadas; várias obras vocais seculares; mais de 45 sinfonias, entre as quais ***Haffner*** e ***Júpiter***; 25 concertos para piano; 6 concertos para violino; 24 quartetos e 6 quintetos de cordas; várias obras de câmara; várias obras para piano (SADIE, 1994).

⁴⁶ Honoré de Balzac (1799-1850), escritor francês. Balzac é a figura mais importante da transição entre o romantismo e o realismo-naturalismo: representa o advento da burguesia. A história do romance como gênero literário divide-se em duas épocas: antes e depois de Balzac. Com ele, até o termo mudou de sentido. Antes de Balzac, romance fora a relação de uma história extraordinária, romanesca, fora do

comum. Depois, será o espelho do nosso mundo, dos nossos países, das nossas cidades e ruas, das nossas casas, dos dramas que se passam em nossos apartamentos e quartos. Depois da leitura de um romance de Balzac revela-se imediatamente tudo o que há de irreal, de imaginário e romanesco. Fala-se, principalmente de dinheiros e negócios, nos romances de Balzac. **A Comédia humana** é a tragédia do dinheiro. Os personagens de Balzac, além de serem caracteres humanos, são tipos sociais, representando categorias inteiras da sociedade. Obras: **Gobseck** (1830), **A pele de Onagro** (1831), **O coronel Chabert** (1832), **Eugénie Grandet** (1833), **A procura do absoluto** (1834), **O pai Goriot** (1835), **O lírio no vale** (1835), **César Birotteau** (1837), **Ilusões perdidas** (1843), **Esplendores e misérias das cortesãs** (1843), **Os camponeses** (1844), **A prima Bette** (1846), **O primo Pons** (1847), (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 1715).

⁴⁷ Eça de Queirós (1846-1900), escritor português. José Maria Eça de Queirós é uma das figuras mais importantes da literatura universal. Brilha em muitos reflexos como o seu Fradique Mendes; e qualquer definição que pretende ser exata, será incompleta e unilateral. A velha guarda e a grande maioria dos ecianos revoltou-se, com muita razão, quando Antônio Sardinha fez a tentativa de definir o romancista como “renovador” e precursor do nacionalismo lusitano, integralista. Mas essa interpretação não teria surpreendido tanto se não tivesse sido tão geralmente aceita a interpretação precedente que apresentara o romancista como radical, inimigo da monarquia e da Igreja. Obras: **O crime do Padre Amaro** (1876); **O primo Basílio** (1878); **O Mandarim** (1879); **Os Maias** (1880); **A relíquia** (1887); **A correspondência de Fradique Mendes** (1891); **A ilustre casa de Ramires** (1900); **A cidade e as serras** (1901), (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 1866).

⁴⁸ O pesquisador infere que a escritora esteja falando de José Olympio Pereira Filho, fundador da Livraria José Olympio Editora. José Olympio Pereira Filho, nasceu em Batatais (SP), em 10 de dezembro de 1902. Aos 16 anos José Olympio foi levado para a capital paulista a fim de trabalhar na seção de livros da Casa Garraux. Ali abriu em 1931, a Livraria José Olympio Editora. Em 1934 mudou-se para o Rio de Janeiro, instalando a editora na Rua do Ouvidor. Em pouco tempo a José Olympio tornou-se ponto de encontro da inteligência nacional, tendo lançado importantes

nomes da literatura brasileira, como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. A editora José Olympio é um dos pilares da cultura brasileira, e desde 2001 integra o Grupo Editorial Record. A JO, como é carinhosamente chamada, é responsável pela publicação de diversas obras de importância literária ímpar. José Olympio foi muito homenageado em sua cidade onde recebeu o título de Cidadão Emérito de Batatais. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 3 de maio de 1990 (VASCONCELLOS; XAVIER, 2012, p. 120).

⁴⁹ Coube a Mara de Vasconcelos Mancini (1924-2010), uma das filhas de Agripa Vasconcellos, a curadoria de sua obra (FANGUEIRO, 2020).

⁵⁰ Martins de Oliveira afirma em nota que para a parte narrativa do poema, valeu-se de notas colhidas, de preferência, em **A retirada da Laguna**, de Visconde de Taunay. O episódio da **Retirada da Laguna** espanta pela intensidade dos fatos ocorridos, dignos, todos, de meditação. Martins de Oliveira nasceu em Rio Novo (MG) em 1896. Foi Promotor de Justiça em diversos municípios mineiros, depois Juiz de Direito, e em seguida Desembargador do Tribuna de Justiça. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico e presidiu a Academia Mineira de Letras. Entre as suas obras destacam-se também: **Pátria monera**, **O banquete**, **Elegia Simbólica para Alphonsus Guimaraens**, **As sete palavras** e **A história da literatura mineira**. Foi um dos colaboradores do primeiro número da revista **Verde** (OLIVEIRA, 1968).

⁵¹ O pesquisador infere que a missivista esteja falando do livro **Daqui e dalém**, publicado por Vivaldi Moreira, em 1968, e para o qual o autor reuniu muitos de seus artigos dispersos em revistas ou jornais e inéditos que esperavam a hora certa para aparecer. O título do livro diz bem da visão geral que o seu olhar apanha do itinerário da cultura no mundo, de autores e livros, de coisas vividas e descobertas pelo sentimento e pela inteligência. Artigos e ensaios escritos em épocas e ocasiões diferentes abrangendo temas vários formam um conjunto coerente e apresentam uma articulação lógica, delineando uma caminhada construtiva, numa decisão de pensar o fenômeno cultural. Vivaldi Moreira foi um jornalista brasileiro que exerceu papel de destaque na história política e cultural de Minas Gerais. Foi presidente da

Academia Mineira de Letras, à qual doou sua vasta biblioteca. Algumas de suas obras: **Figuras, tempos, formas** (1966), **O menino da mata e seu cão piloto** (1981) e **Perfis contemporâneos e outros escritos** (ARAÚJO, 1969d).

Carta 5/23 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 1 de abril de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 25cm de largura x 20cm de comprimento; não possui pautas; papel na cor bege com algumas manchas de umidade, folhas com marcas de dobras. O papel possui o timbre do Suplemento Literário [de] Minas Gerais, com endereço: Av. Augusto de Lima, 270. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 5 folhas.

BHte, 1.4.1969

Cosette,

após a aula de ginástica ioga, ainda com a malha no corpo, aproveito os instantes antes do banho para escrever-lhe. A ioga me foi aconselhada por médico, por seu efeito relaxante. Como v. sabe, vivo (aliás, creio que todos nós) tensa, nervosa, numa correria inexplicável atrás de não sei que. A ioga (que eu já fizera de outra vez) me ajudou bastante e agora a retomo, esperando obter os mesmos resultados. Tomara! Não consigo vencer esta antiga apreensão diante dos dias, do trabalho, das pessoas. Embora só faça a ginástica (e não a hatha-yoga, meditação, espécie de religião), ela nos ajuda bastante a aprender a relaxar o corpo e um pouco o espírito, obrigado a se domar aos movimentos lentos e coordenados. Pelo menos, é uma esperança de sentir-me melhor por algum tempo. E neste trabalho, que me prende quase o dia todo numa cadeira, sedentariamente, é preciso que se ponha um pouco de exercício, tentando corrigir as caimbras, defeito circulatório de quem fica parada, e que têm me aborrecido bastante.

Affonso disse que eu, nas minhas cartas, devo queixar-me sempre de alguma doença, pois pelas respostas (desejando que eu esteja melhor) vê-se logo que contei alguma coisinha... Na verdade, sou até muito forte, fisicamente nada me encontram os médicos. O que sinto é sempre por motivação psicológica, dôres de cabeça, moleza, indisposição. Mas eu já ando cansada de tomar tranquilizantes, que me anulam. Precisaria talvez de uma psicoterapia, coisa a que não me dou o luxo, caríssima que é, e em que, afinal, pouco acredito... assim, vou tocando a vida como posso, e os amigos que sofram os queixumes.

Ontem, não, ante-ontem, estiveram aqui dois jovens do Rio, de um grupo de poetas que se intitulava adversos. Falaram em você, com quem mantém contatos esporádicos. Os mocinhos – um rapaz e uma jovem – chegaram aqui em casa

tremendo, arrastando as palavras, confessando-me depois que estavam “apavorados” de enfrentar o “monstro literário Laís”. Imagine! Achei tão engraçado, coloquei-os à vontade, pois nunca pensei que alguém me fizesse tão importante quando eu mesma me recuso a menor significação. Tudo é tão relativo... Quantas vezes pensei também com pavor em conhecer o Drummond⁵², ou a Henriqueta Lisboa⁵³, ou outro desses “monstros sagrados”! E hoje olho tudo com displicência e mesmo indiferença. Literatura, para mim, é literatura, isto é, trabalho, sem nenhuma aura mítica e deslumbrante. A gente cresce e aprende cada dia. É bom e é triste, bom porque não fazemos romantismos nem ilusões em torno de fogos-fátuos, mas triste também porque constatamos a perda de nossas mais puras inocências e esperanças. Resta a fidelidade ao ofício que nos foi dado, certa satisfação por sermos honestos, umas gotas de alegria quando percebemos que demos um passo maior. Já é muito para esta vida mesquinha, avara de momentos importantes e de prêmios para o orgulho pessoal.

No Rio, estava tudo ótimo, mesmo o calor forte, de que gosto mais do que do frio. Passei uns dias tranquilos, vendo a Myriam contente com a escolha do presente que fizera, a Maria Lysia num de seus raros (agora, raros) dias felizes, desdobrando-se para agradar a afilhada e a mim. Praia, andanças, nenhum compromisso, nenhuma obrigação de visitar ninguém, principalmente nenhuma literatura ou literatice. Encontrei um amigo perdido há 17 anos, perdido porque resolvera esconder-se de todos, do mundo, depois de longa e difícil enfermidade espiritual. Foi a única pessoa, fora do círculo familiar, com quem me encontrei, achando-o de nôvo bem, senão em paz com a humanidade, ao menos conformado com os seus defeitos e êrros. Foi um bom encontro, agora posto em dia com a correspondência constante que êle nos manda (nós, muito menos, em razão de nossas tantas obrigações). Viveu um drama pesado, fugiu para a Europa por uns anos, onde fez de tudo, desde porteiro de hotel a empregado de laboratório, mas onde tornou a descobrir uma razão de viver. Escritor, tendo começado bem, abandonara tudo. Agora volta a trabalhar as letras e com inusitado entusiasmo, como “menino”, como êle mesmo diz. Disse-me que eu e Affonso éramos as únicas pessoas em quem pensava com saudade, no tempo de seu exílio. E isto me pôs feliz, pois é nessas miudezas que a gente se realiza, saber que ajudamos, que somos importantes para alguém (de uma importância real e não periférica), que somos gente.

Nada sei sobre o Nelson Faria. Não tive nunca relações com a família e, mesmo com êle, poucas. Sei que está esquecido, agora sim, inteiramente morto, pois não se fala mais nele, não se lembra nada do que fez, não se cogita de preservar-lhe qualquer patrimônio literário. Conclusão a que chego por minha conta, por minha experiência. Como diz Affonso: “bôbo é quem morre”, numa brincadeira de mau gosto. Os mortos – óbito ululante – não existem mais. Quanto mais um morto que, em vivo, já se fazia pequeno e humilde! Não acredito que se pense em editar-lhe alguma obra ou reeditar-lhe as publicadas. José Olympio? Que ilusão! Enquanto Nelson tinha influência, era dono de banco, claro que estava pronto a fazer qualquer negócio com êle. Agora, nada me fará acreditar que José Olympio visse em Nelson um escritor mesmo, e não um homem de dinheiro que poderia ressarcir-lhe qualquer prejuízo editorial. Acredita que, fôsse Nelson pobre, teria êle publicado o seu livro? Não Cosette, nem você, nem eu, publicaremos nada na Editôra assim de mão beijada. Não sendo geniais (um G. Rosa), políticos (um Affonso Arinos Melo Franco⁵⁴), ou milionários (um Gilberto Amado⁵⁵, um Nelson), jamais teríamos qualquer chance. José Olympio não nasceu ontem, não vai mais na onda de arriscar-se a jogar dinheiro fora, só publica agora matéria financiada de antemão – pela fama ou pela “prata” mesmo. Recentemente ainda, não tive peias na língua para dizer isto, comentando na seção que a Editôra só publica porcaria (claro que falei em termos) bem paga. E veja você mesma se não é verdade. Pense e custará a se lembrar de algum livro bom que o J.O. tenha publicado desde alguns anos. Exceto reedições de Rosa, de Drummond, o resto é matéria paga. Se a família do Nelson mostrasse a êle as mesmas condições de prosperidade e garantia bancária, aí eu não teria dúvidas em acreditar numa publicação de livro dele. Mas, ao que parece, Nelson não deixou a família em tão boas condições como se supunha – e esta já era bem desinteressada da literatura dele para fazer qualquer sacrifício a respeito. Talvez eu esteja sendo dura demais em lhe falar assim tão francamente. Mas você verá que eu tenho razão, que o Nelson, se pode sobreviver ainda, será apenas na memória de pouquíssimos, raríssimos, mínimos amigos. E talvez com o prêmio que deixou na Academia. Mas, daqui a dois anos, no máximo, o ganhador do prêmio se perguntará: “Quem é êsse Nelson Faria que dá nome ao prêmio que ganhei?” E pouca gente saberá responder. A vida quer viver, continuar, e prefere por isto desgrudar-se o mais rapidamente possível do visgo dos mortos. E quando digo vida, quero dizer, inclusive, família. Ao menos estas que não foram

feitas com muita dor e sofrimento, com muito afeto e ternura, com alegria de compartilhar e de estar junto. A sua, a minha, parecem-me hoje em dia verdadeiras aberrações dentro do sistema. E já me disseram mesmo, a respeito da união entre os Corrêa de Araújo, que isto é patológico. Talvez seja, talvez estejamos todos errados em acreditar no amor.

Que casa custosa! Isto já nem é casa, é solar, palacete, residência de governador! Terei a maior timidez em pisar as suas soleiras, tanto me parece imponente. Não diga que não é: pelo tempo em que está a fazê-la, a construí-la, a organizá-la em perfeição, ou é casa de rico ou você está fazendo-a com as suas mãos, pedra por pedra... Claro que não poderei deixar de dar o meu “habite-se”, tão logo você me mande dizer que chegou ao fim. E a minha benção para que tudo lhe corra suave e manso lá dentro! Brincadeiras, não levo a sério. Conheço o “abacaxi” que é uma construção. E desejo sinceramente que logo esteja livre das amolações e ...das despesas.

Bem, creio que paro por aqui, pois suponho que o aquecedor já cumpriu a sua função de esquentar-me a água... Apesar do calor, não me atrai a água fria, a não ser em piscinas ou no mar. No banheiro, quero fumaça e espuma...

Um abraço da

Laís

⁵² Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Descendente de povoadores e mineradores de ouro das Gerais, passou a infância numa fazenda de Itabira. Fez os estudos secundários em Friburgo e em Belo Horizonte, onde cursou Farmácia e foi professor de geografia. Em 1925, fundou, com Emílio Moura, João Alphonsus e outros escritores mineiros, **A Revista** que, apesar da sua curta duração, foi o órgão mais importante do Modernismo no Estado. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, em 1934, ocupou até 1945 a chefia de gabinete de Gustavo Capanema junto ao Ministério de Educação e Saúde. Fez sempre jornalismo, colaborando assiduamente no **Correio da Manhã**. Algumas obras: **Alguma poesia**, **Brejo das Almas**, **Sentimento do Mundo**, **A Rosa do povo**, **Claro Enigma**, **Boitempo** (BOSI, 2006, p. 440).

⁵³ Henriqueta Lisboa nasceu em Lambari (MG), em 15 de julho de 1901, e morreu em Belo Horizonte (MG), em 9 de outubro de 1985. Foi poeta, tradutora, ensaísta e, ainda, docente de literaturas hispano-americana e brasileira e de literatura geral. Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro em 1924. Seu primeiro livro de poemas, publicado em 1925, intitulava-se **Fogo fátuo**, de tendência simbolista, traço marcante de sua obra até a década de 1940. Recebeu durante sua vida vários prêmios: em 1931, foi agraciada com o **Prêmio de Poesia Olavo Bilac**, da Academia Brasileira de Letras pelo livro **Enternecimento**; em 1952, a Câmara Brasileira do Livro premiou seu livro infantil **Madrinha lua**; pelo conjunto de sua obra obteve três prêmios: a **Medalha da Inconfidência de Minas Gerais** em 1955, o **Prêmio Brasília de Literatura** em 1971 e o **Prêmio Machado de Assis**, da Academia Brasileira de Letras em 1984. Sua extensa produção intelectual é composta por ensaios literários, traduções, organização de antologias de poesias. Colaborou com várias revistas editadas no Rio de Janeiro e Minas Gerais, entre as quais **O Malho**, **Revista da Semana**, **A Manhã**, **O Jornal**. Nas revistas **Kosmos** e **Festa**, escrevia ao lado de Gilka Machado e Cecília Meireles. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Entre 1940 e 1945 manteve uma vasta correspondência, com o escritor Mário de Andrade, discutindo temas pessoais e literários. Foi a primeira mulher eleita para a Academia Mineira de Letras, em 1963, onde ocupou a cadeira de número 26. Sua poesia tornou-se conhecida no exterior, sendo traduzida em várias línguas, como o francês, inglês, italiano, espanhol, alemão e latim (FANGUEIRO, 2020).

⁵⁴ Affonso Arinos de Melo e Franco (1868-1916), nasceu em Paracatu (MG), em 1868. Em São João Del-Rei, estudou no conhecido colégio do Cônego Antônio José da Costa Machado. Depois, foi para o Rio de Janeiro estudar Humanidades, e, para São Paulo, formando-se em Direito, em 1889. Em São Paulo, a convite de Eduardo Prado, em 1897, assumiu a direção do Jornal **Comércio de São Paulo**, que fazia campanha pela restauração da monarquia. O gosto pelas letras revelou-se desde o tempo de estudante, principalmente através dos inúmeros contos que escrevia e publicava nos periódicos literários. Considerado pioneiro das tendências regionalistas na literatura brasileira, tem, entre suas publicações, os seguintes títulos: **Pelo sertão** (1898); **Os jagunços** (1898); **Notas do dia** (prosa, 1900); **O**

contratador de diamantes (1917), **A unidade da pátria** (1917), **Lendas e tradições brasileiras** (1917), **O mestre de campo** (1918) **Histórias e paisagens** (contos, 1921); **Lendas e tradições brasileiras** (1917, edição póstuma) e **Histórias e paisagens** (1921, edição póstuma). O escritor faleceu em 19 de fevereiro de 1916, em Barcelona, Espanha (DUARTE, 2010, p. 40).

⁵⁵ Gilberto Amado (1887-1969). Jurista, diplomata, poeta, romancista, memorialista, ensaísta político. Fez os estudos primários em casa, e os superiores em Recife, onde se diplomou em direito, depois de fazer o curso de farmácia em Salvador. Professor de Direito no Rio de Janeiro, onde fez jornalismo. Destacou-se por sua obra memorialística. Deputado Federal por Sergipe de 1915 a 1930. Entrou para a diplomacia, tendo representado o Brasil em diversas conferências internacionais, além de ter sido embaixador em vários países. Foi membro da Comissão Internacional da ONU (desde 1948). Obras principais: **Grão de areia** (1919); **A dança sobre o abismo** (1932); **Histórias de minha infância** (1954); **Minha Formação no Recife** (1955); **Primeira Viagem à Europa** (1956); **Depois da política** (1960). Membro da Academia Brasileira de Letras (COUTINHO, 2004, v. 6, p. 138).

Carta 6/23 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 1 de maio de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 31,5cm de largura x 21,5cm de comprimento; não possui pautas; cor bege, folhas com marcas de dobras. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 2 folhas + envelope.

Prezada Laís;

conversar com você, para mim que sou de natural retraído, é grande prazer. Por isto mesmo, verificando a total impossibilidade de o fazer (sempre a casa, sempre a mudança) não me resignei a enviar-lhe uma palavrinha, sempre (aguardando que) surgisse afinal uma pausa na trabalhadeira insana em que me meti. Você, como eu, parece acreditar ingenuamente que são as mansões, os palácios, os solares, o tipo de construção demorada e lenta: engano nosso. O que, hoje, pode demorar, e demora mesmo, é a casa do pobre, a arquitetura modesta, as paredes humildes custeadas com as suadas economias de muitos anos de labor. Para estas, falta tudo; não há matéria prima, não há mão de obra. O pouco que existe, no setor, neste país em declarada insuficiência de produção, é absorvido pelo tubaronato incorporativo, pelos donos da área que são os grandes incorporadores, os magnatas dos consórcios habitacionais. É por isto que, planejada para oito meses de construção, a minha casa ainda não está inteiramente pronta, depois de doze meses de martírio. E nem saiu inteiramente dentro da modéstia da idéia inicial: muito corte teve de ser feito por (ilegível) falta de recursos, tanto material quanto humano. Há uma semana que estamos na odisséia da mudança, mas é operação que se faz lentamente, até porque as estantes para os livros, por um imprevisto, não ficaram prontas e só deverão ser entregues para o meio dêste mês [ilegível]. Eu, sem os livros, não me mudo: assim, estamos a dormir pelo chão, comendo (em) pé, passando o diabo. Paciência, tudo é festa.

Menos, naturalmente, a estafa. Desta, resultam doenças, crises hepáticas, enxaquecas, pouca disposição para a máquina de escrever. Até mesmo tive de levar um corte no pescoço, tendo me surgido um gânglio cervical, que logo alarmou todo mundo. Tirei o carôço, mandei examiná-lo e até hoje não fui saber o bicho que deu. Falta-me tempo e fé na medicina não tenho nenhuma. De resto, não é a primeira vez que me nascem ornamentos dêste tipo. Como disse ao médico, nós, Alencar, somos um pouco mais encaroados do que seria necessário. Mas agora

conto, efetivamente, ir para a nova casa por êstes quinze próximos dias. Tão logo me instale, a casa é sua; e anotei, com satisfação, sua promessa de vir conhecê-la.

Queria dizer-lhe algo sôbre o que me relatou a propósito dos inéditos do Néilson. Vai ficar para outra vez, que agora não dá pé. Estou com os ouvidos cheios de zumbido das serras e (das batidas dos) martelos dos marceneiros trabalhando ao lado, numa desesperada tentativa de restaurar móveis velhos (o tutu não sobrou para renovação total dos badulaques todos). Mas você não me contou nada de nôvo. Sabia, por intuição, desta realidade melancólica que me desnuda, acho que de ciência experimentada. Não foi à tôa que vivi ao lado de Mestre Gilberto; aprendi com êle enorme soma de noções práticas infalíveis. Era um homem, não desiludido, mas sem ilusões. E via claro como poucos. De seu desencanto herdei atavicamente porção maciça. Dizem-me que sou mais amarga do que êle, que era apenas irônico. Por mim, penso que meu pai era (somente) mais disciplinado e mais sofrido: quanto a amargura, os mais fortes sabem ocultá-la. Não será grande vantagem, visto como esta dissimulação apenas agravará e mal.

Queria pedir-lhe um favor: se puder, diga a nosso Frieiro que estou esperando mudar-me para escrever-lhe e que não lhe dispenso a visita. Ainda que seja apenas como ponto de parada nas suas andanças Rio-B.Hte, conto tê-lo aqui com a d. Noêmia⁵⁶. Aliás, êle deve-me [ilegível] retribuição desta cortesia.

E desculpe-me o mau jeito desta, que estou batendo máquina em um tamborete meio pernetá. Mas não acabo sem pedir-lhe que transmita ao Murilo meus cumprimentos (que a você endereço igualmente) pelos números especiais do SL. Estão muito bons. Prestam efetivo serviço à cultura. O último, dedicado ao Emílio de Moura⁵⁷, não foge à regra: suntuoso.

Mando-lhe uma palavra ainda em breve. Um abraço
da Cosette

J. de Fora, 1.5.69

⁵⁶Esposa do escritor e professor Eduardo Frieiro.

⁵⁷ O número especial do **Suplemento Literário** sobre a vida e a obra de Emílio Moura foi organizado por Rui Mourão (ANEXO D). Emílio Moura, integrante do

modernismo mineiro, consagrou-se com sua poesia melancólica, de forma límpida e voltada sobretudo para temas do cotidiano. Foi um dos redatores de **A Revista**, órgão pioneiro na divulgação do movimento modernista no estado e, dos jornais **Diário de Minas**, **Estado de Minas**, **A Tribuna** e **Minas Gerais**, todos de Belo Horizonte (MG). Estreou em livro com **Ingenuidade** (1931), escreveu também **Canto na hora amarga** (1936), **Cancioneiro** (1943); **O espelho e a musa** (1949); **O instante e o eterno** (1953) e **Poesia** (1953). Em 1961, num lançamento da revista **Tendência**, apareceu seu longo poema **A casa**. Em 1969 publicou **Itinerário poético** (poemas reunidos), que inclui três livros inéditos, além dos poemas escritos no passado. Sua poesia caracteriza-se pelo traço interrogativo. Membro da Academia Mineira de Letras, morreu em 29 de setembro de 1971, em Belo Horizonte (EMÍLIO, 1969).

Carta 7/21 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 8 de maio de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 26 cm de largura x 20 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 4 folhas.

BH, 8.5.1969

Cosette,

agora é que me levanto do estado letárgico em que me põe essa famosa dor de cabeça. Desde ontem deitada, finalmente vejo raiar uma claridade de paz, a mostrar que as inúmeras aspirinas, ormigrein, engov, etc., fizeram efeito. Como João Cabral⁵⁸, devia escrever um poema aos comprimidos que, ainda que toscamente, ajudam-se a voltar à vida normal...

aliás, não fora a dor de cabeça, de qualquer forma eu estaria deitada: isto porque, há uns vinte dias, estou por conta do atôa, pois me demiti de minhas funções de cronista de livros do SL. Estou aproveitando a oportunidade para descansar enormemente, passando as tardes no dolce far niente⁵⁹ da leitura ou do tricô. Leitura agora por minha conta, do que eu quero, como quero, quando quero. Não mais aquela obrigação de ler os livros que chegavam das editôras, escolher um e escrever sôbre êle, mas ler “desencadernadamente”, passando da ficção para o ensaio, deste para a poesia, desta para o policial e assim em círculos desordenados. Claro que esta situação de privilegiado não pode durar muito, daí eu aproveitá-la como quem está nos seus últimos minutos de vida. Breve me designarão uma outra função, ou outra repartição, talvez um horário rígido, e aí cadê tempo? Mas não lhe contei como cheguei a êste estado atual de bem aventurança.

acontece que sempre lhe disse – e você está arrolada como testemunha – que nunca me preocupei ou me interessei pela chamada “glória literária”. De resto, quem escreve comentários sôbre livros faz, inevitavelmente, coisa transitória e que contribui, no máximo, para a glória alheia e não para a própria. Fazia a Roda Gigante como um trabalho qualquer. E, em qualquer trabalho, procuro ser honesta e dar o máximo de mim. Mas nenhum trabalho vale, a meu ver, o sacrifício de uma honestidade mais intrínseca, a honestidade do pensamento, a coerência entre êste e um estilo de vida. Pois quiseram fazer-me sacrificar – a bem do ídolo revolucionário – êsse único patrimônio que julgo possuir. Murilo Rubião achou que a última seção que eu escrevera ofendia a santíssima pátria (embora eu estivesse falando de um

escritor do Equador e sôbre o contexto de miséria, analfabetismo e subdesenvolvimento daquele país) e agiu de modo incorreto, levando a minha seção para ser censurada pelo diretor da Imprensa Oficial, o Paulo C. Guimarães⁶⁰, que nada entende de nada, ainda mais de literatura! Naturalmente, senti-me ferida em meus brios, não só pela censura, injusta, mas ainda pelos caminhos de “denúncia” que tomou. Imediatamente redigi uma carta dizendo que não mais escreveria a seção e pedindo me fôsse designado outro serviço. Até hoje não tive resposta da minha carta nem solução alguma, pois – segundo soube – Murilo acha justíssima a censura literária, justificando-se em nome do bem maior que é a continuidade de aparecimento do SL. Tem razão até certo ponto: acho que o SL deve, merece continuar. Mas não à custa de uma concessão ética e moral de minha parte, avêssa que sempre fui a quaisquer restrições da liberdade de pensamento. E acho que êle continuará sem mim muito bem. Quem quiser que escreva, que se sujeite à censura, isto é questão de foro pessoal. Mas aquela pessoa que êle pensava muito humildezinha (sou humilde sim, mas não a esse ponto) simplesmente se recusa a colaborar com aqueles que se julgam donos da verdade, do direito de pensar pelos outros, de impedir a “subversão” alheia. Estou lhe contando isto, porém, peço-lhe encarecidamente, é um segredo que deve conservar para você. Não quero que uma coisa destas transpire (vai transpirar um dia, eu sei) pondo-me eu na posição de mártir e Murilo na de algoz. Nem êle nem eu temos culpa da situação do país. Êle se acha com a razão, pensando que entre os males se escolha o menor. E o menor é a continuidade do SL, que faz muito bem à cultura, apesar de tudo. Eu me acho com a razão porque não acredito que se possa fazer nada em matéria literária sob controle governamental. Compreendendo isto, estou disposta a continuar a ajudar o SL, de outras formas, como já vinha fazendo também: pedindo colaborações a meus amigos escritores, organizando números especiais, fazendo traduções, mantendo uma correspondência enorme que me chega, de modo a manter vivo o espírito do SL. Só me recuso a escrever. Entretanto, como Murilo nenhuma resposta me deu, está me evitando, deixando de falar-me, chegando mesmo a parecer fugir ao meu contato (pernicioso?), por enquanto estou em completo ócio... que aproveito devidamente. Enfim, estamos como namorados brigados! E, como namorados, pode suceder a surpresa de virmos a fazer as pazes; daí que não quero que a situação transpire, enquanto não se definir completamente. Está certo? Gostaria também que me desse a sua opinião, pois é claro que só tenho a do Affonso, que

naturalmente me é favorável. O que faria você num caso destes? Estou certa ou errada? Devo colocar os interesses do SL acima de minhas concepções de ética? Certamente muita gente estranhará quando vir que o jornal está saindo sem a tradicional Roda Gigante e me fará perguntas. O que devo dizer? Não quero ser mesquinha (como foi a atitude do Murilo), mas terei de explicar – e como o farei? Estou realmente sem saber como agir – e você, que certamente é bem mais sensata e experiente do que eu, poderá aconselhar-me.

Finalmente, vejo que a casa estará em breve habitada e habituada, para mim, significa também com os livros. Uma casa sem livros, como vejo tantas, me parece perfeitamente vazia. Hábito talvez, mau hábito talvez, êsse de livros! Mas aprendi também como você a amá-los desde criança e não consigo libertar-me deles. Mesmo nestas terríveis dores de cabeça, o que me aborrece mais é não conseguir ler. Se conseguisse, aguentaria tudo com paciência e resignação...

Gostaria de perguntar-lhe uma coisa: conhece você aí parentes do Murilo Mendes? Teriam êsses parentes algo dêle, primeiras publicações, algum poema manuscrito, um retrato de infância, qualquer coisa inédita? Estou pensando em escrever sôbre Murilo um trabalho grande (será um livro, que está mais ou menos encomendado) e qualquer auxílio será formidável. Tenho a impressão de que o poeta não se dá muito bem com a parentela daí – e êle mesmo é demasiado fechado (apesar de me escrever com certa regularidade) para querer ajudar-me. Eu teria de escrever uma espécie de biografia e um estudo crítico. Vamos ver se darei conta do recado. Não quero que você se preocupe com isto, apenas pergunto. Se for lhe dar qualquer trabalho ou aborrecimento, ponha o caso de lado e esqueça.

Achei que fui um pouco dura com você ao falar do Nelson. Fui sim: fiquei arrependida, mas a carta já seguira. Fui sim, talvez por piedade, para que não se iludisse com os homens, que esquecem facilmente, que se preocupam com outros valores mais importantes (!!!) que os do espírito. Desculpe-me, sim? A verdade, no entanto, é aquela mesma: ninguém (ilegível) cogita de nada a respeito dos últimos escritos dele, pelo que apurei. É triste.

Bem, antes que me volte a dor de cabeça, pelos excessos de escrever nesse fio de luz da tarde, despeço-me, pedindo-lhe ainda outras desculpas pelas confissões que lhe fiz. Você saberá compreender-me, não é?

O abraço da

Laís

⁵⁸ O poeta João Cabral de Melo Neto (1920-1999) padeceu a maior parte de sua vida de uma dor de cabeça diária, de causa jamais diagnosticada, apesar de inúmeros exames feitos por ele. Para combater a dor, converteu-se em um consumidor persistente da aspirina: durante anos, João Cabral ingeriu diariamente vários comprimidos do medicamento. Essa convivência diária com a aspirina fez com que João Cabral de Melo Neto escrevesse um poema em homenagem ao medicamento, denominado **Num monumento à aspirina**, que integra o livro **A educação pela pedra** (CAMAROTTI, 2015).

Claramente: o mais prático dos sóis,
o sol de um comprimido de aspirina:
de emprego fácil, portátil e barato,
compacto de sol na lápide sucinta.
Principalmente porque, sol artificial,
que nada limita a funcionar de dia,
que a noite não expulsa, cada noite,
sol imune às leis de meteorologia,
a toda hora em que se necessita dele
levanta e vem (sempre num claro dia):
acende, para secar a aniagem da alma,
quará-la, em linhos de um meio-dia.
Convergem: a aparência e os efeitos
da lente do comprimido de aspirina:
o acabamento esmerado desse cristal,
polido a esmeril e repolido a lima,
prefigura o clima onde ele faz viver
e o cartesiano de tudo nesse clima.
De outro lado, porque lente interna,
de uso interno, por detrás da retina,
não serve exclusivamente para o olho
a lente, ou o comprimido de aspirina:
ela reenfoca, para o corpo inteiro,
o borroso de ao redor, e o reafina.

⁵⁹ É uma expressão italiana, que significa doce ociosidade. Exprime o ideal dos preguiçosos (NEVES, 2003, p. 270).

⁶⁰ Paulo Campos Guimarães (1918-1980) nasceu na cidade de Conceição do Pompeu, atual Pompeu, MG. Foi político, servidor público, advogado e professor. Estudou no Ginásio Mineiro em Belo Horizonte, bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1944. Como funcionário público, entre 1947-1951, trabalhou na Secretaria das Finanças como assistente jurídico no governo Milton Soares Campos, e como chefe de gabinete do Secretário de Estado de Finanças José de Magalhães Pinto. Deputado Estadual entre 1951-1963. Em 1961 renunciou ao mandato para assumir o cargo como Chefe do Gabinete dos governadores Israel Pinheiro e Rondon Pacheco. Entre 1967-1975, foi diretor da Imprensa Oficial e Coordenador de Cultura do Estado entre 1975-1980. Atuou como professor nas Faculdades de Direito, Filosofia e de Ciência Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi titular de Cartório de Imóveis de Belo Horizonte, presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Minas Gerais, presidente da Comissão de reestruturação da Fundação Universidade do Trabalho de Minas Gerais – UTRAMIG e da Comissão de Reestruturação da Caixa Econômica Federal. Filiou-se aos partidos políticos UDN e Arena (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 2013).

Carta 8/23 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 13 de maio de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 14cm de largura x 23cm de comprimento; papel com pautas. Datiloscrito (tinta preta) assinado. 6 folhas + envelope.

Prezada Laís;

na velha casa, agora quase vazia, com milhares de livros espalhados pelo chão (além dos fantasmas empoeirados que vão se erguendo dos desvãos tanto tempo dissimulados) acomodo-me muito mal junto à máquina que oscila num pouso de emergência para tentar ajudá-la na dúvida (em) que se encontra. Espero, e desejo, que a esta altura sua habitual vivacidade já (lhe) tenha [ilegível] acudido, mostrando-lhe o caminho acertado. Em todo caso, embora saiba muito bem que a experiência da vida só ajuda aos que a armazenaram à custa própria, e atendendo o seu apelo, gostaria de dizer-lhe uma palavra de boa fé. Não conhece o bonito aforismo de Joubert⁶¹? Disse êle que “a noite da vida traz consigo sua lâmpada”. Assim é. A gente, envelhecendo, passa a ver melhor. E a discernir com mais clareza. Os arroubos e rebeldias da mocidade dão lugar ao bom-senso e ao equilíbrio; não serão estas qualidades tão atraentes e sedutoras quanto aqueles defeitos. Mas são práticas. Compreendo muito bem seu rompante ante a atitude dos chefes no episódio que me relatou. Nem mesmo o desaprovo. Contudo, a vida exige de nós uma série de concessões neste setor. O melhor, talvez, em incidentes semelhantes será a vista grossa que uma certa filosofia aconselha. Fazer das tripas, coração-como se dizia antigamente. Vivi com um mestre inexcedível na arte de harmonizar pontos de vista: meu pai. Independente, solitário, altivo, inimigo da subserviência, ostensivamente hostil à opinião geral, acabou êle, depois de muito murro em ponta de faca, por adquirir uma singular contenção de atitudes. Não se rebelava, embora não se abaixasse; e pôde, assim, travar sua luta particular usando de instrumentos [ilegível] sem os quais lhe seria impossível fazê-lo. Aborrecendo ao máximo o comportamento dos donos da imprensa, desprezando mesmo a linha por êles adotada, soube refrear seu sentimento para não perder a oportunidade de dizer o que tinha em si. Dizia-o corajosa mas diplomáticamente. Tornou-se proverbial sua singularidade de opiniões: emitia-as, contudo, sem jamais atingir certos limites. Sobretudo, nunca deixava de generalizar, evitando sempre o tem delatório. O resultado foi que, para quem sabia ler, sua coluna era verdadeiro tribunal: julgava,

condenava, absolvía. Mas os donos dos jornais, os políticos que êle tanto verberava, principalmente, não encontraram nunca por onde pegá-lo; e por isto mesmo, respeitavam-no. Um dos motivos porque meu pai assim procedia seria o pavor que lhe causava a ideia de ser obrigado a suspender seu trabalho jornalístico; sabia que isto poderia mata-lo. Como o matou realmente. Quando a doença o marginalizou, não demorou a morrer. Depois, meu pai aprendeu a lição de vida que suas batalhas lhe proporcionaram; já na idade madura, embora nêle não estivesse morto o Quixote da mocidade, reconheceu o cabimento das virtudes de Sancho. Para sonhar, sem dúvida, o Cavaleiro se impõe; para viver, quem se impõe é o escudeiro...

Penso que será lamentável você interromper seu trabalho, com tanto carinho realizado, da Roda Gigante. E por uma tolice ainda! O acertado, a meu ver, será não exagerar a importância do ocorrido; episódio trivial, sobretudo quando se trata de um departamento de serviço público. Se os chefes consideraram ter você cometido uma pequena incartada, é lá com eles: para isto são chefes. Guardando [ilegível] você mesma o que a respeito pensar, acate-lhes as ponderações, dando-lhes a atenção (exigida pelo lugar que ocupam, mesmo) que não (o) mereçam. O que importa, no caso, é não lhe ser tirada a possibilidade de prosseguir na tarefa encetada: dia virá em que lhe será possível tirar uma forra, talvez mais cedo do que pensa. Uma febre elegante, à altura. Mas não abra mão de sua secção [sic], pelo contrário apegue-se a ela. E pense que tudo, na idade em que você está, é lição: às vezes, lição melancólica, mas lição. Como dizia o mago Rosa, viver é muito perigoso. Mas a gente vai aprendendo, pois não. Uma imposição a que não podemos furtar-nos, se queremos viver em relativa tranquilidade, é a de refrear nossa sensibilidade. Há que nos habituarmos à dupla existência dos sonhadores: dois são os mundos em que vivemos, o nosso, particular e próprio, em que nos expandimos com soberania e arrogância, feito de nossos sonhos e anseios, e o mundo “tout court⁶²”, o mundo do dia-a-dia, em que nem sempre nos é possível lavar a cara como (seria) de nosso gosto... Há de consolar-nos o pensamento de que esta dualidade é imperativa na vida de cada qual: falo dos sensíveis, dos ungidos pela graça, dos “happy few⁶³” que a arte mordeu... No mundo do dia-a-dia, sem alguma dissimulação, sem um bocado de hipocrisia não se pode ir adiante; é certo que esta hipocrisia, (e) esta dissimulação em conta de diplomacia podem ser tomadas. Diplomático é a gente defender com unhas e dentes o próprio bocado.

Pode você afirmar que está feliz com a extinção de sua coluna no SL. Acho que se equivoca: verá que ela irá faltar-lhe. Não se trata de glória literária, nem mesmo de aspiração à fama ou à notoriedade. Mas é um respiradouro que lhe permite comunicar-se com um público que (invisível) embora, tem forte presença. (E que presente, ajuda-a mais do que você pensa.).

Assim não se dê por achada e reassuma seu lugar no suplemento. Não espere que a reconvoquem: você tem direitos de antiguidade, firme-se nêles. É claro que digo isto na presunção de que, intimamente, êste é seu desejo. Se me engano, fica o dito por não dito.

Saiba que, tal como meu pai, faço vista grossa a injustiças que, no jornal, me pontuam o trabalho. Bem pequeno é o valor que nos dão, menor ainda a remuneração financeira. Que me importa? Trata-se de empresários mercantilizados, sem visão nem alcance; tal como fêz meu pai, limito-me a desfrutar do ensejo de usar-lhes os recursos publicitários, sem dar qualquer significação a seu procedimento. Pode um pé de abacaxi dar rosas? Então?

Tenho a impressão de que o Murilo irá a você antes que você vá a êle: não se faça de rogada, esqueça o acontecido e vá em frente. Aliás, que aconteceu? Nada. Nada mesmo.

A Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, agora famosa com sua vitória no Prêmio Bloch⁶⁴, disse-me que iria mandar a você um conto para o SL⁶⁵. Deve ser coisa boa. Contou-me o Ascendino Leite⁶⁶, ao passar por aqui, que o Adonias⁶⁷ considera esta Maria de Lourdes uma revelação literária das mais auspiciosas. Realmente, é môça muito talentosa. Muito simpática, fina, agradável.

Agora, parece certo que poderemos mudar-nos até o fim desta semana, no máximo até dia 20. O tratante do marceneiro ainda não me entregou as estantes encomendadas. Penso que o fará nestes dois ou três dias.

Então, cá estaremos à espera de sua prometida visita. Para enxaqueca, o remédio certo é distração. Sei disso por experiência própria.

Um abraço e perdoe-me a moxinifada.

Cosette

⁶¹ Joseph Joubert (1754-1821), moralista francês. Amigo de Chateaubriand, que recolheu seus escritos dispersos e os publicou após sua morte: **Pensées** (1842), (CARPEAUX, 2008, v. 3, p. 1391).

⁶² Significado: sem mais nada, simplesmente (HOUAISS; SALLES, 2009, p. 1861).

⁶³ É uma expressão inglesa que significa, poucos felizes, e que designa a elite intelectual (NEVES, 2003, p. 98).

⁶⁴ Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, escritora mineira, de Maria da Fé (MG) e radicada em Juiz de Fora, escreveu contos, crônicas, romances, textos infanto-juvenis, entre outros, e foi consagrada com prêmios importantes dentro da literatura, dentre eles o **Prêmio Bloch Nacional de Romance** - em 1968 - com o livro **Antigamente, no porão**, romance que traz uma mistura de emoções, sofrimentos, mágoas, personalidades, histórias que se confundem e que se pertencem envolvendo o leitor de maneira a deixar fluir na própria realidade as reflexões humanas vivenciadas no mundo ficcional (GONÇALVES, 2014).

⁶⁵ O pesquisador concluiu que a escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira não enviou o artigo para ser publicado no **Suplemento Literário do Minas Gerais**, pois pesquisas foram feitas no periódico e estas informações não foram localizadas.

⁶⁶ Ascendino Leite nasceu em Conceição do Piancó, Paraíba, aos 21 de junho de 1915. A infância modesta e a paisagem flagelada do nordeste marcaram profundamente a alma deste poeta do amor e renomado romancista. Foi funcionário público e jornalista, tendo sido também — em certo período de sua vida — redator de assuntos parlamentares. Dirigiu e chefiou a redação de vários jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Na passagem de seus 90 anos, Ascendino Leite nos presenteou com a belíssima edição de **Poesia e morte**, reunião de oito livros (**Jardim marítimo; Visões do vale; Os juízes; O nariz de Cíntia; Por uma saudade azul; Poemas do fim comum; À flor da terra; Loas a Chile**), publicada em 2006 pela editora Ideia, de João Pessoa (TAVEIRA, 2020).

⁶⁷ Adonias Filho (1915-1990), romancista e ensaísta brasileiro. Adonias Aguiar Filho passou parte da infância numa fazenda de cacau no sul da Bahia, região em que situaria a ação de seus três primeiros romances. Fez estudos primários em Ilhéus e secundários em Salvador, onde foi contemporâneo de Jorge Amado no Ginásio Ipiranga. Fixou-se no Rio de Janeiro em 1936, ali se ligando ao grupo católico de Tasso da Silveira e Andrade Murici. Colaborou regularmente em jornais e revistas do Rio de Janeiro e São Paulo com artigos de crítica literária. Foi diretor do Instituto Nacional do Livro (1954-1955), do Serviço Nacional de Teatro (1954 e 1956), da Biblioteca Nacional (1961) e da Agência Nacional (1964). Entre seus livros mais conhecidos estão os romances **Os Servos da morte** (1946), **Memórias de Lázaro** (1952), **Corpo vivo** (1963), **O forte** (1965) e os ensaios literários de **Modernos ficcionistas brasileiros** (1958), (MOISÉS, 2008, p. 19).

Carta 9/21 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 4 de junho de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 21,5 cm de largura x 27,5 cm de comprimento; não possui pautas. O papel possui o timbre do Diário Mercantil, no rodapé: endereço telegráfico: Mercantil Caixa Postal 353. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 2 folhas + envelope.

JUIZ DE FORA – MG
4.6.69

Laís;

finalmente, cá estamos nós na casa nova, depois de uma série de peripécias, cada qual mais aborrecida, embora nenhuma realmente original. Apenas as maçadas de costume, sabidas e conhecidas – mas quem disse ser preciso ineditismo nas chateações? Foi um deus-nos-acuda a mudança, tendo levado dois ou três meses a distribuição dos badulaques infindáveis, reunidos durante mais de cinquenta anos pelos donos da casa velha, agora mortos. Um nunca-acabar de trastes imprestáveis, peças de louça desaparelhadas, quinquilharia infindável que entopia desvãos, transbordava dos armários, lotava os porões enormes, sem se falar nas coleções de revistas sem valor, livralhada absurda que rebentava as molas das canastras e dos baús, até dos baús! Acumulados mais ou menos por toda parte. Até hoje, envergonhados, colchões velhos e camas em desuso continuam saindo pelos exaustos portões da casa velha, já enfasiados de assistir à procissão interminável de estantes capengas, cadeiras pernetas, malas e malões de língua para fora num vômito incoercível de [...] objetos os mais heterogêneos [ilegível]. Foi de matar. Penso que acabou. Não estou certa porque não tive mais ânimo de entrar nos referidos porões: davam-me náuseas.

Não consegui ainda arrumar a biblioteca paterna. Talvez não o consiga jamais. Limitei-me a separar os livros por autor, dedetizá-los e ajeitá-los nas estantes finalmente prontas. Não foi pouco: só com isto arrasei-me. O mais vai ficar para as calendas. O pior está feito, e exigiu coragem; eu própria me admiro de ter conseguido esta coisa monstruosa: mudar a casa, depois da família, estacionar perto de cinquenta anos dentro dos velhos muros. Foi duro.

Assim, pode você aparecer quando quiser: seja quando fôr, será prazer tê-la aqui.

Não sei se recebeu uma carta que lhe escrevi imediatamente depois de haver recebido a notícia de sua demissão da Roda Gigante. O que então disse e que

agora repetiria: não vale a pena mostrarmos suscetibilidade em demasia. Por que? A vida é isto que está aí, não tem jeito nem remédio; convém, aqui e ali, fazermos das tripas coração. Meu pai isto mesmo sustentava, homem sensato que sempre foi, sofrido e paciente. Com isso, altivo, independente, indomável em pontos de honra e princípios morais: cedia à força maior, pelo menos aparentemente. No fundo, zombava de tudo e de todos. Que lucra você com a renúncia à sua coluna? Acabará por dá-la a outrem que topará todas as exigências que lhe forem feitas, dando-se por feliz pela oportunidade (alcançada). E você ficará com seu trabalho, carinhosamente encetado e atentamente continuado, interrompido; guarde seus pontos de vista, que são seus, mas fique firme no seu direito de prosseguir com a RODA. A RODA continua rodando, que é o mundo senão uma bola? Assim como lhe coube o aborrecimento de que me falou. [ilegível] a hora de se aborrecerem os outros: um dia depois do outro é panaceia infalível para endireitar tortos, desmanchar agravos e corrigir injustiças. Mas você sabe disso?

Telefonei à irmã do Murilo e lhe dei parte de sua solicitação: é [ilegível] delicada, mas não sei se capaz de ajudar a você. Em todo caso, prometeu-me ela que lhe escreveria, frisando que, quando de sua vinda a Juiz de Fora, procura entender-se pessoalmente com você, a fim de tentar satisfazer a seu pedido. O outro irmão, que aliás é meu vizinho, parece-me inteiramente fora de órbita para o que quer. Ainda assim, pedi à Virgínia que falasse ao José Maria a respeito do assunto que a interessa. Anuiu, não sei se só de boca. Dei a ela seu endereço. Você já leu o memorial do Murilo, A IDADE DO SERROTE? Penso que contém matéria útil a seu plano. De certo [sic], já o leu.

Sabe que, no Walmap, meu GIROFLÊ, GIROFLÁ foi recomendado aos editores? Premiozinho de consolação, que me deixou fria; de resto o livro sempre me pareceu fraco, desprovido de arcabouço, superado como prosa e como processo literário. É sair para outra tentativa. O homem da EDINOVA escreveu-me assegurando-me que irá editá-lo logo que o possa, mas eu, hem? Duvido! O negócio editorial anda feroz.

Leu, por acaso, o romance do Antônio Olinto? Pareceu-me banal. Já o de Geraldo França de Lima é excelente⁶⁸, a meu ver: precioso jazigo-jazida, prosa de alta qualidade, autêntico no enredo, honesto nos personagens, delicioso de ser lido. O Geraldo melhora a cada livro que escreve, e já começou muito bem e irá longe.

Mandei pedir ao Emilio Moura um exemplar de seu ITINERÁRIO POÉTICO⁶⁹; por coincidência, recebi o precioso volume no mesmo dia em que me chegava o não menos precioso REUNIÃO⁷⁰ do Carlos Drummond de Andrade; coloquei os dois livros na mesa de cabeceira e vou, com eles, tentando iludir a fadiga da leitura compulsória com que me constrange a coluna no jornal.

Pense em chegar até aqui e avise-me.

Um abraço;

Cosette

⁶⁸ É possível afirmar que se trata do romance **Jazigo dos vivos**, lançado em 1969 por Geraldo França de Lima. Em **Jazigo dos vivos**, observamos aquela estória de mineirice, de um solar e uma família em disputa, se deteriorando, com um final ajustado à moda das soluções novelescas: no fim, a empregadinha fica dona de tudo. O livro se lê com facilidade e há alguma coisa interessante quanto à amostragem de um estilo de vida tipicamente nosso – se bem que já muito explorado (ARAÚJO, 1970)

⁶⁹ Um lançamento importante do ano de 1969 é o **Itinerário poético**, de Emílio Moura, autor que sofreu o ônus de ter ficado em Minas Gerais. Sua boa poesia não tem merecido a atenção da crítica como devia, pelo que mostra de consciência reflexiva, de harmonia, sensibilidade e plasticidade linguística. Certamente, **Itinerário poético** é obra indispensável a todo estudioso ou interessado na poética pós-modernista (ARAÚJO, 1970).

⁷⁰ O nome mais importante editado em 1969 foi o de Carlos Drummond de Andrade, com uma antologia intitulada **Reunião**. Drummond é sempre Drummond, de modo que, mesmo conhecido os poemas, um livro seu é sucesso garantido. Em **Reunião**, temos os dez livros que escrevera até então: **Alguma poesia** (1930) – **Brejo das almas** (1934) – **Sentimento do mundo** (1940) – **José** (1942) – **A rosa do povo** (1945) – **Novos poemas** (1948) – **Claro enigma** (1952) – **Fazendeiro do ar** (1954) – **A vida passada a limpo** (1959) e **Lição de coisas**, de 1962 (ARAÚJO, 1970).

Carta 10/21 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 10 de junho de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 22 cm de largura x 32cm de comprimento; cor bege, sem pautas. Manuscrito (tinta azul) assinado. 3 folhas.

BHte, 10.6.1969

Cosette,

desde a manhã até agora (13 hs. da tarde), com breves interrupções, estou a escrever cartas. Estivemos, eu e Affonso, em Pirapora, para presidir o II Festival de Poesia⁷¹, e encontrei muita coisa por fazer e aceitar. Essa correspondência, eu a redijo como um testamento, já que, repetimos em todas a explicação de que nada mais tenho a ver com o SL certamente não voltarás a escrever-me. O assunto, na verdade, é quase sempre o mesmo, remessa de colaboração para o jornal, pedido de opinião, etc., etc., tudo aquilo que gira em torno de uma possível influência minha no SL. Breve, poderei escrever apenas para quem quiser e o carteiro não terá mais de tocar diariamente a campainha da casa. Conheço tudo isso, já passei por tudo isto: só somos “importantes” na medida em que podemos fazer algo pelos outros, quando não temos qualquer poder, deixamos de existir e de significar. “sic transit⁷²...” trabalhei no Palácio e vivia assediada de aduladores, presenteadores, amigos; tudo se [ilegível] com a saída do govêrno; também na literatura, meu tempo de “glória” dura o tempo em que posso falar, noticiar, propalar os livros alheios. Agora virá o silêncio, que é desprestígio, mas me alegra e alivia enormemente. Recebi a minha ostra e componho – infelizmente não como Ovídio⁷³! As odes de meu ostracismo... dedico-me à leitura, aos meus quefazeres cotidianos, às minhas preocupações com os filhos, num ócio agradável, embora perigoso para quem como eu, sempre foi de uma terrível preguiça intelectual.

Fico feliz de sabê-la instalada; realmente quanta coisa, quanto traste vamos juntando pela vida! E uma mudança como a que você fez é que nos mostra a que nos apegamos tanto tempo. Tudo tolice, mas dói: náuseas, talvez, mas muita mágoa, muita pena também; porque aquela cadeira, hoje pernetá abrigou meu corpo querido ou porque aquela mala estropiada viajou muitos sonhos. Recomeçar, entretanto, parece brilhante enquanto esperança. Devíamos, diariamente, jogar fora os trastes velhos de pensamentos, saudades, medos, raivas etc. e, colocar móveis

novos em volta de nós, mas não sabemos e nos tornamos estupidamente apegados ao ontem [ilegível] que se esfacela em nossos dedos. É preciso força e decisão até para mudar de uma casa, você sabe, quanto mais para mudar hábitos e idéias! Daí os tradicionalistas, os “acadêmicos”, toda essa gente que pára e não ousa mais um passo à frente. Compreendo-os, mas não os justifico, como não justifico a mim mesma de aceitar os dias iguais e de temer o futuro. Admiro os audazes, os que se arriscam às viagens interplanetárias, de verdade ou no pensamento, no jôgo da vida ou no jôgo literário. De vez em quando arrisco uma cartada violenta, ou tudo ou nada. Na maioria da vêzes, não ganho nada, mas o simples gesto, o ato de coragem que implica, me dá um gôsto de vitória consolador.

No caso da “Roda Gigante” (já lhe disse, acho) a minha suscetibilidade não tem nada a ver com o governo, com a situação atual e com a censura em si, para tudo isto, eu teria agido (e ajo muito tempo) com a “altivez, independência, sensatez” de seu pai como me conta [ilegível] no [ilegível] de todos ou de tudo. A minha reação, porém, tem outro sentido, foi contra o que eu supuz amizade e não era; o que pensei respeito e não era; o que eu imaginei compreensão e não era. Contra, portanto, o Murilo e não contra moinhos de vento. Contra a forma porque agiu e não contra a censura, que eu aceitaria ou com displicência ou com distante desprêzo. Foi o que vi de mesquinho, de vil, de tôrpe na atitude dêle, de correr para “denunciar-me” e não pela tolice da censura em si. O que me desiludiu foi o homem e o intelectual que eu pensava conhecer, não as instituições que conheço e às quais nunca dei bolas. Isto me magoou e me entristeceu muito. Hoje, porém, passado o primeiro instante de revolta, simplesmente me enoja, e é assunto encerrado. E não vejo como apagar o episódio; poderia vingar-me perfeitamente, desmoralizá-lo perante os outros, mas poupo-lhe essa mesquinhês e conservo-me quieta. Ao contrário, até, embora respondendo cartas e dizendo-me afastada do SL, [ilegível] os escritores – especialmente os bons e amigos – a continuar a prestigiar o jornal e tudo farei, no que puder, para que o SL continue a gozar de boa consideração. O homem não tem nada que ver com o suplemento e o caso é entre mim e êle, apenas. Apago o episódio, para que êle não turbe também outras amizades.

Bom o caso do Walmap. Eu não a convidei a enviar o livro em vão. Não tive muita confiança nos julgadores, não pelos nomes propriamente, mas pelo que eu soube da forma de leitura, rápida e ineficiente a meu ver. Disse-me um deles que, devido ao número grande de concorrentes, iriam ler apenas 2 capítulos de cada

livro; se gostassem dos 2 capítulos iniciais, continuariam; se não, poriam o livro de lado. Ora, dessa forma, Balzac poderia ser recusado, já que os capítulos iniciais de seus livros são maçantes! Para romance, o critério não me parece justo; felizmente, alguma coisa escapou a essa leitura apressada. Acredito no editor da Edinova e espero que o livro, afinal! apareça. Ficção não é tão problemática e os editores estão interessados em publicar os Walmap, que são sempre bom negócio. Há muita curiosidade do público (minha, inclusive) em conhecer o porquê das vitórias e das recomendações.

Recebi o livro do Geraldo França de Lima, mas ainda não o li; está na fila, pois, como lhe disse, agarrei-me à releitura de Balzac e ainda estou mergulhada até à cabeça naquela abundância toda. O sujeito é genial e terei de – após a leitura – dar um prazo de silêncio para suportar outros livros. De resto, ando dando ordem nessa papelada que o SL me fez ajuntar, distribuindo livros, acertando correspondência, etc. Ainda: vou precisar de baixar a cabeça em cima de Murilo Mendes, sobre quem pretendo fazer um estudo. Claro que li “A idade do serrote”. E vou reler tudo dêle, além de tentar obter informações sôbre o poeta, de todo lado que puder. Isto será ainda um pretexto a mais para ir até Juiz de Fora, entrevistar a família, etc., e assim revê-la e ao meu irmão e sobrinhos.

Minha mão já resiste ao ato de escrever. Estou cansada e começo a tropeçar nas palavras. Assim me despeço, até outra longa conversa, de que você – e eu então? – somos pródigas,...

Um abraço,

Laís

Mande colaboração para o SL!

⁷¹ Entre os dias 1 e 3 de junho de 1969 aconteceu o II Festival de Poesia de Pirapora com a participação de inúmeros escritores e artistas. A comissão julgadora foi constituída pelos seguintes intelectuais: Laís Corrêa de Araújo, Francisco Iglésias, Márcio Sampaio, Luiz Vieira e Rui Mourão (ANEXO E), (MOURÃO, 1969).

⁷² É parte de uma expressão maior: *Sic transit gloria mundi*, que é uma locução latina e significa: assim passa a glória do mundo, toda a glória do mundo é transitória (SIC

TRANSIT, 2020). Laís acredita que as coisas mundanas são passageiras, enquanto ela trabalhava no SLMG, as pessoas a procuravam; porém quando sabem que não podem mais tirar proveito dela, a esquecem.

⁷³ Nascido em 43 a.C. e morto em 17 ou 18 d.C., Ovídio pertence à chamada Idade de Ouro da literatura latina. De suas obras, a que é certamente a mais lida e comentada é a **Arte de amar**, que ensina aos seus leitores, com minuciosidade de perfeito conhecedor do assunto, as normas práticas da estratégia amorosa segundo a entendiam e praticavam os seus contemporâneos (ARAÚJO, 1967d).

Carta 11/21 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 1 de julho de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 21,5 cm de largura x 31,5 cm de comprimento; papel fino, de cor azul (envelhecido pela ação do tempo, sem pautas. Datiloscrito (tinta preta) assinado. 2 folhas + envelope.

prezada Laís;

pois é isto mesmo, e você tem tôda a razão: se temos uma coluna a serviço de quem escreve, e podemos ser úteis aos que buscam fama e glória, somos requisitados, acalentados, adulados. Morra, um dia, a coluna, desapareça nessa capacidade de empurrar os ávidos e escorar os ambiciosos, viramos zero à esquerda e somos imediatamente relegados. E eu não sei disso? Farta estou de sabê-lo. Aliás, pouco me importa que assim seja. Não acredito nas [ilegível] dos que apenas desejam promoção e sei que atrás das palavras doces está a conveniência pessoal. Êste mundo da literatura é dos mais hipócritas e fementidos: tôda cautela é pouca para não cairmos das nuvens com êle - ainda que mestre Machado tinha insinuado doer menos tal queda que a simples queda de um terceiro andar. Êle sabia do que falava, o maganão.

Amigos? Não tenho ilusões. Os poucos que eu amava, estão mortos, certeza que me dói bastante, mas menos do que a outra: estão mortos todos os que me amavam. O último foi aquêle que morreu tão de repente, ano passado. Morreu para os outros, não para mim; para mim, está presente, estará sempre. Sombra, sim, mas todos os dias mais espessa. Fazer literatura a mim parece execrável, hediondo, vazio e até meio torpe; Sartre⁷⁴ vituperou êste negócio. O bom, quando pode ser, é a gente, quando gosta do duro ofício de ler e escrever, poder exercê-lo entre iguais, entre os que participam do mesmo gôsto. Não se trata de fazer literatura, mas de tentar dividir o que se tem em si, maneira generosa de compartilhar riquezas, ainda que abstratas. Quando carreira, degrau para subir na vida, ponte para abiscoitamento de posições e honrarias, lucros e ganhos, a literatura é porcaria, não vale nada: a gente aprende isto, e depressa, quando mexe com registro de livros. Que estopada e que tristeza! Eu, às vezes, tenho raiva. E nojo. (Válido) nesta coisada tôda, é o prazer simples da poltrona do quarto de dormir com um bom livro na mão; era o que meu pai pregava, sempre pregou, homem atilado, de bom aviso e melhor senso. O resto é mixórdia. Desiludo. Tímida e complexada, há muito que nada peço às letras, e delas nada espero senão o que

me vêm dando desde a infância: horas de sonho, a necessária evasão. Para mim, o fino é a tranquilidade da hora de leitura, a casa em silêncio, o espírito em repouso; para o resto, estou me lixando. Sei que não sou escritora, mas leitora; e isto não me entristece. Neste momento, há mais escritores do que leitores. E tudo muito medíocre, insignificante. Gosto de um bom livro, seja de quem fôr; não me importo que não seja meu. Parece-me suficiente ter gôsto para ler. De resto, também dá menos trabalho...

E sou da opinião de Frieiro: o que importa é escrever. Publicar são outros quinhentos. Meu malgrado romance, embora indicado aos editôres pela comissão do Walmap, dorme seu sono no ostracismo. Se eu estivesse disposta a dar duro, talvez acabasse por encontrar um prelo para êle, mas eu, hem? Quero é sossêgo. E gastar dinheiro para imprimi-lo temos conversado. Não o faria, mesmo que me sobrassem recursos. Não sobram. Ainda pagando a casa, que está se revelando confortável e boa, resolvi limpar o apartamento do Rio, que retomei à Administradora; minha intenção é continuar a mantê-lo fechado, como estêve por mais de cinco anos. Alugar não dá pé: o inquilino eventual é um tarado, sujo e sem educação. Meus irmãos foram ao Rio para cuidar do assunto e tiveram de dar duro com pinturas, remendos, consertos de toda espécie. Alugar, nunca mais.

Assim, não estando disposta a pagar editor, deixo o livro na gaveta. Mas isto não significa que não escreva outro. Pelo contrário. Pretendo escrever, estou escolhendo o assunto. Mas você é que é feliz: relendo Balzac! Sonho antigo meu. Tenho em casa tôda a obra dêle, numa coleção espetacular, ilustrada, papa-fina. Mas, e tempo? E, além de Balzac, há Flaubert, que adoro, E Anatole⁷⁵, e Zola, e Maupassant⁷⁶, e Victor Hugo⁷⁷, [que sei eu?] Todo o século iluminado da França, com a Sand⁷⁸, e o resto, até a Stael⁷⁹: a biblioteca de papai é (neste particular) um tesouro, só de olhá-la você sente vertigem. Riqueza inexplorada, que duvido possa um dia desbastar mesmo. Dias de grandes leituras foram os da mocidade, hoje... Acho que nem sei mais ler como antes. O desencanto anuviou-me a visão do espírito. E foi o que disse a Carlos Drummond de Andrade que, inesperadamente, acusando recortes sôbre os livros que me tem enviado, veio falar-me em amizade. Logo êle! Fiquei surpreendida, tinha-o como inatingível, e fechado; pois não é que êle está a abrir-se, insinuando gentil proposta de amizade? Suspeitosa, imagino que esteja precisando de divulgação, mas não sei; duvido de tudo, de todos, de mim,

inclusive. O barro humano é miserável, não merece confiança alguma. Bom é sonhar, e só; mas a esta altura, sonhar como há de? Não dá mais.

A irmã do Murilo Mendes está a esperar sua vinda a Juiz de Fora. E eu recebi dêla um bilhete romano, visto ter a Virgínia lhe enviado um recorte sôbre A IDADE DO SERROTE. Pareceu-me simpático a esta distância. De perto, sei lá.

E quando aparece por aqui? Cá está a casa às suas ordens. Um passeio lhe fará bem, ajudando-a a esquecer os aborrecimentos. Mas tenho que você é demasiado inteligente para cultivá-los, aos aborrecimentos; valem eles o que custam? Não valem. O que importa é ir iludindo a angústia de existir e, para isto, todos os recursos são bons. O mais não conta. Tudo sem importância.

Quem está me prometendo uma visita a Juiz de Fora é nosso Frieiro. Tomara que venha mesmo. É excelente conhecedor da vida, e seus atributos, e suas atribulações; seu ceticismo é dos que constroem. De fato, Frieiro é grande à sua maneira: até me desdém a certos usos. E muito atilado, e muito ôlho vivo. Com êle, aprende-se.

Então, apareça. E mande tudo às favas, que só conta é viver. Ler, escrever, eventualmente. Cultivar son jardin, como queria Candido⁸⁰: mesmo que de couves, talvez sobretudo os de couves. Aliás, você que faz versos, segundo Schelling⁸¹ e até mais alto da Razão, tem porta aberta à evasão; no divino só acreditam os divinos (Hoelderlin⁸²) e isto dá a gente uma dimensão nova para curtir chateações. Negá-las é um recurso, não dos piores.

Venha para conversarmos e você ver a livraria; vai gostar.

Um abraço,

Cosette

J. de Fora, 1.7.69

⁷⁴ Jean Paul Sartre (1905-1980), romancista, contista, dramaturgo e filósofo francês. Sartre é dos autores mais discutidos e mais comentados do nosso tempo. Parece, porém, que se discutiram demais suas atitudes políticas, reconhecidamente sujeitas a muitas oscilações entre comunismo, filo-comunismo, anticomunismo e neutralismo.

E comentaram-se demais as suas ideias filosóficas, nem sempre com a necessária competência e nem sempre com a desejável equidade de ânimo com respeito a um escritor que provoca a contradição. Suas obras servem, principalmente, de fontes de argumentos para a polêmica política e filosófica. É uma injustiça tão grande como a dos repórteres que o pintaram como chefe de um bando de boêmios devassos. Resta examinar até que ponto o próprio Sartre, pelas suas atitudes provocadoras e manifestações ambíguas, contribuiu para criar esse estado de coisas. Algumas obras: **O ser e o nada** (1943); **Crítica da razão dialética** (1960), (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 2818).

⁷⁵ Anatole France (pseudônimo de François-Anatole Thibault), (1844-1924), romancista, contista e crítico francês. Foi Anatole France quem, editando em 1876 o terceiro volume do *Parnasse contemporain*, excluiu Paul Verlaine como pouco “decente” e Mallarmé como pouco “claro”. Sendo parnasiano, Anatole France preocupava-se mais com a forma do que com as ideias. O evasãoismo é o elemento comum da poesia simbolista e do esteticismo de France. Autor de **O crime de Sylvestre Bonnard** (1881); **O lírio vermelho** (1894); **História contemporânea** (1896-1901); **Os Deuses têm sede** (1912), (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 2107).

⁷⁶ Guy de Maupassant (1850-1893), contista e romancista francês. Maupassant parecia o símbolo da Paris de 1880. Maupassant parece muito variado: tratando-se das aventuras cômicas ou tragicômicas das misérias da boêmia, da vida dos remadores ao ar livre, da estupidez desgraçada dos burocratas e pequeno-burgueses, da avareza e obstinação dos camponeses normandos. Prefere os personagens simples e simplistas, os motivos mais evidentes, os enredos ligeiros. Maupassant é o criador da *short story*, caracterizada por uma ou duas viravoltas bruscas que dão o efeito final, infalível. Nesta técnica, Maupassant é mestre inigualado; e não é uma técnica mecânica. No seu primeiro conto, *Boule de suif* (1880 – **Bola de sebo**), os burgueses são, em face do inimigo invasor, os covardes, e a prostituta é a patriota heroica; e logo depois, na *Maison Tellier* (1881, **A Casa Tellier**), o bordel é o lugar *fashionable* da pequena cidade normanda e o ponto de encontro dos cidadãos mais honrados. Maupassant não tem ideal algum; senão o

ideal literário de observar e reproduzir fielmente a realidade, que é tão triste. Maupassant é profundo na superficialidade, porque reconhece o “sem fundo” da superficialidade, o vazio desta vida corporal, só prazer, sempre o mesmo prazer; e, enfim, a destruição fatal. A angústia do desfecho. Maupassant sempre vira o fantasma do Nada atrás das luzes impressionistas. É um dos escritores mais tristes da literatura universal (CARPEAUX, 2008, v. 3, p. 1954).

⁷⁷ Victor Hugo (1803-1885), poeta, dramaturgo e romancista francês. Victor Hugo é um colosso que desafia as definições. Colosso indefinível, isso não quer dizer que Hugo seja o maior de todos os poetas nem o maior dos poetas franceses. Hugo é o maior mestre da língua; com os seus recursos inesgotáveis de imagens, rimas, antíteses, trocadilhos, onomatopeias, sonoridades, ele sufoca, hipnotiza o leitor, que só depois da leitura, como depois de um sonho, se lembra que não sabe bem de que o poeta falava. É uma arte puramente emocional, que não pode ser definida por meio de fórmulas de conteúdo lógico. A arte de Hugo é capaz de arrancar admiração e repulsa ao mesmo tempo. Algumas obras: **Cromwell** (1827); **Orientais** (1829); **Hernani** (1830); **Nôtre-Dame de Paris** (1831); **Ruy Blas** (1838); **Os raios e as sombras** (1840); **Contemplações** (1856); **Os Miseráveis** (1862) e **Os Trabalhadores do mar** (1866). Victor Hugo influenciou fortemente a literatura ocidental. Entre seus seguidores no Brasil, o mais célebre é Castro Alves (CARPEAUX, 2008, v. 3, p. 1617).

⁷⁸ George Sand, pseudônimo de Aurore Dupin (1804-1876), romancista francesa. George Sand encarnava em sua pessoa o feminismo libertino e revolucionário. Na sua obra notam-se vagamente correntes pseudomísticas de conduta e de política do século XVIII. Com ela, aquelas correntes sentimentais, que sempre foram algo suspeitas, perdem o aspecto plebeu, fornecendo a atmosfera de grande literatura. Os romances antigamente famosíssimos de George Sand – **Indiana** (1832), **Lélia** (1833), **Jacques** (1834), **Mauprat** (1837) – com as suas heroínas desesperadas e heróis elegantes e pálidos, já não são lidos. Os personagens, artificiais até o ridículo; o diálogo, retórico ou choroso; os ideais, mais romanescos do que ideológicos; a ocupação quase exclusiva dos personagens com questões de amor, abstraindo-se de outros problemas, mais “triviais”, da vida: tudo isso cria uma

atmosfera de irreabilidade “idealista” que o leitor moderno já não suporta. Mas apesar de tudo isso, ninguém teria a coragem de falar, a propósito de George Sand, em subliteratura; é grande literatura, nobre e sincera. Criou o romance “idealista”, sobretudo feminino, que dominou os leitores da segunda metade do século XIX; e o seu feminismo criou outro ramo novo da literatura. E entre todas essas influências, tão diferentes, existe uma relação secreta. Obras: **O companheiro da viagem pela França** (1840); **Consuelo** (1842-1843); **O charco do diabo** (1846); **Francisco, o bastardo** (1847-1848); **A pequena Fadette** (1849), (CARPEAUX, 2008, v. 3, p. 1632).

⁷⁹ Madame de Staël (1766-1817), crítica e romancista francesa. Madame de Staël era filha de Necker, um dos últimos ministros de Luís XVI; mas Necker era um banqueiro protestante de Genebra. Como grande dama, ficou famosa por promover um dos mais importantes salões literários de Paris. Staël pertence, como Chateaubriand, à França pré-revolucionária, liberal; a sua inquietação é herança do protestantismo. Parece que nenhum crítico se esqueceu de traçar a linha entre a Staël e Georges Sand. Madame de Staël é utopista do feminismo, mas não só do feminismo; na verdade, o utopismo é atitude típica de todos os emigrantes, que sempre esperam voltar. O utopismo de emigrantes criou em Madame de Staël a imagem de uma Alemanha idealizada. Autora das seguintes obras: **Delfina** (1802); **Corina** (1807) e o livro **Sobre a Alemanha** (1810), que desempenhou papel importante na eclosão do romantismo francês (CARPEAUX, 2008, v. 3, p. 1393).

⁸⁰ **Cândido** é uma das obras mais conhecidas de Voltaire. O texto contrapõe ingenuidade e esperteza, desprendimento e ganância, caridade e egoísmo, delicadeza e violência, amor e ódio. Tudo isso mesclado com discussões filosóficas sobre causas e efeitos, razão e ética. Voltaire, nesta obra, expõe suas concepções de vida com ironia e sarcasmo. Até ser expulso de um lindo castelo na Westfália, o jovem Cândido convivia com sua amada, a bela Cunegunda, e tinha a felicidade de ouvir diariamente os ensinamentos de mestre Pangloss, para quem todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis. Apesar da crença absoluta na doutrina panglossiana, Cândido sofre um sem-fim de desgraças: é expulso do castelo; perde seu amor; é torturado por búlgaros; sobrevive a um

naufrágio para em seguida quase morrer em um terremoto; vê seu querido mestre ser enforcado em um auto da fé; é roubado e enganado sucessivas vezes. Cândido só começa a desconfiar do otimismo exacerbado de seu mestre quando ele próprio e todos os que cruzam seu caminho dão provas concretas que o melhor dos mundos possíveis vai, na verdade, muito mal. **Cândido, ou, O otimismo** é um retrato satírico de seu tempo. Escrito em 1758, situa o leitor entre fatos históricos como o terremoto que arrasou Lisboa em 1755 e a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), enquanto critica com bom-humor as regalias da nobreza, a intolerância religiosa e os absurdos da Santa Inquisição. Foi nesse romance que Voltaire escreveu uma de suas mais célebres frases. Após ouvir uma breve dissertação sobre o perigo das grandezas, que todos os acontecimentos estavam devidamente encadeados no melhor dos mundos possíveis, que todo o sofrimento de Cândido acabara por reverter em benefícios, Cândido, candidamente, respondeu: Tudo isso está bem dito... mas devemos **cultivar nosso jardim** (GARCIA, 2001).

⁸¹ Schelling, Friedrich Wilhelm Joseph von (1775-1854). Filósofo alemão, Schelling acabou desenterrando a profunda sabedoria que acreditava encerrada nos mistérios gregos e nas mitologias orientais (CARPEAUX, 2008, v. 3, p. 1382).

⁸² Hölderlin, Friedrich (1770-1843), poeta alemão. Hölderlin, um dos maiores poetas da Alemanha e da literatura universal de todos os tempos, foi muito maltratado pela posteridade. Já os contemporâneos o tinham considerado apenas como imitador de Schiller; e quando o seu fracasso literário terminou na noite de quarenta anos de loucura, Hölderlin foi meio esquecido; a posteridade só guardou a imagem de um adolescente idílico e infeliz vivendo nas nuvens; e pouco faltou para as gerações mais realistas da segunda metade do século XIX zombarem do idealista ingênuo e romântico (CARPEAUX, 2008, v. 2, p. 1326).

Carta 12/23 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 7 de julho de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 25 cm de largura x 20 cm de comprimento; papel na cor bege, sem pautas, com timbre do Suplemento Literário [do] Minas Gerais, com endereço: Av. Augusto de Lima, 270. Manuscrito assinado (tinta preta) – 3 folhas.

BH, 7.7.69

Cosette,

A gripe está tão forte que até tenho medo de estar mandando alguns vírus para você neste papel.... É um mal estar, uma dor de cabeça, zoeira nos ouvidos, corpo mole, tudo o que faça da gripe uma doença humilhante porque nem sequer é doença mesmo e nos abala tanto. Eu andava contando farol, dizendo que não tivera ainda a famosa Hong Kong, mas o castigo de meu orgulho veio logo.... Portanto, escrevo com grande sacrifício, na cama, apenas para lhe dizer que estou viva e recebi sua carta. O que acho mais terrível nessa “doença” é que nem ler consigo, pois os olhos não aguentam o esforço. E é sufocante ficar deitada sem nada para fazer.

Com isto, minhas palavras seriam apenas de desânimo e tédio. Em todo o caso, tentarei adivinhar as frases sem a influência da irritação gripal.

Penso afastar-me bastante da literatura por uns tempos. Sinceramente, agora vejo que o episódio com Murilo (como tudo na vida) tem o seu lado positivo. Eu estava exausta sem saber. Exausta de ler o que me vinha às mãos e não aquilo que eu desejaria; exausta de responder cartas e mais cartas, opinando, aconselhando; exausta de gente cheia de empáfia e iludida com possíveis e fartas colheitas dos frutos da glória; exausta de ficar em casa, neste escritório-cela, de onde não se vê o céu; exausta da tortura de escrever, num verbalismo inútil; exausta da rotina estéril em que caíra a minha vida. Agora, deitada aqui, penso na inutilidade e [ilegível] de tudo; penso em ser livre, na felicidade de ser livre para ler apenas quando e o que quiser; na bôba alegria de andar pelas ruas, de olhar vitrines e conversar sobre vestidos e doces; em tôda a vida que passou ao lado de mim e de que não tomo conhecimento por estar prêsa a um trabalho, a um sistema de vida fechado. Quero tomar o ônibus e ir para o meu emprego, conversar com colegas e tomar lanche no bar da esquina, interessar-me pelos outros e saber dos progressos de seus filhos, quero ar, mais ar!

Assim, o gesto quixotesco dos jovens escritores mineiros, que mandaram muitos telegramas, cartas e manifestos, ao diretor da Imprensa, pedindo a minha volta à Roda Gigante (e que me assustou no princípio) agora me parece utilíssimo. Fará, obrigará o Murilo a definir-se, pondo-me definitivamente fora do SL – e então eu poderei viver outra vez. Viver literariamente não é viver, é fazer um arremedo de vida, baseado em premissas falsas, a da admiração, a do prestígio, a da auto-condescendência. Coitados dos rapazes! Pensam estar me ajudando, pedindo tão insistentemente a minha volta, quando eu quero libertar-me da literatura e ser apenas uma pessoa comum - e feliz. Por que não aceitar a mediocridade (se esta é a nossa medida) com naturalidade e mesmo com gratidão? Na idade em que estou, posso tranquilamente concluir da minha não-importância, não-significação no panorama literário nacional. Nada acrescentei a ele até hoje, por que insistem nessa luta por um pedaço de papel num jornal? Creio que você concorda comigo, tem opinião semelhante: se queremos escrever, está certo; mas não vamos fazer disto nenhum drama nem iludirmo-nos com as [ilegível] vindas do nome na capa de um livro ou num suplemento qualquer. Bem melhor mesmo é ser consumidor e não produtor: vê, que delícia! E escrever só quando se quer mesmo, quando isto é uma necessidade interior e não exterior, quando é um prazer e não uma disputa por um lugar ao sol.

Nesta nova filosofia (não tão nova assim, nada original mesmo, mas colhida do cotidiano experiente), deixo as águas rolarem. O que aconteceu, acontecerá. O que for decidido, não será surpresa, nem me dará dor de cotovelo.guardo os acontecimentos sem angústia e sem ânsia e os receberei tal como devem ser recebidos: na suprema indiferença pelo que é alheio a mim, inepta às batalhas e cansada até de pensar ou desejar.

Queria muito ir a Juiz de Fora dia 15, aniversário do Plácido com a Zilah. Mas a gripe, hoje, não me permite nenhum plano. Vamos ver se daqui a alguns dias posso pensar no assunto com sossego. Por enquanto, deixo-me envolver por êsse tédio final, por essa moleza física e mental, até que o corpo sinta vontade de reagir e impor-se de novo a vida.

Paro por aqui, já cansada da posição forçada. O silêncio é grande e me dá um sono consolador.... Espero, em breve, talvez ter melhores palavras para você. Este ano, o Rio não me vê em julho, também. Além de diversas outras razões, a

principal é – como sempre? – falta de dinheiro. Coitada da Maria Lysia, que nos esperava...

Abraços muitos – e saudosos

da Laís

Carta 13/23 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 24 de julho de 2019.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 21,5 cm de largura x 31,5 cm de comprimento; papel fino na cor azul, sem pautas. Manuscrito assinado (tinta preta) – 2 folhas + envelope.

Laís,

Na expectativa de sua vinda, no último dia 15, arregacei as mangas e fui às compras, voltei com a sacola provida e, tomada de coragem, avancei sobre o fogão, liguei o forno, fabriquei duas tortas, suspirei de alívio, na crença de que você teria uma sobremesa para o jantar. Mas você, hem está saindo uma boleira de marca. Espero que não tenha sido a grilos, menos ainda o “affaire⁸³” SL a causa de sua ausência. Em ambos os casos, ela seria duplamente lastimável. Ficou tudo para outra vez, pois um dia você criará coragem e atravessará a Mantiqueira: Juiz de Fora está do outro lado, chata como ela só, mas se eu a aguento o ano inteiro – por que não poderia você aguentá-la uns dias?

No mesmo dia 15, à noite bateu-me à porta o Ivan Vasconcelos, que nunca passa por Juiz de Fora sem vir dar-me seu abraço amigo: sobram-lhe qualidades humanas ainda que lhe faltem qualidades literárias. Dou mais apreço às primeiras, é claro. Aliás, o Ivan é boa presa, inteiramente desprovido do veneno profissional que caracteriza a gente intelectual. Talvez porque êle mesmo não seja assim tão intelectual, sei lá. Gosto muito dêle.

E conheci ontem sua menina, a Miriam. Achei-a muito parecida com você, até nos gestos, menina muito amadurecida para a idade, vai ser linda môça. Seus filhos são de enchê-la de satisfação, quando não de orgulho. Esta é, na verdade, a grande obra humana, o trabalho que conta mesmo: estabelecer a cadeia para continuação do processo civilizador. Com seus cinco meninos, você está apta a dar um bonito pontapé na literatura em geral, e no do SL em particular, que nenhuma dela vale um pataco furado, creia-me, e são apenas modos de iludir a angústia existencial, engabelando nosso terror da morte. O bom desta coisada toda é o prazer da leitura, as horas de sonho que podemos entreter com um livro na mão, lendo ou relendo Balzac, e não só Balzac, mas ainda dois ou três cobras. Mas isto a gente pode usufruir tranquilamente, sem participar da comédia literária em silêncio discreto e sossegado aconchego. É para isto que estou a caminhar, que o resto não me interessa mesmo. No jornal, excetuado o dinheirinho pobre que me pagam,

nada me prende: trabalho inútil. E como não tenho, como você, o arrimo dos filhos, e tenho, pelo contrário a vida muito vazia, dou margem a tarefas em que não acredito: valem pelo que valem, ajudam-me a empurrar o tempo. Mas, voltando à Miriam, fiquei sentida por não ter sabido que ela estava aqui senão na hora em que devia regressar: gostaria muito de a ter ido buscar para passar um dia cá em casa com minhas sobrinhas, que são uns encantos. Parece que ela esteve me procurando no domingo mas, justamente, acho que havia saído um pouco, por perto, na casa de um dos irmãos. Em todo caso, fiquei agora conhecendo a Maria Lysia, sua sobrinha. Que menina bonita, simpática, inteligente! É marca da família, acho. Todos inteligentes, vivos, dotados. Isto, se é bom por um lado, por outro deve onerar muito. Mas eu prefiro, pessoalmente, a carga dos dons do espírito: pesam mas rendem.

Continuo achando que você não devia ter deixado sua seção no SL. Amigos, amigos, negócios à parte: desfeita a amizade com o chefe, isto não implica [ilegível] seu trabalho, nada tendo uma coisa a ver com a outra.

Enfim, olhando que você não deve ter [ilegível] meu trabalho, nada tendo uma coisa a ver com a outra. Desta forma, você ficou duplamente prejudicada: perdeu o amigo e perdeu um trabalho que a interessava e que, no pior dos casos, forçava-a a um exercício crítico que teria sua utilidade. Penso que, como saiu voluntariamente, poderá retornar à hora em que o queira; com sua vivacidade, fácil lhe será dar êste passo do retorno, sem qualquer deslumbre. Opinião minha, mas sou de natureza independente, não me importando muito, nem pouco, com a opinião alheia. Aliás, não me importo nem mesmo com a minha opinião. Que vale uma opinião? Você fala em ter liberdade de sair, ler, escrever - mas sua seção no SL não podia tolhê-la a êste ponto! É só regular a tarefa, organizando um horário racional: hora de vadiar, pernas pro ar que ninguém é de ferro. E como é que a gente pode afastar-se da literatura? Ficar longe dos livros? Literatura é ler – o resto talvez seja literatice. Mas ler não faz mal algum – e faz tanto bem! Eu morreria se não pudesse evadir-me com um livro na mão, mesmo fechado. Acho que você pode conciliar tudo, aliás já concilia: família, livros, trabalho, amizades. Uma coisa ajuda as outras e todas juntas ajudam-nos melhor que isoladas. Estarei dizendo tolices? Pode ser. Neste caso, perdoai-me.

Este negócio da gente ser medíocre ou não, que importa? A gente é o que é, e que é ser medíocre? Ninguém sabe. Melhor não nos preocuparmos e ir dando o

que temos em nós. Viver é isto, é dar coisas, boas ou más, melhores ou piores; no fim, tudo serve e é útil, e bom nem sempre valendo tanto quanto e menos bem. O que estraga a paisagem será nossa ambição, sempre desperta: é amordaçá-la e mais que se passa e melhorará. Fico tranquila quanto ao desfecho de seu caso: você vencerá, que dúvida! E sairá amadurecida do episódio, muito ensinativo.

Passando a outros quinhentos: tive a surpresa de ler no Estado de Minas de ontem, 23, na seção do Edson Moreira, que a EDINOVA irá editar meu romance⁸⁴. Fiquei curiosa de saber como esta informação chegou ao Edson, será verdadeira? Você terá jeito de descobrir isto para mim? Pergunto, porque sei que não se dá com os Moreira. E por que não (descubro) eu diretamente? Porque não quero dar a impressão de estar louca por ver meu livro editado, já que não estou mesmo. Se êle quer editar, edite; eu, contudo, não pretendo mendigar nada. Bom foi escrever o livro, tanto que pretendo começar outro; editar é outra coisa. Nada tenho com isto, nem quero ter. Cansa muito.

Mostrei à Miriam o quarto dos amigos e disse-lhe que espero ver você ocupando-o. Isto me alegraria.

Rio de Janeiro? Só em agosto, quando irei arranjar o apartamento, que já mandei limpar, pintar, remendar. Se desejar ir comigo, melhor será para mim.

Um abraço amigo da

Cosette

Juiz de Fora, 24.7.69

⁸³ Neste caso, significa relação de trabalho ou compromisso especial e particular (HOUAISS; SALLES, 2009, p. 60).

⁸⁴ Informação não localizada pelo pesquisador devido à pandemia de COVID-19.

Carta 14/23 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 27 de julho de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; papel fino, não possui pautas; cor bege com manchas amarelas. Datiloscrito (tinta preta) assinado, com anotações manuscritas autógrafas na marginália (tinta vermelha) – 4 folhas.

Belo Horizonte, 27.7.69

Cosette,

a presença do Wagner aqui e a volta da minha Myriam (sobrescrito) me trazem ao menos o “clima” da Cosette, pois me contam sôbre você. Ao que parece, você demasiado importante para êles, que tiveram dificuldade em encontrá-la em casa.... mesmo assim, conseguiram entrar no castelo da princesa encantada e verificar que você é gente também e dava-lhes a honra de uma conversinha. Gostaram bastante de estar com você. Gostaram muito de sua casa, aliás “um casão”, mas falaram mal de uma coisa – e eu, como mexeriqueira, vou logo contar. Disseram-me que a sua famosa biblioteca está muito precisada de mim... que, tão organizada em tudo, tão metódica em seus hábitos, tão excelente dona-de-casa, deixa a biblioteca numa balbúrdia incrível! Livros aos montes, de tôda procedência, de tôda ordem, se misturando num “comunismo” inconcebível. Que, ao contrário de mim, que deixo a casa na barafunda e considero intocável a biblioteca (os livros, aliás), você – uma escritora – fica perdida no meio da confusão dos nomes e títulos.... Talvez seja porque fui durante muito tempo bibliotecária⁸⁵, tenho uma ordem especial, não ortodoxa embora, para meus livros. Ficção com ficção, por ordem alfabética de autores; poesia com poesia (estrangeira), ordem de autor; poesia brasileira, idem; poesia mineira, idem; e assim por diante. Tudo muito certinho; e nunca deixo que os livros ultrapassem um certo número: de três em três meses faço um expurgo, doando aqueles que não me parecem necessários ou de categoria, ficando apenas com a “nata”. Livros não literários são, logo de início (quando os recebia de editôras) expulsos do meu reino: essas psicologias, religião, sociologia, etc. Se nos deixamos invadir pelos livros, seremos sufocados... Dou graças a Deus até de não estar mais recebendo livros de editôras (tive o cuidado de

comunicar a cada uma que parara com a seção), pois do que vinha 90% era relegável...

Daí que estou vendo que, quando aparecer em Juiz de Fora, vou ter um trabalhão... só pedindo a ajuda do Wagner, que também usa o meu sistema!

Você se enganou pensando que eu teria a coragem de enfrentar agora o frio de Juiz de Fora... se nem o daqui consigo suportar! Mesmo a Zilah tendo se oferecido para pagar a minha passagem, eu não quis – e a Zilah não tem sossêgo, ficou apenas um dia, também friorenta como é. Estou mesmo numa situação financeira muito apertada. Já lhe contei como é o sistema aqui em casa, não havendo “folga” nos ordenados restritos e, sobretudo, sempre atrasados. Ainda agora estou mergulhada em problemas: Cristina e Paulo precisam ir ao oculista (tenho a impressão de que estão míopes), eu e Affonso, Myriam e Carlos precisando de dentistas, e tudo se torna problemático. Tirar 10 cruzeiros que sejam é um drama.... Mesmo ficando hospedada no Plácido, não posso deixar de gastar nessa viagem uns 50,00, imagine! Só a passagem está custando 14,00, se não me engano. Assim, espero poder ir (preciso mesmo ir, porque quero contactar com a Virginia⁸⁶, irmã do Murilo, já tendo recebido carta d'ele autorizando-me a “usá-la”) talvez em setembro, se tudo der certo – e quando houver um princípio de calor. Tenho estudado muito a obra do Murilo, pois o compromisso que aceitei não é brincadeira. Embora a longo prazo, quero tudo bem feitinho. Além disso, sinto-me muito mal na minha situação de momento. Tenho uma honestidade intrínseca, visceral, que me faz envergonhar-me de estar em casa atôa, recebendo desonestamente meu salário. Minha designação para servir ao Suplemento termina apenas em dezembro, mas me constrange muito estar aqui sem nenhuma obrigação, sem nada produzir que justifique o ordenado, inescrupulosamente, parece-me. Sei que há muita gente no Estado nessa situação, que o Estado é mau pagador, desinteressado, e patrão distante. Mas com que palavras, com que explicações justificar para mim mesma (principalmente) e para a própria turma do SL êsse dolce far niente? Não gosto das coisas pouco esclarecidas – e preciso por o preto no branco. Se fui marginalizada, que seja em definitivo e possa tomar outros rumos. Aliás, amanhã mesmo vou à Biblioteca Pública, a convite da diretora, para estudarmos uma possibilidade de eu voltar a trabalhar lá. Ela me telefonou, sugerindo-me que fosse ajudá-la, que organizasse para ela a Coleção Mineiriana e

uma espécie de revista que querem publicar. Vou apurar, portanto, que poderei fazer de útil e acertar assim os meus ponteiros de vida.

A minha posição ficou ambígua demais: reclamaram muito a minha ausência da “Roda Gigante” e o Murilo, politicamente, respondeu carta por carta (segundo eu soube) dizendo que “tout va très bien⁸⁷”, que vivemos no melhor dos mundos.... Mas então como não compareço ao SL? E por que sai o meu nome como da “comissão de redação” se na realidade eu nada faço lá? É preciso por tudo em pratos limpos, não por levar a briga adiante, mas para minha própria tranquilidade moral. De resto, a briga, eu já a esqueci. Desligo-me de tudo, felizmente, com muita facilidade. Como num comutador, apaguei a luz – e pronto. Não penso em mais nada, sinto-me bastante aliviada daquele compromisso duro, semanal, inapelável. E não tendo que ler por obrigação, nem escrever por dever, que bom! Já escrevi, depois de tudo, quatro artigos: dois para o Jornal do Brasil, dois para o Estado de São Paulo⁸⁸. Esses jornais insistem para que eu escreva mais – sempre. Mas não aceitei nenhum compromisso. Disse-lhes que escreveria quando pudesse, quando quisesse. Que liberdade! Tudo isto me faz ver que em tôda coisa aborrecida há um lado ótimo, de modo que pús ponto final no SL e nem mesmo tenho a curiosidade de lê-lo.... Assunto encerrado, faltando apenas acertar os detalhes, que são os de minha volta ao serviço mesmo, a algo de certo e útil.

Quanto à pergunta que me faz sôbre a publicação de seu livro, infelizmente nada lhe posso esclarecer. Telefonei já umas quatro vêzes para a casa da Myrtis, mas a campainha toca, toca, sem resposta. Com o Edson, não tenho nenhum contacto, mas por amor a você ousei telefonar-lhe e êle me respondeu que “pegou a notícia no Ar” – ouviu em conversa, não sabe com quem, não sabe onde e passou a coisa adiante. Mas que de positivo não sabia nada. De modo que ficamos na mesma. Não seria melhor você mesma escrever à editôra, dizendo que teve a surpresa de ler essa notícia e queria uma confirmação de lá? Creio que é o único caminho, pois ninguém sabe de nada. Mas que haverá interêsse, certamente haverá, daí não ter importância você pegar o pretexto e escrever.

Agradeço a notícia que deu a meu respeito em sua coluna⁸⁹. De qualquer modo, consola a minha atual figura extra-literária, que estou procurando ajustar aos novos tempos.

Ir ao Rio... quem me dera! Maria Lysia cansou-se, êste ano, de reclamar a nossa presença nas férias. Não deu jeito mesmo, nem aqui em casa, nem dos

outros irmãos e sobrinhos. Parece que a coisa anda feia por todo lado. A minha meninada passou êsse mês muito irritada, já que não havia o que fazer – não sei por que, mas tudo o que “há por fazer” depende do vil metal: cinema, passeio, ir a um clube, tomar ao menos um lanche na cidade... e êles mesmos estão ansiosos por voltar às aulas, onde ao menos se encontram com os colegas. Eu e Fonka⁹⁰ vivemos como monges, êle mais do que eu, pois trabalha o dia inteiro e à noite se enfurna no escritório, para escrever mais.... Mas tudo é alegria, quando há saúde. O resto, como canta o Roberto Carlos, que vá para o inferno...

Mandei, pelo Wagner, uma revista da Imprensa, a “Minas Gerais”, para você. Não tem importância, é revista de propaganda do govêrno, mas está bem feita e tem um poeminha vagabundo meu⁹¹, que assinala a minha presença junto de você. No próximo número, também colaboro com uma reportagem sôbre Pirapora⁹². E assim, como vê, não estou sendo tão desonesta como penso...

Soube, pelo Wagner, que você anda em excelentes relações de amizade com o Drummond. Ele é formidável, embora estranho às vêzes. Um dia nos trata maravilhosamente, outro dia nos desconhece. Mas a gente o respeita, é claro, conhecendo como conhecemos (em mínima parte) o que é a vida de um escritor tão assediado por todos. Recebi o “Reunião” e irei relê-lo quando tiver aquela vontade de deliciar-me com a sua excelente poesia.

Desta vez, acho que exagerei na carta. Tomo o seu tempo, a sua paciência. De outra vez, serei mais comedida.

Abraços da

Laís

Manuscrito (tinta vermelha): A “moça” do Plácido, a irmã do Wagner, chama-se apenas Lísia, para não fazer uma repetição do nome da Maria Lysia. Não é uma beleza de moça?

⁸⁵ Laís Corrêa de Araújo é afastada do **Suplemento Literário do Minas Gerais** em dezembro de 1969. Em 1970, ela passa a atuar como assessora técnico-cultural da Biblioteca Pública Estadual Luís Bessa, em Belo Horizonte (MACIEL, 2002).

⁸⁶ Virgínia Eucharis Mendes Torres nasceu em 17 de abril de 1919 em Juiz de Fora (MG). Era irmã de Murilo Mendes e a caçula da família. Nasceu quase 20 anos

depois do poeta. Apesar da grande diferença de idade, os irmãos criaram um sólido relacionamento, comprovado pelo longo período em que se corresponderam, mantendo um diálogo epistolar por 26 anos. Virgínia não pertencia ao meio acadêmico/literário. Ela sofreu um acidente doméstico: caiu de uma escada o que lhe causou um traumatismo craniano. A morte cerebral foi constatada no dia 3 de agosto de 1984. Três dias depois Virgínia morreu, aos 65 anos de idade. (THOMPSON, 2010).

⁸⁷ Tradução nossa: Está tudo bem.

⁸⁸ Informação não localizada pelo pesquisador devido à pandemia de COVID-19.

⁸⁹ Informação não localizada pelo pesquisador devido à pandemia de COVID-19.

⁹⁰ O pesquisador infere que seja o apelido de Affonso Ávila, marido de Laís Corrêa de Araújo.

⁹¹ Informação não localizada pelo pesquisador devido à pandemia de COVID-19.

⁹² Informação não localizada pelo pesquisador devido à pandemia de COVID-19.

Carta 15/23 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 20 de agosto de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 31,5 cm de largura x 21,5 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 3 folhas + envelope.

Laís;

tenho me lembrado de você por estar relendo os volumes de LA VIE LITTÉRAIRE de Anatole France, leitura que fiz ainda mocinha e que já então muito me impressionara. Lembro-me de você por achar que seu gênero é, efetivamente, a crítica. Privada das colunas do SL, você embarcou de imediato em outra canoa e lá vai em frente, conforme verifiquei no último número do SUPLEMENTO DO LIVRO do JB⁹³. Também me dou conta de que os escritores latino-americanos parecem interessá-la de veras. Acho que você os aprecia. Quanto a mim, hélas! Nada sei dêles, que nunca os li. Êste Arreola de que você fala é bom mesmo? O Hugo mandou-me um exemplar do tal CONFABULÁRIO⁹⁴, mas eu, hem? Nem o abri. Confesso faltar-me [ilegível] apetite para êstes banquetes mexicanos, equatorianos, peruanos, até mesmo argentinos, hoje tão na moda... Sou leitora muito ultrapassada, muito apegada à faixa dos grandes mestres franceses do princípio do século, para mim inigualados – e inigualáveis. Influência paterna, naturalmente, que meu pai era francófilo muito apaixonado. Voltando a você: considero excelente a oportunidade que estão lhe oferecendo o suplemento do JORNAL DO BRASIL e o ESTADÃO. São veículos de alcance muito maior que o SL do MINAS GERAIS. Como quem escreve deseja, mais que tudo atingir o maior número possível de leitores, penso que com a troca, você saiu ganhando. De resto, penso também que colaborar nestas folhas tão disputadas será título importante. Se você estiver interessada em aparecer, fazer nome, ganhar lugar ao sol da fama, está no caminho certo; de qualquer forma, penso ser êste um recurso que não deve ser desdenhado. Se aparecer, fazer nome, ganhar lugar ao sol não lhe interesse, fica o saldo positivo: atingir com o que escreve, uma área dilatada, extensa mesmo. Não é para se desdenhar.

Sabe o que sustenta mestre Anatole? Que “le bom critique est celui que raconte les aventures de son âme au milieu des chefs-d’oeuvre⁹⁵”. Superado? Nem tanto. Aliás, o mesmo Anatole defendia o ponto de vista de que “il est plus sage de planter des choux que de faire des livres⁹⁶”. Isto não o impediu de escrever

caudalosamente, como todos sabemos, e como muitos de nós invejamos, até porque o danado não se contentou em escrever caudalosamente, também escreveu admiravelmente. Para mim, são pequenas obras primas estes irônicos, maliciosos, finos ensaios dos volumes de LA VIE LITTÉRAIRE. O tempo não lhes alterou a essência rica, a veracidade dos conceitos, a cômica plasticidade; pelo contrário [ilegível] chocante é o contraste que vamos achar entre estas páginas ultracivilizadas, e imbuídas de beleza, e as que hoje vemos aparecer com fácil abundância. Mestre Frieiro me aconselhava, outro dia, a ler o moderno Lukács⁹⁷, segundo êle esclarecedor no tópico da interpretação da evolução literária, mas mestre Frieiro me confidenciou igualmente que não digere os novos com muita facilidade, tanto assim que pouco lê do que hoje se publica... E dêsse pouco, nada do que aparece por aqui. Diz êle que apenas fareja enfasiadamente o que sai dos nossos prelos indígenas. É certo que estes prelos produzem indiscriminadamente e olham pouco à qualidade do que produzem: o bagulho domina, a porcaria impera. Eu, de resto, já não sou mais a leitora incansável que fui em outros tempos. Leio muito menos. Tenho mais vontade de reler do que de ler, mas não releio com a velha paixão dos dias moços. Nem com o mesmo encantamento. Alguma coisa morreu em mim e é natural; fiquei velha. Isto conta, isto pesa.

E já que, em verdade, “non se sort jamais de soi-nêne⁹⁸”, completo meu círculo vicioso esbanjando meu tempo em tolices. Meu pai afirmava que era impossível harmonizar minha vocação doméstica com minhas ambições literárias; creio que se meus dons literários fossem menos parcos, eu conseguiria esta harmonia. Não consigo, mercê mesmo da pobreza do instrumento que me coube. Veja você o que ocorre com a biblioteca; razão tiveram os meninos do Plácido em se espantarem com sua desordem. Sei que é um absurdo não dar pelo menos uma aparência de organização àquela riqueza acumulada por meu pai. Mas – e tempo? Não encontrei os livros do papai em ordem segundo os manuais dos bibliotecários: as coleções preciosas, os livros mais raros, a estes meu pai reservara um armário e os reunira segundo um critério dêle, não muito católico. Houve época em que (ele) cogitou em dar a seus livros uma arrumação dentro do figurino técnico; chegou a comprar um fichário, um cofre, começou a tarefa. Imagino que, a certa altura, concluiu que era mais importante arrumar os livros na cabeça do que nas estantes: homem muito ocupado, escritor incansável, habituado a varar noites em claro com a pena na mão, tempo não lhe sobriaria para dar jeito à livralhada. E outra coisa: meu

pai não expurgava suas estantes. Ao lado dos livros que lia, que adquiria, que amava, ia amontoando tudo que lhe mandavam: quilos e quilos de papel impresso que êle nem ao menos se dava ao trabalho de folhear, mas de que não abria mão, sei lá porquê. Quando mandei fazer as estantes novas, minha idéia (era) efetivamente, a de selecionar a livraria e organizar um índice: pronta a casa, creia-me, tempo não me sobrou (nenhum) para esta façanha. A casa é grande, dá mão de obra excessiva: doméstica que sou, fecho os olhos à bagunça em que anda o mundo dos livros por não poder fechá-los aos vidros que pedem limpeza, ao chão que exige enceradeira, às plantas que reclamam assistência, ao fogão que espera a caçarola com o pudim, o bôlo para assar... À noite, esfalfada, é que me ponho à máquina para despachar a tarefa do jornal, muito mal alinhavada; e anseio por poder, afinal, afinal! sentar-me com um livro na mão, liberta de mim mesma e de tudo o mais. Tem aí você a razão do escândalo [ilegível] de que lhe falou seu pessoal. Mesmo depois de sua advertência, continuo atirando os livros para as prateleiras de qualquer modo; e estou fiada em que você aparecerá por aqui para animar-me a atitude menos comodista. E que não seja para isto, seja pela visita à irmã do Murilo; a Virgínia a está esperando, segundo me telefonou, e eu terei muito prazer em adiantar-lhe, quando quiser, a importância de que necessita para êste turismo lítero-repousativo. É escusado dizer que minha casa está às suas ordens e será grande prazer tê-la conosco, seja lá em que época fôr.

E, falando do CDA, não existem entre nós relações nem excelentes nem sem excelência. O que ocorreu é que êle me escreveu uma cartinha, sucinta e amável, para agradecer um comentário feito ao seu REUNIÃO⁹⁹. Eu, que não nasci ontem, sei a quantas ando com um maioral de tal tipo: no dicionário dêle, os adjetivos pesam de acordo com as circunstâncias em que são usados. E a mim é que êle não engana, de modo algum. Ademais, dêle só espero o prazer da leitura do que escreve, continuando na opinião de que sua prosa é melhor do que sua poesia, ainda que o diabo seja grande em ambos os campos. Mas um pouco preguiçoso, não? Fôrça é reconhecer que poderia, com o talento que tem, produzir muito mais. Não sei porque não o faz. Falta de fôlego não será. Mas êste Drummond é um enigma, talvez claro¹⁰⁰.

Obrigada pela providência que tomou a respeito da notícia veiculada pelo Edson quanto á edição de GIROFLÊ, GIROFLÁ. Eu suspeitava, de fato, tratar-se de

um balão. Penso que não me enganava. Em todo caso, conto interpolar o Hugo Novais quando [ilegível] fôr ao Rio, viagem já muito adiada e ainda não fixada.

Vá aproveitando, sem remorso nem escrúpulo, a folga em que a deixaram os chefes: creia que não será por isto que o Estado terá suas fianças arruinadas. E o tipo de trabalho que você produziu é dos que merecem férias dilatadas. De resto, se não é por sua falta que está à margem, por que preocupar-se? O problema não é seu, mas deles: eles que se arranjem.

Mandaram-me a revista do Minas Gerais, não sei quem; li seu poema, gostei. Você deveria dedicar-se mais à poesia, gênero difícil que pede exercício constante, mas que rende quando o dom existe. E que maneira soberba de vencer o tempo e suprimir as chateações! Sempre achei os poetas uns felizardos. E são.

Ah, mas a menina do Plácido é sensacional! Linda. Tenho um fraco por môca bonita, sempre tive. Fiquei de olhos arregalados quando conheci a Lísia, nem sei se ela notou meu encantamento. Além de muito bonita, muito simpática também e viva. Gostaria que ela nos procurasse, viesse aqui em casa sempre: diga-lhe isto. Ela só não, a outra, a Walkiria também. É agradável estar-se ao lado delas. Você sabe: a força do poder jovem!

(Que me diz da releitura de Balzac? Estou tentada em imitar-lhe o exemplo. Sabe que diz Anatole do criador da EUGÉNIE GRANDET¹⁰¹? “... le plus diabolique de tous, le Lucifer de la littérature... c’est un dieu¹⁰²...” Sim, um deus.)

Sabe o que li hoje? Que uma editôra de Praga pediu opção para alguns livros brasileiros e, entre eles, o TIZIU do Néilson. A notícia me deu um banho de tristeza: as coisas acontecem sempre, mas nunca na hora certa. O Néilson deliraria se vivo fôsse. E como ficaria humildemente agradecido!

Abrços para você e seus meninos

Da Cosette

J. de Fora, 20.8.69

⁹³ Laís Corrêa de Araújo, no **Suplemento do Livro do Jornal do Brasil** de 16 de agosto de 1969, assina o artigo, **Ao Fim, tudo é o verbo**, onde analisa a obra **Confabulário**, do mexicano Juan José Arreola (ARAÚJO, 1969f).

⁹⁴ Além de produzir pouco e deixar de publicar no auge do sucesso literário, o escritor mexicano Juan José Arreola (1918-2001) entrou para o rol dos escritores do silêncio por ter trabalhado a linguagem em favor da economia verbal, com máxima exploração dos sentidos, dentro de uma poética que prefere comunicar por meio da sugestão, a partir de uma estética moderna e aglutinadora. Seu espírito inventivo, o humor e o uso espetacular da linguagem conferem alta qualidade à sua obra colocando-o, inclusive, entre os principais renovadores da literatura mexicana. Em **Confabulário** (1952), Arreola exibe sua maestria na arte da condensação narrativa. Apesar da brevidade, ou talvez por ela, seus contos, além da prosa poética, costumam fazer uso da alegoria e do símbolo, dando margem a paradoxos e a múltiplas interpretações. Em seus relatos há também uma fusão entre a imaginação e o elemento lúdico. Em **Confabulário**, o fantástico, o alegórico e o absurdo se amalgamam numa narrativa cheia de ironia e significação (SEVERINO, 2009).

⁹⁵ Tradução nossa: O bom crítico é aquele contado pelas aventuras de sua alma no meio de obras-primas.

⁹⁶ Tradução nossa: É mais sábio plantar repolho do que fazer livros. Esta frase mostra todo o descontentamento de Cosette de Alencar com o mundo literário.

⁹⁷ Lukács, György (1885-1971); crítico húngaro-alemão, escreveu a maior parte das suas obras em alemão, desenvolveu uma teoria marxista do romance, traçou uma nítida linha divisória entre realismo e naturalismo, dedicou atenção especial a Thomas Mann e reabilitou os realistas alemães do século XIX, como Gottfried Keller, Raabe e Fontane (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 2840).

⁹⁸ Tradução nossa: Nunca, nunca sai de si.

⁹⁹ Informação não localizada pelo pesquisador devido à pandemia de COVID-19.

¹⁰⁰ O jogo de palavras estabelecido por Cosette de Alencar nos remete à obra **Claro Enigma**, composta por 42 poemas. Data de 1951 (pela Editora José Olympio) e é da autoria de Carlos Drummond de Andrade, escritor modernista brasileiro. Inserido

na Terceira Fase do Modernismo, conhecida como Pós-Modernista, foi escrita no final da década de 1940. Situa-se no período histórico em que teve início a Guerra Fria. É tendo em conta esse contexto que Drummond transmite melancolia, nesta que é a sua oitava obra. Nela, o autor regressa à forma clássica, abandonando a liberdade de criação, uma das principais tendências do Modernismo. Os 42 poemas constantes no livro apresentam-se distribuídos em seis partes: I - Entre Lobo e Cão: composta por 18 poemas, nessa parte o poeta propõe o paradoxo entre a maldade do lobo e a bondade do cão; II - Notícias Amorosas: a segunda parte traz 7 poemas que tratam do amor essencial para a vida, o amor genuíno, e não o amor romântico; III - O Menino e os Homens: na terceira parte são 4 os poemas. Neles, Drummond faz uma homenagem aos poetas Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Mário Quintana; IV - Selo de Minas: há 5 poemas na quarta parte da obra, cuja temática é Minas Gerais, estado onde nasceu o autor, e sua família. Nessa parte, portanto, o poeta nos remete ao seu passado; V - Os Lábios Cerrados: a quinta parte é composta por 6 poemas. O mote é o silêncio; VI - A Máquina do Mundo: na sexta e última parte há apenas 2 poemas, dentre os quais aquele que foi escolhido como o melhor poema brasileiro do século XX. Chama-se **Máquina do Mundo** e faz referência à Camões, que menciona a grande máquina do mundo no canto X de **Os Lusíadas**. A seguir, o livro encerra-se com o poema **Relógio do Rosário**. Drummond transmite a ideia de que ele não vai usar mais a sua máquina, que é a sua poesia. O livro transmite a tristeza e a frustração do poeta em decorrência do contexto histórico. Drummond retoma o estilo clássico, dando importância à métrica, em vez de utilizar versos livres. Em **Claro Enigma** detectamos uma característica inerente ao estilo Barroco, o fusionismo, que é a exposição das ideias contrárias. O título da obra é o exemplo mais marcante disso. **Claro Enigma** reflete contraste, uma vez que claro é algo que se entende com facilidade, enquanto enigma é algo difícil que precisa ser decifrado (TITAN JÚNIOR, 2012).

¹⁰¹ Em **Eugénie Grandet**, que foi lançado em 1833, encontramos algumas das características mestras do romance balzaquiano. O gosto das descrições minuciosas e demoradas do ambiente de que vão emergir as personagens. A pintura dessas personagens em tal profundidade que elas acabam deixando de ser personagens para se integrar no cotidiano como pessoas vivas. E o ouro, o

dinheiro, um dos grandes, dos maiores animadores da sua dramática e dolorosa comédia humana. O romance oscila entre duas grandes paixões: a paixão de Eugénie pelo primo e a paixão do velho Grandet pelo dinheiro. E se para Balzac, a primeira era mais importante – e tanto assim que o livro tem o nome de Eugénie – para muitos é no retrato que ele nos dá da avareza de Félix Grandet que reside o ponto alto da obra. Como sempre, entretanto, a verdade está no meio termo, porque no estudo desses dois caracteres Balzac insuflou uma grandeza admirável. O livro está repleto de tipos originais, existências tranquilas na superfície, mas devastadas secretamente por tumultuosas paixões. Figuras que vivem seus dramas em silêncio, os mistérios habilmente disfarçados. Uma pequena obra-prima criada pelo talento de Honoré de Balzac (GÓES, [1981?]).

¹⁰² Tradução nossa: O mais diabólico de todos, o Lúcifer da literatura... É um Deus. É dessa maneira que Anatole France descreve Honoré de Balzac.

Carta 16/23 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 29 de agosto de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; cor bege. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 3 folhas.

Belo Horizonte, 29.8.1969

Cosette,

parece incrível que, na última carta, eu estivesse me queixando de falta de serviço! Agora, estou me sentindo um pouco desorientada de tanto que tenho para fazer. Até estou organizando um horário para mim: segunda-feira, fica para responder cartas (são tantas!), terça e quarta, para leitura dos livros da Imprensa, aos quais devo dar parecer; quinta será dedicado inteiramente ao estudo de Murilo Mendes; sexta, para leitura de livros sobre os quais eu pense escrever; sábado para pequenos serviços extra: traduções, notas para artigo, miudezas. Domingo para descanso, suponho! E isto sem falar nos trabalhos corriqueiros da casa: comprar carne, arrumar camas, varrer, atender exercícios da escola dos meninos, fazer a feira, consertar roupas, etc., etc., etc.! Como vê, o dia está muito pequeno e, se não me organizar muito, não darei conta do recado. Além disso, às vezes me “empolgo” com alguma coisa e esqueço o resto.... Não, não tive mais jeito de reler Balzac: o homem é um monstro e exige muita atenção e folga. Parei, por enquanto. Com tudo isto, ainda devo atender a alguns convites: em setembro, devo ir a Oliveira, onde serei homenageada (eu e Affonso, mas êste se recusa a sair de casa) e teria também de ir a Guaxupé (darei um jeito de me recusar). Ainda querendo ir a Juiz de Fora... e precisando dar uma chegada no Rio.... Não, nem quero pensar muito no que tenho para fazer: e tudo correndo, para aproveitar êste resto de fim de ano, em que a minha situação de funcionária é relativamente tranquila. Depois, não sei o que será de mim, ainda.

Affonso é que tem razão: diz êle que a gente tem de escolher uma coisa e entregar-se inteiramente a ela, abandonando todo o resto. Êle, por exemplo, assumiu o compromisso com a Editôra Perspectiva, de São Paulo, de organizar um novo volume sobre o barroco, aproveitando parte do que saiu nos “Resíduos¹⁰³” e fazendo mais uns dois ou três capítulos. Como o assunto é complexo, exige pesquisas, tempo, estudo, êle decidiu não sair de casa para nada, não aceitar

nenhum convite, não fazer mais outros serviços, senão não dará conta de entregar o livro na data prevista. Aliás, a Editôra já lhe mandou duas cartas “apressando-o”. E o coitado só pode trabalhar no livro à noite, já bem cansado, pois o seu trabalho de rotina, no Estado, lhe toma o dia todo (tempo integral). Hoje, disse-me até que está pensando em tirar férias, para poder acabar o livro o mais rápido possível. Tem força de vontade, decisão, disciplina. Ainda agora, esteve um professor americano à procura dêle, mas Affonso recusou-se discretamente a atendê-lo: não pode perder um dia ou dois, acompanhando estrangeiros e explicando-lhes o barroco de Ouro Preto, Sabará, etc. Também a sra. do Rodrigo Melo Franco¹⁰⁴ quis que êle fizesse parte da diretoria de uma Fundação de Arte de Tiradentes; recusou. E assim tem feito, pois não quer envolver-se em nada mais, nestas coisas que são apenas “brilho exterior” e não resultam em nada de positivo (mesmo que ganhe dinheiro). Fez uma opção na vida: dedicar-se inteiramente à sua literatura – e só trabalha no Estado mesmo porque tem de sobreviver...

Eu, sou dispersiva: pego uma coisa, outra, mais outra, começo aqui, termino ali... tudo me atrai, nada me fixa definitivamente num rumo! Tudo, portanto, sai mal feito, mal acabado, apenas esboço do que se poderia realmente fazer. Mas não tem importância: não pretendo entrar na história da literatura, não tenho vaidades, escrevo um pouco por gosto (ou vício), um pouco por causa do dinheirinho que entra.... Êste mês não pude mandar nada, nem para o Jornal do Brasil nem para o Estado de S. Paulo, apesar dêles terem me pedido certa frequência.

Soube que a Mirtis Campelo tem lutado muito para conseguir publicar o livro dela (do Walmap¹⁰⁵) em editôra. Até agora, parece, o trabalho tem sido infrutífero. É o cúmulo. Penso então em você, que não é como ela, interessada em publicar. Se se deixar ficar quieta, então... mas você tem mais amigos importantes, mais gente que gosta de você e quer vê-la publicada. Vai se deixar ficar na obscuridade, sem tomar nenhuma providência? Quando penso que o Brasil tem 90 milhões de habitantes e que um livro não consegue editor – e, quando consegue – edita apenas 1000 exemplares e êstes ainda “sobram” nas livrarias, é melancólico. Affonso fez, por curiosidade, uma estatística: de 90.000.000, 40.000.000 são analfabetos; 20.000.000 semi-analfabetos; 10.000.000 mais ou menos lêem, mas obras diversas (estudantes, livros didáticos, só; advogados, só os de sua especialidade, etc.). Sobram mais ou menos 5.000.000 que estão aí disponíveis, mas simplesmente não se interessam por nada.... E um livro de 1000 exemplares contará, como leitores

certos, apenas uns 200, se tanto.... Não é de desanimar? Por que se escreve ainda? Vício, catarse, inabilidade para outras profissões etc.

A revista “Minas Gerais” foi mandada por mim, pelo Wagner. Naturalmente êle não a encontrou em casa e simplesmente deixou a revista, sem explicações. É, como você vê, uma revista de propaganda governamental, mas publica algo de aproveitável, de vez em quando. O próximo número, já pronto, trará uma reportagem minha sôbre Pirapora e o outro uma da Zilah, sôbre a Igreja de Catas Altas¹⁰⁶. Também, apenas trabalhos esporádicos, para conseguir mais uns cruzeirinhos (50, só...).

Sim, tenho me interessado muito pela literatura latino-americana: é uma descoberta. Literatura de experimentação, de pesquisa, de invenção, bem mais vibrante que a nossa atual, que anda morna e apagada. A nossa mania ainda é ou francófila (como você) ou americanófila (como a maioria dos leitores atuais). Mas quanta coisa boa tem sido feito por outros lados! Minha curiosidade é insaciável, por tudo o que há de nôvo: como vê, não tive nenhuma formação cultural regular. O que, de certo modo, é bom: como de tudo... e com prazer.

Estou muito curiosa para conhecer também a sua casa, a sua biblioteca desordenada. É engraçado: a minha casa é uma bagunça e a minha “biblioteca” organizadíssima, enquanto você troca as coisas, você, que é uma escritora. Sim, seu pai tem razão: é difícil conciliar as duas atividades, a de dona-de-casa e a de intelectual. Como você faz? Eu, nem uma coisa nem outra: tudo sai pela metade. Mas você, romancista, que escreve com seriedade e competência, precisa me explicar que jeito dá para exercer bem as duas atividades!

Pretendo mesmo ir a J. de Fora, em fins de setembro ou princípio de outubro (depende da data em que for a festa de Oliveira). É claro que avisarei a você antes, para que me ajude, me leve à casa da Virgínia, etc. Talvez você tenha (ou ela) o primeiro livro do Murilo (“História do Brasil¹⁰⁷”), que não encontro em nenhum lugar. Nem êle mesmo tem, segundo me disse. Êle tem me prestado todo o auxílio possível, de modo que quero corresponder à sua boa vontade. Vamos ver o que farei, afinal.

E o telefone que toca, que toca? Que casa movimentada, a minha! Por isto, escrevo estas cartas meio doidas, tão mal arrançadas... Desculpe-me. Sei que me entende.

Abraço-a

Laís

Manuscrito: Fico contente com a notícia sobre o Nelson: embora atrasada (lamentável, [ilegível]) dará ao menos alegria aos verdadeiros – e caros – amigos dêle.

¹⁰³ Em 1969, aconteceu o lançamento de **Código de Minas**, de Affonso Ávila, obra que já vinha sendo discutida antes da publicação, pelas características de inovação, denotação de uma sátira habilmente construída por tomadas visuais e descascamento verbal da realidade mineira. É felizmente, uma edição importante a salvaguardar o nome da poesia num ano em que ela nos pareceu pouco convincente, pouco firme, e com muitos equívocos (ARAÚJO, 1970).

¹⁰⁴ Rodrigo Melo Franco de Andrade nasceu em Belo Horizonte (MG), em 17 de agosto de 1898. Foi contista e ensaísta. Exerceu atividade de jornalista e advogado. Fundou e dirigiu ao longo de 30 anos o então denominado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Sphan, atual Iphan. Deu apoio ao modernismo de 1922, cercado-se de artistas mais ligados ao movimento, como Aníbal Machado, Milton Campos, Pedro Nava e Mário de Andrade. Tornou-se redator-chefe da **Revista do Brasil**. Em 1930, ocupou o cargo de chefe de gabinete do Ministério da Educação e Saúde. Publicou **Velórios** (1936) e **Rio Branco e Gastão da Cunha** (1953). Faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 11 de maio de 1969 (VASCONCELLOS; XAVIER, 2012, p. 180).

¹⁰⁵ Romancista, Myrtis Campello nasceu em Ouro Preto (MG). Surge como escritora com o romance **Tempo de fiar** (Menção honrosa – III Concurso Nacional Walmap e Prêmio Cidade de Belo Horizonte/1965). Segue-se **Pele contra pele**, que ganhou o Prêmio Coelho Neto, da –ABL, em 1971 (COELHO, 2002).

¹⁰⁶ Informação não localizada pelo pesquisador devido à pandemia de COVID-19.

¹⁰⁷ O tributo de Murilo Mendes ao momento literário, à chamada fase histórica do modernismo, ocorrerá, com certa defasagem, no desvio que é o volume **História do**

Brasil, de 1932. O culto ao peculiarismo brasileiro, o ufanismo ainda que às avessas, a redescoberta a seu modo da nacionalidade estão presentes nestes exercícios de história parodística, em que a nota é fundamentalmente cômica, mas não a ponto de disfarçar ou impugnar por inteiro uma contingente necessidade de exaltação, em nível de boa ou má consciência, de nossa mitologia nacional. O Brasil de Murilo Mendes não é diferente, porém, daquele esquematizado em poemas de outros autores modernistas. Uma temática ambiental, folclórica, mais do que histórica, empobrecida quase sempre pela óptica equívoca e por uma linguagem de propensão grotesca, sem valor expressivo próprio, preocupada apenas em mostrar-se nacional pela utilização dos elementos movediços, domésticos e afetivos da língua brasileira, conduzindo às vezes por isso à mera caricatura (ARAÚJO, 2000, p.71).

Carta 17/23 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 23 de setembro de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 25 cm de largura x 20 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege. Manuscrito assinado (tinta preta) assinado – 4 folhas.

BHte, 29.9.1969

Laís,

Quem está com a razão é o Affonso, cujo comportamento é o único compatível com o ofício literário, absorvente, ditatorial, desumanamente monopolizador. Mesmo dotado, mesmo talentoso, o escriba não pode dispensar a tarimba, o “nulla dies sine linea” que, de Apeles a Zola, sempre encontrou guarida entre os melhores da profissão. Tanto faz a linha ser de pintor quanto de escritor: tem de ser diária, se o artista deseja realmente realizar algo. Quantos realizam? Pouquíssimos. Dessa enxurrada de nomes em evidência no setor das letras- quando, notoriamente, a literatura do país anda ainda tão enfezadinha-99% conseguem aparecer à custa de auto-promoção, picaretagem, pouca vergonha. O 1% restante, se aparece, aparece a despeito de ter valor mesmo. A regra, entre nós, é o valor permanecer clandestino, ignorado. Diz o Marques Rebêllo¹⁰⁸ que isto não tem maior importância, que uma literatura vive é da média válida de livros bons que lhe garantem sangue para a circulação. Êstes livros bons, todos sabemos quais sejam: em geral, não vendem muito nem ascendem às listas dos “best-sellers”. Caminham clandestinamente, mas fazem sulco no chão e marcam sua passagem: são livros cujo destino é o da permanência, feitos para durar, dando aquêle algo mais que a Shell pensa ter descoberto. Descobriu? Uma pílula.

O Josué Montello¹⁰⁹ que integra aquela [ilegível] dignos de respeito de que ainda se pode ufanar nossa literaturazinha, o Josué Montello divide os escritores em duas classes: a dos que escrevem porque têm o que escrever e a dos que escrevem porque sabem escrever. Naturalmente, refere-se êle a escritores de verdade. Em ambos os casos, o escritor terá de calibrar sua vocação construindo o laborioso artesanato que o ofício exige. Sim, não há que ver: comportamento certo é o do Afonso, que aliás não é original. Pelo que sei, é o comportamento adotado por todos que, na profissão, escolheram a porta estreita. Estreita é a porta, etc., etc. mas leva ao caminho da redenção. Sei do que falo porque vivi com um escritor sublimado

pelo ofício, ao qual se entregara de corpo e alma, caminhando de renúncia em renúncia, até que, por fim, organizou sua vida em função exclusiva do ato de escrever. Creio que meu pai encarava a literatura como um sacerdócio e assim a professava. Com a ressalva de que, para êle, não havia esperança de prêmio algum: nem fama, nem dinheiro. Apenas o prazer de fazer uma coisa de que gostava. Tudo que você me diz do Afonso combina com o estilo gilbertiano: honra ao Afonso. Desejo que como sucedia a meu pai, também êle tire sua compensação do próprio labor sufocante. A nós outros, incapazes de adaptarmo-nos ao figurino rígido, cabe-nos admirá-los, a estes fortes e disciplinados. Muito bem sabemos nós que, por fim, o trabalho deles é o que, efetivamente, conta; a gente se contenta em borboletear, dando uma de escrevinhação de quando em vez... Já está bom não nos iludirmos a respeito de nós mesmos, pois há quem se iluda. A mediocridade satisfeita de si mesma está aí, firme, não dando pelota para a ética, menos ainda para a estética. Uma pouca vergonha de encolerizar. E a fúria dos novos diante do banquete da falsa glorificação! De onde estou, e sem fazer muita força, venho assistindo a coisas extraordinárias neste setor. Mas a quem o digo! Coisas ainda melhores (!) assistirá você, que está mais por dentro do assunto literário que eu. Eu, felizmente, vivo à margem, absolutamente despercebida. Não me queixo. Muito pelo contrário. Como tenho repetido, meu gosto é só o de ler para satisfação pessoal, escrevendo pouco, pouco ou nada acreditando na própria escrevinhação. Peso pluma, sei disso.

Ah, e esta sua visita a Juiz de Fora? Sai, não sai? Pior do que a minha ao Rio. Acabarei indo, porque a Administradora do Apartamento não me dá folga, vive a mandar-me contas, cobra-me extorsivamente por serviços que não fornece, é um inferno. Mas já adiei a ida muitas vezes e ainda não marquei uma data intransferível. Vou sendo roubada, vou consentindo, comodismo demais. Agora, você é diferente: é dinâmica, gosta de viajar, sabe viajar, aproveita suas viagens, não adia demasiado a execução de seus planos. Não se preocupe com dinheiro, aqui não há onde gastá-lo: vantagem de interior mineiro.

Nem quero falar mais sôbre a questão editorial. O caso da Mirtes é injusto. Ela é romancista de qualidade, muito melhor que a maior parte dos medalhões promovidos pelas editoras; já por ocasião do Prêmio Gilberto de Alencar, na Academia Mineira, a política dos literatos da entidade, dando uma de sabujice, roubou-lhe o troféu, que foi para o Palmério¹¹⁰ apenas um prêmio de circunstância,

aceito com indissimulada resignação, sem interêsse, nem alegria. Por direito, seria a láurea da Mirtis. Agora, novamente distinguida pelo Walmap, e certamente sem interferência nem compadrio, luta por um editor inutilmente. Mas êstes empresários são burros? Que há com eles? Não sabem ler, não são alfabetizados? Puxa vida, como diz o outro, é de lascar. A solução é a Mirtes atacar a praça carioca e adotar os usos da época; com alguma habilidade atingirá seu objetivo. Não sei se o prazer de ser editada vale esta missa. Eu, hein? Prefiro ir logo para o diabo que me carregue. Se me carregar mesmo, nem diabo continuará a ser – e tudo que eu quero é sossego. Nunca fui de altas cavalarias, hoje sou-o menos do que nunca. E acredito mesmo em alguma coisa? Não, não acredito em nada, nada vale a pena, viver é uma chatice, embora seja muito importante. Uma chatice importante, só isso.

Já leu alguma coisa de Colette Peugniez¹¹¹? Nome nôvo do “noveau roman¹¹²” francês, diz-se que é digna de ser lida; fiquei doida por conhecer o SARAH CORTEZ¹¹³ e UN JOUR DANS LA VIE DE MENNY LEE¹¹⁴. Escrevi para uma amiga, que anda por Paris, sem ter até agora obtido resposta. Ando querendo apelar para a Maria José de Queiróz¹¹⁵, ela me mandou um postal oferecendo seus préstimos parisienses. Se você descobrir os livros antes de mim, avise-me; se eu os descobrir não deixarei de passá-los a você. Bom é que a gente desperte para o lado da civilização, quando aqui a coisa vai indo de mal a pior e excelente velocidade estamos alcançando na corrida de costas em que nos empenhamos... E, por falar em livros, nada tenho recebido que valha a pena. Bagulho só. Entre os novos, guardei os nomes de Maria Alice Cordeiro (estou citando de memória, não sei se me equivoco) contista original, forte, capaz de criar um clima próprio para suas histórias; acho que chama-se CORRENTE DE UM ELO SÓ¹¹⁶ o seu livro, e o de Marcos Santarrita, autor de A SOLIDÃO DOS HOMENS¹¹⁷. Leu? O resto me pareceu desanimador, fiquei na primeira página, exceção feita ao livro de Juarez Barroso, o MUNDINHA PANCHICO¹¹⁸. A hora de Balzac está para soar a qualquer momento; não será regresso, mas progresso.

Decida-se logo e apareça. Conte comigo para tudo de que precisar. Um abraço para você e outro para suas meninas.

Cosette

¹⁰⁸ Marques Rebelo (1907-1973), pseudônimo literário do escritor e jornalista brasileiro Edi Dias da Cruz. Nascido em Vila Isabel, sua infância decorreu nos bairros da zona norte do Rio de Janeiro, numa época em que a vida tranquila permitia os serões noturnos, as serenatas, e é essa vida que constituiria a matéria-prima de seus contos e romances, em especial a gente humilde e as manifestações populares coletivas, festas, esportes, carnaval. Ligou-se ao movimento modernista após 1926. Depois de iniciar estudos de Medicina, dedicou-se ao comércio e à indústria. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e membro do Conselho de Música Popular Brasileira. Marques Rebelo maneja a língua como poucos e em suas obras a expressão flui naturalmente e com toda modernidade e força da coisa viva. Principais obras: **Oscarina** (contos, 1931); **Três caminhos** (contos, 1933); **Marafa** (seu primeiro romance, 1935); **A estrela sobe** (romance, 1938); **Stela me abriu a porta** (contos, 1942); e **O Espelho partido**, obra projetada em sete volumes dos quais foram publicados três: **O trapicheiro** (1959); **A mudança** (1962) e **A guerra está entre nós** (1968). É considerado um cidadão honorário e benemérito de Cataguases (BIOGRAFIA, 1967, p. 2).

¹⁰⁹ Com uma obra que se eleva a mais de 100 volumes, entre os quais se destacam vinte romances, Josué Montello realizou uma intensa vida de escritor, paralela à sua vida de homem público. Grande prêmio da Academia Francesa, pelo conjunto de sua obra, em 1986; membro da Academia Brasileira de Letras, foi professor, jornalista, diplomata, Embaixador do Brasil em Paris, junto à Unesco (1985-1990). Foi colaborador do **Jornal do Brasil** e da revista **Manchete**. Um de seus romances, **Os Tambores de São Luís**, foi escolhido como livro de texto nos concursos de agregação em língua portuguesa, em toda a França, para o ano letivo de 1990-1991. Escreveu novelas, ensaios, literatura infantil, biografias, história, teatro e romance. Algumas obras: **Noite sobre Alcântara**, **Os Degraus do Paraíso**, **Cais da Sagração**, **Largo do Desterro**, **Aleluia**, **O baile da despedida**, **Uma Sombra na parede**, **O silêncio da confissão**. Josué Montello nasceu em São Luís do Maranhão, em 1917. Sua terra natal, objeto da maioria de seus romances, prestou-lhe singular homenagem, criando em 1983 a **Casa de Cultura Josué Montello**, com sede em São Luís, já dotada de 30.000 volumes, doação de seu patrono, além de um vasto arquivo em que se destaca a correspondência com grandes escritores

brasileiros e estrangeiros. Morreu no Rio de Janeiro, em 15 de março de 2006 (MONTELLO, 1990, p. 137).

¹¹⁰ Como informa Zilah Corrêa de Araújo, em reportagem de novembro de 1966, Mário Palmério (1916-1996) recebeu o Prêmio Gilberto de Alencar, da Academia Mineira de Letras, com a obra **Chapadão do bugre** (ARAÚJO, 1966a). Mário de Ascensão Palmério, que, entre tantos ofícios exercidos ao longo da vida, vai se destacar como escritor e, mais precisamente, como romancista. Em abril de 1968, é eleito para a Academia Brasileira de Letras, sucedendo a Guimarães Rosa na cadeira número 2. A obra literária de Palmério não é extensa, mas seus livros – cujo tema central é sempre o homem e a terra – tiveram intensa repercussão nacional. **Vila dos Confins** (1956) e **Chapadão do bugre** (1965), os mais conhecidos, tratam da vida cotidiana em pequenas cidades do interior, bem distantes dos grandes centros, com destaque para a natureza, o amor, a política e a desigualdade social (DUARTE, 2010, p. 662).

¹¹¹ Colette Peugniez é uma escritora francesa. Ela é a esposa de Pierre Seghers, editor e poeta, e deu mais ênfase aos textos de seu marido, nos quais escreveu duas biografias (**Pierre Seghers: um homem coberto de nomes** e, **Estávamos Passando**), do que seus próprios poemas. Ela também é autora de contos e romances: **Lointains** (1960), **10 poemas para um bebê** (1970), **No Estuário de amanhã** (1997), **Martin Hanson** (1973), **Sarah Cortez** (1966), **Un jour dans la vie de Menny Lee** (1968) e **Belle ou l'Envers du temps** (COLETTE PEUGNIEZ, 2020).

¹¹² Nouveau Roman ou Roman Nouveau. Movimento literário surgido na França na década de 1950. Caracterizado pela ruptura com o romance tradicional, defendia o objetivismo e negava a dimensão psicológica dos personagens. No Novo romance ou Roman Nouveau, o autor não é o todo poderoso, sua função não é nitidamente narrativa, não conduz o personagem (delineado e esclarecido psicológica e descritivamente) por um caminho contínuo e lógico. Abandonando a estrutura que nos acostumamos a considerar como peculiar à literatura de ficção, o novo romance está entregue à mutabilidade dos seres humanos ditos reais, desvinculado de fórmulas impostas por uma exigência de um enredo. Assim, embora, ao nosso olhar

acostumado a certa rigidez interpretativa e a indícios exatos pareça um mundo deslocado de seu centro, o universo do novo romance, pelo contrário, está situado em um plano mais real, mais livre, desligado de valores falsos que prendem a consciência, não mais em estado de passividade desvendável, sujeito ao nosso julgamento e à nossa utilização. As coisas, os fatos, os seres, tornam-se inquietantes, porque se negam a uma moralidade de comportamento e a uma postura psicológica. Na ficção tradicional, a maior eficácia da camada verbal reside na concretização e no condicionamento do sentido, mensagem ou estória; no novo romance, a camada verbal se emancipa, perdendo a coerência de elemento intencional; daí ser tomada e retomada, pois sua utilidade ou funcionalidade não é a de encaminhar o pensamento num determinado rumo, mas de estar sempre em procura, ela mesma, da apreensão estética e ética dos seres e objetos. Seus autores mais representativos são Alain Robbe-Grillet, Michel Butor, Marguerite Duras e Nathalie Sarraute (ARAÚJO, 1966b).

¹¹³ O livro **Sarah Cortez** (1966), relata o relacionamento apaixonado entre um jovem adolescente e uma jornalista de meia-idade. O romance coloca o antigo problema de um romance infeliz. Inúmeros personagens, às vezes perturbadores, acompanham, separam e unem os heróis deste romance. Através do amor aparentemente impossível de Sarah, Colette Peugniez revela uma visão sensível e perturbadora (FRENCH NEWS, [199?]).

¹¹⁴ Menny Lee é bonita, confusa e sem sorte, ela conseguirá sobreviver? **Un jour dans la vie de Menny Lee** é uma questão de destino, felicidade, morte. Seja Menny Lee ou Nicolas Courlier, capataz, uma adolescente perturbada pela visão de um aventureiro, um curandeiro, a esposa do comandante de um navio, ou Jeronime Huana, que continua suas aventuras em Londres e Kuwait, as doze histórias que compõem este livro são histórias quase reais. Reais como a própria vida. Reais ou inventadas, essas histórias contam, elas revivem a tradição de romancistas que mostram e vivem, para quem os personagens realmente existem, eles e seus destinos (COLETTE PEUGNIEZ, 2020).

¹¹⁵ Maria José de Queiroz, nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1934. Aos 26 anos, tornou-se a mais jovem catedrática do país e, por concurso, sucedeu o professor Eduardo Frieiro na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, onde lecionou Literatura Hispano-Americana. Doutorou-se em Letras Neolatinas pela mesma instituição. Como convidada, tem uma longa carreira em importantes universidades na Europa e nos Estados Unidos: Sorbonne, Lille, Bordeaux, Aix-en-Provence, Bonn, Colônia, Indiana, Harvard e Berkeley. Em 1953 começou a colaborar em jornais de Minas Gerais e escreve para mais de uma dúzia de periódicos, inclusive o francês **Le Monde**. Em 1961, publicou o primeiro de seus onze ensaios sobre literatura e, em 1973 estreou como ficcionista. É Membro da Academia Mineira de Letras (DUARTE, 2010).

¹¹⁶ O nome da autora do livro **Corrente de um elo só** é Maria Cecília Caldeira (ARAÚJO, 1969a).

¹¹⁷ Marcos Santarrita é um jovem escritor baiano que estreia na ficção, com a novela, **A Solidão dos homens** (1969), onde já se vê uma certa honestidade profissional, uma tentativa de se fazer literatura. A solidão é o tema do livro, em suas dimensões íntimas ou apenas psicológicas, e em torno desse foco central desdobra-se sua narrativa (GOUVÊA, 1970).

¹¹⁸ O livro de contos **Mundinha Pacheco e o resto do pessoal** (1969), de Juarez Barroso, que ganhou o prêmio José Lins do Rêgo, da Editora José Olympio não teve muita cobertura jornalística crítica à época de seu lançamento (o título de seu livro, na verdade, é pouco atrativo), mas sua ficção é interessante, movimentada, sem inovação linguística, mas de curiosa observação psicológica e sociológica (ARAÚJO, 1970).

Carta 18/23 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 29 de setembro de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 25 cm de largura x 20 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege. Manuscrito assinado (tinta preta) assinado – 4 folhas.

BHte, 29.9.1969

Cosette,

Há quatro dias estou com dor-de-cabeça, coisa que me atormenta e atrapalha as minhas atividades normais. Já me aconselharam a procurar o Arigó¹¹⁹... já que os médicos não deram conta do recado. Mas acredito que seja um problema da idade ou de meu trabalho, que exige muito da vista e da própria cabeça. Enfim, vou tomando as minhas aspirinas e consolando-me com o pensamento de que Einstein¹²⁰, João Cabral e outros “cobras” também sofreram ou sofrem do mesmo mal....

Fiquei muito aborrecida com a notícia que recebi do Wagner, de que o Diário Mercantil acabou com a “Página Literária” dêle. Não sei se Juiz de Fora (além da sua colaboração) tem outra divulgação cultural como aquela. Parece-me que não. A “Página” gozava de excelente conceito e é um sinal de mediocridade a sua extinção. Diz mal de J. Fora que, aliás, em matéria de cultura já é tão pobre. Naturalmente vão substituí-la por página esportiva ou feminina. É a ignorância reinante – ou quem sabe a inveja, pelo prestígio alcançado por um jovem? Descreio tanto da humanidade, que acredito nas duas hipóteses. Além do lado moral, intelectual desse gesto ditatorial do Sr. Diretor do jornal, há o lado do prejuízo financeiro, pois, embora pagassem muito mal, era um ordenado. E aí em J. Fora também é difícil um emprêgo para um rapaz. Aqui há outras possibilidades e, tão logo o Plácido queira vir para BH, o Wagner poderá trabalhar no Suplemento ou onde quiser. Parece-me que Zilah conseguiu ordem dos Diários Associados¹²¹ aqui para que mantenham o Wagner no jornal. Mas será bem triste se não fizer mais a “Página”. É ridícula e mesmo deprimente esta perseguição a qualquer iniciativa cultural. Diz bem do status mental provinciano. Quando a inteligência será material valorizado, condignamente pago e reconhecido? Não sei. O Osman Lins¹²² tem razão na campanha que faz para que nenhum escritor faça nada de graça. Eu aderi logo. Não escrevo nada, nem uma linha, de graça. É um princípio. Ninguém pede à

fábrica de gravatas que lhe dê gravatas, gratuitas. Também a inteligência precisa profissionalizar-se, instituir-se como matéria-prima, como geradora de idéias, de cultura, de civilização. Ainda agora, pediram-me para julgar concurso de ensaios. Impus um preço pelo trabalho (que é mesmo um trabalho exaustivo e de responsabilidade). Também me convidaram para fazer duas conferências sobre Machado de Assis; fiz o mesmo e aceitaram. Ninguém, nenhum intelectual aqui faz mais nada de graça. Vamos paulatinamente obrigar aos que precisam de nós a reconhecer que escrever não é diletantismo nem passatempo de ociosos, mas esforço duro, exigente, penoso. Cada um tem algo a apresentar como trabalho: seus músculos, seu tino para o comércio, sua aptidão para a costura, etc. como também sua capacidade de criar, de ordenar o caos, de construir com a palavra. Chega de sermos marginalizados, de sermos considerados boêmios ou irresponsáveis. Já passou o tempo do romantismo. Posso escrever os meus poemas e deixá-los guardados eternamente nas gavetas. Mas se escrevo um artigo para jornal, se julgo um concurso, se faço uma conferência, isto é trabalho de utilidade pública e deve ser remunerado. Se não muito bem ainda, ao menos razoavelmente remunerado. É uma atitude não mercenária, mas consciente, de luta pela dignidade e reconhecimento do nosso ofício. Se escrever fôsse fácil, todo mundo escreveria, não é? Outro dia eu estava comparando o preço de serviços: paguei a uma costureira 80,00, por um vestido da Myriam... e levei quatro dias escrevendo (fora os que gastei lendo) um artigo, pelo qual recebi 50,00....

Observe como os editôres abusam dos autores – por um livro, que o escritor leva às vezes um ano a escrever, gastou a cabeça, o corpo, as mãos (pois o escritor tem de ser também datilógrafo), pagam 10% do custo de capa. É mínimo. Mas o pior não está aí: nunca, ou muito raramente, acertam as contas. Tudo consta de um contrato que não se cumpre. Outro dia eu soube que a Livraria José Olympio não paga os direitos autorais nem de Mário Palmério (dito pelo próprio) que é uma mina de ouro para eles.... A José Olympio deve-me um acêrto de contas há 14 anos, quando publicaram o meu segundo livro¹²³. Já escrevi diversas vêzes: nem respondem.... No entanto, o livro é esgotado. Soube que êles pagaram corretamente apenas ao Nelson Faria – e isto porque, sendo êle banqueiro, podiam precisar dos serviços e favôres dele.... A “Civilização¹²⁴” também é famosa, por nunca fazer as contas de venda com os autores. E assim por diante. Por isto o escritor brasileiro tem de ser funcionário público, bancário, etc., para sobreviver.

Nos Estados Unidos, se um escritor é entrevistado, pagam tantos dólares por palavra dêle. Aqui, a gente é entrevistado de graça e, idiotamente, ainda ficamos felizes por aparecer no jornal.... Há uma total inversão de valôres: quanto mais inteligente, mais pobre.... A não ser as exceções de Jorge Amado¹²⁵, José Mauro de Vasconcelos¹²⁶ (que se vendem ao grande público, publicando best-sellers), qual é o escritor que vive de seu ofício? O Frieiro tem tôda razão, no seu amargo “A Ilusão Literária¹²⁷”. Mas leia “Guerra sem testemunhas”, do Osman Lins¹²⁸, para aprendermos a lutar por nossos direitos.

Estou, como você vê, bem amarga hoje. É que temos tido muitas dificuldades financeiras (o custo de vida sobe, o ordenado não, e nem sequer o recebemos) e contamos apenas com êsse capital da inteligência. Ora, se eu dou uma aula particular e cobro 5,00 por ela, o melhor é fazer uma torta, que custa 15,00.... Mas infelizmente não sei fazer bolos e tortas! Affonso está “apertado” e tem, nas mãos de livreiros desonestos, perto de 600,00 para receber, da revista Barroco¹²⁹. De uma revista, que custa 6,00, Affonso recebe apenas 30%. O resto (70) é dêles, que não fizeram força nenhuma, apenas põem as revistas nas prateleiras.... E vendem tudo e depois não acertam as contas. Affonso diz que, de agora em diante, só vende por dinheiro na hora, nunca mais para “acertar depois”.

Você viu uma reportagem no “Suplemento do Livro” sôbre prêmios literários¹³⁰? O escritor ganha um prêmio e ... o quê? Nada. Nenhum editor se anima a publicar o livro, porque é um risco, o escritor é pouco conhecido, etc., etc. Daí o autor fica apenas com a glória (transitória, vã) de ter sido premiado um dia. É o seu caso, o da Mirtis, o de tantos outros. Falar nisto, entreguei à Mirtis as suas notícias sôbre ela, que ficou agradecida por seu interêsse.

Bem, mas a gente continua escrevendo. Vício, falta de habilidade para outras coisas, vocação, o que seja, talvez uma doença, uma neurose, no fundo. Escrevo e escrevo, é um direito meu. Mas se querem ver algo do que escrevo, se me pedem um artigo, etc., que paguem para ver. É o meu lema agora. Não interessa o prazer de ser editada, de aparecer no jornal: interessa, isto sim, o reconhecimento de que trabalho e, portanto, devo ser paga.

Não conheço Colette Peugniez, nem vi nenhum livro dela por aqui. Aliás, vou pouco às livrarias, por falta do dinheiro e de tempo. Conformo-me com os livros que recebo dos editores (poucos, agora) e dos amigos. Do “nouveau roman” conheço apenas os Robbe-Grillet¹³¹, Michel Butor¹³², Marguerite Duras¹³³, Nathalie

Sarraute¹³⁴, Jean Reverzy. Agora ando muito entusiasmada com a ficção hispano-americana, que está na “crista da onda”.

Aliás, o “nouveau roman” (a teoria) é muito fã de Balzac, sabia? Consideram-no o mestre, o pioneiro, o papa da nova escola. Como você diz, não é regresso, mas progresso. Parei um pouco com a leitura de Balzac, mas baixei brasileiromente no terreiro de Machado: [ilegível] de ofício, já que tenho de fazer essas conferências sôbre o nosso mestre.

Até breve, espero.

O abraço da

Laís

¹¹⁹ Arigó, Zé (1922-1971), Mèdiu brasileiro. Considerado um dos maiores mèdiuns brasileiro de todos os tempos, José Pedro Freitas, conhecido como José Arigó, ou simplesmente, Zé Arigó desenvolveu atividades espirituais em Congonhas (MG) durante cerca de vinte anos; tornando nacional e internacionalmente conhecidas as cirurgias e curas realizadas, supostamente, por intermèdio de sua faculdade mediúnica, pelo (espírito) que se denominava como Dr. Fritz, um médico alemão falecido em 1918, durante a Primeira Guerra Mundial (MÉDIUM ZÉ ARIGÓ, 2019).

¹²⁰ Einstein, Albert (1879-1955) foi um físico e matemático alemão. Entrou para o rol dos maiores gênios da humanidade ao desenvolver a Teoria da Relatividade. Estabeleceu a relação entre massa e energia e formulou a equação que se tornou a mais famosa do mundo: $E = mc^2$. Recebeu o Prêmio Nobel de Física, por suas descobertas sobre a lei dos efeitos fotoelétricos (ALBERT EINSTEIN, 2020).

¹²¹ Diários Associados. Cadeia de veículos de comunicação organizada por Assis Chateaubriand, a partir de 1924. Incluía jornais, revistas, gráficas, gravadoras, editoras e estações de rádio e televisão espalhados pelas capitais e principais cidades do Brasil (LINHA DO TEMPO, 2020).

¹²² Osman Lins, escritor brasileiro. Osman da Costa Lins nasceu em Vitória de Santo Antão (PE), em 1924. Diplomou-se em ciências econômicas, no Recife, em 1946, e dramaturgia em 1960. Cedo se interessou pela literatura. Em 1955 saiu publicado o

primeiro livro do autor, **O visitante**, vencedor de alguns prêmios literários. Dois anos depois, publicou **Os gestos**, livro de contos com o qual ficou conhecido como autor que cultivava um regionalismo introspectivo. Em 1960, Osman Lins concluiu o curso de dramaturgia na Escola de Artes da Universidade do Recife. Interessado pelo teatro, escreveu a peça **Lisbela e o prisioneiro**, que vem sendo encenada desde os anos 1960. Em 1961, com bolsa da Aliança Francesa, viajou para a Europa na mesma época em que saía no Rio de Janeiro seu romance **O fiel e a pedra**. De volta ao Brasil, atuou como professor de literatura na Universidade de Marília. Com **Avalovara**, romance publicado em 1973, Osman Lins avançou para o experimentalismo de cunho cerebral, construindo complexas estratégias narrativas. Essa experimentação marcou também as obras **Nove, novena e A rainha dos cárceres da Grécia** (1976), seu último romance. Recebeu os seguintes prêmios: Fábio Prado (1955), Academia Pernambucana de Letras, Coelho Neto, Academia Brasileira de Letras (1955), Mário Sete (1962) e União Brasileira dos Escritores. Faleceu em São Paulo (SP) em 1978 (VASCONCELLOS; XAVIER, 2012, p. 160).

¹²³ De fato, o segundo livro de Laís Corrêa de Araújo, **O Signo e outros poemas** (1955), foi editado pela José Olympio Editora (MACIEL, 2002).

¹²⁴ Fundada em 1932, a editora Civilização Brasileira foi incorporada ao Grupo Editorial Record em 1996 com a aquisição da BCD União de Editoras. Até hoje, o selo se mantém fiel à sua proposta original: aliar tradição e pensamento crítico. A CB, como é chamada, publica clássicos da economia e sociologia, como Karl Marx e Antonio Gramsci. Também é a casa da literatura universal e brasileira, como James Joyce, Fernando Henrique Cardoso, Oscar Wilde e Lúcio Cardoso. Além disso, recebem o logo da Civilização Brasileira os mais importantes trabalhos acadêmicos realizados no Brasil e no exterior. Seu vasto catálogo inclui títulos nas áreas de ciências sociais, história e ciências políticas (CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2020).

¹²⁵ Jorge Amado (1912-2001), romancista brasileiro. Escritor que obteve, entre todos os romancistas do Nordeste, o maior sucesso, nacional e internacional, que sabe igualmente descrever uma greve e uma revolta proletária ou poetizar uma paisagem ou submergir o leitor na colorida vida popular da Bahia. Jorge Amado tem

encontrado muitos adeptos em Portugal, o grupo chamado “neo-realista”, denunciando a situação do proletariado rural do Ribatejo durante o regime salazarista. Algumas obras: **Cacau** (1932); **Jubiabá** (1935); **Mar morto** (1936); **Capitães da areia** (1937); **Terras do sem-fim** (1942); **São Jorge dos Ilhéus** (1944); **Seara vermelha** (1946); **Gabriela, cravo e canela** (1958); **Teresa Batista cansada de guerra** (1972), (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 2756).

¹²⁶ José Mauro de Vasconcelos nasceu no Rio de Janeiro em 1920 e faleceu em São Paulo em 1984. Descendente de portugueses, o autor teve vários empregos durante a adolescência, viajando depois por todo o Brasil e por vários países europeus. O seu primeiro grande êxito foi **Rosinha, minha canoa** (1962). Em 1968 publicou o seu livro mais conhecido, **O meu pé de laranja lima**, adaptado para televisão, cinema e teatro. Pelo conjunto da sua obra, é considerado um autor clássico da literatura juvenil do século XX. Em 1967, recebeu o Prémio Jabuti de Romance, o mais importante prémio literário brasileiro (JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS, 2020).

¹²⁷ **A Ilusão Literária** (1932) trata da arte de escrever ou algum dos mil e um problemas que a iniciação literária pode oferecer a quem se envereda pelo caminho tão áspero às coisas do espírito. Neste livro, Eduardo Frieiro discute questões sutis e capitais de alto interesse literário, tais como a eterna questão do ambiente brasileiro quanto aos homens de letras nacionais e a literatura; e o problema do estilo de linguagem. O tom geral do seu estilo é clássico. Eduardo Frieiro se mostra um escritor polido, denso e preciso. **A Ilusão Literária** deve ser vista como verdadeira cartilha de estética literária e continua sendo útil para todos os aspirantes às letras (MOURA, 1967).

¹²⁸ Com um sentido quase polêmico, uma linguagem admirável de cuidado e perfeição, o romancista Osman Lins saiu em defesa do escritor brasileiro em seu **Guerra sem testemunhas**, obra que deve ter-lhe exigido mais que o tempo, uma força de vontade e ânimo para enfrentar as represálias que o tema pode provocar. Trata-se do problema do escritor, que procura situar-se em dignidade com o seu trabalho contra a incompreensão geral de seu esforço e as meras compensações

morais que lhe são dadas (ARAÚJO, 1970). Osman Lins, assim como Cosette de Alencar e Laís Corrêa de Araújo, defendia a tese da profissionalização do trabalho do escritor.

¹²⁹ É preciso ressaltar o esforço de Affonso Ávila como diretor da revista **Barroco**, cujo padrão de qualidade é reconhecido e admirado tanto no Brasil quanto no exterior. De publicação anual, a revista aborda o barroco e temas correlatos dentro de uma linha ensaística sintonizada com a atualidade crítica. A revista **Barroco** apareceu em seu primeiro número no Festival de Inverno de Ouro Preto, alcançando merecida receptividade do público presente (BUENO, 1993).

¹³⁰ Informação não localizada pelo pesquisador devido à pandemia de COVID-19.

¹³¹ Alain Robbe-Grillet (1922-2008), romancista francês. Descrições matematicamente exatas das coisas e enredos vagos, ambíguos, misteriosos; personagens sem psicologia, dir-se-ia criaturas sem alma, e de fala reduzida ao mínimo: o mundo de Robbe-Grillet é um museu de estátuas abandonadas ou de seres petrificados sem passado e sem futuro. A filosofia na base desse *nouveau roman* é uma ala extrema do existencialismo, e a ficção construída em cima dessa filosofia é evasivista e deliberadamente desumana. Descontando as múltiplas influências, ainda fica um resto de grande originalidade: renovação total de um gênero – o romance francês – que parecia por sua vez petrificado e incapaz de renovação. Robbe-Grillet também é notável teórico e crítico que se esforçou para esclarecer e definir o *nouveau roman*. Conseguiu, pelo menos, provar que não se trata de uma receita; pois as obras dos seus companheiros de grupo não se parecem totalmente com as suas. As mais parecidas são, contudo, as de Nathalie Sarraute. Obras: **Les Gommages** (1954); **Le Voyeur** (1955); **La Jalousie** (1957); **Dans le Labyrinthe** (1959), (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 2827).

¹³² Michel Butor é um dos escritores franceses que integra o movimento conhecido como *nouveau roman*. É autor de **A Modificação**, **O espírito do lugar**, **Mobile**, **Passages de Milan**, **L'Emploi du temps**, **Degrès**, **Repertoire** e tantas outras obras importantíssimas para a literatura universal (ARAÚJO, 1967).

¹³³ Foi o filme **Hiroshima meu amor** (1959) que projetou no Brasil o nome de Marguerite Duras, responsável pelo roteiro e magníficos diálogos. A escritora nasceu em 1914, na Indochina, onde passou a infância e a adolescência, mudando-se para Paris aos 18 anos, tendo ali feito o curso superior de matemática na Sorbonne, licenciando-se depois em direito e ciências políticas. Em 1943 publicou seu primeiro livro *Les imprudents*, a que se seguiram sete romances, uma novela e duas peças de teatro. Com romances povoados de sutis reflexões sobre a existência, Marguerite Duras conquistou um público sensível a seu tratamento intimista do cotidiano. A escritora morreu em 3 de março de 1996, em Paris (ARAÚJO, 1966a).

¹³⁴ Nathalie Sarraute (1900-1999) escreveu 6 peças de teatro: **Le silence e Le mensonge** (1967), **Isma** (1970), **Elle est là** (1975), **C'est beau** (1978) e **Pour un oui et pour un non** (1982). Seis peças e sempre a mesma problemática: a palavra que conduz a ação dramática. A linguagem não sugere nada além daquilo que as personagens sentem, já que a linguagem e o que elas sentem é a mesma coisa, ou seja, tudo o que elas sentem é o que elas dizem, não havendo nada fora da linguagem. A linguagem se torna, assim, perigosa, fascinante e especular. Não há intriga. Tudo começa com uma palavra, uma frase, uma forma de pronunciá-la ou, às vezes, até mesmo o silêncio. As palavras desencadeiam, ao longo das peças, reações cada vez mais violentas, levando as personagens a zonas perigosas, a movimentos interiores, delicados, onde o diálogo camufla enquanto se revela (MELLO, 2000).

Carta 19/23 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 12 de outubro de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 21,5 cm de largura x 27,5 cm de comprimento; não possui pautas. O papel possui o timbre do Diário Mercantil, no rodapé: endereço telegráfico: Mercantil Caixa Postal 353. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 3 folhas + envelope.

Juiz de Fora – MG

12.10.69

Laís;

desgostou-me, além de me surpreender, a notícia que me deu da extinção da página do Wagner no DIÁRIO MERCANTIL. Como estou, há mais de ano com função muito limitada no jornal, apenas encarregada da coluna de registro literário que alterno com a crônica do “canto de página”, frequentando a redação em horário reduzido, ando inteiramente por fora dos assuntos da administração da folha. Sei, e muito bem, que o jornal passa por acelerado processo de industrialização, não o interessando muito o que fuja à linha de matéria paga. Sei também que sua direção sente não pequena repugnância pelas coisas da literatura, olhadas por ela com indissimulável (desdém). Ainda há pouco, pede-me a Zora Seljan¹³⁵ que lhe obtivesse espaço no jornal para uma crônica semanal que nos remeteria de Londres; chegou mesmo a remeter algumas que a editoria arquivou na gaveta dos imprestáveis, sem mesmo as haver lido, alegando absoluta falta de espaço... Procurei saber do que há relativamente à página do Wagner. Conversei com o assistente do Diretor Geral, que negou haver a página sido extinta. Segundo êle, houve uma interrupção no aguardo das novas páginas que deverão ser anexadas ao jornal. Verdade? Sei lá. Repito o que êle me disse. Também aludiu a uma pressão que estaria sendo feita no sentido de ser mantida a página, e como o fêz em termos ambíguos, achei por bem deixar o assunto neste pé, que conheço o pessoal da casa: melhor manter distância. O editor-chefe neste momento no Equador, deve estar de regresso na próxima semana; como sua palavra pesa muito junto à direção, procurarei interceder a favor da página condenada. Não sei se terei êxito. Eu própria, com mais de vinte anos de casa, ainda que figurando na fôlha de pagamento somente desde 1961, nem sempre me sinto segura no jornal; o que me vale é a proteção do diretor geral, inesperadamente grato à antiga colaboradora,

assídua e desinteressada por longos e longos anos. Suspeito, que não fôsse êle, estaria no olho da rua há muito tempo. Você a falar na necessidade do escritor exigir pagamento, em momento como êste, até acho graça. Que mercado existe no país para o trabalho do escritor? Se aí em Belo Horizonte já pagam, e já é possível exigir-se pagamento condigno, ufanem-se todos os escribas da capital; de modo geral, no país todo ninguém quer trabalho de escritor nem de graça. O jornal, aqui, joga no lixo quase tudo que lhe mandam, sem dar a menor satisfação aos remetentes; quando publica, excepcionalmente, é motivo de júbilo para o colaborador. Disse-me uma vez o Chefe que, no DIÁRIO MERCANTIL, além do Lindolfo Gomes¹³⁶ e Gilberto de Alencar, só a mim pagava colaboração. Que não precisava de pagar, pois tinha quem escrevesse de graça, etc., etc. Então? De resto, eu não escrevo de graça para ninguém que ninguém se lembrou ainda de solicitar-me tal coisa; a esta altura, não daria mais pé, que nem dou conta das tarefas todas que chamei a mim. Mas acho que você está com a razão como com a razão estão todos os escritores que lutam pela profissionalização do ofício, duro e ingrato entre [ilegível] os que mais o sejam. Penso, contudo, que tudo isto seja fruto do indiscutível subdesenvolvimento do país; a hora em que engrenar de fato nosso processo de desenvolvimento, a cultura terá lugar ao sol e as coisas serão diversas. Penso também que não veremos esta hora, nós outros. Soará para os vindouros. O importante é que sôe, e logo.

Mandei umas laudas para o SL, que escrevi em hora de protesto diante da marginalização dos escritores mineiros¹³⁷. Como a xaropada me saiu extensa, duvido que seja aproveitada. Não estando mais você lá, enderecem o negócio ao Murilo. Para não perder a embalagem, resumi a coisa em duas laudas e remeti ao Elysio Condé¹³⁸, que me havia pedido colaboração para o seu JORNAL DE LETRAS. Ah, não me fale em editores: são caso perdido. Recebi uma carta do Hugo Novais, na qual, em tom dúbio, alude a uma edição do GIROFLÊ, GIROFLÁ para o meio de 70, caso isto não me constranja. Constrangido, na verdade, pareceu-me foi o tom dêle que, estou segura, não pensa em editar-me o livro em época alguma. Dizem-me, aliás, que a EDINOVA entrou pela tubulação com seus mestres da literatura latino-americana, em que muitos falam, mas que poucos efetivamente lêem. Eu nem respondi ao homem, entediada. É malhar em ferro frio e sou avessa a estas ginásticas. Pouco se me dá que editem o [ilegível] não o calhamaço, escrito por instâncias do Néelson que morreu antes de oferecerem-lhe

agasalho. Pior que a marginalização do livro foi a morte do padrinho. [ilegível] o livro que é? Apenas mais um, pior que muitos, igual a outros, merecedor da vala comum. Pode dormir na gaveta, sua ausência não empobrece o mundo.

Por isto mesmo, dei descanso à Remington. O Montello afirma que há escritores que escrevem porque têm o que dizer e há escritores que escrevem porque sabem escrever. É raro os dois tipos se encontrarem num só indivíduo. O frequente é o caso dos que escrevem sem saber escrever e sem nada a dizer, num equívoco bastante lamentável. Para que engrossar estas inúteis fileiras? E, falando nisto, que é feito do nosso Frieiro? Anunciou-me uma visita, não apareceu nem deu mais notícias. Doença? Espero que não. Dê-lhe, por favor, recomendações minhas e lembre-o de que eu ainda existo. Aprecio no seu devido valor sua velha amizade.

No mais, é esta pasmaceira. Ficou-nos o mundo particular, mas esse se ressentia das mazelas do outro, muitas e sempre mais profundas. A época parece desolada. Pode ser impressão falsa. De resto, já nosso Quintana¹³⁹ advertiu que se “um canto muros erige/um riso os faz desabar”. Justamente [ilegível] tem-se a impressão de que o riso anda omissa ultimamente ou só acode diante da imposição do sr. Chacrinha chamando Teresinha... Cada era tem o histrião que merece.

E sua visita a Juiz de Fora? Ficou para as calendas? Avise-me quando vier.

Ah, sim, eu sabia do entusiasmo da gente do “roman nouveau” por Balzac, por Flaubert também, aliás. Até por Dostoiewsky¹⁴⁰, que a Sarraute reconhecidamente imita. Balzac serviu de motivo a longo estudo de Robbe Grillet, Flaubert vem sendo, há muito, explorado por Sartre, círculo vicioso, como se vê.

Abraço às meninas e a você,

Cosette

[manuscrito autógrafo, no fim da carta, após a assinatura]:

- Mas apareça, que diabo! Perder a hora bonita do meu jardim, todo em rosas... Agora, ficaram as folhas. E os espinhos.

Cosette.

¹³⁵ Zora Seljan (1918-2006), escritora mineira dedicada ao tratamento de nossos temas folclóricos, onde sempre realizou estudos muito interessantes sobre as crendices africanas. É autora de diversos livros, como: **As moças do corpo cheiroso**, **Os Negrinhos** (que contém três peças), **A donzela Teodora e Iemanjá e suas lendas**. Foi casada com o escritor Antônio Olinto. Fundou o Conjunto Folclórico Oxumaré (ANTÔNIO, 1967, p. 8).

¹³⁶ Lindolfo Gomes fazia parte de uma tradicional família da região paulista de Guaratinguetá (SP). Lindolfo Eduardo Gomes tinha contato direto com a elite dos literatos cariocas e mineiros de seu tempo, uma vez que fez parte das Academias Carioca e Mineira de Letras, sendo um dos fundadores desta. Ele não atuou apenas em uma área de conhecimento: foi jornalista, filólogo, historiador, teatrólogo, folclorista, pesquisador, escritor e educador. Organizou e dirigiu vários grupos escolares da região da Zona da Mata Mineira (PINTO, 2018).

¹³⁷ Cosette de Alencar escreveu uma crônica onde relata a situação dos autores esquecidos de Minas Gerais no **Suplemento Literário** de novembro de 1969 (ANEXO F), (ALENCAR, 1969).

¹³⁸ José Condé (1917-1971), autor de uma diversificada obra literária, composta de romances, contos e novelas, em cujos personagens se mesclam o registro ficcional do cotidiano, com todas as suas idiossincrasias, o humor por vezes melancólico, outras vezes bizarro, e o mergulho no vazio em que se constitui a vida em geral e a vida do personagem em particular, emergindo desse mergulho com uma aura de pessimismo, conformismo e tentativa de se entender. Sua obra mais conhecida é **Terra de Caruaru** (1960), um texto híbrido, mescla de rapsódia, memórias, historicidade e romance, que traz acontecimentos fictícios da pequena povoação de Caruaru, desde a sua origem, e chegando aos anos de 1920, época da infância do escritor. É uma narrativa que atrai a atenção, tanto do ponto de vista da construção estética dos episódios quanto da dinamicidade da ação narrada. O escritor publica ainda: **Vento do amanhecer em Macambira** (1962), **Os sete pecados capitais** (1964), **Noite contra noite** (1965), **Pensão riso da noite**, **Rua das mágoas** (1966),

Como uma tarde de dezembro (1969), **Tempo, vida, solidão** (1971) e a coletânea de novelas **As chuvas**, obra póstuma (COSTA, 2013).

¹³⁹ LIX. DO RISO

As setas de ouro de teu riso inflige

À sombra que te quer amedrontar.

Um canto muros erige:

Um riso os faz desabar.

(Espelho Mágico)

Espelho Mágico, de 1951, sublinha de modo intenso a decifração e a transcendência da leitura poética proposta por Mário Quintana. **Espelho Mágico** é formado por 111 quadras de grande variação métrica, escritas em 1945, conforme indica o autor. Cada uma delas, distintamente numerada, tem seu próprio título que, além de anunciar, muitas vezes também trata de explicar o significado dos poemas. O tom de humor - marcante na personalidade do poeta - faz-se claro nesta obra, em versos de fina ironia que também dão espaço à preocupação acerca do fazer poético. Na aparente ingenuidade da forma, oculta-se uma tessitura de sentidos, omissões, referências, agudezas verbais e rítmicas que revelam a grandeza do poeta (REBELLO, 2005, p. 5).

¹⁴⁰ Dostoievsky (1821-1881), romancista russo. A obra do escritor russo Fiodor Mikhailovitch Dostoievski foi uma das mais influentes de seu tempo e a que mais fascínio despertou, quer pelos conflitos de seus personagens, quer por seus temas invulgarmente complexos e, sobretudo, pela intensidade passional da ação que se desenrola em seus enredos. É o único escritor da literatura universal, depois de Dante, cuja arte gira apaixonada, dir-se-ia freneticamente, em torno de ideias. Obras: **Gente pobre** (1845); **O sócia** (1846); **A fazenda Stepantchikovo** (1859); **Recordação da casa dos mortos** (1861); **Humilhados e ofendidos** (1862); **Notas do subterrâneo** (1864); **Crime e castigo** (1866); **O jogador** (1867); **O idiota** (1868); **O eterno marido** (1871); **Os demônios** (1871); **O adolescente** (1875); **Diário de um escritor** (1876/1877); **Os irmãos Karamazov** (1880). A base da arte dramática

de Dostoievski é uma antropologia, uma teoria filosófica da natureza humana (CARPEAUX, 2008, v. 3, p. 2043).

Carta 20/23 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 20 de outubro de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 25 cm de largura x 20 cm de comprimento; não possui pautas; cor bege. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 4 folhas.

BHte, 20.10.69

Cosette,

quando lhe digo que sou bastante medíocre, ao menos no serviço doméstico, estou dizendo a verdade.... Imagine que, outro dia, ao tentar cortar uns bifés, acabei cortando bem fundo um dedo, o que me deixou sem poder escrever por bastante tempo... Agora já posso fazê-lo, se bem que ainda com certa morosidade. E no domingo, trepei numa cadeira para arrumar um armário e despenquei lá de cima, estando agora com um joelho bem inchado e rôxo... Que vergonha! Como você vê, preciso urgentemente fazer um curso de “prendas domésticas”, porque os quase 18 anos de casamento ainda não me ensinaram muito...

Estou ainda bastante incerta quanto ao que farei, no trabalho, em 1970. Continuo estranhamente pertencendo ao SL, mas por designação, até 31-12-69. Depois, o que farei? Não sei. Mas não tomo nenhuma iniciativa, esperando que aconteça uma solução qualquer que não me mande para uma repartição aborrecida. Enquanto isto, fui designada de novo, de acordo com decreto recentemente aparecido, para compor a Comissão de Julgamento das Publicações da Imprensa Oficial. O pior é que o Presidente da Comissão é o Murilo... Temos tido reuniões e nestas conversamos o que é necessário ao serviço. Estão neste pé as nossas relações, ao nível de funcionária e chefe, apenas. Mas, a propósito desta Comissão, quero lembrar-lhe que qualquer escritor mineiro pode concorrer aos benefícios da Lei, editando livro pela Imprensa. O negócio agora está muito bem organizado, os livros serão muito bem feitos e cuidados, a seleção será rigorosa (apenas 10 livros por ano), o que possibilitará a publicação de textos realmente bons. Estamos organizando os estatutos da Comissão¹⁴¹, que serão publicados em todos os jornais do Brasil. Acabamos ontem, aliás. Assim, creio que você deverá concorrer à seleção, sendo certo, é claro, que será um dos autores escolhidos, dada a qualidade de seu livro. Tão logo esses estatutos estejam impressos, enviar-lhe-ei um, para que veja as bases da seleção. Talvez eu esteja sendo imprudente com a insistência

para que você publique o livro, mas é que não acho de forma nenhuma possível que você fique com os originais trancados na gaveta, quando tantos textos ruins aparecem diariamente. A Mirtis, ao que parece, também irá concorrer à publicação. Aliás, a palavra concorrer não é bem o termo exato. Eu, Aires da Matta Machado, Emílio Moura e Oldair Esteves iremos lendo os livros que forem apresentados e dando pareceres, favoráveis ou não à publicação. No fim de certo tempo, teremos apenas de selecionar entre os aprovados os 10 que serão publicados, inteiramente gratuitos, pela Imprensa, podendo o autor escolher diagramação, capa, etc. Ora, já tenho experiência dêsse trabalho e sei que será uma “barbada” se você se candidatar. Estará inevitavelmente entre os selecionados, porque a maioria dos livros apresentados recebe parecer contrário. Está combinado? Mando-lhe os Estatutos tão logo sejam impressos, já que pode escapar-lhe a publicação nos jornais. Não pense que se trata de nenhum favor ou que seja alguma humilhação apresentar-se, pois já estão com livros aprovados e começando a imprimir nada menos do que... o Prof. Frieiro (cujo livro se chama “Tôrre de Papel¹⁴²”), Maria José de Queiroz (com “A Nossa América¹⁴³”), Zilah, minha irmã (com “O Bezerro de Ouro¹⁴⁴”), entre outros. Êstes são da programação editorial de 1969. Para 1970, só começaremos a trabalhar depois da publicação dos Estatutos (o que será esta semana ou na outra). O livro do Emílio Moura (“Itinerário Poético”) foi publicado pela Imprensa, assim como o de Henriqueta Lisboa (“Vigília Poética¹⁴⁵”). Temos, pois, uma tradição de bons textos, como você vê.

Quanto ao problema do Wagner, não tenho tido notícias. Mas acredito que termine tudo bem, pois a “Página” dêle vinha fazendo muito sucesso, não havendo razão para ser extinta, a não a razão da cobiça financeira, de ocupar as páginas do jornal com propaganda e outras coisas “lucrativas”, de dar ao futebol destaque que êle merece... Gostaria muito que o Wagner continuasse, pois – ao que me diz – aí não há muitas possibilidades de emprêgo e o Plácido, apesar das ofertas que tem tido de vir para cá, continua teimosamente agarrado a J. de Fora, por razões de família da Vera ou outras de caráter sentimental. Enfim, o jeito é esperar a decisão dos chefões...

Quanto ao texto que enviou ao SL¹⁴⁶, realmente nada posso lhe dizer, porque não tenho mais nenhuma atividade lá dentro. Fiz alguns serviços esporádicos para o jornal, apenas para dizer que não estava “abusando” e sendo desonesta (pequenas traduções, entrevista, um número especial sôbre teatro), mas êsses

trabalhos ainda não apareceram também... Tudo depende agora da autoridade definida, definitiva, ditatorial do Murilo, mas é claro que êle deverá publicar o seu texto. O problema deve ser de espaço, tempo (o jornal é feito com muita antecedência) ou coisa assim.

Estou trabalhando muito, porém, em serviços extraordinários, que tenho pegado por problemas financeiros. Julgamento de concurso de ensaios, aulas de um curso de literatura (as minhas serão sôbre Machado de Assis), agora uma tradução de uma tese de uma americana sôbre barroco. Tudo remunerado, é claro, pois realmente assumi uma decidida posição de profissionalizar a literatura, recusando-me a fazer qualquer coisa gratuita. O êrro do escritor brasileiro tem sido o de contentar-se com certa e vã "fama", de orgulhar-se com a publicação de artigo ou poema em jornal, gratuitamente. Não sei se o que faço é bom ou ruim, nem me interessa. O que sei é que não faço nada de graça, pois literatura é trabalho como outro qualquer. Se ninguém quiser me pagar, não publico nada. Se todos agissem assim, talvez conseguíssemos moralizar a situação. Mas uns (a maioria) ficam felizes só de "aparecer", de ter o nome no jornal, e isto desmoraliza os demais, que exigem remuneração. A campanha não é minha, começou com o Osman Lins, e tem tido muita aceitação. O escritor que pensa apenas em "brilhar", pode brilhar muito ligeiramente ou por pouco tempo, enquanto que o consciente de sua responsabilidade, com também de seus direitos, pode efetivamente fazer algo pela literatura, obrigar a se criar uma mentalidade de trabalho, de mercado, para os nossos textos. Sei que é uma luta árdua, difícil, mas tem de ser começada, com vistas ao futuro, a longo prazo, [ilegível] de forma viril. É uma tomada de consciência, uma questão de princípios. Inteligência é produto raro, escasso, e que deve entrar no mercado comum de mercadorias com a devida valorização. Enfim, são êsses trabalhos que assumi (as aulas, etc.), que vão pagar o natal de meus filhos...

Isto não quer dizer, é claro, que eu seja nenhuma escritora; você bem sabe que não me considero assim, que conheço as minhas limitações. Apenas coloco-me ao nível dos antigos escribas: isto era profissão. De qualquer forma, se precisam de mim, seja para escrever um discurso, uma carta, para opinar a respeito de um texto, para dar uma aula, é que "precisam" de meu trabalho intelectual, não são capazes de fazê-lo sózinhos. Então, quem não sabe fazer uma coisa paga por ela, como eu pago à costureira por não saber costurar. Não tem nada a ver com a criatividade, aí

já entra a dose grande de talento, que não tenho, que me falta. Sabe quanto o Drummond está ganhando no “Jornal do Brasil” para escrever suas crônicas? NCR\$ 5.000 (ou cinco milhões antigos, por mês!). Aquele nunca fez nada de graça, e com razão. São as bênçãos merecidas pelo talento que tem.

Com tudo isto, tenho tido pouco tempo para ler. Deixei o Balzac de lado, pois êle exige tempo e sôssego. Deixei até o Murilo Mendes um pouco de lado (vou lendo e anotando muito morosamente, porque a Editôra não me exigiu nenhum prazo, nem sei se cumprirá o compromisso). O último livro que lí e que me “encheu as medidas”, foi o “Cem anos de Solidão”, de Garcia Márquez¹⁴⁷. De resto, tenho recebido poucos livros e não posso comprá-los no momento. A literatura brasileira, a meu ver, está passando por uma fase má. Poucas edições, poucos nomes que realmente têm valor. E a premência de prover a própria sobrevivência é, agora, bem maior que a possibilidade de “deleitar-me” com leituras. Espero, no entanto, que 1970 seja um ano melhor, mais tranquilo, em que possamos ter todos um pouco de segurança, de estabilidade emocional e política, de ócio produtivo. Vivemos de esperança; de que mais? É a condição humana.

Não vou falar mais que irei a J. Fora. Com tantos compromissos, é difícil mover-me agora. O dia em que eu puder, aparecerei, sem avisos vãos, sem prevenir. Pena realmente ter perdido as rosas. São minhas flores prediletas, embora muito aristocratas, um tanto pedantes... Prefiro-as brancas, mais despojadas, menos insultantes em sua beleza. Jamais consegui cultivá-las aqui em casa: o jardim é pasto da meninada pobre, que bate tôda hora pedindo esmola, pisa em tudo, estraga tudo. Abandonei, portanto, qualquer veleidade de jardineira. Comprei, certa vez, duas roseiras esplêndidas... No dia seguinte, eram buracos no chão...

Marginália manuscrito: Rouba-se até beleza...

Abraços.

Laís

Sabe alguma notícia da Regina Hargreaves¹⁴⁸?

¹⁴¹ Através do Decreto 12099/69 foram regulamentadas as edições de livros pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais (EDIÇÕES DA IMPRENSA OFICIAL, 1969), (ANEXO G).

¹⁴² Em **Torre de papel**, livro publicado pela Imprensa Oficial, o mestre Eduardo Friero volta a nos dar uma coletânea de artigos sobre motivos literários, com aquele sabor de uma linguagem tensa e cheia de vitalidade, típica de um escritor de primeira. Explicando o título, o ensaísta mineiro deixa-nos também a opção de entendê-lo, talvez propositadamente, em sua ambiguidade, que sugere torre de babel – tropo que conota a ideia de confusão, de vibração, de labirinto, que é a língua e mais a linguagem – como pode sugerir ainda a torre de marfim (outro tropo caro aos escritores românticos), implicando a ideia de isolamento, de distanciamento aristocrático, de supervalorização do espírito, enfim. Um título, portanto, que começa por atrair por ser um dos mais sugestivos e tentadores para quem vive num mundo de papel, apesar de todas as conquistas tecnológicas e o domínio do que o nosso tempo impõe como nova mentalidade cultural (ARAÚJO, 1970).

¹⁴³ Em **A América: a nossa e as outras**, Maria José de Queiroz estuda o ponto de vista das nações colonizadoras em relação à América. O Velho Mundo, segundo sua perspectiva, vê nosso continente como uma América em retalhos, um patchwork composto de tecidos diversos, de cortes aparentemente pouco seguros. A produção intelectual e artística da América Latina estaria, assim, fadada a figurar na banca dos refugos, em relação ao Velho Mundo. Reverter esse ponto de vista requer uma possibilidade de encontro dos países do Novo Mundo, a realizar-se no território de papel da literatura, em que letras e tintas das Américas possam confluir numa polifonia, numa variedade de sentidos. Nesse lugar privilegiado, peruanos, argentinos, chilenos e brasileiros poderiam ressignificar a própria produção artística e literária e assim redescobrir a si próprios no convívio e no entendimento coletivo. A América em retalhos, imagem que a ensaísta utiliza para pensar a condição americana, produz-se entre as meadas da narrativa, como que fora da linearidade que é cobrada do latino-americano. Segundo a escritora, uma narrativa em labirinto de mil babélicas vozes, amarradas no texto e trazendo cada uma o seu sentido, poderia acabar por conferir uma significação ao todo. Uma produção assim, embora fragmentada e estilhaçada, ostentaria, em paralelo, vozes distintas, multilíngues, e o

leitor seria um andarilho pelas terras latino-americanas, aprendendo a costurar o tecido colorido das letras da América (QUEIROZ, 1992).

¹⁴⁴ **O bezerro de ouro**, livro de contos ganhador do Prêmio João Alphonsus da Secretaria de Educação de Minas Gerais, apresenta estórias sintéticas, comunicativas, escritas em linguagem bastante definida e clara, linguagem de quem sabe o que deseja criar (PEREIRA, 2010).

¹⁴⁵ Henriqueta Lisboa reuniu sob o título **Vigília poética**, em edição da Imprensa Oficial, diversos artigos seus sobre temas de literatura e especialmente, de poesia. Concepções da função do poeta, de estética, figuras e livros são expostos e examinados com argumentação inteligente e criteriosa da autora, que concentra neste volume seu conhecimento crítico e sua acuidade de criadora. Henriqueta Lisboa aprecia detalhadamente a obra de Mário de Andrade, escritor de sua preferência, que exerceu, aliás, um papel de enorme significação cultural no país, bem como, aspectos do movimento modernista, o lado poético da obra monumental de Guimarães Rosa, Murilo Mendes, Vicente de Carvalho, além de autores estrangeiros como Camilo Pessanha, Ungaretti, Alfonso Reyes, entre outros. Obra de pesquisa, documentada com análise histórica e crítica, **Vigília Poética** acaba por ser um guia seguro para a apreensão do fenômeno literário, evidenciado a autoridade de Henriqueta Lisboa no assunto e alta qualidade de sua prosa, ao nível de sua poesia (ARAÚJO, 1968).

¹⁴⁶ Informação não localizada pelo pesquisador, devido à pandemia de COVID-19.

¹⁴⁷ Gabriel García Márquez nasceu em 1928, na aldeia de Aracataca nas imediações de Barranquilla, Colômbia. Autor de alguns dos maiores romances do século XX e mestre do realismo mágico latino-americano, ele recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1982. Seu livro mais importante é **Cem anos de solidão**. Neste que é um dos maiores clássicos da literatura, o prestigiado autor narra a incrível e triste história dos Buendía – a estirpe de solitários para a qual não será dada uma segunda oportunidade sobre a terra e apresenta o maravilhoso universo da fictícia Macondo, onde se passa o romance. É lá que acompanhamos diversas gerações

dessa família, assim como a ascensão e a queda do vilarejo. Para além dos artifícios técnicos e das influências literárias que transbordam do livro, ainda vemos em suas páginas o que por muitos é considerado uma autêntica enciclopédia do imaginário, num estilo que consagrou o colombiano como um dos maiores autores do século XX. O livro foi lançado em 1967, e é tido como uma obra prima do autor e da literatura moderna no continente latino-americano (GAMA, 2009, p. 4).

¹⁴⁸ Regina Hargreaves. Filha de José Henrique Hargreaves, professor de sociologia do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Jornalismo de Juiz de Fora e Ministro chefe da Casa Civil no governo Itamar Franco em 1992. Regina Hargreaves escreveu **Diário do sol**, texto poético publicado pelas Edições Vigília, de Belo Horizonte, no ano de 1961. Neste mesmo ano, Magalhaes Pinto, Governador de Minas Gerais, concede-lhe a insígnia da Inconfidência pelo reconhecimento de sua obra literária (AZZI; PEREIRA, 2003).

Carta 21/23 CA a LCA, 1969.

Juiz de Fora, 17 de novembro de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 21,5 cm de largura x 31,5 cm de comprimento; não possui pautas. Datiloscrito (tinta preta) assinado – 3 folhas + envelope.

Laís;

acabo de ler, no 2. número da REVISTA MINAS GERAIS, o seu festival de verão em Pirapora. Colorido e chamativo, seu depoimento acorda na gente aquela vaga nostalgia dos lugares desconhecidos que morde como um remorso em nossa sensibilidade. E aquêlê barco singrando o São Francisco, que saudade nos inspira do que não tivemos nunca! Eu li, ainda menina, o VALE DAS MARAVILHAS do Noraldino Lima¹⁴⁹, um livro excelente sôbre o SÃO CHICO e, desde então, aquela bonita e ignorada região mineira passou a atrair-me. Sabe que o Agripa deixou, pronto, um romance sôbre o São Francisco? Êle mesmo escreveu-me para dar-me a notícia, pouco antes de morrer: afirmava que era o seu melhor livro, o mais sentido, o mais genuíno. O título seria êste mesmo: SÃO CHICO¹⁵⁰. Creio que os originais foram entregues aos Moreira, da Itatiaia; ignoro se êles tencionam editar o livro. De resto, pelo que sei, o Agripa entregou a êles, além dêsse, mais dois outros livros inéditos – o 7. volume da SAGA DO PAÍS DAS GERAIS¹⁵¹ e as MEMÓRIAS DE UM BARBEIRO SANGRADOR¹⁵². Seria lamentável que esta riqueza permanecesse engavetada. O Agripa tinha muito talento, era ficcionista de pulso, e historiador de visão, ainda que não excessivamente apegado à verdade documentada. Cochilava um pouco na linguagem, mas tudo isto não passava de nugas perto da fôrça de sua imaginação, da impressionante capacidade criativa que o distinguia. Morto, quem cuidará da herança literária dêle? A gente aqui, em Minas, dá tão pequena importância a êste tipo de riqueza! Somos tão perdulários neste capítulo, tão desdenhosos também! Às vezes, fico pensando no Agripa, no Frieiro, no papai – e sinto revolta. Tanta mediocridade pretensamente literária glorificada por aí tudo, e êles à margem, esquecidos, relegados... Consola, contudo, um confessorário com o que, outro dia, Marquês Rebêllo publicou no suplemento do livro do JB. Afirmou êle, então, que uma literatura vive é da média de seus bons escritores, escritores que não vendem muito, que não provocam celeuma, mas que são lidos permanentemente, são lidos sempre, bons escritores pelo sentido de permanência do que escrevem. Acho que é o caso de alguns escribas cá de Minas.

Badalados não são, nem muito evocados; mas seus livros esgotam-se em discreto silêncio, uma edição depois da outra, sem que seus nomes figurem nas colunas especializadas, tudo meio clandestino, mas ininterrupto. Por singular coincidência, quando eu pensava nisso, conta-me o Frieiro (sem saber que estava a passar-me uma novidade) ter lido, há dias, o prefácio que o Moacir de Andrade escreveu para nova edição das MEMÓRIAS SEM MALÍCIA DE GUDESTEU RODOVALHO, nova edição atenciosamente preparada pela Itatiaia¹⁵³... Eu, filha do autor, ignorava esta nova edição, como tudo ignoro a respeito dos títulos do papai que a mesma Itatiaia lança sucessivamente, sem alarde nem comunicação aos herdeiros de Gilberto de Alencar. Apresso-me a acrescentar que, no fim, nem mesmo sinto surpresa com este procedimento. E, pesadas as circunstâncias, acabo por ser grata aos editores pelo fato de resguardarem de olvido a obra de Gilberto de Alencar. Eu não teria condições para editá-la à minha custa. Assim, ainda reservo um pensamento de gratidão aos Moreira. Vamos dêste jeito no capítulo editorial. A idéia que você me dá de aproveitar a Imprensa Oficial para meu GIROFLÊ, GIROFLÁ é idéia muito cabível. Até porque estou convencida de que outra solução não aparecerá. Como sabe, não sou de dar murros em ponta de faca e, de natureza, sou de iniciativa pequena quando se trata de pechinchar certos favores. Editar um livrozinho vagabundo, de autor desconhecido, só por favor - ou em consequência de motivos muito fortes, inexistentes no meu caso. Você ficou de me mandar o regulamento da Imprensa Oficial; estou à espera dêle, para ver o comportamento que deverei adotar.

No mais, continuo lamentando que você ainda não tenha encontrado uma oportunidade para chegar até aqui. Disse-me a Virginia, irmã do Murilo, que êle lhe mandou uma quantidade de material para o seu livro. Ela mesma continua na disposição de prestar-lhe todo o auxílio possível. Mas e você que não aparece? Pior que sua vinda a Juiz de Fora, só a minha viagem ao Rio; lá não voltei mais depois que você passou como um meteoro pelo meu apartamento. Fechado desde dezembro do ano passado, o apartamento reclama a presença da dona, estando a custar-me os olhos da cara. Mas eu me sinto sem coragem de enfrentar aquilo lá, e vou adiando a viagem. Êste ano não irei mais, que o ano praticamente acabou - e agora tudo é natal. E a casa, aqui, oferece um problema depois do outro, estando em fase de teste: é um abismo quanto ao consumo de paciência e dinheiro. No momento, ando às voltas com pedreiros, serralheiros, o diabo; tenho de cobrir um

terraço, que as chuvas excessivas ameaçam danificar. E tenho tido visitas – mas estas me dão só prazer. Gosto da casa cheia.

Enquanto isto, os livros vão amontoando na minha mesa e eu leio sempre menos, sempre menos. Às vezes, releio; agora, ando com Gide¹⁵⁴ nas mãos. Sempre gostei dêle, e como estamos no ano de seu centenário de nascimento, volto com prazer às suas páginas. Painter afirma ser Gide “o último grande escritor de nossa época, e também o mais salutar”. Será? E Mormanos? Em todo caso, Montello diz que o autor de L'IMORALISTE, como seus contemporâneos Colette, Girardoux¹⁵⁵, Cocteau¹⁵⁶, Claudel¹⁵⁷, Martin du Gard¹⁵⁸, continua ainda naquele Purgatório, de que não escapam os grandes escritores imediatamente após sua morte. Os grandes vão para o Purgatório, e os outros? Helàs.

Dêste farto time de nordestinos apegados à ficção, e caudalosamente produtivos, aprecio Assis Brasil¹⁵⁹. Você gosta? Parece-me mais sóbrio, mais enxuto, menos “literário” que o Condé, tão trombeteado. Naturalmente, hoje o papa deles é o Adonias Filho, que não considero o maior. Erudito, isto sim. Do Assis Brasil, li há dias a Tetralogia Piauiense. Gostei mais do que dos romances do Condé, picarescos. E o nosso Geraldo França de Lima que abiscoitou o Chinaglia dêste ano com seu JAZIGO DOS VIVOS¹⁶⁰? Acho que mereceu. O Geraldo tem tanta ambição quanto talento e é político: maneiroso, vivo, diplomata. Acaba na Academia Brasileira¹⁶¹; aliás, já me disse que sua meta é a imortalidade acadêmica, mas não tem pressa de chegar a seu objetivo. Chegará, não haja dúvida.

E seu caso? Espero que termine com sua volta ao SL, onde sua seção faz falta. Se fôr preciso de sua parte um agachamentozinho, não se constranja; que importância? Conta é você poder continuar com seu trabalho. E a vida é isto mesmo, não havendo humilhação alguma em nos [ilegível] resignarmos às suas injunções. Agache-se agora para melhor erguer-se depois. Sua inclinação é mais para o serviço que realizava no SL do que para a burocracia da Biblioteca, onde os horizontes são limitados. Mas que [ilegível] digo eu? De qualquer modo, relevante é sua tarefa; na minha opinião, o que sobleva é sua função de mãe de família, útil, prestante, benéfica à coletividade. Quando você alude aos trabalhos, e aos sacrifícios, que fazem, você e o Affonso, me dou conta de que magno é o papel que desempenham: perto dele, o ofício literário é pinta. Cheia e realizada é a vida de vocês. Cá no que me diz respeito, não me iludo; como poeta, a esta altura, capacito-me de que levei a vida à toa, à toa¹⁶². E os deveres que me crio são

paliativos. Compreendo, e bem, que você e seu marido busquem completar a paisagem com as lides do espírito - válidas como complemento. Mas complementares. Acho a vida de vocês supimpa, digna de inveja, natural e autêntica. E estou certa de que atingirão, mais cedo ou mais tarde, aquele grau de conforto material indispensável à realização do trabalho que têm em mira. Mas, a meu ver, estão vivendo a fase mais feliz da existência humana, a mais completa. Estou certa disso.

Quanto à página do Wagner, interfeirei quanto pude junto ao editor Cavalieri. Garantiu-me êle que ela, a página, voltará. Quando? Não precisou. O jornal anda muito fraco, sempre pior. Infelizmente, a equipe dos que nêle têm autoridade parece meio desprovida de visão. Vamos aguardar. Acho o Wagner sério e maduro, digno de apoio.

Apareça!

Um abraço

Cosette

17.XI.69

¹⁴⁹ Noraldino Lima, no livro **No valle das maravilhas**, de 1925, discute a caracterização do atrasado sertão em volta do São Francisco. O sertão de Noraldino Lima é o lugar da natureza pródiga. Nele, as frutas cultivadas excedem em doçura as frutas de outras partes, sem contar com aquelas próprias do lugar, as chamadas “frutas sertanejas”. É também campo propício para a caça que “pulula em todos os cantos” e para a pesca, campo aberto àqueles que desejem ver aumentar o capital “por uma aplicação inteligente”. Para ele, o desenvolvimento da pesca permitiria ao país consumir, ao invés do estrangeiro bacalhau, o surubim “que temos entre nós, ao alcance da mão, tão bom senão melhor, por muito menor preço e sobretudo nosso”. O cultivo e o beneficiamento do algodão são apresentados como um “permanente aceno de prosperidade”. Mas não acaba por aí a generosidade da natureza no sertão do São Francisco. Madeiras há em tão grande quantidade e qualidade que até mesmo a aroeira é utilizada para alimentar a caldeira dos vapores. São as riquezas desse lugar esquecido que chegariam, nos vagões dos trens, à capital, enquanto, na outra ponta da estrada, indústrias e novas

possibilidades surgiriam frente aos “olhos agradecidos do sertanejo”. Seriam essas medidas que, iriam fazer “ressurgir para o trabalho e para as nobres pelejas da civilização meu pobre sertão abandonado! Noraldino Lima foi durante dez anos redator do **Diário de Minas**, onde começara a trabalhar como revisor e atingira o cargo de diretor. Foi membro da Academia Mineira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e presidente da Federação das Academias Brasileiras de Letras do Brasil. Era casado com Djanira Vieira Lima, com quem teve um filho. Além da obra já citada, publicou **Raul Soares** (1928), **O momento pedagógico** (1934), **O café no estado nacional** (1944), **Vesperais** (versos), **Elogio dos mortos** (prosa, 1926) e **Pela Educação** (LIMA, 2006).

¹⁵⁰ Neste livro (póstumo, como nos informa Cosette de Alencar), Agripa Vasconcelos abandona seu tema favorito das sagas mineiras e nos dá um panorama da vida no Nordeste. É uma pintura nítida dos costumes políticos, sociais, urbanos e rurais do interior nordestino. O livro **São Chico** tem imagens de puro sabor agreste; movimentação de número considerável de figuras, geralmente recortadas com segurança e que se movimentam firmemente, como criaturas reais, umas ricas em virtudes e outras rastejando na vileza; história singela que adquire grandeza e mantém o leitor atento; contribuição valiosa em regionalismo e modismos. De fato, a edição ficou a cargo da Editora Itatiaia (FANGUEIRO, 2020).

¹⁵¹ Agripa Vasconcelos é autor das **Sagas do país das Gerais**, conjunto de romances que falam dos ciclos econômicos da história de Minas Gerais, com personagens famosos, como Chica da Silva, Dona Beja e Chico Rei. Sua coleção **Saga do país das Gerais** colocou-o entre os maiores escritores de seu tempo, bastando esta obra para consagrá-lo. Cada volume das Sagas vale por um verdadeiro documento da época do ciclo que focaliza. O enredo de cada livro é o próprio enredo da história e, por ser rigorosamente histórico, todo o seu conteúdo interessa a todos que desejam conhecer a verdadeira significação das Minas Gerais na história do Brasil. Sete obras compõem as Sagas: **Fome em Canaã: ciclo do latifúndio** (1951); **Gongo Sôco: ciclo do ouro** (1966); **A vida em flor de Dona Beja: ciclo do povoamento** (1957); **Sinhá Braba: ciclo agropecuário** (1966); **Chica Que Manda: ciclo do diamante** (1966); **Chico Rei: ciclo da escravidão**

(1966); **Ouro verde e gado negro: ciclo do café e o da abolição do cativo das Gerais** (FANGUEIRO, 2020).

¹⁵² Informação não localizada pelo pesquisador.

¹⁵³ Moacyr Andrade escreveu o prefácio do livro **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. (ANEXO H).

¹⁵⁴ André Gide (1869-1951). André-Paul-Guillaume Gide, escritor francês. As aparentes limitações de Gide são indícios de sua verdadeira grandeza: revoltou-se contra a ética tradicional porque era só e unicamente artista, não admitindo outros critérios senão os estéticos. Ambiguidade é a palavra-chave de Gide; mas também é a palavra-chave da Arte, que, por definição, nunca se enquadra em um sistema lógico. A sua obra principal, **La porte étroite** (1909), é protótipo do neoclassicismo de um romântico disciplinado. Obra típica da época do equilíbrio europeu. Na verdade, Gide fugiu do lirismo para não perder, pela exaltação da vida, a disponibilidade, a liberdade de escolha do individualista. A influência de Gide foi imensa; mas foi antes de ordem moral do que literária. O autor de **L'Immoraliste** (1902) desencadeou uma revolução moral no mundo inteiro. O Diário e a Correspondência constituem interessantes testemunhos sobre sua vida (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 2461).

¹⁵⁵ Jean Giraudoux (1882-1944). Hyppolyte-Jean Giraudoux, escritor e dramaturgo francês. A expressão mais perfeita das preocupações e alegrias francesas do início do século XX encontra-se nas obras de Giraudoux, sempre muito espirituosas, às vezes poéticas, uma ou outra vez inspiradas por uma ideia profunda. No romance e no palco teve Giraudoux sucessos bem merecidos, embora efêmeros. O leitor e o espectador têm a impressão de que Giraudoux escondeu atrás de um humorismo sutil uma visão bem triste do mundo. Seus romances: **Susana e o pacífico** (1921), **Siegfried e o Limousin** (1922), **Bella** (1926) e suas peças de teatro: **Anfitrião 38** (1929), **A guerra de Tróia não acontecerá** (1935), **A louca de Chaillot** (1945) fundem os grandes temas clássicos e as preocupações modernas numa atmosfera de humor e fantasia (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 2619).

¹⁵⁶ Jean Cocteau (1889-1963). Escritor, pintor e diretor de cinema francês. É perturbador e desconcertante o espetáculo permanente, organizado por esse poeta, romancista, dramaturgo, diretor de teatro, diretor de bailado, diretor e autor de cinema. É perturbadora a volubilidade da sua inspiração caleidoscópica. É desconcertante seu oportunismo artístico. Seu talento revelou-se, principalmente, nos seguintes romances: **Os filhos terríveis** (1929) e **Os Pais terríveis** (1938). Ligado ao círculo vanguardista parisiense, seu apego ao ópio o levou à internação numa clínica. Em 1955 foi eleito membro da Academia Francesa (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 2619).

¹⁵⁷ Nascido em 1868 numa pequena vila francesa, Paul Claudel tornar-se-ia diplomata, havendo mesmo servido, em 1917, na Embaixada de seu país no Brasil. Mas como poeta dramático é que se faria conhecido, principalmente por conta de obras como **O anúncio feito a Maria**, **O livro de Cristóvão Colombo** e **O pai humilhado** (ARAÚJO, 1967c).

¹⁵⁸ Roger Martin du Gard (1881-1958), escritor francês. Em Roger Martin Du Gard surge a contradição íntima do século XIX entre a desvalorização científica e pessimista da alma humana e a valorização religiosa e otimista do progresso humano. Autor de: **Jean Barois** (1913) e de **Os Thibault** (1922-1940). Prêmio Nobel de literatura em 1937 (CARPEAUX, 2008, v. 4, p. 2292).

¹⁵⁹ A **Tetralogia Piauiense** (Beira-rio, beira vida (1965) – A filha do Meio-Quilo (1966) – O salto do cavalo cobridor (1968) – Pacamão (1969)) é uma coletânea de romances de Assis, a qual, em sua essência, evidencia um retrato brasileiro da miséria, opressão e escravidão do povo. Desvelando as contradições do fluxo econômico, da primeira metade do século XX, na cidade de Parnaíba, o autor transpõe, ao contexto interno da obra, a tensão entre os grupos sociais desfavorecidos e a ala beneficiada pelo desenvolvimento da cidade, à época. Os episódios narrados ao longo da Tetralogia revelam a profundidade com que Assis Brasil capta, do real, arraigadas problemáticas, denunciando-as. Assis Brasil faz emergir, ao longo da obra, o mundo do oprimido desvalorizado pelos discursos oficiais. Partindo de um contexto histórico de grande efervescência econômica,

confere, literariamente, voz às minorias sempre niveladas ao valor mercadológico no universo burguês (RIBEIRO, 2011).

¹⁶⁰ Em 1969, a União Brasileira de Escritores, sob a presidência de Peregrino Júnior, conferia o Prêmio Fernando Chinaglia a **Jazigo dos vivos**, considerado o melhor romance de 1968 (BIOGRAFIA, 2020).

¹⁶¹ De fato, Geraldo França de Lima foi eleito em 30 de novembro de 1989 para a Academia Brasileira de Letras, na sucessão de José Cândido de Carvalho. Foi o sexto ocupante da cadeira 31 (PERFIL DO ACADÊMICO, 2020).

¹⁶² Referência ao poema **Andorinha**, de Manuel Bandeira.

Andorinha, poema de intensa musicalidade, de **Libertinagem**, sintetiza perfeitamente o sentimento de melancolia tingido pelo humor. O poeta brinca com sua própria tragicidade:

Andorinha lá fora está dizendo:

- "Passei o dia à toa, à toa!"

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!

Passei a vida à toa, à toa...

Este pequeno poema escrito em versos livres compõe-se de dois dísticos paralelos que dão uma versão irônica para o destino de quem passou a vida esperando por uma morte sempre a sua espreita, amedrontando-o. Assim, no primeiro dístico de **Andorinha**, há um sujeito lírico na posição de observador e ouve a andorinha lamentar-se da ociosidade de seu dia, por meio de uma linguagem coloquial, muito própria de Bandeira e tão ao gosto da vertente modernista. A vida, simbolizada pelo pássaro, é o exterior, o mundo, o cotidiano, todas as "coisas" que contrastam com o sofrimento, a tristeza do poeta que constata: não pôde viver o que queria, passou a vida à toa e, agora, só a morte o aguarda (GUIMARÃES, 2010). Ou seja, é possível inferir que Cosette de Alencar esteja passando por um momento de pessimismo, de aflição em relação à vida.

Carta 22/23 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 21 de novembro de 1969.

Descrição física do documento: A dimensão do documento é de 32cm de largura x 22cm de comprimento; não possui pautas; papel na cor bege com aspecto envelhecido. Datiloscrito (tinta azul) assinado – 3 folhas.

BH, 21.11.1969

Cosette,

muito interessante e, principalmente, muito verdadeiro o seu artigo no SL sobre os escritores esquecidos. Aliás, o problema não é só mineiro, é de toda província, tendo razão Viana Moog¹⁶³ quando disse que o Brasil é feito de “ilhas culturais”. De fato, no norte, centro, sul, oeste, etc., há dessas ilhas culturais, com escritores de categoria inteiramente desconhecidos fora de sua região, conseguindo apenas o brilho “doméstico” de seus conterrâneos. E não há nenhum contato entre as ilhas, nenhuma ponte que as ligue, nenhum veículo de comunicação que carregue para fora as radiações de suas “inteligências”. Raríssimo é o caso de um Érico Veríssimo¹⁶⁴ (mas fraco) que ultrapassa as fronteiras permanecendo em seu estado, de um Câmara Cascudo¹⁶⁵, de um Bernardo Elis¹⁶⁶. Um pouco, é contingência do enorme espaço geográfico brasileiro, muito é contingência de que os escritores da metrópole não podem permitir a invasão de seu território de glória, senão perdem o lugar... Também nem todos têm a coragem de invadir, preferindo ficar na humildade e na quietude de uma “posição” discreta, honestamente adquirida, modestamente mantida. Exceção rara são os prêmios literários, às vezes conquistados pelos da província, mas que também não levam à nada: seus livros nem sequer conseguem edição... Um brilho fugaz, uma compensação (às vezes boa) financeira. Como aconteceu agora com a Zilah, minha irmã, que conseguiu o Prêmio Nacional de Romance, promoção da Academia Paulista de Letras¹⁶⁷. Em todo o caso, são 8 milhões... um consolo. E a Zilah fez tudo na surdina, nem mesmo nós de casa sabendo da existência do prêmio, de sua inscrição. Só ficamos sabendo na hora do resultado, quando veio o telegrama. Foi pena, porque eu lhe teria mandado a “dica” também, mas não sei como este prêmio me passou despercebido. Zilah esclareceu agora que fizeram uma exigência meio absurda: o livro teria de ser entregue “em mãos”, pessoalmente, lá em São Paulo... Por isto é que ela foi a S. Paulo uma vez, sob pretexto de negócios. Estamos muito contentes

com a premiação, porque – mesmo sem haver uma compensação verdadeiramente literária (a edição, etc.) – a importância em dinheiro deve ajudá-la a sair de suas encrencas financeiras (não dela, dos outros, pois fez compra de casa para os sobrinhos). Está agora me convidando a ir a S. Paulo com ela – e como promete pagar as despesas, é possível que eu vá, para assistir à entrega do prêmio.

apesar de ter deixado de escrever a Roda Gigante (é definitivo, decisão irrevogável minha), continuo recebendo muitos livros, que me dão mais trabalho, porque fico obrigada a escrever uma carta para os autores, fazendo o agradecimento, que antes saia na nota do jornal. O trabalho dobrou... e ainda não baixou, como eu esperava, a correspondência. Tudo isto tem me prejudicado bastante no serviço principal, que é a preparação do livro sobre Murilo, serviço lento, cansativo, porque implica uma série grande de pesquisas, sobre o texto dele, sobre críticas feitas à ele, pesquisas biográficas, etc. Em todo o caso, já estou com uma quantidade bem grande de anotações e já comecei a rabiscar as primeiras impressões. Quando eu tiver de entrar na parte propriamente biográfica, será indispensável entrar em contato com a irmã dele, mas como é uma parte mais simples, por enquanto vou trabalhando no mais difícil, que é a introdução crítica (são 100 páginas datilografadas!). Isto vai demorar muito, como todo trabalho de pesquisa. Consolo-me com o Affonso Romano, que só agora acabou o trabalho sobre Drummond, que começou há 4 anos¹⁶⁸... Também me atrapalha muito a minha mesa, pequena demais, para caber todo o material que já consegui. Murilo tem se mostrado muito acessível e tem me fornecido excelentes dados. Mandou-me, inclusive, um livro inédito. Quero seguir o lema do “nulla dies sine linea”, mas são inúmeros os entraves: empregadas que vêm e que vão, telefones tocando, gente que bate, meninos em prova, barulho na rua, visitas, interrupções de toda a ordem! Precisava de um convento... mas, a cada dia, o movimento aumenta, com os meninos (que já estão quase moços) de férias e trazendo os amigos para cá!

Perguntei à Zilah sobre livros inéditos do Agripa, mas ela me disse que, conversando com a filha dele, soube que não os há; apenas planos, esboços. Nada ainda de definido, de definitivo. Aliás, os Moreira não perderiam a oportunidade de publicá-los, porque, ao que parece, a obra do Agripa tem muito público. O que não se sabe é se os Moreira pagam os direitos autorais, o que duvido muito. A você pagam? Pode ser.... o caso é que irão editando, reeditando, sem dar satisfação ao “proprietário”: lucro é para eles. É contra isto que me bato, contra esta exploração

constante e cínica do escritor. E ainda se fica grato pela publicação! Que um autor nôvo, jovem, sem editor, fique grato, vá lá; mas o autor tarimbado, conhecido, de vendagem certa, embora lenta, não o deve permitir nunca. Continuo firme no meu propósito, como o de muitos outros, agora: nada de graça! Nada mesmo. Glória é coisa para poucos, inútil é ir atrás dela: interessa agora o reconhecimento do trabalho como trabalho, portanto como direito à remuneração. Mandando o “nulla dies”, digo: nenhuma linha gratuita! E levo a sério. Se não me quiserem, se não quiserem o que escrevo, azar. Mas, apenas para ter o meu nome em jornal, não faço nada.

O regulamento da Imprensa vai sair, por estes dias, no SL. Não tem nada de complicado, apenas a costumeira remessa de três exemplares, que serão lidos pela Comissão. Você verá. Não o mando aqui porque você o verá logo (o que tenho é a publicação da portaria, mas ainda sem recortar; teria de procurar no jornal). Acho que vale a pena. Todo escritor mineiro tem direito a isto, não é mais do que uma obrigação do govêrno ajudar-nos a publicar, já que não temos editôra, aqui em Minas, nem a conseguiremos fora. De resto, nenhum favor é feito: tudo corre segundo os trâmites legais, valendo apenas a qualidade do texto. Ora, quanto a isto, não há problema para você. Todos se valem da Imprensa – com razão. Emílio Moura, Eduardo Frieiro, eu, Affonso, Aires, Lara Resende¹⁶⁹, todos tivemos ou temos livros se editando lá. É até muito importante já ser publicado pela Imprensa. Portanto, pode ir providenciando, se já não as tem, as três cópias. O resto, é comigo, com Aires, com Emílio, da Comissão. Murilo não dá palpite – é apenas Presidente, cargo honorário, sem obrigação de ler os textos. Estou esperando o livro.

Não tenho tido tempo para outras leituras, as minhas, de meus livros. Estou lendo, por dever de amizade, o livro (romance) de Rui Mourão¹⁷⁰, acabado de terminar, e que me pede uma opinião. São 300 páginas mais ou menos. Também o Affonso Romano pediu-me para ler a tese dêle sôbre o Drummond (êste quase 500 páginas!). Estou com uma tradução de um livro (americano) para fazer, livro não comercial, também tese de Universidade – e ainda não me decidi a aceitar a tarefa. Queria ainda rabiscar alguns artigos antes do natal, para ajudar nas despesas de fim de ano... Não, não darei conta de tudo. Além de que ando meio preguiçosa, ou cansada, não sei. Começo a ler e paro, recomeço e paro, muito dispersiva, talvez

por causa do movimento daqui de casa. Creio que vou “tirar férias”, como os meninos.

Estou me sentindo milionária, porque consegui ter 300,00 no banco: primeira vez que tenho um talão de cheque! É tão importante! Resultado das minhas aulas sobre Machado de Assis. Estou me sentindo aflita e ansiosa para gastar logo esse dinheiro. Infelizmente, pensei que (300,00) dariam para comprar um bom presente para o meu Affonso, no natal, mas ontem, indo à cidade, verifiquei que o que eu pensava (um conjunto de malas) custa, no mínimo, 345,00! Um terno também fica em 340,00 (com o feitio)! E dizem que o custo de vida não aumentou... Não quero mais prestações, pois até hoje estou pagando o presente de natal do ano passado!

Contudo, a vida está boa, agora no fim de 69. Tudo mais calmo para nós, mais tranquilo. Ando saudável e de bom humor. Para que mais? Esta é a minha glória: saúde, paz, alegria. O que sempre sonhei para mim, para minha família. O resto é tolice – e grande.

Abraços muitos, da

Laís

- Pena o apartamento do Rio! Por que não o aproveita mais? Não em janeiro! Lembra-se do calor? Mas em maio e junho o Rio é lindo e gostoso.

Marginalia manuscrito: Até hoje, nada de positivo quanto à “Página” do Wagner. O melhor é êle vir mesmo para BH, em 70, como deseja. Aí não tem jeito nem esperança de nada.

Estivemos outro dia em casa de Frieiro, que continua o mesmo delicioso [ilegível]. Disse-me que lhe escrevera.

¹⁶³ No dia 29 de outubro de 1942, Clodomir Vianna Moog apresentou na sala de conferências da biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro, a convite do Departamento Cultural da Casa do Estudante do Brasil e com o apoio do Itamarati, uma conferência que se tornaria antológica entre as análises sobre a cultura brasileira. Intitulada **Uma interpretação da literatura brasileira**, o texto do gaúcho Vianna Moog integrava a programação da Casa que habitualmente

proporcionava aos estudantes conferências com intelectuais do Brasil por eles escolhidos sobre temas nacionais. O texto lido no Rio de Janeiro – **Uma interpretação da literatura brasileira: um arquipélago cultural**, divide-se em onze partes, nas quais o autor apresenta uma visão abrangente da literatura brasileira e, mais do que isso, analisa a peculiar realidade cultural do país. Desconfigurando as abordagens cronológicas sobre a literatura nacional, até então predominantes, redesenha o Brasil através de sete ilhas ou núcleos culturais sem fechar ou limitar o contorno de cada uma, mas apontando para os contrastes e as diferenças que nelas vislumbra. De cada espaço cultural destaca uma obra ou um autor que a representa ou que expressa seu desenho cultural. Para Vianna Moog, privilegiar a análise dos núcleos culturais cuja soma forma o complexo heterogêneo da chamada literatura brasileira, através do reconhecimento de ilhas culturais, torna viável a compreensão do fenômeno brasileiro. As ilhas constituem conjuntos mais homogêneos e definidos, unidades à parte no conjunto maior, capazes de perfazer o múltiplo arquipélago cultural brasileiro. Com essa perspectiva, define sete ilhas culturais: a Amazônia, o Nordeste, a Bahia, as Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (MOREIRA, 2011).

¹⁶⁴ Érico Veríssimo (1905-1975). Romancista, novelista, contista, biógrafo, autor de literatura infantil. Fez os primeiros estudos em Porto Alegre. De precoce vocação para as letras, música e desenho, dedicou-se à leitura. Ensinou inglês e começou a escrever e publicar contos. No início da década de 1930, começou a publicar romances, tendo **Clarissa** (1932) aberto o caminho do sucesso e da sua carreira de grande narrador, das mais fecundas e importantes da literatura brasileira. Recebeu os Prêmios Graça Aranha e Machado de Assis (ABL), Juca Pato (Intelectual do Ano). Sua obra romanesca se caracteriza pela tendência à análise psicológica e de costumes, através de um estilo leve e agudo senso de observação. Ao longo de sua carreira o autor publicou vários livros: **Olhai os lírios do campo** (1938, romance), **O tempo e o vento** (1949-1951, romance em 2 volumes), **Vida de Joana d’Arc** (1935, biografia), **Solo de clarineta** (1974, autobiográfico), **Viagem à aurora do mundo** (1939, didático). Um dos escritores brasileiros mais traduzidos no mundo, em particular nos Estados Unidos (COUTINHO, 2004, v. 5, p. 436).

¹⁶⁵ Luís da Câmara Cascudo (1899-1986). Folclorista, pesquisador incansável, jornalista, crítico, tradutor. Entre os seus livros mais importantes estão: **Alma Patrícia** (1921); **Contos tradicionais do Brasil** (1946); **A origem das vaquejadas do nordeste brasileiro** (1953); **Dom Quixote no folclore brasileiro** (1953); **Dicionário do folclore brasileiro** (1954); **Tradições populares da pecuária nordestina** (1956); **Cozinha africana no Brasil** (1964); **Folclores do Brasil** (1966); **Coisas que o povo diz** (1968). Luís da Câmara Cascudo foi o prodigioso psicologista da alma de nosso povo, amador de coisas, dizeres, comidas, um catalogador de mitos, erudito de visão universal (NEJAR, 2007, p. 230).

¹⁶⁶ Bernardo Élis (1915-1996), romancista, contista, poeta e jornalista. Bernardo Élis nasceu e morreu em Corumbá, Goiás. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Surgiu com o livro de contos **Ermos e Gerais** (1944), que iniciou o ciclo do sertanismo goiano-mineiro. Publicou os seguintes livros: **Primeira chuva** (1955, poesia), **O tronco** (1956, romance), **Veranico de janeiro** (1965, contos), **Caminhos dos Gerais** (1975, contos), **Goiás** (1977, estudos sociais), **André Louco** (1978, contos), (NEJAR, 2007, p. 438).

¹⁶⁷ O Prêmio Nacional de Romance de 1969, da Academia Paulista de Letras, foi concedido ao romance intitulado **E oferecerás a tua outra face**, assinado com o pseudônimo de Alcione, verificando-se, no momento da identificação, tratar-se de Zilah Corrêa de Araújo, escritora mineira (ANEXO F). O romance trata de relações familiares à época da escravidão permeadas pelo matriarcado de compensação numa sociedade patriarcal (PEREIRA, 2010).

¹⁶⁸ Infere-se que seja a obra **Drummond, o “gauche” no tempo**, de Afonso Romano de Sant’Anna, pois como mencionado na apresentação da obra: Originalmente escrito para tese de doutoramento em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Minas Gerais sob a orientação amiga do professor Wilton Cardoso, este livro foi submetido ao exame da banca composta pelo professor orientador e pelos mestres Aires da Mata Machado Filho, Angela Vaz Leão e Neif Sáfady. E na quarta capa: Este livro é a primeira tentativa com sucesso de abranger em sua integridade

clássica, a obra drummondiana. [...] Em seguida, com este mesmo texto, obteve na UFMG, seu título de Doutor em Literatura Brasileira (SANT'ANNA, 1972).

¹⁶⁹ Otto Lara Resende (1922-1992), contista, cronista, jornalista, novelista e romancista. Otto Lara Resende inicia sua carreira como jornalista no jornal católico **O Diário**. Na década de 1940, juntamente com Hélio Pellegrino, Otto lança o jornal diário **Liberdade**, órgão de oposição ao Estado Novo que circulará de março a dezembro de 1945. Fato pouco conhecido é que Otto Lara Resende foi um dos fundadores da Rede Globo de Televisão, onde, posteriormente, exerceu a função de diretor-adjunto, cargo que ocupará de 1974 a 1983. Em 1979 é eleito membro da Academia Brasileira de Letras. A Obra de Otto Lara Resende é constituída pelos livros **O lado humano** (1952, contos); **Boca do Inferno** (1957, contos, reeditado em 2014); **O retrato na gaveta** (1962, contos e novelas); **O braço direito** (1964, romance); **As pompas do mundo** (1975, contos); **O elo partido e outras histórias** (1991, crônicas). Postumamente, foram publicados os volumes **Bom dia para nascer** (1993); **O príncipe e o sabiá e outros perfis** (1994); **A testemunha silenciosa** (1995), além da coletânea de textos inéditos **Três Ottos por Otto Lara Resende** (CABRAL, 2016, p. 181).

¹⁷⁰ Em 1969, Rui Mourão não publica um romance, mas um ensaio. O livro **Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano**, publicado em 1969, representa um marco teórico fundamental para a compreensão do texto literário de Graciliano Ramos. Preparado inicialmente como tese de Doutorado para a Universidade Federal de Brasília, o ensaio de Rui Mourão veio, porém, a extrapolar das limitações universitárias, para se tornar uma obra ponderável, que exigia o aparecimento em livro. Nele, o crítico faz uma análise de **Caetés**, o primeiro romance de Graciliano Ramos, de 1928. Em seguida passa por **São Bernardo**, de 1934, vindo logo após uma análise de **Angústia** e depois **Vidas secas** de 1938, e finalmente **Alexandre**, de 1944. O livro se coloca em contraste com a maioria dos estudos sobre a obra de Graciliano, que destacam o aspecto sociológico em detrimento do textual (ARAÚJO, 1969b).

Carta 23/23 LCA a CA, 1969.

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 1969.

Dimensão: 23cm x 21cm (carta), 23cm x 18,5cm (bilhete); papel na cor bege, ausência de pautas. Cartão de Natal (ilustrado Color.) dobrado ao meio.

Manuscrito assinado (tinta preta) – 3 folhas.

Cosette,

por falta de cozinheira, atrasei-me êste ano nos cumprimentos de natal. Mas ainda é tempo – sempre é tempo, natal ou não – de desejar-lhe tôda a alegria e o sucesso que você merece.

Recebi o delicioso presente (a que Affonso, absolutamente, não se negou a participar), para os meninos, para todos. Soube, pelo Wagner, como você lutou por êle, como trabalhou, como se interessou por tudo, mais do que amiga, irmã. Obrigada, muito obrigada mesmo. Você é formidável (aliás, não é novidade). Por tudo isto, espero continuar gozando de sua amizade e de seu carinho,

- que retribuo tôscamente...

Laís

Cartão de Natal (anexo à carta 23).

Cosette,

É natal outra vez. A confusão da compra dos presentes, tantos! Com esta família grande... e o numerário pequeno. Mas com a alegria de dar.

Você deve estar também ocupada e talvez por isso não tenha respondido minha última carta. Não ficou zangada comigo, não é? Sericamente, não tive culpa, andei fora da órbita, aqui em casa não assinamos jornal, tudo desorganizado. Da próxima vez ficarei atenta.

Neste bilhete, já seguem os meus votos de alegre natal e ano nôvo! Com muito sol (possível aí em JF?) e a tranquilidade, a segurança, a paz de bois no pasto...

O abraço da

Laís

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar mantiveram intensa atividade epistolar entre os anos 1967 e 1973. Por meio da análise da correspondência dessas epistológrafas, pode-se depreender aspectos da vida pessoal, questões sobre o fazer literário, demonstrações de amizade, manifestações de feminilidade e registro de doenças que acometeram ambas e terceiros, de alguma forma, a elas relacionados.

A censura sofrida por Laís Corrêa de Araújo e as tratativas para a publicação do livro **Giroflê, giroflá**, de Cosette de Alencar, são os assuntos principais registrados no lote documental do ano de 1969, o que confirma que o objetivo do trabalho foi cumprido.

O ano de 1969 foi muito complicado para Laís de Araújo, pois a partir do artigo censurado no **Suplemento Literário do Minas Gerais**, a escritora passou a ter o seu estado emocional abalado, o que pode ser comprovado por meio das missivas deste lote. Como é mostrado nas cartas, ela apresenta vários sintomas físicos, vai a vários médicos, faz vários exames e não tem nada diagnosticado, ou seja, pode-se afirmar que Laís Corrêa de Araújo esteja passando por um período estressante em sua vida e esteja somatizando estes desconfortos.

Sabe-se que no período da Ditadura Militar, os intelectuais e artistas eram perseguidos e censurados. Laís tinha cinco filhos, acabara de sofrer uma censura, pois estava analisando um livro que falava de um contexto de miséria, de fome, de exclusão, assuntos que, de fato, incomodavam os mandatários do momento. Pode-se inferir que tenha sido este o motivo pelo qual ela tenha reclamado muito em suas missivas de períodos de doença, de fadiga etc. – a preocupação com o seu bem-estar e dos seus filhos.

A situação da saúde de Laís Corrêa de Araújo somente terá solução quando ela, realmente, se desliga do **Suplemento Literário**, o que ocorre em dezembro deste ano, fato que também pode ser comprovado na penúltima carta deste lote.

Ao realizar o trabalho de edição anotada de fontes das missivas do lote pesquisado, pôde-se verificar que diversos fatos e acontecimentos históricos, políticos, culturais e literários foram constatados, o que confirma a hipótese do trabalho. Como exemplo, temos: lançamentos de livros, entrega de prêmios literários, e como já comentado, a censura.

Interessante lembrar que ambas missivistas eram fãs de Machado de Assis, autor que recentemente sofreu censura pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de Rondônia, em um momento crítico, no qual nossos governantes (principalmente da esfera federal) flertam com o retorno da ditadura. Vale lembrar que a censura nunca tem lógica, ela sempre acontece em nome de uma moral duvidosa, uma defesa de valores dúbios, quase sempre visando ao interesse de uma única pessoa, em detrimento da sociedade, enfim, é sempre um retrocesso.

Algumas dificuldades foram encontradas durante a elaboração desta pesquisa. Elencaremos algumas: a localização geográfica, e conseqüente distância dos fundos documentais: o acervo da Família Ávila está depositado em Belo Horizonte, o acervo da Família Alencar está depositado em Juiz de Fora, e o pesquisador reside no Rio de Janeiro; um outro problema é a falta de uma política de atendimento ao pesquisador de arquivos, o que permite que vários profissionais tomem atitudes, que em alguns momentos, chegam a ser conflitantes e, como já dissemos, tivemos o caso da pandemia do novo coronavírus, que inviabilizou o término da pesquisa, como se almejava, pois bibliotecas e outras instituições de pesquisa foram fechadas, com a finalidade de conter a propagação da doença.

No momento de realização das notas, precisamos recorrer a alguns periódicos, visto que nossas missivistas escreviam crônicas para jornais do período ora estudado.

Laís Corrêa de Araújo escrevia no **Suplemento Literário do Minas Gerais**. A Prefeitura de Belo Horizonte e a Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais disponibilizam eletronicamente as várias edições do SLMG, desde o seu primeiro número, em 1966. A interface de pesquisa é amigável, e os mecanismos de buscas funcionam perfeitamente; o que facilitou em muito a pesquisa em torno desta correspondente.

Cosette de Alencar, por sua vez, escrevia no **Diário Mercantil**. Este periódico não está disponível na *internet*. O Arquivo Público de Juiz de Fora mantém a coleção completa em papel deste jornal, porém não há indexação, catálogo, nenhum instrumento que facilite a pesquisa de seus volumes; alguns exemplares encontram-se encadernados, o que dificulta a impressão eletrostática; e outros ainda estão em péssimo estado de conservação, o que impede a manipulação dos mesmos. Ou seja, é urgente que se pense na microfilmagem deste acervo raro visando a preservação da memória de um jornal que diz muito

sobre a cidade de Juiz de Fora. A microfilmagem aumentaria a vida útil dos fascículos, e seria um passo inicial para a implantação da digitalização deste jornal.

Laís Corrêa e Cosette de Alencar relatavam tristeza com o mundo literário; ambas partilhavam da opinião que deveria haver uma profissionalização da atividade do escritor, pois somente assim o trabalho dos escritores poderia ser valorizado, e conseqüentemente, poderia se pensar em uma remuneração digna aos profissionais da escrita. Neste lote documental, pudemos verificar que esta opinião era compartilhada por alguns outros literatos da época, como Osman Lins e Eduardo Frieiro. Uma outra constatação é que as duas missivistas trabalharam como bibliotecárias, porém não tinham a graduação em Biblioteconomia, o que sempre foi muito comum em relação à essa profissão. Por falta de pessoas capacitadas para organizar e administrar as bibliotecas existentes, os governantes permitiam que pessoas – quase sempre mulheres – de famílias de classe média alta, com um bom nível de erudição alcançassem estes postos.

Importa acrescentar que Laís e Cosette eram mulheres que estavam à frente de seu tempo, pois em um momento em que só era permitido à mulher ter uma vida como dona-de-casa, elas traçaram um percurso como intelectuais, porém sem abdicar dos afazeres domésticos. Ou seja, como muitas mulheres fazem atualmente, tendo uma jornada dupla, pôde-se observar as dificuldades que tiveram para conciliar a vida doméstica e a vida literária, a vida profissional e a vida de dona-de-casa.

Enfim, o ato de se autoarquivar está ligado sempre a um motivo particular: permanecer na memória coletiva. Caso Laís Corrêa de Araújo e Cosette de Alencar tenham tido tal pretensão ao guardarem essas cartas, esperamos que esta dissertação contribua para este propósito.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, Maria Elizabete Fernandes. **Vida e literatura**: Laís Corrêa de Araújo escreve a Cosette de Alencar. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2017.

ALBERT EINSTEIN. Disponível em: https://www.ebiografia.com/albert_einstein. Acesso em: 17 mar 2020.

ALENCAR, Cosette de. Um homem sem medo da verdade. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 9 maio 1968, p. 5.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 10 fev. 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 25 mar. 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 1 maio 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 13 maio 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 4 jun. 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 1 jul. 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 24 jul. 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 20 ago. 1969.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 23 set. 1969.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 12 out. 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 17 nov. 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. Os esquecidos de Minas. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 168, p. 10, nov. 1969.

ALENCAR, Cosette de. Da velhice. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 28 jan. 1970, p. 5.

ALENCAR, Cosette de. **Giroflê, giroflá**. Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1971.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Opiniões sobre “GIROFLÊ, GIROFLÁ”. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 29 nov. 1971, p. 3.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Eduardo Frieiro: Inquietude, Melancolia. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 68, p. 13, dez. 1967.

ANDRADE, Carlos Drummond de. 80 mulheres na Academia. **Correio da Manhã**, 9 fev. 1969. Segundo caderno.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Opiniões sobre “GIROFLÊ, GIROFLÁ”. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 29 nov. 1971, p.3.

ANSARA, Soraia. **Memória política, repressão e ditadura no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2009.

ANTÔNIO Olinto depois das teorias. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 64, p. 8, nov. 1967.

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz. **Gilberto de Alencar**: facas de um intelectual. Orientadora: Ivete Lara Camargos Walty; Coorientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2018.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Caderno de poesia**. Belo Horizonte: Santelmo Poesia, 1951.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **O signo e outros poemas**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1955.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Um poético romance novo. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 1, n. 8, p. 3, out. 1966a.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. No domínio do possível (tudo é...). **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 1, n. 18, p. 3, dez. 1966b.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Primavera negra. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 32, p. 3, abr. 1967a.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Entrevista com Michel Butor. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 37, p. 3, maio 1967b.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Informais. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 38, p. 3, maio 1967c.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Informais. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 59, p. 7, out. 1967d.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Roda Gigante. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 97, p. 10-11, jul. 1968.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 7 jan. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 15 fev. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 1 abr. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 8 maio 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 10 jun. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 7 jul. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 27 jul. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 29 ago. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 29 set. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 20 out. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 21 nov. 1969. 1 carta.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 17 dez. 1969. 1 bilhete.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. [**Correspondência**]. Destinatário: Cosette de Alencar. Belo Horizonte, 17 dez. 1969. 1 cartão de natal.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Informais. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 129, p. 11, fev. 1969a.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Rui Mourão e o romance Graciliano. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 130, p. 10, fev. 1969b.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Informais. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 133, p. 10, mar. 1969c.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Informais. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 136, p. 11, abr. 1969d.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Emílio e seu Itinerário Poético. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 137, p. 8, abr. 1969e.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Ao fim, tudo é o verbo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Ano 1969, Ed. 112, p. 4. Suplemento do Livro. 16 ago. 1969f.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Literatura Brasileira 1969: um balanço informal. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 179, p. 10, jan. 1970.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Murilo Mendes**: ensaio crítico, antologia, correspondência. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ARAÚJO, Wagner Corrêa de. **Wagner Corrêa de Araújo**. Disponível em: <http://portaldojl.com.br/author/wagner>. Acesso em: 5 jan. 2020.

ARAÚJO, Zilah Corrêa de. Opiniões sobre “GIROFLÊ, GIROFLÁ”. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 29 nov. 1971, p. 3.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Inventário do Fundo Paulo Campos Guimarães**. Belo Horizonte, MG: Arquivo Público Mineiro, Diretoria de Arquivos Permanentes, 2013.

ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, v. 11, n. 21, 1988, p. 9-34.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 2008.

AZZI, Rolando; PEREIRA, Mabel Salgado. **José Henrique Hargreaves**: expressão do laicato Juizforano. Juiz de fora: Instituto Cultural Santo Tomás de Aquino, 2003.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem & estrela da manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BIOGRAFIA. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 66, p. 2, dez. 1967.

BIOGRAFIA: Geraldo França de Lima. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/geraldo-franca-de-lima/biografia>. Acesso em: 06 jan. 2020.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1997.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Coleção Mineiriana. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, dez. 2009. p. 3-5.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo de manejo clínico do Coronavírus (COVID-19) na Atenção Primária à saúde**. Brasília, DF: SAPS, 2020.

BUENO, Antônio Sérgio (Org.). **Afonso Ávila**. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

CABRAL, Cléber Araújo (Org.). **Mares interiores**: correspondência de Murilo Rubião e Otto Lara Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016.

CAMAROTTI, Gerson. O meu último encontro com o poeta João Cabral de Mello Netto. **Blog do Camarotti**, 24 out. 2015. Disponível em:
<http://g1.globo.com/politica/blog/blog-do-camarotti/post/o-meu-ultimo-encontro-com-o-poeta-joao-cabral-de-melo-neto.html>. Acesso em: 05 jan. 2020.

CAMPOS, Daniela Queiróz. Um fazer imagem: a produção gráfica da revista O Cruzeiro. **Diálogos**: revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, v. 20, n. 1, 2016, p. 102-116.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Brasília, DF: Senado Federal, 2008.

CARVALHO, Pedro Luso de. **Antologia**: Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://pedrolusodcarvalho.blogspot.com/2013/09/filosofia-pedro-luso-dos-pequenos-gestos.html>. Acesso em: 5 JAN. 2020.

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. A preservação documental no Brasil: notas para uma reflexão histórica. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 31-46, jul./dez. 2010.

CASTRO, Ernesto Manuel Geraldês de. Odeio cartas. *In*: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudo sobre cartas, 2000. p. 11-18.

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. Disponível em:
<https://www.record.com.br/editoras/civilizacao-brasileira>. Acesso em: 20 jan. 2020.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**: (1711-2001). São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

COLETTE PEUGNIEZ. Disponível em: <https://www.babelio.com/auteur/Colette-Peugniez/272802>. Acesso em: 29 abr. 2020.

COSTA, Edson Tavares. **A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé**. Orientadora: Socorro de Fátima Pacífico Barbosa. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal da Paraíba, 2013.

COSTA, Gal. **O divino maravilhoso**. Disponível em: https://galcosta.com.br/sec_textos_list.php?id_type=2. Acesso: 05 jan. 2020.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. **Manuscrita**: revista de Crítica Genética. São Paulo: USP/APCG, 1993, n. 3, p. 78-93.

DAMATA, Gasparino. Dinah, entre A muralha e o Verão dos infiéis. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 125, p. 9, jan. 1969.

DELGADO, Márcio de Paiva. Música e política no Brasil, de Zelão ao Divino, Maravilhoso (1960-1968). **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 25, 2011.

DIAS, Silvana Moreli Vicente. Organizando a correspondência inédita de escritores modernos; aspectos editoriais. **Todas as letras**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 188-197, maio/ago. 2015.

DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? **Manuscrita**: revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 15, 2007, p. 119-162.

DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário bibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EMÍLIO Moura: algumas fontes para o estudo crítico. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 137, p. 2, abr. 1969.

ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flávia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santana (Org.). **Os intelectuais e a imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

ESTADO DE MINAS E O SENTIMENTO MINEIRO. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/90-anos/2018/12/12/interna_90_anos,1012636/estado-de-minas-e-o-sentimento-mineiro-uma-historia-de-90-anos.shtml. Acesso em: 4 nov. 2019.

FANGUEIRO, Maria do Sameiro. **Henriqueta Lisboa**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/henriqueta-lisboa>. Acesso em: 4 nov. 2019.

FANGUEIRO, Maria do Sameiro. **Agripa Vasconcellos**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/agripa-vasconcellos>. Acesso em: 11 jan. 2020.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Dicionário de mulheres**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 141-144.

FRENCH NEWS: BOOKS, ed. 36. Paris: Cultural Services of the French Embassy, [199?].

GALVÃO, Walnice Nogueira. À margem da carta. **Teresa**: revista de literatura brasileira, v.8, n. 9, São Paulo, 2008, p. 14-29.

GAMA, Rinaldo. [Apresentação]. *In*: GARCÍA-MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2009. p.4.

GARCIA, Néson Jahr. Apresentação. *In*: VOLTAIRE. **Candido, ou, O otimismo**. São Paulo: Martins Claret, 2001.

GÓES, Fernando. Prefácio. *In*: BALZAC, Honoré de. **Eugénie Grandet**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1981?]. p. 11-12.

GONÇALVES, Emânia Aparecida Rodrigues. Uma leitura genético-crítica do romance *Antigamente, no porão*. *In*: OLIVEIRA, Paulo Roberto Soares de (Org.). **Café com pão de queijo**: um encontro com a literatura mineira e brasileira. Juiz de Fora, MG: América Gráfica e Editora, 2014. P. 106-116.

GOUVÊA, Jaime Prado. A solidão dos homens. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 187, p. 7, mar. 1970.

GUIMARÃES, Eduardo. Andorinha, andorinha. **Revista Ecos**, Mato Grosso, v. 9, n. 3, jun. 2010, p. 197-207.

GUIMARÃES, Júlio Castanõn. Pesquisa em acervos literários. **Mosaico**, Belo Horizonte, v.1, p. 22-31, fev. 2002.

HAY, Louis. A literatura sai dos arquivos. *In*: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editora, 2003, p. 65-81.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HISTÓRIA DA FOLHA. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4 Acesso em: 4 nov. 2019.

IMPrensa Oficial 120 anos. Disponível em: <http://www.iof.mg.gov.br/hotsite-120/release.html>. Acesso em: 23 out. 2019.

JACINTO, Adrieli Sandra de Oliveira. Reconstituo a mem6ria: tratamento e organiza73o do acervo da fam6lia 1vila. *In*: MEDEIROS, Elen de; RODRIGUES, Leandro Garcia (Org.). **Acervo de Escritores Mineiros**: mem6rias e hist6rias. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019. P. 19-38.

JOS1 MAURO DE VASCONCELOS. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jose_mauro_de_vasconcelos. Acesso em: 17 mar 2020.

LESSA, Or6genes. **A noite sem homem**: romance. Rio de Janeiro: Civiliza73o Brasileira, 1968. Quarta capa.

LIMA, Marcela Telles Elian de. **Pelas margens do S3o Francisco**: a trajet6ria hist6rica e ficcional de Ant6nio D3. Orientador: Helo6sa Maria Murgel Starling. Disserta73o (Mestrado em Hist6ria) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

LINHA DO TEMPO. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/linhadotempo/abertura.html>. Acesso em: 20 mar 2020.

LUCAS, F3bio. Adeus a sessenta e sete (67). **Suplemento Liter3rio do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 79, p. 5, mar. 1968.

MACHADO FILHO, Aires da Matta. Lirismo desabusado. **Suplemento Liter3rio do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 58, p. 4, out. 1967.

MACIEL, Maria Esther (Org.). **La6s Corr6a de Ara6jo**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MACIEL, Maria Esther. O pathos da lucidez: a trajet6ria po6tico-intelectual de La6s Corr6a de Ara6jo. *In*: ARA6JO, La6s Corr6a de. **Invent3rio**: 1951-2002. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. p. 220-231.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. *In*: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos liter3rios**. S3o Paulo: Ateli6 Editora, 2003, p. 141-156.

MEDIUM Z1 ARIG3 ganhar3 cinebiografia estrelada por Danton Mello. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/19/interna_diversao_arte,660722/filme-sobre-o-medium-jose-arigo.shtml. Acesso em: 17 mar 2020.

MELLO, Renato de. O teatro tropismal de Nathalie Sarraute. **Aletria**: revista de estudos de literatura, v. 7, 2000, p. 248-257.

MELO NETO, Jo3o Cabral de. **A educa73o pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. A importância da epistolografia nos anos de 1900. **Verbo de Minas**, v. 13, n. 22, 2012, p. 1-11.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão et al. Helena, de Machado de Assis e seus contornos epistolográficos. *In*: SILVA, Rodrigo Fialho (Org.). **Do texto ao contexto: história, literatura e educação**. Leopoldina: UEMG Editora, 2015a, v.1, p. 127-142.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão; CARVALHO, Maria Regina de Souza. A gênese em diálogo: Enrique de Resende escreve a Cosette de Alencar. *In*: OLIVEIRA, Lúcia Maria Velloso de; VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Arquivos pessoais e cultura: uma abordagem interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015b, v. 1, p. 335-348.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. Guarde as minhas cartas, Lúcio. *In*: NEVES, José Alberto Pinho; REDMOND, William Valentine; DEFILIPPO, Juliana Gervason (Org.). **Lúcio Cardoso: a escrita sem limites**. Juiz de Fora, MG: MAMM/UFJF, 2016.

MOISÉS, Massaud. **Pequeno dicionário de Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOL, Isabela Baião. **Cosette de Alencar: a cronista de seu tempo**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2015.

MONTELLLO, Josué. **A indesejada aposentadoria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MORAES, Marcos Antônio de (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: EDUSP, 2001.

MORAES, Marcos Antônio de. **Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade**. São Paulo: Edusp, 2007.

MORAES, Marcos Antônio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. **Patrimônio e memória**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 115-128, jun. 2009.

MOREIRA, Maria Eunice. O arquipélago cultural brasileiro: a interpretação de Viana Moog. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 83-88, out./dez. 2011.

MORRE a poeta Laís Corrêa de Araújo.
Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/004867.shtml>. Acesso em: 20jun. 2019.

MOURA, Emílio. A Ilusão Literária. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 68, p. 5, dez. 1967.

MOURA, Heleniara Amorim. “Anjos de asas leves”: as crônicas de Maria Lysia Corrêa de Araújo. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 59, jan./jun. 2018. p. 409-423.

MOURÃO, Rui. O que foi o segundo festival de poesia de Pirapora. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 148, p. 5, jun. 1969.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Guia de uso do português: confrontando regras e usos**. São Paulo: UNESP, 2003.

NOVAES, Adauto. Intelectuais em tempo de incerteza. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Maria Velloso de. **Descrição e pesquisa: reflexões em torno do arquivo pessoal**. Rio de Janeiro: Mobile, 2012.

OLIVEIRA, Martins de. **A retirada da laguna: poema**: Belo Horizonte: Imprensa Nacional, 1968.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

PAGANINI, Nilze. Affonso Ávila e a revista Tendência. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 17, n. 33, p. 229-238, 2013.

PAGÈS, Alain. A materialidade epistolar: o que nos dizem os manuscritos autógrafos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 67, ago. 2017, p. 106-123.

PASSOS, Cleusa Rios. O universo cortado em fatias. *In*: MENDES, Murilo. **A Idade do serrote**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. P. 173-191.

PEREIRA, Aline Musse Alves. A imprensa alternativa: uma voz no período da ditadura militar no Brasil. *In*: KUPERMAN, Esther; VIEGAS, Ana Cristina Coutinho (Org.). **Os anos de chumbo vistos da janela da escola**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. P. 17-28.

PEREIRA, Fábio. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. Diversidade na literatura mineira: a escrita de Bárbara de Araújo. *In*: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Escritoras mineiras: poesia, ficção, memória**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

PERFIL do acadêmico. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/geraldo-franca-de-lima>. Acesso em: 11 jan. 2020.

PETIT, Lucette. A propósito de A correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queiróz. *In*: GALVÃO, Walnice; GOTLIB, Nádya Battella. **Prezado senhor, prezada senhora**: estudo sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P. 113-120.

PINTO, Fabiana Aparecida de Almeida Souza. “**Homem, poeta, cérebro, coração**”: Lindolfo Gomes e o pensamento intelectual e preservacionista em Juiz de Fora. Orientador: Marcos Holender. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

PIRES, Ézio. Memórias de Maria Helena Cardoso. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 151, p. 11, jul. 1969.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. **Verão dos infieis**: romance. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.

QUEIROZ, Maria José de. **A America**: a nossa e as outras, 500 anos de ficção e realidade 1492-1992. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

QUINTANA, Mário. **Espelho Mágico**. Rio de Janeiro. Ed. Globo, 2005.

REBELLO, Lúcia Sá. Prefácio. *In*: QUINTANA, Mário. **Espelho Mágico**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2005. P. 5.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de narratologia**. Coimbra: Almedina, 2017.

REY, Alain. **Dictionnaire historique de la langue française**. Paris: Le Robert, 2010.

RIBEIRO, Francigelda. Vértice e base na pirâmide social da Tetralogia piauiense de Assis Brasil. **Revista Crioula**, n. 9, maio 2011.

RIBEIRO, Renato Janine. O cientista e o intelectual. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. “**A general das letras**”: a literata Cosette de Alencar e a “sua” cidade – Juiz de Fora (MG) 1918 a 1973. Orientadora: Rachel Soihet. Tese – (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, 2013.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. A modernidade na pena de uma literata juiz-forana (1939 a 1973). *In*: ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flávia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santanna. **Os intelectuais e a imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. P. 187-210.

SADIE, Stanley. **Dicionário Grove de música**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALDAÑA, Paulo; DELLA COLETTA, Ricardo. Governo de Rondônia manda recolher “Macunaíma” e mais 42 livros e depois recua. **Folha de São Paulo**, 7 fev. 2020. Cotidiano, p. 28.

SALES, Cecília Almeida. **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. São Paulo: Educ, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond, o gauche no tempo**. Rio de Janeiro: INL, 1972.

SANTA ROSA, Eleonora. Suplemento Literário de Minas Gerais: quase meio século de existência. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 1297, dez. 2006, p. 2.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Carlos e Mário**: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002, p. 7-33.

SANTIAGO, Silviano. Com quantos paus se faz uma canoa. *In*: SOUZA, Eneida Maria de; Miranda, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 15-24.

SANTOS, Adna Evangelista Couto dos. A crítica genética e os textos literários: um diálogo com outros saberes. **Revista Philologus**, ano 21, n. 61, jan./abr. 2015, p. 182-197.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo é história. **Anais da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, ano 2008, v. 195, p. 155-157.

SEVERINO, Rosa Maria. **A rua como espetáculo em Juan José Arreola**. Orientadora: Sara Almarza. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Brasília, 2009.

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI. Disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/sic+transit+gloria+mundi>. Acesso em: 22 maio 2020.

SILVA, Vitor Manuel Aguiar e. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina Brasil, 1997.

SOUZA, Luciana Karine; HUTZ, Cláudio Simon. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 257-265, abr./jun. 2008.

SPRÍCIGO, Sandra Helena. Uma apresentação da Revista de Cultura Vozes. **Boletim de Pesquisa NELIC**: Florianópolis, SC, v. 2, n. 3, 1998.

TAVEIRA, João Carlos. **Ascendino Leite**. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/paraiba/ascendino_leite.html. Acesso: 5 jan. 2020.

TITAN JÚNIOR, Samuel. Posfácio. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. P. 111-124.

THOMPSON, Maria Elisa Escobar. **Minha irmã epistolar**: cartas do poeta visionário Murilo Mendes a Virgínia Mendes Torres. Orientadora: Aurora Fornoni Bernardini. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. As mulheres no Suplemento Literário do Minas Gerais. **Caletroscópio**, v. 4, 2016.

VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das confidências. **Teresa**: revista de literatura brasileira, São Paulo, v. 8, n. 9, p. 372-389, 2008.

VASCONCELLOS, Eliane; XAVIER, Laura Regina (Org.). **Guia do Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: FCRB, 2012.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Ser e por que de Diamantina. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, v. 3, n. 122, p. 1, dez. 1968.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

WALTY, Ivete Lara Camargos; CURY, Maria Zilda Ferreira. (Org.). **Intelectuais e vida pública**: migrações e mediações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

WERNECK, Humberto. Meio século de literatura mineira nos periódicos, 1920-1970. **Suplemento Literário**, Belo Horizonte, p. 33-37, dezembro 2009.

WOLFF, Francisco. Dilemas trágicos do intelectual. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ANEXOS

ANEXO A – Número Especial do SLMG sobre a cidade de Diamantina

DIAMANTINA

2 — A FACE URBANA — A LITERATURA — AS ARTES

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SABADO, 28 DE DEZEMBRO DE 1968
Av. Augusto de Lima, 270 — ANO III — N.º 122 — Preço NCr\$ 2,00

SER E PORQUE DE DIAMANTINA

Stylio VASCONCELLOS



No complexo aurífero mineiro, o Arraial do Tejuco, Cidade de Diamantina, é singular. O sítio onde se implanta deixa os matos e as serranias do ouro e beita a caatinga; o solo é claro e limpo, em brancos quartzosos, vestido de verdes rasteiros. Clima seco e céu despojado de nuvens. Não dramatiza a paisagem nem os troncos retorcidos, nem a umidade pegajosa dos xistos, ou a sombra dos cúmulos-nimbus ameaçadores. A paz é circunstância contínua.

Há montanhas, sim, nas cercanias. São, porém, doces na redondice dos perfis, desprovidos de arestas. Só muito ao longe o Itambé se mostra, escondido em brumas.

Lá embaixo, no vale, rola o pequenino Rio Grande. Despenca em corredeiras, salta em pedras, afaga depois áreas luminosas de praias curvilíneas. Margeia-o, de um lado, serra nua que um cruzeiro coroa. No verde seco das gramíneas, que a revestem, afloram alvas pedras, lavadas de chuvas, por entre as quais serpenteiam estradas, morto acima, morto abaixo, por onde transitavam as boiadas tangidas do norte. Do outro lado do vale sobe a encosta, por onde descia o ouro, na lama das encurradas. As grupiarras agarraram-se à meseta onde o povoado se fez.

Não era muito o ouro. Junto com ele, contudo, surgiram pedrinhas duras, diamantes da mais pura água. São estes que vão definir a povoação local.

Nas minerações auríferas, multidões trabalhavam, entregues à própria sorte. Cada um por si e Deus por todos, como ficou no aforisma popular. Hoje aqui, amanhã ali; agora pobre, depois rico, no tropel da sorte. Tal situação configura mentalidade rebelde, inquietada e fatalista. Não ensina fortunas estáveis, nem permite elites poderosas. A comunidade é rica; o indivíduo pobre. A sociedade é dinâmica pela mobilidade extrema de seus componentes.

A exploração diamantífera é completamente diversa. O Rei é o único dono. No máximo designa preposto para a empresa monopolista. Fecham-se fronteiras, isola-se a área, vedam-se iniciativas particulares. Há uma pequena elite de brancos e milhares de negros escravizados. É mínimo o grupo humano livre, composto de comerciantes e artesãos.

Enquanto as povoações alimentadas pelo ouro crescem orgânica e espontaneamente, espichando-se pelos caminhos que as servem, o Arraial do Tejuco concentra-se. As estradas o tangenciam, confinando-o. Do mercado vai em direção à Capela de N. S. do Rosário; desta procura a Capela Carmelita; a seguir envia-se para a Capela de S. Francisco de Assis e Matriz, encontrando novamente o Mercado. Diagonais ligam pontos extremos, triangulando o centro.

Nada lembra o traçado longitudinal de Ouro Preto ou Sabará, por exemplo. O diamante impôs domínio restrito, contenção e controle.

Contida é a própria arquitetura local. Bem mais pobre que a realizada em outras povoações mineiras. Nunca a pedra lhe conferiu o vulto que em outras paragens a enobrece. Contudo, é na mesma pobreza que encontra sua originalidade. As construções são de barro socado ou de pau-a-pique. Jamais exibem a robustez estrutural corrente nas Minas. São, ao contrário, frágeis e, na fragilidade, femininas. Por femininas alegres.

Se as Vilas mineiras compõe, em geral, cenário de drama ou ópera, enfatizado por trágicas evocações e perspectivas aflitas, feridas de sombras e ângulos violentos, a paisagem urbana de Diamantina lembra bem mais ambiente de opereta. O arranjo é faccioso, o conjunto uniforme. Quase não prevalecem as torres sineiras, confundidas com chaminés maiores de lareiras domésticas. A pouca profundidade das perspectivas figura teatro de arena.

Os interiores das igrejas inundam-se de luz. Convidam melhor às aleluias que ao cantochão. Mais as esperanças que ao arrependimento. Mais ao louvor que à penitência. São poucos os doutrados; os frontões externos armam-se em fábulas provisórias. A pompa ausenta-se de todo. Nenhuma igreja procura agigantarse em competição com as demais. Nenhuma casa pretende afuscar a próxima. O conjunto se desdobra em harmonias, como se elaborado de uma só vez, obedientes a uma só orientação. Dispostas em discreta postura as construções ostentam apenas requintada displicência.

A própria Casa do Contrato é simplória no feito e despretenhosa nos detalhes. Somente pelo vulto se distingue das demais, algumas delas, vaidosas de suas decorações coloridas, rendando os cumes e cimbalhas de flores.

O conjunto urbano, concentrado e, praticamente, de plano, facilita a comunicabilidade humana, aproxima as gentes, promove solidariedade. A graça rotunda da arquitetura insinua sorrisos. Muito mais inclinados à ironia que à ofensa; à conciliação que ao revide.

A ordem, severamente imposta, impediu os conflitos. A rigidez social cobriu o desassossego; a pequena elite e imensa multidão escrava, acalmou compelições. A continuidade do diamante, como único fundamento econômico, evitou transformações tumultuosas. A paz é império permanente. E com a paz, o apuro da sensibilidade, vazada no cultivo da inteligência, das amenidades culturais e da poesia.

Diamantina é singular nas Minas. Não lhe informam tragédias. Nem solenidades ou pompas. E canto brejeiro, cujo ritmo se colhe na sucção das femininas construções, servindo a melodias que são mais próprias do cravo que do órgão. Ou da flauta e da clarineta, próximas do trino da passada.

(Número especial organizado por Afonso Avila)

ANEXO B – Discurso de posse de Oscar Negrão de Lima na Academia Mineira de Letras

Eis um trecho do discurso de posse de Oscar Negrão de Lima na Academia Mineira de Letras

Senhores Acadêmicos:

NÉLSON DE FARIA nasceu em abril de 1902, no arraial de Fortaleza, hoje cidade de Pedra Azul, nordeste de Minas. A primitiva povoação formou-se em zona de matas, existindo, aqui e ali, erupções graníticas, entre as quais o Forno de Bolo e o Cabeça Torta; este, semelhante ao Pão de Açúcar, deu ao escritor título e capa de romance. [...] Nelson escreveu em revista literária – A Novela Mineira – lançada por Aníbal Matos e José Oswaldo de Araújo pelos idos de 1922. O narrador, até então reservado, entrou com vontade na arena da literatura, onde ajudou a desmentir, como tantos outros, aquele irônico brocardo. Ainda mantinha seu jeito de admirável humildade, procurando esconder-se. Ajuntou algumas histórias sertanejas que estavam em fundo de gaveta, refundindo-as, dando-lhes refundindo-as, dando-lhes repolimento. Insatisfeito, fez apenas sair, fora do comércio, pequena edição, que distribuiu a amigos. A crítica, porém, descobriu **Tiziu** e não lhe poupou elogios. O homem de fisionomia carregada e olhar perscrutador sentiu aragem fresca a entrar-lhe pela janela entreaberta às aspirações literárias. Por isso, conforme observavam seus íntimos, o primeiro sucessor na cadeira 21 mudou de aspecto, estampado no semblante novo alento de vida. Em **Tiziu**, o contista tratou o conto regional com mestria, revelando tipos característicos, nos quais se recortam autênticos perfis humanos. Através de entrecho fascinante, animais domésticos ou bravios, objetos, cousas de pouca valia e paisagem rústica ressaltam em relevos bem acentuados. O leitor deixa-se levar horas e horas. Eleito para a cadeira 21 da Academia Mineira de Letras, vaga com a morte de Gilberto de Alencar, Nelson de Faria deu asas à sua vocação. Lança, ao ensejo, em edição para o público, **Tiziu e Outras Estórias**, com o selo da José Olympio Editora. Estilo vivo, audacioso, pronto a correr seus riscos! Grande colorista de escolha e a eles costuma voltar sem enfado. Criaturas vivas, animando-lhes os enredos, ele as tem como, aliás, todo aquele que narra. [...] **Tiziu e Outras estórias** venceu galhardamente. A crítica renovou-lhe notas elogiosas. Nelson conquistou o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. [...]

O vitorioso da curta narrativa, contudo, não se deu por satisfeito e fez imprimir o romance **Cabeça Torta**. Sente-se-lhe o mesmo fôlego de narrador. Traços autobiográficos são notados. O próprio romancista, em carta a Cosette de Alencar, lembra a encarnação dele em Juvenal, conforme se lê em depoimento, sobre Nelson de Faria, publicado no Minas Gerais de 6 a 13 de julho de 1968, pela brilhante colaboradora do **Diário Mercantil** de Juiz de Fora. [...] O ficcionista estava no propósito de prosseguir nas criações literárias. Ainda em carta a Cosette de Alencar, segredava ele estar retocando uma história, cujo nome ainda não fixara. Seria provável Lulu Fogacho, talvez Aldeia ou Arraial. E a sua tenda de trabalho, confirmava, era a fazenda de Itaporanga, nas vizinhanças de Belo Horizonte. À filha de Gilberto de Alencar, Nelson, praticando sua reconhecida modéstia, externava que essa alentada novela lhe consumia horas de árduo esforço, como tudo o que saía de sua pena: suava (o que decerto não correspondia à realidade). A morte surpreendeu-o a compulsar papéis, no gabinete do Banco da Lavoura, no dia 25 de março de 1968, data em que já se achavam em lineamento novas criações literárias. Nelson foi acadêmico que se envaidecia do título e que procurava dar à ilustre Companhia assiduidade e interesse. Bem se revelou sua afeição profunda pela Casa de Alphonsus de Guimaraens, no prêmio Academia Mineira de Letras, a ser conferido anualmente. Instituído com recursos por Nelson doados, evidencia mais uma vez sua modéstia. Nelson proibiu que seu nome se ligasse ao prêmio e, pressentindo que após sua morte pudesse ser contrariado esse propósito, selou aquela proibição com um dos dispositivos do regulamento da láurea em apreço. [...] Propus-me fazer sóbrio discurso, que fosse cunhado por vivacidade de espírito, por precisão de pensamento, por lucidez e síntese, por ardores de temperamento, por lucidez e síntese, por ardores de temperamento, por linguagem clara, simples e direta, discurso que se aproximasse das altitudes intelectuais desta assembleia. [...] As academias inspiram, além do profundo reconhecimento, dúvidas a quem delas recebe a mais alta distinção oferecida àquele que é chamado a situar-se na grande esfera intelectual. Por isso, há desconcerto emocional no eleito, quando se apresenta perante os egrégios confrades da sábia Confraria. Minha afetividade é batida por ondas mais fortes, no turbilhão sentimental que me envolve, a cada instante, nesta encantadora solenidade, quando volvo o olhar para a placa de bronze que se colocou neste salão e na qual se lê: 'Ao Prefeito Otacílio Negrão de Lima, seu benfeitor, o reconhecimento da Academia Mineira de Letras. Senhores

acadêmicos, ao tomar assento na cadeira 21, desejo assegurar que vossa desvanecedora parceria e o frequente contágio de vossa cultura me tornarão de votado acadêmico e mais atento servidos do espírito. Honro-me em ser um dos titulares da Academia Mineira de Letras. Crêde-me: elevo até vossa fina sensibilidade meus mais emocionados agradecimentos” (LIMA, 1969).

ANEXO C – 80 MULHERES NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, POR CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Fotos de Sebastião Maranhão

Salgueiro

o que é que a Bahia tem



80

mulheres na academia

Carlos Drummond de Andrade

Nada de maracatus com caboleiras brancas de farinha de trigo; os mil e quinhentas mulheres da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, domingo que vem, vão destilar é de balana, "exclusivamente de balana". E sem nenhum destaque também porque, além disso, o destaque não será individual, mas sim da categoria de samba: Salgueiro está de olho no primeiro lugar.

E, para garantir o prêmio, os sambistas de Salgueiro estão fazendo muita fé na inspiração do samba erético, que é uma adaptação a todos os santos que abençoam a Bahia de Todos os Deuses, uma vez que a homenagem da Escola, neste carnaval, é para a Boa Terra.

A última vez que o Salgueiro venceu no campeonato foi em 1963, com o seu Hércules de Leberde. E a primeira vez foi em 1963, com a Chica da Silva, que ficou famosa e desta vez será balana também.

A VEZ DE SALGUEIRO

A Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro (três mil sambistas, uma bateria de 250 figurantes) será a oitava a aparecer na Avenida. Jorginho, o grande sambista, é quem comanda a bateria e quem mantém o ritmo dos ensaios que, desde sexta-feira, são diários e até de madrugada.

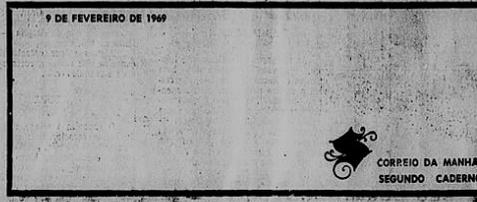
Outra novidade da Acadêmicos do Salgueiro são o mestre-sala e a porta-bandeira mística, Franciquinho e Maria Cristina. Em matéria de gente grande, quase todos são famosos no Salgueiro, que tem Gasolina, o pastista explosivo, e mais Paula, Narcisca, Glorinha. E as Cabanas do Ritmo que, vestidas de balana, cheias de vidrilhos, turbantes no cabelo e carregando o nome de cabanas, serão uma espécie de sagittaria do tropicalismo.

E ABRAM ALAS

Os Soberanos do Samba, Comigo Ninguém Pode e Os Barões são as alas mais famosas da academia de samba do Salgueiro. De cada uma delas uma homenagem especial à Bahia, tema da escola, inspiração dos seus compositores Baliz e Manoel Rosa, que fizeram esta música para todo mundo cantar (e a escola ganhar):

"BAHIA DE TODOS OS DEUSES"

"Bahia os meus olhos estão brilhando
Meu coração palpitando
De tanta felicidade
E a ruína da beleza universal
Muito querido Bahia
Muito antes do império
Foi a primeira Capital
Prão Velho Benedito já dizia
Felicidade também mora na Bahia
Sua história, sua glória
Seu nome é tradição
Bahia do velho mercado
Subida da Conceição
Eis tão rica em miséria
Tem cocas tem currucho
Famoso picaretagem
Terra abençoada pelo Deus
E o petróleo a ferrar
Nôgo Buzina
Tabuleira de Quindim
Tudo dia ele está
No Ipiranga do Bonfim
No todaísta tem capoeira
Zem Zem Zem Zem Zem Zem Zem
Capoeira mata um
Bahia, Bahia,



Assom essa cara:
"Lectura diária de suas apredadas crônicas estranho que você ainda não tenha tomado posição quanto ao problema do ingresso feminino na Academia Brasileira de Letras. Frequentemente você sece las as mulheres em geral, em especial aos brancas, com ou sem sambas à mão. Por que não se define sobre a entrada das escritoras naquela sociedade literária? O assunto volta a ocupar os jornais, de maneira bem para frente. Já quase não se discute se as mulheres devem ou não ser mortais. O que está em pauta é como adaptar o Jardo acadêmico à literatura e sobretudo à esmagada feminina. O uniforme delas deverá ser encomendado à Cardim ou podemos confiar sua criação ao Demmer?"

Não estilo de você papale neste ponto, mais México do que cultura, mas expõe seu pronunciamento sobre a reivindicação em si, até hoje contrariada pelo sr. Associação de Alade, que pelo visto preside a concórdia feminista em matéria de charme e formosura. Não posso crer que na era das mulheres consensuais as cavalheiras queiram reservar-se o privilégio de sentar-se em poltronas verdes, detendo as senhores de pé e no sereno.

A meu ver, urge uma comissão de esclarecimento para demonstrar que os homens já constituem minoria em todos os setores de atividade, mesmo o político, que ainda está inativo (só se arriar, se as mulheres tomassem conta dele). Nas letras, temos um talpe feminino capaz de formar não uma, porém cinco academias de quareris poltronas. Quando se fala em mulher na Academia, vêm à baila involuntariamente os nomes de Rachel, Dinah e Clarice. Claro que são expoentes máximas, mas se tem a impressão de que o movimento revolucionário acadêmico da mulher é só para fazer essas três grandes escritoras tomarem lugar entre Castanho Ricardo e Marques Rebelo. Não, nem elas pretendem isso. O que se deseja é o acesso normal de toda escritora de valor na Casa de Machado de Assis. E para que você não divulgue da fúria e qualidade do nosso pessoal, dou-lhe 80 nomes, prometendo dar mais 120 depois de consultar pessoas de confiança nos Estados:

- Ana Amélia — Alice Brant (Helena Morley) — Angela Vaz Leda — Alina Palm — Adalgisa Nery — Alade Lisboa — Adalide Peters Lesa. — Bárbara Hilladora — Berta Lutz. — Carolina Nabuco — Carmen da Silva — Colina Ferreira — Clarice Lispector — Cleonice Berardinelli — Carmelinda Goulhier — Colette de Alencar — Cita Marizaga. — Drica Ricard — Dora Vasconcelos — Dora Ferreira da Silva — Dinah Silveira de Queirós — Dulce Ledolf. — Enzida — Eni Bulhões de Carvalho — Edna Savary — Elise Zagary. — Glória de Melo e Sousa — Gilza Machado. — Hilda Alberto Torres — Henriqueta Lázaro — Hilda Hill — Hilda Jobim. — Irana Tavares de Sá — Ieda Leite Linhares — Ilka Brumhilde Laurio. — Judith Grossman — Jenny Dreyfus. — Lygia Fagundes Telles — Luíza Luis Carlos — Lúcia Corrêa de Araújo — Lúcia Resouche — Lúcia Benedetti — Lúcia Perone Molist — Lúcia Machado de Almeida — Lúcia Barreto Leite — Lívia Pereira — Lúcia Coelho Cruz — Sr. Leonardo Dupré — Lúcia Cotrim Garauze — Lúcia Boechat Rodrigues — Lívia Clória Dutra. — Maria Clara Machado — Maria Helena Cardoso — Maria de Oros Prieto — Marly de Oliveira — Maria Alice Barreto — Maria Lopes Casado — Maria Inês Cordeiro da Costa — Maria Jacinta — Maria Lúcia Lepski — Maria Junqueira Schmidt — Maria Luiza Ramos — Maria de Lourdes Teixeira — Maria Inês Souto de Almeida — Maria Isabel. — Nise da Silveira — Nelly A. de Almeida — Nelly Moraes Coelho. — Rosalina Coelho Lisboa — Raquel de Queirós — Rosita Polidetti — Ruth Guimarães. — Sula Leonardi. — Vera Pacheco Jordão — Vera Molitka — Vânia Reis e Silva. — Wilma Guimarães Rosa. — Yara Simião — Yara Rodrigues. — Zila Mamede — Zuleira de Queirós Brezner. — Nise é só João Salimiana que escreve bem. Vá que timar? Cordialmente, Antonina Batista."

ANEXO D – NÚMERO ESPECIAL DO SLMG SOBRE EMÍLIO MOURA

CANTO A
EMÍLIO MOURA

Adônis MOREIRA

A cada hora a infância se descobre.
O caminho perdido a perdida rosa
a estrêla mais alta
sempre mais alta
que só sua mão pode alcançar.
Busca do tempo onde o tempo é pura essência
aquêlo fino mistério de ser.
Tudo reflete o espelho
superfície em fumo
que o cristal só se revela à sua musa.
Amôres indaiás e de outras praías
indeavassáveis a demais cobiças.
Onde as cinzas cobrem ainda há reverdeceres
ainda há surpresas de rosas
ainda um lírio pronto para acontecer.
Poeta mais mineiro e mais guardado
lisa pedra de onde a água flui
orvalhando nossas roças desprovidas.
Qual mais severo no contido verso?
Alguém o chamou Palma Severa.
Palma sim. Punhal do fustê
e fronde aberta à interrogada infância.

DADOS BIOGRÁFICOS

Emílio Guimarães Moura. Nasceu em Dores do Indaiá, Oeste de Minas, em 14 de agosto de 1902. Filho de Eloy de Moura Costa e de Cornélia Guimarães Moura, já falecidos.
Fêz o curso primário nas cidades mineiras de Bonfins, Despacho, Carmo da Mata e Cláudio. O secundário, inicialmente no Instituto Guimarães, em Dores do Indaiá, completando-o no antigo Ginásio Mineiro, hoje Colégio Estadual. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da U. M. G.
Ao transferir-se, em 1920, para Belo Horizonte, passou a integrar o brilhante grupo de jovens intelectuais que logo iriam participar da "movimentação modernista". Dêsse grupo faziam parte, entre outros, Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos, Aníbal M. Machado, Abgar Renault, Pedro Nava, Gustavo Capanema, Mário Casassanta, Martins de Almeida, João Alphonso, Gabriel Passos, Eurýzulo Camarava. Juntamente com dois desses — Drummond e Martins de Almeida — fundou em 1925, "A Revista", primeiro órgão literário do movimento modernista em terras mineiras.
Até 1928, já no último ano do curso de Direito, é Emílio Moura nomeado professor de História e de História da Civilização da Escola Normal Oficial de Dores do Indaiá, onde volta a residir até princípios de 1931, quando se casa, transferindo-se, de novo, para Belo Horizonte. Reiniciou, aí, sua atividade de jornalista, passando a colaborar em vários jornais e revistas, não só de Belo Horizonte, como ainda do Rio e de S. Paulo.
Até 1942, dividiu a sua atividade entre o jornalismo, a poesia e a burocracia. Ingressou, nessa época, no magistério superior, tendo sido professor, durante vários anos, primeiro da cadeira de História

das Doutrinas Econômicas e, em seguida, da de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia da U. M. G.
Em 1945, juntamente com um grupo de professores, fundou em Belo Horizonte, a Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais da qual é catedrático e foi o primeiro diretor.
E, M. já ocupou ainda os seguintes cargos: redator do "Minas Gerais", secretário do Tribunal de Contas e do Departamento Administrativo de Minas Gerais, diretor da Imprensa Oficial do Estado, e superintendente do Departamento de Educação da Secretaria da Educação.
Com o livro "O Espelho e a Musa", publicado em 1949, obteve Emílio Moura o prêmio de poesia, instituído no ano anterior pelo Governô do Estado. Vários de seus poemas já foram traduzidos para o francês, inglês, italiano, alemão e castelhano.
Já publicou os seguintes livros:
INGENUIDADE, 1931.
CANTO DA HORA AMARGA, 1936.
CANÇONIEIRO, 1945.
O ESPELHO E A MUSA, 1949.
POESIA, 1953.
O INSTANTE E O ETERNO, 1953.
50 POEMAS ESCOLHIDOS PELO AUTOR, 1961.
A CASA, 1961.
A publicar:
DESAPARECIDA DO MITO HABITANTE DA TARDE NOITE MAIOR
É membro da Academia Mineira de Letras, onde ocupa a Cadeira n.º 20, cujo patrono é o poeta e escritor mineiro Artur Lobo.

EMÍLIO MOURA -
ALGUMAS FONTES
PARA
O ESTUDO CRÍTICO

- FRIEIRO, Eduardo. Emílio Moura. *Ingenuidade. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-8-1931.
MENDES, Oscar. Um poeta e sua alma de criança. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16-8-1931.
ANJOS, Cyro dos. Um poeta sem Freud. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23-8-1931.
DELGADO, Luis. Alguma poesia e Ingenuidade. *A Notícia*, Recife, 10-9-1931.
ANDRADE, Mário de. Ingenuidade. *Revista Nova*, São Paulo, dezembro de 1931.
MATOS, Mário. Cosmogonia espiritual. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25-12-1931.
DANTAS, Pedro. Crônica literária. *A Ordem*, Rio de Janeiro, janeiro-1932.
SAEZ, B. Sanchez. Emílio Moura. *Crítico*, Buenos Aires, 19-5-1932.
MIRI, Heitor F. Canto da Hora Amarga. *Claridade*, Buenos Aires, abril, 1935.
FIGUEIREDO, Paulo Augusto de. Um grande livro de um grande poeta. *A Nação*, Belo Horizonte, out.-1936.
MARTINS, Cristiano. O poeta e o Canto da Hora Amarga. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8-10-1936.
MACHEL, Gualter. Gontijo. Canto da Hora Amarga. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 11-10-1936.
SILVEIRA, Tasso da. Poesia de Emílio Moura. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11-10-1936.
MACHADO FILHO, Ayres da Mata. Canto da Hora Amarga. *Fôlha de Minas*, Belo Horizonte, 14-10-1936.
ALPHONSUS, João. Um poeta quase místico. *Fôlha de Minas*, Belo Horizonte, 18-10-1936.
MATOS, Mário. Emílio Moura e João Dornas Filho. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18-10-1936.
MENDES, Oscar. Canto da Hora Amarga. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18-10-1936.
ANJOS, Cyro dos. A mensagem lírica de Emílio Moura. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-11-1936.
GRECO, Agripino. Um poeta. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, dezembro-1936.
LEAO, Mício. Registro literário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8-12-1936.
PONTES, Eloy. Canto da Hora Amarga. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14-12-1936.
CARDOSO, Lúcio. Poetas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20-12-1936.
FARIA, Octávio de. Emílio Moura e Minas Gerais. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, 1937.
FRIEIRO, Eduardo. Canto da Hora Amarga. de Emílio Moura. *Letras Mineiras*, Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, 1937.
CAVALHEIRO, Edgard. A mensagem poética de Emílio Moura. *D. Casuarina*, Rio de Janeiro, 1.º-10-1938.
MENDES, Oscar. Poetas de Minas. *Cadernos da Hora Presente*, S. Paulo, junho, 1939.
FUSCO, Rosário. Um aspecto da poesia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6-11-1939.
CASTELO BRANCO, Wilson. Humildade diante da poesia. *Fôlha de Minas*, Belo Horizonte, 13-8-1944.
BROGA, Brito. O poeta e o mundo. *A Gazeta*, São Paulo, 7-12-1945.
ALVES, J. Guimarães. Nota sobre Emílio Moura e o Cancioneiro. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22-1-1946.
CARDOSO, Wilton. Emílio Moura e as lembranças de São. *Edifício*, Belo Horizonte, julho-1946.
FUSCO, Rosário. A valsa e a baça. *Vanguarda*, Rio de Janeiro, 7-7-1948.
MARTINS, Cristiano. O Espelho e a Musa. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 24-7-1949.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Palma Severa. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7-8-1949.
ALVES, J. Guimarães. O Espelho e a Musa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14-8-1949.
CESAR, Guilherme. Livros e idéias. *Provincia de S. Pedro*, Porto Alegre, set./dez., 1949.
IGLESIAS, Francisco. O poeta Emílio Moura. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11-9-1949.
MATOS, Marco Aurélio de Moura. A musa e o Espelho. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2-10-49.
CARDOSO, Wilton. O mito de Eliana. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9-10-1949.
MENDES, Oscar. Poetas e versatias. *O Diário*, Belo Horizonte, 1-1-50.
MACHADO FILHO, Ayres da Mata. Poesia da amada onipresente. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25-7-1950.
MILLET, Sérgio. Obra completa de Emílio Moura. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25-9-1953.
MONTENEGRO, Olívio. O poeta Emílio Moura. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23-10-1953.
MENDES, Oscar. Poesia (VI). *O Diário*, Belo Horizonte, 15-11-53.
ADONIAS FILHO. Um poeta. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21-11-1953.
MILLET, Sérgio. A obra poética de Emílio Moura. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21-11-1953.
LINHARES, Femistocles. Posição de Emílio Moura. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 3-1-1954.
AVILA, Afonso. O instante e o eterno. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 5-1-1955.
ADONIAS FILHO. Três livros de um poeta. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24-1-1957.
AVILA, Afonso. O processo crítico em Emílio Moura. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24-9-1960.
LUCAS, Fábio. 50 poemas escolhidos pelo autor. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25-1-1961.
LEAL, César. O poeta Emílio Moura. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27-1-1961.
FARIA, Octávio. Grandes momentos da poesia. Emílio Moura — 50 poemas escolhidos pelo autor. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 2-8-1961.
FARIA, Octávio. Poesia. A Casa, de Emílio Moura. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 23-9-1961.
BERNARDES Filho, J. O poeta e a Casa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1-10-1961.
LEAL, César. Emílio Moura. *Estudos Universitários*, Recife, jan./março-1967.

- ALGUMAS ANTOLOGIAS EM QUE FIGURAM POEMAS DE EMÍLIO MOURA
ANTOLOGIA da poesia brasileira moderna, São Paulo, Clube de poesia de São Paulo, 1953.
BANDEIRA, Manuel e CAVALHEIRO, Edgard. *Obras primas da lirica brasileira*. São Paulo, Martins, 1943.
BANDEIRA, Manuel e AYALA, Walmir. *Poesia da fase modernista*. Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1967.
BASTOS, A. D. Tavares. *Anthologie de la poésie brésilienne contemporaine*. Paris, Pierre Tisné, 1954.
CAMPOS, Paulo Mendes. *Forma expressiva do soneto*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde, 1952.
DARMANGEAT, Pierre e BASTOS, S. D. Tavares. *Introduction à la poésie ibéro-américaine*. Paris, Le Livre du Jour, 1947.
DOWNES, Leonard S. *Introduction to modern Brazilian poetry*. São Paulo, Clube de poesia do Brasil, 1954.
GUIMARÃES FILHO, Alphonso. *Antologia da poesia mineira da fase modernista*. Belo Horizonte, Cultura Brasileira Ltda., 1946.
LANTEUIL, Henri de. *La poésie brésilienne — 1930-40*. Rio de Janeiro, Alba, 1941.
LA VALLE, Mercedes. *Um século de poesia brasileira*. São Paulo, Casa Editrice Maia, 1954.
LISBOA, Henriqueta. *Antologia poética para a infância e a juventude*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966.
MAIA, Pedro Moacyr. *Poemas de amor*. Salvador, Caderno da Bahia, 1960.
MENDONÇA, Renato de. *Antologia de la poesia brasileira — Madrid*. Cultura Hispânica, 1952.
OLIVEIRA, José Osório de. *Liricas brasileiras*. Lisboa, Portuguesa.
OLIVEIRA, José Osório de. *Pequena antologia da moderna poesia brasileira*. Lisboa, 1954.
RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia moderna*. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1967.
SANTOS, Da Costa. *A mulher na poesia do Brasil*. Belo Horizonte, Mantiqueira, 1948.
SANTOS, Da Costa. *Nosso Senhor e Nossa Senhora na poesia brasileira*. Belo Horizonte, Mantiqueira, 1951.
SPINELLI, Raffaele. *Crœce del Sud, antologia di poeti brasiliani*. Firenze, Fratelli Bocca, 1954.

Número Especial organizado por Rui Mourão

ANEXO E – II FESTIVAL DE PIRAPORA

Para o observador literário que ainda não perdeu a perspectiva da realidade brasileira de uns 10 anos atrás, o acontecimento de um festival de poesia como o de Pirapora constitui fenômeno desconcertante. Por três dias consecutivos os que ali andaram puderam contemplar as barrancas do São Francisco — de austera vida interiorana, até bem pouco — de repente agilhadas por um furacão e transformadas em palco de audaciosas mostras de arte de vanguarda, sendo que o interesse da população, que literalmente abarrotava os auditórios, só fazia crescer à medida em que os trabalhos prosseguiam. Resultante que a iniciativa da promoção foi da Prefeitura Municipal e do Clube Literário Inácio Quinaud, entidade que congrega apenas a intelectualidade da terra, o que afasta totalmente a suposição de que a cidade terá sido apenas a base física de uma agitação cultural alienígena que, por acaso ou capricho, tenha escolhido a quietude do sertão vizinho do grande sertão de Guimarães Rosa para momentâneo centro de suas operações. Acreditem ou não os angustiados sofrendores das radicais transformações que o mundo atual atravessa, nos encontramos diante de algo incontestável: a arte de vanguarda mais descabada — o poema processo e quejandos — hoje faz parte da paisagem piraporana, do dia a dia de uma

população de pescadores que, com a mesma naturalidade com que amanhecem para mais um dia de trabalho, comparecem ao auditório do clube local para aplaudir o conterrâneo que lança livro revolucionário.

Mas o festival de Pirapora ainda pôde evidenciar um outro aspecto sumamente significativo e revelador das transformações por que tem passado a estrutura social brasileira: do encontro participaram representantes de várias cidades do interior de Minas, numa demonstração de que o fenômeno a que se assistiu, hoje é um fato generalizado e a caminho de empolgar uma comunidade inteira. Pirapora não é diferente de Divinópolis, que não é diferente de Cataguases, que não é diferente de Oliveira, que não é diferente de Patos de Minas. É claro que uma liderança — em base em Belo Horizonte — envolvendo tanto o movimento de "Tendência" como a decorrente fermentação cultural que produziu vários outros movimentos, até terminar no trabalho fecundo de orientação deste Suplemento Literário — é em parte responsável pela modificação do estado de coisas, mas o que não se pode substituir é a realidade da nova atitude mental brasileira, a capacidade de assimilação do que é revolucionário por uma população até bem pouco dominada por um entorpecimento medieval.

Não se está pretendendo di-

zer que, por um passo de mágica, os nossos redutos interioranos de repente assumiram uma consciência crítica de grande consequência e validade — o que mesmo nas capitais mais avançadas absolutamente não ocorre. O entusiasmo dessas coletividades pelos arrojos das experimentações artísticas frequentemente é repleto de ingenuidade: a ecologia que interroga com interesse o conferencista sobre o poema processo não sabe quem seja Carlos Drummond de Andrade — ignora a evolução da poesia brasileira do Modernismo para cá. Estariamos diante de um caso de mera inconsequência, nessa talvez desorientada sofreguidão por se apropriar de tudo o que parece mais acanhadamente novidadeiro? Na minha opinião, quem deseja realmente tomar conhecimento das grandes transformações que convulsionam a realidade contemporânea não pode se deter no exame superficial de um comportamento coletivo desta natureza e deve procurar compreender em que medida as novas possibilidades de comunicações, estabelecidas em nosso país, alteraram radicalmente as formas de vida local, a tal ponto que a mesma vontade de quebra de padrões, a mesma perplexidade produzida pelos arrojos tecnológicos que se verifica nos centros mais desenvolvidos do mundo está presente nas mais longínquas paragens do até bem pouco inacessível sertão brasileiro.



Môças carregaram em desfile, o nosso Suplemento

O QUE FOI O II FESTIVAL DE POESIA DE PIRAPORA

Reportagem e
nota de Rui Mourão

Como parte das comemorações do seu 57.º aniversário, Pirapora, à semelhança do que havia realizado um ano atrás, promoveu o II Festival de Poesia, nos dias 1.º, 2.º e 3.º do corrente mês, com a participação de numerosos escritores e artistas que procedentes do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Divinópolis, Oliveira e Patos de Minas, foram animar nas margens sanfrancescianas uma intensa agitação cultural, inclusive e sobretudo com o interesse voltado para as tendências mais arrojadas das vanguardas literárias contemporâneas.

O ponto alto do encontro foi a comunicação dos resultados e a entrega dos prêmios do concurso de poesia, em que se inscreveram concorrentes de todas as partes do país, num total de 490 trabalhos apresentados, tendo sido a comissão julgadora constituída dos seguintes intelectuais: Laís Corrêa de Araújo, Francisco Iglesias, Márcio Sampaio, Luiz Vieira e Rui Mourão.

OS PREMIADOS

Feita a identificação de autoria, foram oficialmente proclamados os seguintes ganhadores das diversas laúreas instituídas pela Prefeitura Municipal e o Clube Literário Inácio Quinaud: o 1.º lugar, "Prêmio Cidade de Pirapora", coube ao poema "Moldes & Molduras", de Plínio Guilherme da Silva Filho, de Belo Horizonte; o 2.º lugar, "Prêmio Carlos Drummond de Andrade", ao poema "Travessia", de Fernando Santana Rubinger, de Pirapora; o 3.º lugar, Prêmio Guimarães Rosa", ao trabalho "Poema" de Oswaldo André de Melo, de Divinópolis. Prêmios especiais do Clube Literário Inácio Quinaud foram conferidos aos 4.º e 5.º lugares, respectivamente conquistados por Regis Antônio Duarte Gonçalves, de Belo Ho-

zonte, com o poema "Aspreza", e Liara Marcia Furtado Rodrigues, também de Belo Horizonte, com o poema "Harmonia". Concederam-se ainda disso, numerosas menções honoríficas. O prêmio "Mario de Andrade", destinado ao melhor poema processo, foi conquistado por Lucílio Teixeira de Castro, do Rio de Janeiro.

Realizou-se também um certame de oratória de poemas, no qual se sagraram vencedores o conjunto de jograis integrado por Jussara Maria Angela, Sila e Mirla, de Pirapora que conquistou o 1.º lugar; Fernando Rubinger, pela melhor representação masculina; e Lucy Belmont, de Belo Horizonte, pela melhor representação feminina.

OUTRAS PROGRAMAÇÕES

Na abertura do festival, teve lugar um desfile alegórico realizado pelos estudantes locais, em que se representou a evolução da literatura brasileira, desde Manoel Botelho de Oliveira até as mais recentes manifestações da nossa vanguarda. Nota significativa e extremamente honrosa para nós foi o aparecimento de um bloco de jovens que marchavam carregando números dos nossos suplementos especiais.

Na sessão solene do primeiro dia, o prof. Francisco Iglesias fez uma conferência sobre o tema "A Consciência Crítica" e Afonso Avila lançou o seu livro recém-editado, *O Poeta e a Consciência Crítica*.

A pintora Ivone Etrusco realizou uma mostra das suas pinturas mais recentes e, no dia 3, Afonso Avila, Laís Corrêa de Araújo, Angelo Oswaldo e Rui Mourão foram distribuídos pelos colégios da cidade, para entrarem em contato com os alunos e realizarem conferências.

ANEXO F – OS ESQUECIDOS DE MINAS

Convidado pelo Senador Hédrard, então diretor de TEMPS, para responder pela crítica literária do famoso jornal, Anatole France confessou-se surpreendido com o convite. Justamente o tom com que manifestou seu espanto denotava, efetivamente, mais admiração que contentamento. Impellido pelas circunstâncias, acabou Mr. Bergeret por dar conta do recado, talvez um pouco *malgré soi*. Fato é que, da reunião dos pequenos folhetins de crítica por ele fornecidos regularmente ao jornal de Mr. Hédrard, iria resultar uma das mais deliciosas coleções do gênero nas suas volumes de LA VIE LITTÉRAIRE que agüentam ainda, nestes dias de Lukács, uma re-leitura atenta. No prefácio de obra, endereçado exclusivamente ao mesmo Mr. Hédrard, Anatole apanhou uma série de conceitos que não podem ser tidos como superados. Os rancios críticos de literatura que, ainda hoje, exercem o gênero, nada perderiam em passar os olhos por estas páginas empastadas de poesia. A poesia é toda exterior, diz respeito à sua idade, não à sua velhice. Admitido, não sei se com alguma hipocrisia, parece-lhe "placêsage de planter des choux que de faire des livres" o criador de Sylvestre Bonard considerava ser grande miséria não poder a gente sair de si mesmo ("La vérité est qu'on ne sort jamais de soi-même"). Cada qual é prisioneiro de si mesmo, e não são só os indivíduos que sofrem esta lei inelutável; também as comunidades não escapam a seu império.

E é porque, desgraçadamente, não pode fugir o escritor de Minas ao inglório destino de frustração que parece ser o seu. Frustrado, sim, porque fala-lhe tudo para realizar-se victoriosamente como profissional; não possui editoras, não possui padrinhos na Corte, não possui aquele jeitinho especial capaz de anular a distância que separa a província das Gerais dos grandes bairrões da Guanabara. Outros pelos menos batálvos, mas ainda assim atitudes de São Paulo. O escritor mineiro só possui a seu favor uma indiscutível capacidade de escrever bem. Minas era até bem pouco tempo atrás, e notoriamente, a província onde melhor se escrevia no país, onde o ato de escrever implicava em respeito às leis da gramática e aos princípios do bom gosto. Clássico por temperamento, introvertido por natureza, afogado à beleza da forma tanto quanto à limpidez do pensamento, mais conservador que inovador e, ainda assim, inovador cauteloso embora sempre original no bom sentido da palavra, o mineiro jamais se descolou de filtrar com atente cuidado as fórmulas avideamente. Crítico nato, nunca lhe faltou o senso de equilíbrio capaz de evitar deslizes de escorregadelas menos perfunatórios. Senso de equilíbrio ou simples bom senso, como se queira. As bossas, ditas novas, trabalhadas pelo mineiro enriquecem em conteúdo, quando não ganham autenticidade artística. Com tudo isto, e provavelmente com menos hipocrisia que Mr. Bergeret, ainda que certamente com muito mais amargura, o mineiro costuma opinar igualmente que mais vale planificar couves que escrever livros. (Em geral as fórmulas que élvoca é a de Candide, que o escritor mineiro tem quase sempre um fundo nitidamente voltaireano, embora o seu otimismo não possa ser considerado pauglossiano. Em todo caso, "cultivar sua jarreira" parece-lhe palavra de ordem muito respeitável, não apenas como filosofia, mas também como arte de viver.) Não obstante, o ofício literário exerce sobre ele fortíssima atração. Quanto menos ambiente encontra para desenvolver sua inata aptidão para os labores do espírito tanto maior é a avidez com que busca afiar o instrumental literário-artístico que julga possuir. Os autores inólfos são muito numerosos em Minas, alguns de boa qualida-

OS ESQUECIDOS DE MINAS

Cosette de ALENCAR

de, poucos de qualidade excepcional. Vocação para a clandestinidade parece sina da gente montanhosa. Fosse feita a este respeito uma estatística e seus resultados espantariam a chamada "intelligentsia" nacional: literariamente, Minas parece estar, em relação ao resto do mundo, atrás da Cortina de Ferro. Não só seus escritores são regularmente desconhecidos fora das fronteiras do Estado, como ainda não gozam de maior notoriedade dentro destas mesmas fronteiras. Em poderia, se o quisesse, citar pelo menos meia dúzia de escritores mineiros contemporâneos, cujo nome nada diz à faixa dos leitores mais bem informados do país. E são escritores de mérito digno não só de nacionalização mas até de internacionalização. Segundo a palavra humorística de um destes ignorados grandes valores de Minas "o mineiro não sabe administrar sua própria glória". Talvez não seja apenas um tímido, talvez seja, neste capítulo, um desajeitado total.

Dizia outro dia Marques Rebelo que "uma literatura vence pela média literária", média constituída de bons escritores, não extraordinários, não sublimes, não geniais. Importante, segundo o autor de OSCARINA, é haver "uma grande média literária". Em Minas, neste momento, esta média existe, ainda que marginalizada. Para dela poder causar choque, espanto, ou tristeza; ou tudo isto ao mesmo tempo, Mas é sobretudo triste verificar o fenômeno desta vocação do escritor mineiro para a clandestinidade.

Ilá, certamente, as excessões à regra, os mineiros também ascendem a glória literária. Não, em todo caso, se não se exclam de Minas. E até há o caso dos que, mesmo se exilando, e provando qualidade literária superior, permanecem à margem. Há no mineiro uma fobia acentuada pela auto-promoção, fobia ou averção ao ridículo, irônico por temperamento, não lhe escapa a inocuidade de certa badalada que o mineiro é comodista, levando a extremos o culto de seu conforto pessoal, entendido como total abstenção de atos tronizáveis com certo "modus vivendi".

Sim, é claro, Guimarães Rosa era mineiro, mineiro é Carlos Drummond de Andrade, transformados em mitos literá-

rios. Que tem isso? São exceções que só confirmam a regra. Em todo caso, tanto Rosa como Drummond exilaram-se, deixando para trás o chão de Minas. Foram ser mineiros no Rio de Janeiro. Não o tivessem feito, teriam chegado onde chegaram? Não chegaram, As montanhas vedariam a eles a ambicionada nacionalização. Realizariam a mesma obra, não realizariam a mesma carreira literária. A obra se fecharia no mesmo círculo clandestino de tantas outras obras de mineiros ilustres, e desconhecidos, não ilustres e desconhecidos. Um reparo: o mineiro, em todo caso, se não chega a mito, não desce a medalhão. Fica à margem, apenas.

Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Ciro dos Anjos, Abgar Renault, Afonso Arinos, Rodrigo de Melo Franco de Andrade, para só falar nos que venceram a clandestinidade, constituem sempre exceção à regra. Uns mais, outros menos, apareceram, brilharam. Mineiros todos, cheios daquela reserva peculiar ao montanhês, calado, secura, cara de poucos amigos. Outros venceram da mesma forma. Anibal Machado, por exemplo, sempre dezanado Minas para trás. E nem sempre vitórias totais. Ainda agora, de Roma, Murilo Mendes mandou para pelos brasileiros um livro de valor excepcional no setor da memorização; pois o livro de Murilo, original, civilizado, sóbrio, denso, elegante, passou em branca nuvem. Porque o Murilo é mineiro, está longe, não teve seus páuzinhos, está na cara. Escreveu o livro, publicou, entregou-o aos leitores. Processo civilizado, mas que ainda não se adapta ao figurino brasileiro. Um livro como este A IDA DE DO SERROTE, adulto, sério, é raro entre nós. Sendo de mineiro, e mineiro que vive distante, está condenado. Vai andar, mas vagarosamente a passo de tartaruga. E quem perde é a cultura nacional, indigestamente servida de leituras não do que mediocre. Muitos são os mineiros que, por mérito de obra realizada, direito teriam a notoriedade. Muito possivelmente, esse mesmo, que com tal injustiça sinceramente me desconheço grande parte dos escritores excelentes que vivem, neste Estado, à sombra e no silêncio de um perfeito anonimato. Minas possui falar de alguns deles, dois ou três, que che-

ci de perto, ou de perto conhecido ainda, cuja obra me familiar e cujo merecimento tenho por assentado, indiscutível e inexplicavelmente ignorado. Um deles é Gilberto de Alencar, romancista que apareceu maduro, com estilo próprio, equilibrado, castigo à linguagem e claro no pensamento. Escreveu cinco romances, um deles sobre Tiradentes, todos finamente escritos e excelentemente realizados. Poderia, contudo, Gilberto de Alencar ter escrito justamente apenas um destes romances, o primeiro por ordem cronológica, e ainda assim teria direito a figurar entre os melhores ficcionistas do país: seu MEMÓRIAS SEM BOVALHO obra clássica, exatamente um destes livros que aparecem de raro em raro, dão altitude a uma literatura e declinam-se à fatal universalização. E notas que não sou eu quem está falando desta fatal universalização: a expressão foi usada por Guimarães Rosa, que a confirmou a Geraldo França de Lima, depois de ler as referidas MEMÓRIAS. Estou apenas relatando um episódio que me foi contado pelo romancista, também grande romancista, de Araruama. Mineiro também. Mineiro do Rio de Janeiro também. Como explica o misterio da obra de Gilberto de Alencar, mesmo depois de editada no Rio, não ter ultrapassado uma pequena faixa de leitores, já que se trata de autor capaz de sensibilizar qualquer tipo de leitor? Penso que a explicação estará no que acabou de resumi. Morreu desde 1961, esgotado toda sua obra, quase desconhecido e qual teria dito Gustavo Capa-nema ser uma autêntica recriação da figura do protomártir da nossa independência), desconhecido igualmente MISABEL E MARIA RITA, RECONQUISTA E O ESCRIBA JULIA DE AZAMBUBA, o escritor continua a circular clandestinamente, com numerosas páginas figurando em antologias, razoavelmente ignorado da chamada intelectualidade brasileira, a despeito de ter merecido da crítica (nos anos da década de 40 e da década de 50, quando apareceram os romances de Gilberto, ainda havia crítica literária no país) acolhimento de mal dissimulado estupro. O caso de Gilberto, em certa época, espantou a Arripino Grites, tanto quanto à Raquel de Queiroz. Ambos manifestaram surpresa pelo fato do escritor mais que excelente não haver desperdiçado maior curiosidade do público pretensamente interessado na boa literatura. Por quê? perguntaram-se eles, Arripino e Raquel. Ah, mas Gilberto, nascido e criado em Minas, jamais de Minas saiu, em Minas viveu, em Minas escreveu, em Minas morreu. Seu mundo era Minas, seus romances são romances mineiros, a despeito de sua reconhecida universalidade. Talvez tenham, efetivamente, universalizarem-se: se o fenômeno ocorrer, culpe-se à chamada fatalidade histórica. Não será por falta de se ter feito tudo para enterrar a obra do escritor, ou de nada se ter feito para salvá-la do esquecimento. Uma coisa, si, vale a outra.

É Gilberto em caso isolado? Não, é apenas um caso entre numerosos casos mais ou menos iguais. Outro ficcionista mineiro, este morto outro dia ainda, de obra ainda válida, em linha muito diversa da de Gilberto mas igualmente preciosa para a cultura do país, o mesmo destino vendo: AGRIPA, VASCONCELOS, cuja fabulosa SAGA DO PAIS DAS GERAIS, ela só, deveria ter lhe garantido notoriedade nacional. São sete volumes, o último dos quais deverá aparecer como obra póstuma, cada um cuidando de um ciclo da história dos Geras, com ênfase ciclopoica. Agripa era gigantesco em forma, colorido, vida, poesia. Nugas talvez numerosas no setor da História, podem ser encontradas no vasto painel es-

guido pelo escritor de Matozinhos; elas não desmerecem o conjunto, que é de uma riqueza pictórica extraordinária. Agripa era um manancial inesgotável, escritor que a doença não invalidou para o ofício de escrever, escritor que mesmo amarrado à cadeira de inválido, não resistia à vocação e lá ao sacrifício de ditar as páginas que não podia redigir ele mesmo, de mãos indignas pelo artritismo paralisante. De FOME EM CANAAN a CHICO REL, passando por A VIDA DE FLOR DE DONA BEJA, GONGO, SOCO, SINHA BRABA E CHICA VIE MANDA, Agripa fez de tudo: história, romance, poesia, sátira, teatro, drama — e tudo bom. Dizer que nem foi lido seria exagerar: foi lido, e até muito lido; tal como sucedeu a Gilberto de Alencar. Apenas não marcou lugar ao sol da fama. Foi lido clandestinamente, continua a ser lido clandestinamente. Agripa, se viveu muito tempo longe de Minas, em Minas é que escreveu sua obra, pois em Minas se havia recolhido quando a doença começou a fazer-lhe exigente cárcere. Escrita em Minas, editada em Minas, sua obra situou-se no lado da obra dos outros mineiros injustiçados. Vai andar, é claro, pelos próximos pés, morosa e preguiçosamente. Talvez Agripa, como Gilberto, escritores natos, sejam daquele tipo a quem refere Marques Rebelo? "Há o escritor nato, permanente, que não vende muito, mas está permanentemente impulsionado a literatura, está presente à literatura". Sim, parece bem ser o caso destes dois, e dos outros todos que, em Minas, vêm servindo a impulsionar a literatura", bancando o pato do negócio. Negócio, mesmo, para eles, as letras não foram o forte, mas negócio. Disto sei eu, que sou filha de Gilberto e fui da intimidade de Agripa. Falo, portanto, de cadeira.

Assim sucede aos mineiros. Poderá suceder igualmente a fluminenses, baianos, gregos e trolanos. Se sucede, não sei. Sei só dos mineiros. E isto me basta.

O mesmo Marques Rebelo sustenta que, hoje, "todos estão entendendo muito bem a coisa literária, a coisa artística". Então, é esperar com paciência: a obra dos mineiros esquecidos haverá de soar. A Gilberto de Alencar e Agripa de Vasconcelos isto de nada adiantará: as glórias que vêm tarde já vêm frias, disse o outro. Mas adiantará, por exemplo, a Eduardo Frieiro, mestre do ensaio e da crítica, pequenino gigante de cultura poliforme e autêntica (cultura no duro, nada de enlatado do "reader's digest"), auto-didata, de formação teórica mas rabelaisiano no riso e universal no tom grave, que ecôa de modo ultra-civilizado, Conhecido respeitável de duas ou três literaturas (sobretudo da espanhola), clássico e civilizadíssimo, mestre Frieiro, a despeito da obra singular, digna de estantes de erudição insuspeita, também a vó molando em silêncio, mais ou menos ignorada, conhecida e admirada apenas de uma pequena elite. Se fosse autor de ensaios apenas, via lá; o ensaio sério não é prato do trivial do nosso leitor médio. Mas Frieiro é romancista, e bom, crítico literário delicioso, de leitura saborosíssima. Então? Quem o mandou recusar os numerosos convites que recebeu para rendosas sinucações no Rio ou em São Paulo? Optou por Minas, em Minas viveu, em Minas vive melhor com seus livros, escrevendo, escrevendo, escrevendo.

Resta o consólio: os mineiros de que falei, e os que cujo nome não citei, "estão impulsionando a literatura, estão presentes à literatura". Antes isto do que nada. E, afinal, o mesmo pode ocorrer no mundo inteiro, até na China. Ah, mas a que se refere com a palavra é o nosso Mário Quintana: "Por pior que seja a situação da China. Os nossos autores doem mais e mais". De acôrto.

ANEXO G – COMISSÃO DE JULGAMENTO DAS PUBLICAÇÕES DA IMPRENSA OFICIAL

MODERNISMO COMO RELAÇÃO EU-TU

Silviano SANTIAGO

Edgard Pereira dos REIS

A grande-guerra ensinou aos jovens olhar para a nossa terra. Esquecer o estrangeiro a Europa. E olhar para a realidade: Brasil; economia, política, cultura. Tanto que, cessadas as ruínas da guerra, levantam-se nos centros culturais o movimento renovador. Até a política participou, começando a se dividir do sistema caracterizado pela oligarquia rural; o interesse pela imigração. Mas a grande revolução era pelo homem brasileiro, por exprimir o seu sentimento do mundo, por encontrar o achado interpretativo da poesia-plural-brasileira. É nesse sentido que o Modernismo não é só acontecimento literário, mas tomada de consciência, tomada de posição de todos os autores pela realidade brasileira.

A posição da literatura foi decidida: seria o porta-voz de todas as lutas que ocorriam nas outras manifestações humanas. O caráter básico do movimento-equipe de 22: o social, a causa-humana, o artista confundido com o povo, sentido nas lutas e anseios, nas injustiças e cansaços sociais. Arte engajada, contra a arte pela arte do Simbolismo. Tornava-se necessário transcrever o drama brasileiro em novas dimensões. O artista descobre que os problemas universais ultrapassam os seus próprios problemas. (A evolução de Drummond de Alameda Faria e Brejo das Almas para O Sentimento do Mundo). O movimento concretiza a necessidade de reforma da comunicação. Diante de novas formas de comunicação, cinema e TV, as formas tradicionais não podiam ficar fechadas num observador vasto. Oswald de Andrade chama a atenção para o cinema: «A cinematografia é a criação artística mais representativa de nossa época. É preciso observá-la e lê-la».

(1) Observe-se a técnica desse mesmo autor:

«Fotógrafo ambulante
Fixador de corações
debaixo das blusas
Album de dedicatórias
Maqueiras
Tua objetiva pica-pica
Namora
Os sorrisos contidos
Es a glória
Oferenda de poeta às dúzias
Tripeca nos logradouros públicos
Canião silencioso do sol.» (2)

Em Mário de Andrade, a técnica eu-tu realiza-se na própria estrutura dos poemas, na atitude interpretativa (já usada por Machado de Assis):

«Você já leu São João Evangelista? Wait
Whitman? Mallarmé?
Verhaeren? (...)»

Letor:
está fundado o Desvairismo. (...)
Você está reparando de que
maneira costume andar sózinho.» (3)

Na «Ode ao Burguês», empresa técnica os parnasianos não compreenderiam nem em anúncio de jornal: enérgicas, «foras», «fus».

Avançando a técnica de comunicação, João Guimarães Rosa usa novos processos. «O caso é que todo artista, todo escritor, todo poeta, por mais orgulhoso que seja, precisa de comunicação humana, tem de se dirigir a um público, mesmo que esse público seja de cretinos na sua opinião.» (4)

Volta-se em G. B. duas experiências que demonstram sua preocupação em se comunicar efetivamente: a remodelagem de cenas sentenças e a rejeição de velhos esquemas formais da linguagem. «Propõe uma nova mecânica expressiva e valoriza a função do gesto, para tomar apenas

um aspecto entre inúmeros (técnica cinematográfica):

«Dançando então, dançando vão as casas todas em procissão.» (5)

«Eu tirei a cara da janela, e só ouvi as balas que assobiaram, cinco vezes, rua a fora, do infante, com o zunido de arames esticados que se soltam. — E quando espiei outra vez vi exato: Targino fixo, como um manequim e Manuel Puló pulando nele e o esfaqueamento, pela altura do peito — tudo com rara elegância e suma precisão. Targino girou na perna esquerda, ceifando o ar com a direita; capotou; e, desviveu, num átimo.» (6)

Enquanto as interpretações variam, encontro aí uma autêntica literatura como relação eu-tu. E as condensações como que convidam o leitor a interpretar: luns gonhosos — pervive — competencem — eslevantar — desalegrada — arageava — ohiázul, etc... Tradutor da realidade, o artista precisa às vezes dar nome às coisas, como se fosse pela primeira vez. É a dinâmica da arte de hoje, quando palavras ou expressões perdem a força e se faz necessário uma redenominação.

- NOTAS:
- (1) ANDRADE, Oswald de Farias Reunidas de O. A. — Dir. Europa do Livro, SP, 1968, prefácio de Haroldo de Campos.
 - (2) IDEM, pág. 84.
 - (3) ANDRADE, Mário de Farias Completas, SP — Liv. Martins — 1955 — prefácio.
 - (4) FREIRE, Eduardo: Os livros nossos amigos — Liv. Inconfidência — S/A, s/ data, BH, pág. 35.
 - (5) ROSA, Guimarães: Sagarana, José Olympio, 2a. edição, pág. 83.
 - (6) IDEM, pág. 297.

EDIÇÕES DA IMPRENSA OFICIAL

Através do Decreto n. 12.099, de 9-10-69, foram regulamentadas as edições de livros pela Imprensa Oficial do Estado, que até aqui vinham se fazendo sem sistematização a despeito dos inestimáveis serviços prestados à cultura mineira. Ficou nele estabelecido que a Imprensa Oficial negociará no mercado comum de livros editado de quarenta por cento das tiragens que não importarem em qualquer ônus para os autores. A medida se constitui um ponto de partida para a organização de autêntica editora, com perspectiva de possibilitar ao autor mineiro a efetiva distribuição e circulação de suas obras.

A COMISSÃO

O Decreto n. 12.099 instituiu uma Comissão de Apreciação do Mérito das Publicações, composta de cinco membros, que deverá se reunir duas vezes por mês a fim de organizar a programação de cada ano, a ser apresentada, impreterivelmente, até o dia 30 de junho. Para compô-la, o professor Paulo Campos Guimarães, diretor da Imprensa Oficial, designou, através da Portaria n. 459, de 10-10-69, os escritores Murilo Rubião, Luis Corrêa de Araújo, Aires da Mata Machado Filho, Emílio Moura e Odair de Oliveira. Reunida imediatamente, a Comissão organizou as instruções básicas complementares do Decreto, ora contidas na Portaria n. 468, de 1-11-69, que transcrevemos:

- 1 — A Comissão reunir-se-á duas vezes por mês, em data previamente marcada pelo seu Presidente, que ficará encarregado de encaminhar ao Diretor da Imprensa Oficial as folhas de presença, para os efeitos do art. 8.º, parágrafo 1.º, da Lei n. 5.189, de 19 de maio de 1969.
- 2 — Os originais recebidos serão distribuídos equitativamente

aos membros da Comissão, por ordem de recebimento. Cada membro dará seu parecer em relatório que será examinado em reunião, constando de ata o resultado final do julgamento.

3 — Ao Presidente do caberá o Voto de Minerva.

4 — Em face da obra que lhe for distribuída, é sempre facultado ao relator arguir suspeição.

5 — Na programação editorial a que se refere o art. 3.º do Decreto n. 12.099, de 8 de outubro de 1969, a Comissão poderá contemplar um ou mais gêneros literários.

6 — Os originais concorrentes deverão ser encaminhados ao Presidente da Comissão, nos dias úteis, no horário de 8 às 10 e de 14 às 18 horas, acompanhados de requerimento do qual conste o endereço completo do autor, observadas ainda as seguintes condições:

- a) deverão ser apresentados um original e duas cópias, datilografados em papel ofício, capa dura, com ampla margem e o seu recebimento será protocolado em livro próprio;
 - b) poderão versar qualquer gênero literário, mas os de caráter polêmico, religioso, político ou que atentem contra a moral pública somente serão submetidos a julgamento da Comissão, ouvida a Direção da Imprensa Oficial;
 - c) apenas autores mineiros poderão concorrer aos benefícios do Decreto n. 12.099;
 - d) uma vez entregues à oficina, os originais não mais poderão ser modificados pelo autor.
- 7 — A programação editorial de cada ano incluirá apenas originais recebidos até 30 de abril.
- 8 — A aprovação ou não de originais será comunicada ao autor.
- 9 — Os originais não procurados até três meses após o julgamento final serão incinerados.

10 — Salvo autorização expressa do relator e da Comissão, o autor não poderá reproduzir, em livro ou jornal, os pareceres emitidos sobre os seus originais.

11 — Os livros constantes da programação editorial definida pelo Decreto n. 12.099 deverão trazer obrigatoriamente, em sua última página, menção de que os originais foram selecionados e aprovados pela Comissão e no lugar próprio, estampará o rótulo Edições IP — Imprensa Publicações.

12 — A revisão final das provas de impressão do livro ficará a cargo do autor, que dará o seu imprimatur.

13 — As despesas com desenho de capa, ilustrações, clichês e plastificação correrão por conta do autor.

14 — Em qualquer hipótese, a Comissão deverá aprovar a feição gráfica do livro, o desenho da capa e as eventuais ilustrações.

15 — O parecer final da Comissão, no caso de edição gratuita, será encaminhado pelo Diretor da Imprensa Oficial ao Governador do Estado, para a devida autorização.

16 — A Imprensa Oficial destinará uma sala especial para a exposição e venda da quota que lhe cabe das edições dos livros aprovados, e onde poderão ser adquiridos também o Suplemento Literário e a Revista Minas Gerais, sem detrimento do disposto no art. 5.º, parágrafo único, do Decreto n. 12.099.

17 — Os originais presentemente em poder da Imprensa Oficial e cuja publicação ainda não tenha sido autorizada pelo Governador do Estado serão devolvidos aos seus autores, para que sejam enquadrados nas disposições deste Regulamento, nos termos do art. 8.º, parágrafo 3.º, da Lei n. 5.189.

18 — Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão, ouvida o Diretor da Imprensa Oficial.

e a a

pe
pedra
alfa

alva
pedralva

alça
alvo

pedralvo
percalço

ares

mares

pe selva

aves

alvores

flores

pedralvares

draiva

alg

aves

pedra

pedralvarescabral

ANEXO H – PREFÁCIO DE MOACYR ANDRADE PARA O LIVRO **MEMÓRIAS SEM MALÍCIA DE GUSTESTEU RODOVALHO**

As qualidades de romancista de Gilberto de Alencar, apreensíveis pelo leitor capaz em seus romances, pelo que revelam do poder do ficcionista para transmitir a emoção que em geral se busca nos romances e por algo mais que tem a virtude de assinalar-lhes a permanência no espírito, mesmo quando o livro já lido volve à estante, - essas qualidades conjugam-se em **Memórias sem malícia de Gustesteu Rodovalho**. Daí, o sucesso alcançado pelo livro de parte do que costumeiramente se chama “favor público”. Tal favor público, em verdade não é favor algum do público inteligente que lê, mas somente reconhecimento do leitor de estar diante de trabalhos que nutrem, com a força de tornar o leitor participante da obra que lê, em misteriosa simbiose.

Em **Memórias sem malícia de Gustesteu Rodovalho**, a presença dessa força se assinala pela atenção especial que tem marcado a carreira desse romance já em três edições [...] que a Editora Itatiaia lança – dando-lhe características artísticas especiais. Na obra de romancista de Gilberto de Alencar, situado em altiplano nas nossas letras, esta contém o máximo da personalidade do autor, de modo que, ao elaborá-la, ia corporificando nas páginas o seu ser, a sua filosofia, em transmissibilidade direta e sincera. Tem, assim, este romance de Gilberto um “quê” especial para prender o leitor pela densidade filosófica e humana. Porque há uma filosofia em Gustesteu Rodovalho. Tirada de escolas ou imbuídas por elas, através de conhecimentos do Gustesteu autodidata? Etiquetá-la como pertencente a um dos departamentos da Filosofia não seria pesquisa frutuosa, porque de resultado incerto e contraditório.

Há sem dúvida, uma filosofia apreciativa que se colhe no correr da leitura do trabalho, e não com espanto – como novidade – mas como prazer do encontro. Satisfação concordante, porque o leitor, ainda que diferente, na vida que levar, do Gustesteu Rodovalho, que se autobiografa nas Memórias, se sente interpretado por ele, pensando como ele, filosofando como ele, em face das coisas da vida e do mundo.

O autor consegue, nas páginas autobiográficas de Gustesteu Rodovalho, dar um romance, parece que distraidamente, como se não fora esse o seu propósito, mas tão somente a narração íntima do depoente rememorativo, historiador de si mesmo,

em um caderno não destinado à publicação. Acontece, entretanto, que esse Gudesteu Rodovalho, que nem sequer se considera um letrado, pois a caminhada na trilha do jornalismo na **Voz do Povo**, de Prados se esfumara, por acontecimentos que surgiram pelo acaso, sem qualquer procura, teve de rumar seu “trem da vida” para outros lados, distanciados daqueles sonhos da juventude de ser um dia um “nome” nas letras. Serão, então, memórias de um frustrado? Não há sinal disso no depoimento de Gudesteu, pois a vitória na vida do filho do alfaiate pobre, mas honrado e bem organizado, da “tesoura fiel”, é fato presente ao leitor por obra do destino, porque foi o destino que sempre imperou na vida do menino e do homem pela teia de acontecimentos, como que a empurrá-lo, vencendo-lhe a timidez. Enriqueceu, sem procurar fortuna, duvidando muito dela e mesmo sem apetite para os tesouros materiais.

Entretanto, no íntimo, Gudesteu, a quem a vida dera o muito a que as criaturas aspiram para sua tranquilidade, pois construíra um lar no mais estimável modelo da classe média, se sentia um frustrado, não em sua vida propriamente dita, mas frustrado em face do avanço, do desdobramento das coisas, dos costumes, que teriam de dar-lhe permitia, ao correr dos tempos, acertar o passo na marcha. Marcha para onde? Para o progresso, pela transformação que via, até das raízes, no que toca ao sentimental e ao espiritual, para construir outra coisa, outro mundo, que o levaria à meditação.

O mundo é que se teria frustrado com as suas transformações, ou ele Gudesteu? Não lhe saltam da pena essas interrogações: preferia contemplar e anotar. Gudesteu Rodovalho é um filósofo, com pudor de conceituar, mas bem que conceitua no correr de seus escritos, conversando consigo... Será um saudosista inveterado, ferrenho, que não aceita o novo? Saudoso é, mas não agarrado ao passado, pois bem estima o progresso, mas apenas não vê razão para que este se exercite com o estraçalhamento do básico humano. Suas lembranças são de contemplativo que tem de aceitar, mas nem por aceitar, até mesmo os hábitos dos filhos, tão diferentes dos de seu tempo, intimamente se conforma.

O romance que surge de sua lembrança dos fatos e das paisagens tem força emocional forte, sem que qualquer dos acontecimentos se revista de trágico ou aproximado disso. Salvo o assassinato do padeiro, ainda no tempo do Colégio Vasconcelos, mas tal episódio, tratado com fidelidade, não é revestido de horror, passando a acontecimento somente de obrigatória inesquecibilidade. Não narra em

água forte. Prefere as lentas e estas não se empapam da vivacidade gritante da cor: o narrador prefere as nuances e estas o satisfazem. A sua vida é uma vida simples, igual a tantas outras vidas que se formam no comum humano, ao correr dos fatos, como seixos rolados. Entretanto, nessa vida sem maiores tumultos, banal em si, está um grande romance.

A apreciação que Gudesteu Rodovalho faz dos fatos, sempre discretamente, parecendo não querer abrir-se, nem mesmo para o papel que lhe recebe as confidências, que não pode esperar sejam marcados pela inconfidência, dão vigor ao romance, do qual ele jamais pensaria ser autor.

Diz muito bem Cosette de Alencar, filha de Gilberto e escritora como ele, que os romances deste escritor tem de ser obrigatória fonte de consulta para aqueles que quiserem estudar um ciclo da evolução mineira. Esse pronunciamento, que não tem sua origem só nas particularidades do amor, filial, abrangendo os diversos livros de Gilberto de Alencar, envolve especialmente as Memórias que aqui se encontram.

Em verdade, nas obras de ficção de Gilberto está Minas, porque ele era fundamentalmente um escritor mineiro, não só pelo tipo bem mineiro, ao qual se chamará mesmo “mineirão” (não como pejorativo, mas com humor fundado na observação do real) – como escritor dele fluía naturalmente esse mineirismo, pois “amava apaixonadamente o torrão natal”, como observa o escritor e crítico Eduardo Frieiro, em conciso e bem feito estudo sobre as preferências e maneira de escrever de Gilberto de Alencar. A apresentação literária de Memórias, mesmo quando imaginárias, tem sempre muito do real, do visto, do observado, não só quanto ao paisagístico natural, mas quanto ao meio, aos costumes e aos indivíduos.

Duhamel – como lembra Eduardo Frieiro – “sustentou que não escreveria suas memórias verdadeiras porque preferia escrever memórias de outrem, memórias imaginárias, em seus romances, nos quais a ficção se mescla com a realidade, de tal sorte que seria impossível separar os fatos realmente vividos daqueles inventados”. Assim, não sendo este livro autobiografia do autor que o compôs, dele ressalta, porém, com clareza, para os que conheceram Gilberto de Alencar, que não pouco da vida de Gudesteu Rodovalho é a dele Gilberto.

Na circunstância de ser Gudesteu Rodovalho um enrabichado do jornalismo, que lhe acicatou os sonhos comuns a tantos jovens que, nas cidades menores provincianas, e nem só delas, se deixam inebriar com o cheiro da tinta das tipografias de jornais – poderoso na sua atratibilidade e domínio como o “odor de

femina” – não está apenas casualidade, mas é identificação do autor como o Gudesteu de sua criação.

Pelo fato de, com as transformações do modo de fazer romance, se ter dilatado a abrangência do romancista, universalizando-se, o que deu como resultado o romance novo, fora das formas clássicas do romance, não se deduzirá, salvo por cerebrina percepção, que não houvesse o universalismo, pedido agora aos romancistas, naqueles que nos deixaram no passado as suas obras de enredos, tramas, aventuras. E a documentação forte confirmadora desse asserto está na perenidade de tantos romances que, no mundo inteiro, persistem e vivem, impondo-se à atenção e ao apreço das gerações, inclusive a atual, exatamente pelo seu conteúdo, embora tivessem sido feitos dentro do cercado de uma época, sobre ela e para ela. É assim, e terá de ser sempre assim, pois só na aparência, pelas contingências exteriores, a humanidade muda, porque o homem no seu polimorfismo psicológico, - “esse desconhecido”, é sempre o mesmo em qualquer tempo nas suas reações.

Acentua-se nestas Memórias a ausência de revoltas íntimas. Ao contrário, há nelas placidez, ironia, poesia e, sobretudo, lirismo evocativo do memorialista. E nessa evocatividade – e aí bem se sente o equilíbrio do escritor romancista: o autor é autopolicado, comunicando o que sente ao leitor, sem entretanto correr jamais o risco de cansá-lo. Observa-se na leitura da narrativa pessoal de Gudesteu Rodovalho que o autor Gilberto tinha o senso psicológico na transmissão de situações e fatos, de modo a nunca permitir, em qualquer passo do livro, que o leitor se sinta cansado. Ao contrário: o leitor das **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** tem sempre crescente o seu interesse pelo que lhe é narrado, em linguagem pura, potabilíssima. Esta, sem dúvida, se deverá à circunstância de ter sido Gilberto um grande jornalista – isto é, um homem que escreve com o propósito de comunicar-se o mais amplamente com a comunidade leitora. Sem preocupação de pregar moral, é um livro de alto “tônus” moral, o que decorre das próprias reflexões e comentários que, pelos acontecimentos que observa, vai fazendo Gudesteu Rodovalho. É um livro limpo, sem “palavrões”, mas no qual a Palavra tem, sem embaraço, amplitude classificadora, definindo e apreciando. Livro, afinal, de um mestre da arte de escrever.

Os leitores têm verificado isto e dezenas de milhares de outros, que agora irão ler as Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho, terão igualmente de

verificar, diante deste livro que Eduardo Frieiro, com a sua autoridade, em apreciação a que já aludimos anteriormente, considera a melhor obra de Gilberto de Alencar.